



OS  
LUSIADAS  
de Luis de Ca-  
moës.

COM PRIVILEGIO  
REAL.

Impressos em Lisboa, com licença da  
Junta da Inquisição, e do Ordina-  
rio. em casa de Antonio  
Göalvez Impressor.

1572.



LIJ  
1930  
CAM

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
RIO DE JANEIRO, D. F. — E. U. BRASIL

A BIBLIOTECA CENTRAL  
DE EDUCAÇÃO à *Embaixada*

*Argentina para os novos cursos  
de Português em Buenos Ayres.*

**PIDESE CANGE**

**Apartado de Correos Nº 1702**



LUIX DE CAMOES

# Os Lusíadas

DE

LUÍS DE CAMÕES

EDIÇÃO ESCOLAR

DE

ANTENOR NASCENTES

Professor catedrático de português  
no Colégio Pedro II

OFFERTIA DA LIVRARIA FRANCISCO ALVES

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166. RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

BÉLO HORIZONTE

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Baía, 1052

BIBLIOTECA NACIONAL  
DE MAESTROS

## DO MESMO AUTOR

Ligeiras notas sobre redacção official, 2.<sup>a</sup> ed.  
1926.

Elementos de theoria musical (em colaboração  
com José Raimundo da Silva) 4.<sup>a</sup> edição —  
1927.

Um ensaio de phonetica differencial luso-caste-  
lhana. Dos elementos gregos que se encon-  
tram no espanhol (These de concurso).  
1919.

Método práctico de análise lógica, 7.<sup>a</sup> ed. 1930.

Gramática da língua espanhola, 2.<sup>a</sup> ed. 1928.

Como evitar as syllabadas em latim. 1920.

Método práctico de análise gramatical, 5.<sup>a</sup> ed.  
1930.

O linguajar carioca em 1922, 1922.

Tradução do "Teatro" de Beaumarchais. 1923.

Apostilas de português, 1923.

O Idioma Nacional — I vol., 2.<sup>a</sup> ed. 1927.

O Idioma Nacional. II vol., 2.<sup>a</sup> ed. 1930.

Tradução de "El Buscapié", atribuído a Cervan-  
tes (*in* Anuário do Colégio Pedro II para  
1928).

O Idioma Nacional, III vol., 2.<sup>a</sup> ed. 1930.

O Idioma Nacional, IV vol. 1929.

Noções de estilística e de literatura. 1929.

No prelo

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.

## P R E F Á C I O

O texto verdadeiro dos *Lusiadas* é forte demais para um estudante, como o terceiranista gimnasial, que desconhece a gramática histórica e tem apenas um ano de latim.

Por conseguinte, uma edição escolar daquele poema, na qual se aplainassem tôdas as dificuldades, impunha-se desde muito.

E' verdade que aí estão os trabalhos de Sales de Leçastre, José Agostinho, Otoniel Mota, F. T. D. e outros, mas estas obras não me satisfaziam nem quanto ao texto, nem quanto às notas.

As notas são por demais explicativas, tirando ao aluno a capacidade de pesquisa e a de raciocínio.

O texto segue várias lições do poema, não está perfeitamente actualizado, conserva aqui e ali arcaísmos desnorteadores, não tem sempre grafia da língua actual.

A edição cujo texto mais me agrada é a nacional, feita por iniciativa de Afonso Lopes Vieira com o texto da edição *princeps* de 1572,

revisado pelo mestre camonista Dr. José Maria Rodrigues (1928).

Esta edição, entretanto, não me satisfez inteiramente.

Divergindo dela em alguns pontos que me pareceram importantes, resolvi então fazer a presente edição escolar.

Assim, corriji os conhecidos erros tipográficos da edição *princeps*: *rota* (1,29,8), *horrissimo* (II, 96, 6), *bramando* (II,100,5), *os* (IV, 92, 3) *atente* (V, 85, 6), já indicados por Leite de Vasconcelos, Epifânio Dias, B. Caldeira, Adolfo Coelho e outros.

Substituí por minúsculas muitas maiúsculas em substantivos e sobretudo em adjectivos pátrios.

Substituí por *s* o *ç* inicial de *Samorim* (VII, 36, 6) e *Suaquem* (X, 97, 8), de acôrdo com a regra 10 do proutuário ortográfico de Gonçalves Viana.

Restabeleci o *h* inicial etimológico em *hera* (II, 36, 8), *heniocos* (III, 72, 2), suprimi em *úmido* (*passim*), suprimi o interno em *Maamede*, *maometa*, de acôrdo com a regra 24 do mesmo proutuário.

Uniformizei a grafia dos nomes das duas entidades mitológicas *Thetis*, a mãe de Aquiles, e *Tethys*, a mulher de Oceano; de acôrdo com as regras 26 e 74. São formas convergentes que se devem distinguir pela interpretação do texto.

Em *Scitia*, *scitico*, restabeleci o *sc*, confor-

me exige a regra 63 (V. *Vocabulário Ortográfico e Remissivo*, pg. 546).

Usei acento circunflexo conforme a pronúncia brasileira, e não agudo em *Vênus*, *prêmio* e palavras nas mesmas condições (regra 86 do prontuário).

Escrevi *tão*, *quão* em vez de *tam*, *quam* (*Vocabulário*, pg. 574); *dezessete*, como está na edição *princeps* (VIII, 35, 1) e se pronuncia no Brasil, e não *dezassete*; *perguntar*, como está na edição *princeps* (I, 50, 1 e *passim*) e se pronuncia no Brasil, e não *preguntar* (*Vocabulário*, pg. 466); *torneos* rimando com *trofeos* (VIII, 26, 7), como fizeram Mendes dos Remédios e Epifânio, embora hoje se diga *torneio* e *troféu*, porque achei inadmissível a adulteração de *torneos* em *tornéus* para rimar com *troféus*.

Em vez de *pera* e *polo* usei sempre *para* e *pelo*.

No poema alternam *eo*, *ea* com *eio*, *eia* (cfr. I, 39, 7 e III, 32, 3, I, 52, 4 e VII, 85, 2); escrevi sempre com o *i* actual, excepto nos passos onde a rima me tolhia, como em I, 34, onde o latinismo *dea* não comporta a grafia *deia*.

No português antigo *lhe* servia para singular e plural; sempre que aparece com valor de plural acrescentei *s*, menos diante de vogal por causa da métrica. Se não aplainei todas as dificuldades, pelo menos aplainei as que pude.

Segui as modernizações da edição nacional em *assim*, *sim*, *mim* (que só aparece em V, 35,

8), *antigo, antiga* (que no poema alternam com *antiguo, antiqua*), *depois* (que só aparece em III, 27, 6).

Sentimos ter de discordar do grande mestre da filologia portuguesa, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, que só concede o direito de correcções levíssimas, intuitivas.

Não se trata de uma edição crítica e sim de uma edição escolar.

O texto verdadeiro apresenta aos estudantes muitas dificuldades, muitas singularidades.

E' preciso ver que as noções gramaticais não estão ainda consolidadas; não convém apresentar aos olhos dos neófitos formas que acarretem confusões, vacilações. Devem eliminar-se tôdas as influências perturbadoras.

Não se cai em contradições fazendo emendas num caso, não se podendo fazer noutro em que as exigências do metro ou da rima obrigam à lição primitiva. O próprio texto do poema apresenta variantes aqui e ali.

Cada geração de facto vai alterando o texto segundo a evolução secular da língua, supprimindo sons não pronunciados na respectiva época, introduzindo outros, deixando certas formas, num caso por obediencia ao metro, noutro por conformidade com a rima. E' o único meio de tornar sempre da época o texto.

Isto se tem feito e se fará. Quando de todo fôr impossível manter a forma poética, o texto

será trasladado em prosa, como se faz com a *Chanson de Roland*, por exemplo.

Fiquem para os doutos as edições com a forma restituída do poema, as fotografadas.

O essencial é a idea e esta, para os escolares e para o povo, aparece nas edições adaptadas melhor do que nas restituídas.





## INTRODUÇÃO

Os Lusíadas são um poema épico em que o poeta português Luís de Camões (1524-80) cantou os feitos valorosos do seu povo e especialmente o descobrimento do caminho marítimo das Índias por Vasco da Gama.

Poema épico é uma composição poética em que se exaltam grandes feitos de um povo, de um herói.

Os Lusíadas dividem-se em dez partes, chamadas cantos, e os cantos subdividem-se em estâncias, cada uma das quais possui oito versos.

Os seis primeiros versos das estâncias apresentam rimas cruzadas, isto é, o primeiro rima com o terceiro e com o quinto, o segundo rima com o quarto e com o sexto.

Os dois versos restantes apresentam rimas emparelhadas, isto é, o sétimo rima com o oitavo.

Os versos são decassílabos, isto é, têm dez sílabas.

As sílabas métricas distinguem-se das co-

muns, porque na sua contagem se considera o verso como um todo, desprezando-se as últimas não acentuadas e fazendo-se sinéreses, isto é, ditongando-se as vogais finais das palavras com as vogais iniciais das palavras seguintes.

O canto primeiro tem 106 estanças, o segundo 113, o terceiro 143, o quarto 104, o quinto 100, o sexto 99, o sétimo 87, o oitavo 99, o nono 95 e o decimo 156; ao todo 1102.

Tendo cada estança oito versos, são ao todo 8.816 versos.

---

## RESUMO DO POEMA

Começa o poeta expondo o que pretende cantar: os gloriosos feitos de Portugal.

Invoca as musas do Tejo, às quais pede inspiração. Faz dedicatória do poema ao rei D. Sebastião.

Comandados por Vasco da Gama navegavam os portugueses pelo grande Oceano em demanda, do caminho marítimo das Indias, quando Júpiter convoca um concílio de deuses no Olimpo. Vênus e Marte são favoráveis aos portugueses; Baco é contrário.

Em busca de pilotos que os levassem à Índia, tocam os navegantes em Moçambique, onde Baco procura causar-lhes prejuizos. De lá vão a Mombaça, onde sofrem novas insídias. De Mombaça vão a Melinde onde são hospitaleiramente recebidos pelo povo e pelo rei.

Este pede a Vasco da Gama que lhe conte a história do seu país. Vasco satisfaz-lhe a vontade, contando a história de Portugal desde os tempos do conde D. Henrique até os de D. Manuel, o venturoso.

Depois de festejados alguns dias pelos melindanos, partem finalmente para a India, levando pilotos idôneos.

No meio da viagem Baco incita E'olo a soltar os ventos, que levantam no mar de Omã medonha tempestade.

Aplacada a tormenta, chegam a Calecute. pôrto da India, onde são recebidos pelo rei com alguma prevençãõ.

Depois de alguns incidentes mais ou menos desagradáveis, partem para Lisboa.

A meio do caminho Vênus, para dar algum repouso aos navegantes, faz surgir do mar uma ilha encantada.

Nesta ilha uma ninfa vaticina a Vasco da Gama o que se vai passar com os governadores da India, do tempo de D. Manuel ao do poeta.

Deixam a ilha e chegam felizmente a Portugal.



# OS LUSÍADAS

DE LUÍS DE CAMÕES

## CANTO PRIMEIRO

### I

As armas e os barões assinalados  
Que da ocidental praia lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a fôrça humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo reino, que tanto sublimaram;

### II

E também as memórias gloriosas  
Daqueles reis que foram dilatando  
A fé, o império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando,  
E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando:  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

### III

Cessem do sábio grego e do troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram,  
Cesse tudo o que a musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

## IV

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mim um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mim vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandiloquo e corrente,  
Por que de vossas águas Febo ordene  
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

## V

Dai-me uma fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou fruta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a côr ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

## VI

E vós, ó bem nascida segurança  
Da lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena cristandade;  
Vós, ó novo temor da maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
Para do mundo a Deus dar parte grande;

## VII

Vós, tenro e novo ramo florescente  
De uma árvore, de Cristo mais amada  
Que nenhuma nascida no Ocidente,  
Cesárea ou cristianíssima chamada  
(Vêde-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas e deixou  
As que Êle para si na cruz tomou);

## VIII

Vós, poderoso rei, cujo alto império  
O sol, logo em nascendo, vê primeiro;  
Vê-o também no meio do hemisfério,  
E quando desce o deixa derradeiro;  
Vós, que esperamos jugo e vitupério  
Do torpe ismaelita cavaleiro,  
Do turco oriental e do gentio  
Que inda bebe o licor do santo rio:

## IX

Inclinai por um pouco a majestade  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que já se mostra qual na inteira idade,  
Quando subindo ireis ao eterno templo;  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
De amor dos pátrios feitos valerosos,  
Em versos divulgado numerosos.

## X

Vereis amor da pátria, não movido  
De prêmio vil, mas alto e quási eterno;  
Que não é prêmio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daqueles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

## XI

Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas:  
As verdadeiras vossas são tamanhas  
Que excedem as sonhadas, fabulosas,  
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro  
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

## XII

Por estes vos darei um Nuno fero,  
 Que fez ao rei e ao reino tal serviço,  
 Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero  
 A cítara para êles só cobicho.  
 Pois pelo Doze Pares dar-vos quero  
 Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço.  
 Dou-vos também aquele illustre Gama,  
 Que para si de Eneas tomia a fama.

## XIII

Pois se, a trôco de Carlos, rei de França,  
 Ou de César, quereis igual memória,  
 Vêde o primeiro Afonso, cuja lança  
 Escura faz qualquer estranha glória;  
 E aquele que a seu reino a segurança  
 Deixou, com a grande e próspera vitória;  
 Outro Joane, invicto cavaleiro,  
 O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

## XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos  
 Aqueles que, nos reinos lá da Aurora,  
 Se fizeram por armas tão subidos,  
 Vossa bandeira sempre vencedora:  
 Um Pacheco fortíssimo e os temidos  
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,  
 Albuquerque terrível, Castro forte,  
 E outros em quem poder não teve a morte.

## XV

E, emquanto eu estes canto e a vós não posso,  
 Sublime rei, que não me atrevo a tanto,  
 Tomai as rédeas vós do reino vosso:  
 Dareis matéria a nunca ouvido canto.  
 Comecem a sentir o pêso grosso  
 (Que pelo mundo todo faça espanto)  
 De exércitos e feitos singulares  
 De África as terras e do Oriente os mares.

## XVI

Em vós os olhos tem o mouro frio,  
Em quem vê seu exício afigurado;  
Só com vos ver, o bárbaro gentio  
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;  
Tétis todo o cerúleo senhorio  
Tem para vós por dote aparelhado;  
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,  
Deseja de comprar-vos para genro.

## XVII

Em vós se vêem, da olimpica morada,  
Dos dois avós as almas cá famosas;  
Uma, na paz angélica dourada,  
Outra, pelas batalhas sangüinosas.  
Em vós esperam ver-se renovada  
Sua memória e obras valerosas;  
E lá vos teem lugar, no fim da idade.  
No templo da suprema eternidade.

## XVIII

Mas enquanto êste tempo passa lento  
De regerdes os povos, que o desejam,  
Dai vós favor ao novo atrevimento,  
Para que estes meus versos vossos sejam;  
E vereis ir cortando o salso argento  
Os vossos argonautas, por que vejam  
Que são vistos de vós no mar irado,  
E costumai-vos já a ser invocado.

## XIX

Já no largo oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando;  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das naus as velas côncavas inchando;  
Da branca escuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as proas vão cortando  
As marítimas águas consagradas,  
Que do gado de Próteu são cortadas,

## XX

Quando os deuses no Olimpo luminoso,  
Onde o govêrno está da humana gente,  
Se ajuntam em concílio glorioso,  
Sôbre as cousas futuras do Oriente.  
Pisando o cristalino céu formoso,  
Veem pela Via Láctea juntamente,  
Convocados, da parte de Tonante,  
Pelo neto gentil do velho Atlante.

## XXI

Deixam dos sete céus o regimento,  
Que do poder mais alto lhes foi dado,  
Alto poder, que só co'o pensamento  
Governa o céu, a terra e o mar irado.  
Ali se acharam juntos, num momento,  
Os que habitam o Arcturo congelado  
E os que o Austro tem e as partes onde  
A aurora nasce e o claro sol se esconde.

## XXII

Estava o Padre ali, sublime e dino,  
Que vibra os feros raios de Vulcano,  
Num assento de estrêlas cristalino,  
Com gesto alto, severo e soberano.  
Do rosto respirava um ar divino,  
Que divino tornara um corpo humano;  
Com ãa coroa e scetro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

## XXIII

Em luzentes assentos, marchetados  
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam  
Os outros deuses, todos assentados  
Como a razão e a ordem concertavam  
(Precedem os antigos, mais honrados,  
Mais abaixo os menores se assentavam);  
Quando Júpter alto, assim dizendo,  
C'um tom de voz começa grave e horrendo:

## XXIV

Eternos moradores do luzente,  
Estelífero polo e claro assento:  
Se do grande valor da forte gente  
De Luso não perdeis o pensamento,  
Deveis de ter sabido claramente  
Como é dos fados grandes certo intento  
Que por ela se esqueçam os humanos  
De assírios, persas, gregos e romanos.

## XXV

Já lhe foi (bem o vistes) concedido,  
C'um poder tão singelo e tão pequeno,  
Tomar ao mouro forte e guarnecido  
Toda a terra que rega o Tejo ameno.  
Pois contra o castelhano tão temido  
Sempre alcançou favor do céu sereno,  
Assim que sempre, emfim, com fama e glória,  
Teve os troféus pendentés da vitória.

## XXVI

Deixo, deuses, atrás a fama antiga  
Que co'a gente de Rômulo alcançaram,  
Quando com Viriato, na inimiga  
Guerra romana, tanto se afamaram.  
Também deixo a memória que os obriga  
A grande nome, quando alevantaram  
Um por seu capitão, que, peregrino,  
Fingiu na cervá espirito divino.

## XXVII

Agora vêdes bem que, cometendo  
O duvidoso mar num lenho leve,  
Por vias nunca usadas, não temendo  
De África e Noto a fôrça, a mais se atreve:  
Que, havendo tanto já que as partes vendo  
Onde o dia é comprido e onde breve,  
Inclinam seu propósito e porfia  
A ver os berços onde nasce o dia.

## XXVIII

Prometido lhe está do fado eterno,  
Cuja alta lei não pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o govêrno  
Do mar que vê do sol a roxa entrada.  
Nas águas teem passado o duro inverno;  
A gente vem perdida e trabalhada.  
Já parece bem feito que lhe seja  
Mostrada a nova terra que deseja.

## XXIX

E porque, como vistes, teem passados  
Na viagem tão ásperos perigos,  
Tantos climas e céus exprimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos,  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa africana como amigos.  
E, tendo guarnecida a lassa frota,  
Tornarão a seguir sua longa rota.

## XXX

Estas palavras Júpter dizia,  
Quando os deuses, por ordem respondendo,  
Na sentença um do outro diferia,  
Razões diversas dando e recebendo.  
O padre Baco ali não consentia  
No que Júpter disse, conhecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriente  
Se lá passar a lusitana gente.

## XXXI

Ouvido tinha aos fados que viria  
Uma gente fortíssima de Espanha  
Pelo mar alto, a qual sujeitaria  
Da India tudo quanto Dóris banha,  
E com novas vitórias venceria  
A fama antiga, ou sua ou fôsse estranha.  
Altamente lhe dói perder a glória  
De que Nisa celebra a memória.

## XXXII

Vê que já teve o Indo subjugado  
E nunca lhe tirou fortuna ou caso  
Por vencedor da Índia ser cantado  
De quantos bebem a água de Parnaso.  
Teme agora que seja sepultado  
Seu tão célebre nome em negro vaso  
De água do esquecimento, se lá chegam  
Os fortes portugueses que navegam.

## XXXIII

Sustentava contra êle Vénus bela,  
Afeiçoada à gente lusitana,  
Por quantas qualidades via nela  
Da antiga tão amada sua romana;  
Nos fortes corações, na grande estrêla  
Que mostraram na terra tingitana,  
E na língua, na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a latina.

## XXXIV

Estas causas moviam Citerea,  
E mais, porque das Parcas claro entende  
Que há-de ser celebrada, a clara dea,  
Onde a gente belígera se estende.  
Assim que, um, pela infâmia que arrecea,  
E o outro, pelas honras que pretende,  
Debatem e na porfia permanecem;  
A qualquer seus amigos favorecem.

## XXXV

Qual Austro fero ou Bóreas na espessura  
De silvestre arvoredos abastecida,  
Rompêdo os ramos vão da mata escura,  
Com ímpeto e braveza desmedida;  
Brama toda montanha, o som murmura,  
Rompem-se as fôlhas, ferve a serra erguida:  
Tal andava o tumulto, levantado  
Entre os deuses, no Olimpo consagrado.

## XXXVI

Mas Marte, que da deusa sustentava  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De entre os deuses em pé se levantava  
(Merencório no gesto parecia),  
O forte escudo, ao colo pendurado,  
Deitando para trás, medonho e irado.

## XXXVII

A viseira do elmo de diamante  
Alevantando um pouco, mui seguro,  
Por dar seu parecer se pôs diante  
De Júpiter, armado, forte e duro;  
E dando uma pancada penetrante  
Co' o conto do bastão no sólio puro,  
O céu tremeu, e Apolo, de torvado,  
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

## XXXVIII

E disse assim: O' Padre, a cujo império  
Tudo aquilo obedece que criaste:  
Se esta gente que busca outro hemisfério,  
Cuja valia e obras tanto amaste,  
Não queres que padeçam vitupério,  
Como há já tanto tempo que ordenaste,  
Não ouças mais, pois és juiz direito,  
Razões de quem parece que é suspeito.

## XXXIX

Que, se aqui a razão se não mostrasse  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fôra que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Luso vem, seu tão privado;  
Mas esta tenção sua agora passe,  
Porque enfim vem de estômago danado;  
Que nunca tirará alheia enveja  
O bem que outrem merece e o céu deseja.

## XL

E tu, Padre de grande fortaleza,  
Da determinação que tens tomada  
Não tornes por detrás, pois é fraqueza  
Desistir-se da cousa começada.  
Mercúrio, pois excede em ligeireza  
Ao vento leve e à seta bem talhada,  
Lhe vá mostrar a terra onde se informe  
Da Índia, e onde a gente se reforme.

## XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentiu  
No que disse Mavorte valeroso  
E néctar sôbre todos esparziu.  
Pelo caminho lácteo glorioso  
Logo cada um dos deuses se partiu,  
Fazendo seus reais acatamentos,  
Para os determinados aposentos.

## XLII

Emquanto isto se passa na formosa  
Casa etérea do Olimpo omnipotente,  
Cortava o mar a gente belicosa  
Já lá da banda do Austro e do Oriente,  
Entre a costa etiópica e a famosa  
Ilha de São Lourenço; e o sol ardente  
Queimava então os deuses que Tifeu  
Co' o temor grande em peixes converteu.

## XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam  
Como quem o céu tinha por amigo;  
Sereno o ar e os tempos se mostravam,  
Sem nuvens, sem receio de perigo.  
O promontório Prasso já passavam  
Na costa de Etiópia, nome antigo,  
Quando o mar, descobrindo, lhes mostrava  
Novas ilhas, que em tórno cerca e lava.

## XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,  
Que a tamanhas emprêsas se oferece,  
De soberbo e de altivo coração,  
A quem fortuna sempre favorece,  
Para se aqui deter não vê razão,  
Que inabitada a terra lhe parece.  
Por diante passar determinava,  
Mas não lhe succedeu como cuidava.

## XLV

Eis aparecem logo em companhia  
Uns pequenos bâteis, que veem daquela  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vela.  
A gente se alvoroça e, de alegria,  
Não sabe mais que olhar a causa dela.  
Que gente será esta? em si diziam;  
Que costumes, que leis, que rei teriam?

## XLVI

As embarcações eram na maneira  
Mui velozes, estreitas e compridas;  
As velas com que veem eram de esteira,  
Dumas fôlhas de palma, bem tecidas;  
A gente da côr era verdadeira  
Que Faëton, nas terras acendidas,  
Ao mundo deu, de ousado e não prudente.  
O Pado o sabe e Lampetusa o sente.

## XLVII

De panos de algodão vinham vestidos,  
De yárias côres, brancos e listrados;  
Uns trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo airoso sobraçados;  
Das cintas para cima veem despídos;  
Por armas teem adagas e terçados;  
Com toucas na cabeça; e, navegando,  
Anafis sonorosos vão tocando.

## XLVIII

Co'os panos e co'os braços acenavam  
Às gentes lusitanas, que esperassem;  
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,  
Para que junto às ilhas amainassem.  
A gente e marinheiros trabalhavam  
Como se aqui os trabalhos se acabassem;  
Tomam velas, amaina-se a vêrga alta,  
Da âncora o mar ferido em cima salta.

## XLIX

Não eram ancorados, quando a gente  
Estranha pelas cordas já subia.  
No gesto ledos veem, e humanamente  
O capitão sublime os recebia.  
As mesas manda pôr em continente;  
Do licor que Lieu plantado havia  
Enchem vasos de vidro, e do que deitam  
Os de Faeton queimados nada enjeitam.

## L

Comendo alegremente, perguntavam,  
Pela arábica língua, donde vinham,  
Quem eram, de que terra, que buscavam,  
Ou que partes do mar corrido tinham?  
Os fortes lusitanos lhes tornavam  
As discretas respostas que convinham:  
Os portugueses somos do Ocidente,  
Imos buscando as terras do Oriente.

## LI

Do mar temos corrido e navegado  
Toda a parte do Antártico e Calisto,  
Toda a costa africana rodeado;  
Diversos céus e terras temos visto;  
Dum rei potente somos, tão amado,  
Tão querido de todos e bemquisto,  
Que não no largo mar, com lêda fronte,  
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

## LII

E por mandado seu buscando andamos  
 A terra oriental que o Indo rega;  
 Por êle o mar remoto navegamos,  
 Que só dos feios focas se navega.  
 Mas já razão parece que saibamos,  
 Se entre vós a verdade não se nega,  
 ? Quem sois, que terra é esta que habitais,  
 Ou se tendes da Índia alguns sinais?

## LIII

Somos, um dos das ilhas lhe tornou,  
 Estrangeiros na terra, lei e nação;  
 Que os próprios são aqueles que criou  
 A natura, sem lei e sem razão.  
 Nós temos a lei certa que ensinou  
 O claro descendente de Abraão,  
 Que agora tem do mundo o senhorio  
 (A mãe hebreia teve e o pai gentio).

## LIV

Esta ilha pequena que habitamos  
 É em toda esta terra certa escala,  
 De todos os que as ondas navegamos,  
 De Quíloa, de Mombaça e de Sofala.  
 E, por ser necessária, procuramos,  
 Como próprios da terra, de habitá-la;  
 E por que tudo emfim vos notifique,  
 Chama-se a pequena ilha: Moçambique.

## LV

E já que de tão longe navegais,  
 Buscando o indo Idaspe e terra ardente,  
 Pilôto aqui tereis, por que sejais  
 Guiados pelas ondas sâbiamente.  
 Também será bem feito que tenhais  
 Da terra algum refrêsko, e que o regente  
 Que esta terra governa, que vos veja  
 E do mais necessário vos proveja.

## LVI

Isto dizendo, o mouro se tornou  
A seus batéis com toda a companhia;  
Do capitão e gente se apartou  
Com mostras de devida cortesia.  
Nisto Febo nas águas encerrou,  
Co'o carro de cristal, o claro dia,  
Dando cargo à irmã que alumiasse  
O largo mundo, emquanto repousasse.

## LVII

A noite se passou, na lassa frota,  
Com estranha alegria e não cuidada,  
Por acharem, da terra tão remota,  
Nova de tanto tempo desejada.  
Qualquer então consigo cuida e nota  
Na gente e na maneira desusada,  
E como os que na errada seita creram,  
Tanto por todo o mundo se estenderam.

## LVIII

Da lua os claros raios rutilavam  
Pelas argêntas ondas neptuninas;  
As estrêlas os céus acompanhavam,  
Qual campo revestido de boninas;  
Os furiosos ventos repousavam  
Pelas covas escuras peregrinas;  
Porém da armada a gente vigiava,  
Como por longo tempo costumava.

## LIX

Mas, assim como a Aurora marchetada  
Os formosos cabelos espalhou  
No céu sereno, abrindo a roxa entrada  
Ao claro Hiperiônio, que acordou,  
Começa a embandeirar-se toda a armada  
E de toldos alegres se adornou,  
Por receber com festa e alegria  
O regedor das ilhas, que partia.

## LX

Partia, alegremente navegando,  
A ver as naus ligeiras lusitanas,  
Com refrêscos da terra, em si cuidando  
Que são aquelas gentes inumanas  
Que, os aposentos cáspios habitando,  
A conquistar as terras asianas  
Vieram e, por ordem do destino,  
O império tomaram a Constantino.

## LXI

Recebe o capitão alegremente  
O mouro e toda sua companhia;  
Dá-lhe de ricas peças um presente,  
Que só para êste efeito já trazia;  
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente,  
Não usado licor, que dá alegria.  
Tudo o mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come e bebe.

## LXII

Está a gente marítima de Luso  
Subida pela enxárcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo e uso  
E a linguagem tão bárbara e enleada.  
Também o mouro astuto está confuso,  
Olhando a côr, o traje e a forte armada;  
E, perguntando tudo, lhe dizia  
Se porventura vinham de Turquia.

## LXIII

E mais lhe diz, também, que ver deseja  
Os livros de sua lei, preceito ou fé,  
Para ver se conforme à sua seja,  
Ou se são dos de Cristo, como crê;  
E porque tudo note e tudo veja,  
Ao capitão pedia que lhe dê  
Mostra das fortes armas de que usavam  
Quando co'os inimigos pelejavam.

## LXIV

Responde o valeroso capitão,  
Por um que a língua escura bem sabia:  
Dar-te hei, senhor ilustre, relação  
De mim, da lei, das armas que trazia.  
Nem sou da terra, nem da geração  
Das gentes enojosas de Turquia:  
Mas sou da forte Europa belicosa,  
Busco as terras da Índia tão famosa.

## LXV

A lei tenho de Aquele a cujo império  
Obedece o visível e invisível,  
Aquele que criou todo o hemisfério,  
Tudo o que sente e todo o insensível;  
Que padeceu desonra e vitupério,  
Sofrendo morte injusta e insofribil,  
E que do céu à terra, enfim, desceu,  
Por subir os mortais da terra ao céu.

## LXVI

Dêste Deus-Homem, alto e infinito,  
Os livros que tu pedes não trazia,  
Que bem posso escusar trazer escrito  
Em papel o que na alma andar devia.  
Se as armas queres ver, como tens dito,  
Cumprido êsse desejo te seria;  
Como amigo as verás, porque eu me obrigo  
Que nunca as queiras ver como inimigo.

## LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes  
Ministros amostrar as armaduras:  
Veem arneses e peitos reluzentes,  
Malhas finas e lâminas seguras,  
Escudos de pinturas diferentes,  
Pelouros, espingardas de aço puras,  
Arcos e sagitíferas aljavas,  
Partazanas agudas, chuças bravas.

## LXVIII

As bombas veem de fogo, e juntamente  
As panelas sulfúreas, tão danosas;  
Porém aos de Vulcano não consente  
Que dêem fogo às bombardas temerosas;  
Porque o generoso ânimo e valente,  
Entre gentes tão poucas e medrosas,  
Não mostra quanto pode; e com razão:  
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

## LXIX

Porém disto que o mouro aqui notou,  
E de tudo o que viu, com ôlho atento,  
Um ódio certo na alma lhe ficou,  
Uma vontade má de pensamento.  
Nas mostras e no gesto o não mostrou.  
Mas, com risonho e ledo fingimento,  
Tratá-los brandamente determina,  
Até que mostrar possa o que imagina.

## LXX

Pilotos lhe pedia o capitão,  
Por quem pudesse à Índia ser levado;  
Diz-lhe que o largo prêmio levarão  
Do trabalho que nisso fôr tomado.  
Promete-lhos o mouro, com tenção  
De peito venenoso e tão danado  
Que a morte, se pudesse, neste dia,  
Em lugar de pilotos lhe daria.

## LXXI

Tamanho o ódio foi e a má vontade  
Que aos estrangeiros súbito tomou,  
Sabendo ser sequazes da verdade  
Que o filho de David nos ensinou.  
O' segredos daquela Eternidade  
A quem juízo algum não alcançou:  
Que nunca falte um pérfido inimigo  
Áqueles de quem foste tanto amigo!

## LXXII

Partiu-se nisto, emfim, co'a companhia,  
 Das naus o falso mouro despedido,  
 Com enganosa e grande cortesia,  
 Com gesto ledo a todos e fingido.  
 Cortaram os batéis a curta via  
 Das águas de Neptuno; e recebido  
 Na terra do obseqüente ajuntamento,  
 Se foi o mouro ao cógnito aposento.

## LXXIII

Do claro assento etéreo, o grão tebano  
 Que da paternal coxa foi nascido,  
 Olhando o ajuntamento lusitano  
 Ao mouro ser molesto e aborrecido,  
 No pensamento cuida um falso engano,  
 Com que seja de todo destruído.  
 E, enquanto isto só na alma imaginava,  
 Consigo estas palavras praticava:

## LXXIV

Está do fado já determinado  
 Que tamanhas vitórias, tão famosas,  
 Hajam os portuguezes alcançado  
 Das indianas gentes belicosas.  
 E eu só, filho do Padre sublimado,  
 Com tantas qualidades generosas,  
 ¿Hei-de sofrer que o fado favoreça  
 Outrem, por quem meu nome se escureça?

## LXXV

Já quiseram os deuses que tivesse  
 O filho de Filipo, nesta parte,  
 Tanto poder que tudo submetesse  
 Debaixo do seu jugo o fero Marte;  
 ¿Mas há-se de sofrer que o fado desse  
 A tão poucos tamanho esforço e arte,  
 Que eu, co'o grão macedônio e romano,  
 Dêmos lugar ao nome lusitano?

## LXXVI

Não será assim, porque, antes que chegado  
 Seja êste capitão, astutamente  
 Lhe será tanto engano fabricado  
 Que nunca veja as partes do Oriente.  
 Eu descerei à terra e o indignado  
 Peito revolverei da maura gente;  
 Porque sempre por via irá direita  
 Quem do oportuno tempo se aproveita.

## LXXVII

Isto dizendo, irado e quási insano,  
 Sôbre a terra africana descendeu,  
 Onde, vestindo a forma e gesto humano,  
 Para o Prasso sabido se moveu.  
 E, por melhor tecer o astuto engano,  
 No gesto natural se converteu  
 Dum mouro, em Moçambique conhecido,  
 Velho, sábio, e co'o xeque mui valido.

## LXXVIII

E entrando assim a falar-lhe, a tempo e horas  
 A sua falsidade acomodadas,  
 Lhe diz como eram gentes roubadoras  
 Estas que ora de novo são chegadas;  
 Que das nações na costa moradoras  
 Correndo a fama veio que roubadas  
 Foram por estes homens que passavam,  
 Que com pactos de paz sempre ancoravam.

## LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
 Tenho dêstes cristãos sanguinolentos,  
 Que quási todo o mar teem destruído  
 Com roubos, com incêndios violentos;  
 E trazem já de longe engano urdido  
 Contra nós; e que todos seus intentos  
 São para nos matarem e roubarem,  
 E mulheres e filhos cativarem.

## LXXX

E também sei que tem determinado  
 De vir por água a terra, muito cedo,  
 O capitão, dos seus acompanhado,  
 Que da tenção danada nasce o mêdo.  
 Tu deves de ir também co'os teus armado  
 Esperá-lo em cilada, occulto e quêdo;  
 Porque, saindo a gente descuidada,  
 Cairão fácilmente na cilada.

## LXXXI

E se inda não ficarem dêste jeito  
 Destruídos ou mortos totalmente,  
 Eu tenho imaginada no conceito  
 Outra manha e ardil que te contente:  
 Manda-lhes dar piloto que de jeito  
 Seja astuto no engano, e tão prudente  
 Que os leve aonde sejam destruídos,  
 Desbaratados, mortos ou perdidos.

## LXXXII

Tanto que estas palavras acabou  
 O mouro, nos tais casos sábio e velho,  
 Os braços pelo colo lhe lançou,  
 Agradecendo muito o tal conselho;  
 E logo nesse instante concertou  
 Para a guerra o belígero aparelho,  
 Para que ao português se lhe tornasse  
 Em roxo sangue a água que buscasse.

## LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,  
 Mouro que por pilôto à nau lhe mande,  
 Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,  
 De quem fiar se possa um feito grande.  
 Diz-lhe que, acompanhando o lusitano,  
 Por tais costas e mares com êle ande  
 Que, se daqui escapar, que lá diante  
 Vá cair onde nunca se alevante.

## LXXXIV

Já o raio apolíneo visitava  
 Os montes Nabateios acendido,  
 Quando Gama co'os seus determinava  
 De vir por água a terra apercebido.  
 A gente nos batéis se concertava  
 Como se fôsse o engano já sabido;  
 Mas pôde suspeitar-se fàcilmente,  
 Que o coração pressago nunca mente.

## LXXXV

E mais também mandado tinha a terra,  
 De antes, pelo pilôto necessário,  
 E foi-lhe respondido em som de guerra,  
 Caso do que cuidava mui contrário;  
 Por isto, e porque sabe quanto erra  
 Quem se crê de seu pérfido adversário,  
 Apercebido vai como podia  
 Em três batéis sómente que trazia.

## LXXXVI

Mas os mouros que andavam pela praia,  
 Por lhe defender a água desejada,  
 Um de escudo abraçado e de azagaia,  
 Outro de arco encurvado e seta ervada,  
 Esperam que a guerreira gente saia,  
 Outros muitos já postos em cilada.  
 E, porque o caso leve se lhes faça,  
 Põem uns poucos diante por negaça.

## LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,  
 Os belicosos mouros acenando  
 Com a adarga e co'a hástea perigosa,  
 Os fortes portugueses incitando.  
 Não sofre muito a gente generosa  
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando;  
 Qualquer em terra salta, tão ligeiro,  
 Que nenhum dizer pode que é primeiro:

## LXXXVIII

Qual no corro sangüino o ledo amante,  
 Vendo a formosa dama desejada,  
 O touro busca, e pondo-se diante,  
 Salta, corre, sibila, acena e brada,  
 Mas o animal atroce, nesse instante,  
 Com a fronte cornígera inclinada,  
 Bramando, duro corre e os olhos cerra,  
 Derriba, fere e mata e põe por terra.

## LXXXIX

Eis nos batéis o fogo se levanta  
 Na furiosa e dura artilharia,  
 A plúmbea pela mata, o brado espanta,  
 Ferido, o ar retumba e assovia.  
 O coração dos mouros se quebranta,  
 O temor grande o sangue lhes resfria.  
 Já foge o escondido, de medroso,  
 E morre o descoberto aventureoso.

## XC

Não se contenta a gente portuguesa,  
 Mas, seguindo a vitória, estrui e mata;  
 A povoação sem muro e sem defesa  
 Esbombardeia, acende e desbarata.  
 Da cavalgada ao mouro já lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprá-la mais barata;  
 Já blasfema da guerra, e maldizia,  
 O velho inerte e a mãe que o filho cria.

## XCI

Fugindo, a seta o mouro vai tirando  
 Sem fôrça, de covarde e de apressado,  
 A pedra, o pau e o canto arremessando;  
 Dá-lhe armas o furor desatinado.  
 Já a ilha, e todo o mais, desamparando,  
 Á terra firme foge amedrontado;  
 Passa e corta do mar o estreito braço  
 Que a ilha em tórno cerca em pouco espaço.

## XCII

Uns vão nas almadias carregadas,  
Um corta o mar a nado, diligente;  
Quem se afoga nas ondas encurvadas,  
Quem bebe o mar e o deita juntamente.  
Arrombam as miúdas bombardadas  
Os pangaios subtis da bruta gente.  
Desta arte o português, enfim, castiga  
A vil malícia, pérfida, inimiga.

## XCIII

Tornam vitoriosos para a armada,  
Co' o despôjo da guerra e rica presa,  
E vão a seu prazer fazer aguada,  
Sem achar resistência nem defesa.  
Ficava a maura gente magoada,  
No ódio antigo mais que nunca acesa;  
E, vendo sem vingança tanto dano,  
Sómente estriba no segundo engano.

## XCIV

Pazes cometer manda, arrependido,  
O regedor daquela iníqua terra,  
Sem ser dos lusitanos entendido  
Que, em figura de paz, lhes manda guerra;  
Porque o pilôto falso prometido,  
Que toda a má tenção no peito encerra,  
Para os guiar à morte lhe mandava,  
Como em sinal das pazes que tratava.

## XCV

O capitão, que já lhe então convinha  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo concertado e ventos tinha  
Para ir buscar o Indo desejado,  
Recebendo o pilôto que lhe vinha,  
Foi dêle alegremente agasalhado,  
E respondendo ao mensageiro, a tento,  
As velas manda dar ao largo vento.

## XCVI

Desta arte despedida, a forte armada  
As ondas de Anfitrite dividia,  
Das filhas de Nereu acompanhada,  
Fiel, alegre e doce companhia.  
O capitão, que não caía em nada  
Do enganoso ardil que o mouro urdia,  
Dêle mui largamente se informava  
Da índia toda, e costas que passava.

## XCVII

Mas o mouro, instruído nos enganos  
Que o malévolô Baco lhe ensinara,  
De morte ou cativoiro novos danos,  
Antes que à índia chegue, lhe prepara.  
Dando razão dos portos indianos,  
Também tudo o que pede lhe declara,  
Que, havendo por verdade o que dizia,  
De nada a forte gente se temia.

## XCVIII

E diz-lhe mais, co'ô falso pensamento  
Com que Sinon os frígios enganou,  
Quê perto está uma ilha cujo assento  
Povo antigo cristão sempre habitou.  
O capitão, que a tudo estava atento,  
Tanto com estas novas se alegrou,  
Que com dádivas grandes lhe rogava  
Que o leve à terra onde esta gente estava.

## XCIX

O mesmo o falso mouro determina  
Que o seguro cristão lhe manda e pede;  
Que a ilha é possuída da malina  
Gente que segue o torpe Maamede.  
Aqui o engano e morte lhe imagina,  
Porque em poder e fôrças muito excede  
Á Moçambique esta ilha, que se chama  
Quíloa, mui conhecida pela fama.

## C

Para lá se inclinava a lêda frota;  
Mas a deusa em Citere celebrada,  
Vendo como deixava a certa rota  
Por ir buscar a morte não cuidada,  
Não consente que em terra tão remota  
Se perca a gente dela tanto amada,  
E com ventos contrários a desvia  
Donde o pilôto falso a leva e guia.

## CI

Mas o malvado mouro, não podendo  
Não consente que em terra tão remota  
Outra maldade iníqua cometendo,  
Ainda em seu propósito constante,  
Lhe diz que, pois as águas, percorrendo,  
Os levaram por fôrça por diante,  
Que outra ilha teem perto, cuja gente  
Eram christãos com mouros juntamente.

## CII

Também nestas palavras lhe mentia,  
Como por regimento, emfim, levava;  
Que aqui gente de Cristo não havia,  
Mas a que a Maamede celebrava.  
O capitão, que em tudo o mouro cria,  
Virando as velas, a ilha demandava;  
Mas, não querendo a deusa guardadora,  
Não entra pela barra, e surge fora.

## CIII

Estava a ilha à terra tão chegada  
Que um estreito pequeno a dividia;  
Uma cidade nela situada,  
Que na frente do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe, descobria,  
Regida por um rei de antiga idade:  
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

## CIV

E sendo a ela o capitão chegado,  
Estranhamente ledo porque espera  
De poder ver o povo baptizado,  
Como o falso pilôto lhe dissera,  
Eis veem batéis da terra com recado  
Do rei, que já sabia a gente que era;  
Que Baco muito de antes o avisara,  
Na forma doutro mouro, que tomara.

## CV

O recado que trazem é de amigos,  
Mas debaixo o veneno vem coberto,  
Que os pensamentos eram de inimigos,  
Segundo foi o engano descoberto.  
Oh! Grandes e gravíssimos perigos,  
Oh! Caminho de vida nunca certo,  
Que aonde a gente põe sua esperança  
Tenha a vida tão pouca segurança!

## CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida;  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida!  
¿ Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?



## CANTO SEGUNDO

### I

Já neste tempo o lúcido planeta  
Que as horas vai do dia distinguindo  
Chegava à desejada e lenta meta,  
A luz celeste às gentes encobrando,  
E da casa marítima secreta  
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo,  
Quando as infidas gentes se chegaram  
Às naus, que pouco havia que ancoraram.

### II

Dentre êles um, que traz encomendado  
O mortífero engano, assim dizia:  
Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reino e salsa via,  
O rei que manda esta ilha, alvoroçado  
Da vinda tua, tem tanta alegria  
Que não deseja mais que agasalhar-te,  
Ver-te e do necessário reformar-te.

### III

E, porque está em extremo desejoso  
De te ver, como cousa nomeada,  
Te roga que, de nada receoso,  
Entres a barra, tu com toda armada;  
E porque do caminho trabalhoso  
Trarás a gente débil e cansada,  
Diz que na terra podes reformá-la,  
Que a natureza obriga a desejá-la.

## IV

E, se buscando vais mercadoria  
Que produz o aurífero levante,  
Canela, cravo, ardente especiaria  
Ou droga salutifera e prestante;  
Ou, se queres luzente pedraria,  
O rubi fino, o rívido diamante,  
Daqui levarás tudo tão sobejo  
Com que faças o fim a teu desejo.

## V

Ao mensageiro o capitão responde,  
As palavras do rei agradecendo,  
E diz que, porque o sol no mar se esconde,  
Não entra para dentro, obedecendo;  
Porém que, como a luz mostrar por onde  
Vá sem perigo a frota, não temendo,  
Cumprirá sem receio seu mandado,  
Que a mais por tal senhor está obrigado.

## VI

Pergunta-lhe depois se estão na terra  
Cristãos, como o pilôto lhe dizia;  
O mensageiro astuto, que não erra,  
Lhe diz que a mais da gente em Cristo cria.  
Desta sorte do peito lhe desterra  
Toda a suspeita e cauta fantasia;  
Por onde o capitão seguramente  
Se fia da infiel e falsa gente.

## VII

E de alguns que trazia, condenados  
Por culpas e por feitos vergonhosos  
Porque pudessem ser aventureados  
Em casos desta sorte duvidosos,  
Manda dois mais sagazes, ensinados,  
Porque notem dos mouros enganosos  
A cidade e poder, e porque vejam  
Os cristãos, que só tanto ver desejam.

## VIII

E por estes ao rei presentes manda,  
Por que a boa vontade que mostrava  
Tenha firme, segura, limpa e branda,  
A qual bem ao contrário em tudo estava.  
Já a companhia pérfida e nefanda  
Das naus se despedia e o mar cortava.  
Foram com gestos ledos e fingidos,  
Os dois da frota em terra recebidos.

## IX

E depois que ao rei apresentaram,  
Co' o recado, os presentes que traziam,  
A cidade correram, e notaram  
Muito menos daquilo que queriam;  
Que os mouros cautelosos se guardaram  
De lhes mostrarem tudo o que pediam.  
Que onde reina a malícia, está o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio.

## X

Mas aquele que sempre a mocidade  
Tem no rosto perpétua, e foi nascido  
De duas mães, que urdia a falsidade  
Por ver o navegante destruído,  
Estava numa casa da cidade,  
Com rosto humano e hábito fingido,  
Mostrando-se cristão, e fabricava  
Um altar sumptuoso que adorava.

## XI

Ali tinha em retrato afigurada  
Do alto e Santo Espírito a pintura,  
A cândida pombinha, debuxada  
Sôbre a única Fênix, virgem pura.  
A companhia santa está pintada,  
Dos doze, tão torvados na figura  
Como os que, só das línguas que caíram  
De fogo, várias línguas referiram.

## XII

Aqui os dois companheiros conduzidos  
Onde com êste engano Baco estava,  
Põem em terra os gíolhos, e os sentidos  
Naquele deus que o mundo governava.  
Os cheiros excelentes, produzidos  
Na Pancaia odorífera, queimava  
O Tioneu, e assim por derradeiro  
O falso deus adora o verdadeiro.

## XIII

Aqui foram de noite agasalhados,  
Com todo o bom e honesto tratamento,  
Os dois cristãos, não vendo que enganado  
Os tinha o falso e santo fingimento.  
Mas assim como os raios espalhados  
Do sol foram no mundo. e num momento  
Apareceu no rúbido horizonte  
Na moça de Titão a roxa fronte,

## XIV

Tornam da terra os mouros co' o recado  
Do rei para que entrassem, e consigo  
Os dois que o capitão tinha mandado,  
A quem se o rei mostrou sincero amigo;  
E, sendo o português certificado  
De não haver receio de perigo  
E que gente de Cristo em terra havia,  
Dentro no salso rio entrar queria.

## XV

Dizem-lhe os que mandou que em terra viram  
Sacras aras e sacerdote santo;  
Que ali se agasalharam e dormiram  
Emquanto a luz cobriu o escuro manto;  
E que no rei e gentes não sentiram  
Senão contentamento e gôsto tanto  
Que não podia, certo, haver suspeita  
Numa mostra tão clara e tão perfeita.

## XVI

Com isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os mouros que subiam;  
Que levemente um ânimo se fia  
De mostras que tão certas pareciam.  
A nau da gente pérfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos que traziam.  
Alegres vinham todos porque crêem  
Que a presa desejada certa teem.

## XVII

Na terra cautamente aparelhavam  
Armas e munições, que, como vissem  
Que no rio os navios ancoravam,  
Nêles ousadamente se subissem;  
E nesta traição determinavam  
Que os de Luso de todo destruíssem,  
E que, incautos, pagassem dêste jeito  
O mal que em Moçambique tinham feito.

## XVIII

As âncoras tenaces vão levando,  
Com a náutica grita costumada;  
Da proa as velas sós ao vento dando,  
Inclinam para a barra abalizada.  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andava sempre a gente assinalada,  
Vendo a cilada grande e tão secreta,  
Voa do céu ao mar como uma seta.

## XIX

Convoca as alvas filhas de Nereu,  
Com toda a mais cerúlea companhia,  
Que, porque no salgado mar nasceu,  
Das águas o poder lhe obedecia.  
E, propondo-lhe a causa a que desceu,  
Com todos juntamente se partia,  
Para estorvar que a armada não chegasse  
Aonde para sempre se acabasse.

## XX

Já na água erguendo vão, com grande pressa,  
Com as argênteas caudas branca escuma;  
Cloto co' o peito corta e atravessa  
Com mais furor o mar do que costuma.  
Salta Nise, Nerine se arremessa  
Por cima da água crêspa em fôrça suma.  
Abrem caminho as ondas encurvadas,  
De temor das nereidas apressadas.

## XXI

Nos ombros de um tritão, com gesto aceso,  
Vai a linda Dione furiosa;  
Não sente quem a leva o doce pêso,  
De soberbo com carga tão formosa.  
Já chegam perto donde o vento teso  
Enche as velas da frota belicosa;  
Repartem-se e rodeiam nesse instante  
As naus ligeiras, que iam por diante.

## XXII

Põe-se a deusa com outras em direito  
Da proa capitania, e ali fechandô  
O caminho da barra, estão de jeito  
Que em vão assopra o vento, a vela inchando.  
Põem no madeiro duro o brando peito,  
Para detrás a forte nau forçando;  
Outras em derredor levando-a estavam  
E da barra inimiga a desviavam.

## XXIII

Quais para a cova as próvidas formigas,  
Levando o pêso grande acomodado,  
As fôrças exercitam, de inimigas  
Do inimigo inverno congelado;  
Ali são seus trabalhos e fadigas,  
Ali mostram vigor nunca esperado:  
Tais andavam as ninfas, estorvando  
Á gente portuguesa o fim nefando.

## XXIV

Torna para detrás a nau, forçada,  
Apesar dos que leva, que, gritando,  
Mareiam velas; ferve a gente irada,  
O leme a um bordo e a outro atravessando.  
O mestre astuto em vão da pôpa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estava um marítimo penedo,  
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete mêdo.

## XXV

A celeuma medonha se alevanta  
No rudo marinheiro que trabalha;  
O grande estrondo a maura gente espanta,  
Como se vissem hórrida batalha.  
Não sabem a razão de fúria tanta,  
Não sabem nesta pressa quem lhes valha;  
Cuidam que seus enganos são sabidos  
E que hão-de ser por isso aqui punidos.

## XXVI

Ei-los súbitamente se lançavam  
A seus batéis velozes que traziam;  
Outros em cima o mar alevantavam  
Saltando n'água, a nado se acolhiam;  
De um bordo e doutro súbito saltavam,  
Que o mêdo os compelia do que viam;  
Que antes querem ao mar aventurar-se  
Que nas mãos inimigas entregar-se.

## XXVII

Assim como em selvática alagoa  
As rãs, no tempo antigo lícia gente,  
Se sentem porventura vir pessoa,  
Estando fora da água incautamente,  
Daqui e dali saltando (o charco soa),  
Por fugir do perigo que se sente,  
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,  
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

## XXVIII

Assim fogem os mouros; e o pilôto,  
 Que ao perigo grande as naus guiara,  
 Credo que seu engano estava nôto,  
 Também foge, saltando na água amara.  
 Mas, por não darem no penedo imoto,  
 Onde percam a vida doce e cara,  
 A âncora solta logo a capitaina,  
 Qualquer das outras junto dela amaina.

## XXIX

Vendo o Gama, atentado, a estranheza  
 Dos mouros, não cuidada, e juntamente  
 O pilôto fugir-lhe com presteza,  
 Entende o que ordenava a bruta gente;  
 E vendo, sem contraste e sem braveza  
 Dos ventos ou das águas sem corrente,  
 Que a nau passar avante não podia,  
 Havendo-o por milagre, assim dizia:

## XXX

Oh! Caso grande, estranho e não cuidado,  
 Oh! Milagre clarissimo e evidente,  
 Oh! Descoberto engano inopinado,  
 Oh! Pérfida, inimiga e falsa gente!  
 Quem poderá do mal aparelhado  
 Livrar-se sem perigo, sàbiamente,  
 Se lá de cima a guarda soberana  
 Não acudir à fraca fôrça humana?

## XXXI

Bem nos mostra a Divina Providência  
 Dêstes portos a pouca segurança;  
 Bem claro temos visto na aparência  
 Que era enganada a nossa confiança.  
 Mas pois saber humano nem prudência  
 Enganos tão fingidos não alcança,  
 O' tu, Guarda Divina, tem cuidado  
 De quem sem ti não pode ser guardado!

## XXXII

E, se te move tanto a piedade  
Desta mísera gente peregrina,  
Que, só por tua altíssima bondade,  
Da gente a salvas pérfida e malina,  
Nalgum pôrto seguro de verdade  
Conduzir-nos, já agora, determina,  
Ou nos amostra a terra que buscamos,  
Pois só por teu serviço navegamos.

## XXXIII

Ouviu-lhes estas palavras piedosas  
A formosa Dione e, comovida,  
De entre as ninfas se vai, que saúdosas  
Ficaram desta súbita partida.  
Já penetra as estrêlas luminosas,  
Já na terceira esfera recebida  
Ávante passa, e lá no sexto céu,  
Para onde estava o Padre, se moveu.

## XXXIV

E, como ia afrontada do caminho,  
Tão formosa no gesto se mostrava  
Que as estrêlas e o céu e o ar vizinho  
É tudo quanto a via, namorava.  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,  
Uns espíritos vivos inspirava  
Com que os polos gelados acendia,  
E tornava do fogo a esfera, fria.

## XXXV

E, por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foi sempre amada e cara,  
Se lhe apresenta assim como ao troiano,  
Na selva ideia, já se apresentara.  
Se a vira o caçador que o vulto humano  
Perdeu, vendo Diana na água clara,  
Nunca os famintos galgos o mataram,  
Que primeiro desejos o acabaram.

## XXXVI

Os crespos fios de ouro se esparziam  
 Pelo colo que a neve escurecia;  
 Andando, as lácteas têtas lhe tremiam,  
 Com quem Amor brincava e não se via.  
 Da alva petrina flamas lhe saíam,  
 Onde o menino as almas acendia.  
 Pelas lisas colunas lhe trepavam  
 Desejos, que como hera se enrolavam.

## XXXVII

C'um delgado cendal as partes cobre  
 De quem vergonha é natural reparo;  
 Porém nem tudo esconde nem descobre  
 O véu, dos roxos lírios pouco avaro;  
 Mas, para que o desejo acenda e dobre,  
 Lhe põe diante aquele objecto raro.  
 Já se sentem no céu, por toda a parte,  
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

## XXXVIII

E, mostrando no angélico semblante  
 Co' o riso uma tristeza misturada,  
 Como dama que foi do incauto amante  
 Em brincos amorosos mal tratada,  
 Que se aqueixa e se ri num mesmo instante  
 E se torna entre alegre magoada,  
 Desta arte a deusa a quem nenhuma iguala,  
 Mais mimosa que triste, ao Padre fala:

## XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,  
 Que, para as cousas que eu do peito amasse,  
 Te achasse brando, afábil e amoroso,  
 Pôsto que a algum contrário lhe pesasse;  
 Mas, pois que contra mim te vejo iroso,  
 Sem que to merecesse nem te errasse,  
 Faça-se como Baco determina;  
 Assentarei, emfim, que fui mofina.

## XL

Êste povo, que é meu, por quem derramo  
As lágrimas que em vão caídas vejo,  
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo,  
Por êle a ti rogando, choro e bramo,  
E contra minha dita emfim pelejo.  
Ora pois, porque o amo é mal tratado,  
Quero-lhe querer mal: será guardado.

## XLI

Mas moura, emfim, nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,  
O rosto banha em lágrimas ardentes,  
Como co'o orvalho fica a fresca rosa.  
Calada um pouco, como se entre os dentes  
Lhe impedira a fala piedosa,  
Torna a seguí-la; e, indo por diante,  
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

## XLII

E destas brandas mostras comovido,  
Que moveram de um tigre o peito duro,  
Co'o vulto alegre, qual, do céu subido,  
Torna sereno e claro o ar escuro,  
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,  
Na face a beija e abraça o colo puro.  
De modo que dali, se só se achara,  
Outro novo Cupido se gerara.

## XLIII

E, co'o seu apertando o rosto amado,  
Que os soluços e lágrimas aumenta,  
Como menino da ama castigado,  
Que quem no afaga o chôro lhe acrescenta,  
Por lhe pôr em sossêgo o peito irado,  
Muitos casos futuros lhe apresenta,  
Dos fados as entranhas revolvendo.  
Desta maneira, emfim, lhe está dizendo:

## XLIV

Formosa filha minha, não temais  
Perigo algum nos vossos lusitanos,  
Nem que ninguém commigo possa mais  
Que êsses chorosos olhos soberanos;  
Que eu vos prometo, filha, que vejais  
Esquecerem-se gregos e romanos,  
Pelos illustres feitos que esta gente  
Há-de fazer nas partes do Oriente.

## XLV

Que, se o facundo Ulisses escapou  
De ser na Ogígia ilha eterno escravo,  
E se Antenor os seios penetrou  
Ilíricos e a fonte de Timavo,  
E se o piedoso Eneas navegou  
De Scila e de Caribdis o mar bravo,  
Os vossos, mores cousas atentando,  
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

## XLVI

Fortalezas, cidades e altos muros  
Por êles vereis, filha, edificados;  
Os turcos belacíssimos e duros  
Dêles sempre vereis desbaratados.  
Os reis da Índia, livres e seguros,  
Vereis ao rei potente subjugados,  
E por êles, de tudo emfim senhores,  
Serão dadas na terra leis melhores.

## XLVII

Vereis êste que agora, pressuroso,  
Por tantos mêdos o Indo vai buscando,  
Tremar dêle Neptuno, de medroso,  
Sem vento suas águas encrespando.  
Oh! Caso nunca visto e milagroso,  
Que trema e ferva o mar, em calma estando!  
Oh! Gente forte e de altos pensamentos,  
Que também dela hão mêdo os elementos!

## XLVIII

Vereis a terra que a água lhe tolhia  
Que inda há-de ser um pôrto mui decente,  
Em que vão descansar da longa via  
As naus que navegarem do Ocidente.  
Toda esta costa, emfim, que agora urdia  
O mortífero engano, obediente  
Lhe pagará tributos, conhecendo  
Não poder resistir ao luso horrendo.

## XLIX

E vereis o Mar Roxo, tão famoso,  
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;  
Vereis de Ormuz o reino poderoso  
Duas vezes tomado e subjugado.  
Ali vereis o mouro furioso  
De suas mesmas setas traspassado;  
Que quem vai contra os vossos, claro veja  
Que, se resiste, contra si peleja.

## L

Vereis a inexpugnável Dio forte  
Que dois cercos terá, dos vossos sendo.  
Ali se mostrará seu preço e sorte,  
Feitos de armas grandíssimos fazendo.  
Envejosos vereis o grão Mavorte  
Do peito lusitano, fero e horrendo.  
Do mouro ali verão que a voz extrema  
Do falso Maamede ao céu blasfema.

## LI

Goa vereis aos mouros ser tomada,  
A qual virá depois a ser senhora  
De todo o Oriente, e sublimada  
Co'os triunfos da gente vencedora.  
Ali, soberba, altiva e exalçada,  
Ao gentio que os ídolos adora  
Duro freio porá, e a toda a terra  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

## LII

Vereis a fortaleza sustentar-se  
 De Cananor, com pouca fôrça e gente;  
 E vereis Calecu desbaratar-se,  
 Cidade populosa e tão potente;  
 E vereis em Cochim assinalar-se  
 Tanto um peito soberbo e insolente,  
 Que citara jamais cantou vitória  
 Que assim mereça eterno nome e glória.

## LIII

Nunca com Marte instruto e furioso  
 Se viu ferver Leucate, quando Augusto  
 Nas civis áctias guerras, animoso,  
 O capitão venceu romano injusto,  
 Que dos povos de Aurora e do famoso  
 Nilo e do Bactra scítico e robusto  
 A vitória trazia e presa rica,  
 Preso da egípcia linda e não pudica:

## LIV

Como vereis o mar fervendo aceso  
 Co'os incêndios dos vossos, pelejando,  
 Levando o idolatra e o mouro preso,  
 De nações diferentes triunfando.  
 E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,  
 Até o longínquo China navegando  
 E as ilhas mais remotas do Oriente,  
 Ser-lhe há todo o Oceano obediente.

## LV

De modo, filha minha, que de jeito  
 Amostrarão esfôrço mais que humano,  
 Que nunca se verá tão forte peito,  
 Do gangético mar ao gaditano,  
 Nem das boreais ondas ao estreito  
 Que mostrou o agravado lusitano,  
 Pôsto que em todo o mundo, de afrontados,  
 Ressuscitassem todos os passados.

## LVI

Como isto disse, manda o consagrado  
 Filho de Maia à terra, porque tenha  
 Um pacífico pôrto e sossegado,  
 Para onde sem receio a frota venha;  
 E, para que em Mombaça, aventurado,  
 O forte capitão se não detenha,  
 Lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse  
 A terra onde quiêto repousasse.

## LVII

Já pelo ar o Cileneu voava;  
 Com as asas nos pés à terra desce;  
 Sua vara fatal na mão levava,  
 Com que os olhos cansados adormece.  
 Com esta, as tristes almas revocava  
 Do Inferno, e o vento lhe obedece.  
 Na cabeça o galero costumado.  
 E desta arte a Melinde foi chegado.

## LVIII

Consigo a fama leva, porque diga  
 Do lusitano o preço grande e raro,  
 Que o nome illustre a um certo amor obriga,  
 E faz, a quem o tem, amado e caro.  
 Desta arte vai fazendo a gente, amiga,  
 Co' o rumor famosíssimo e preclaro.  
 Já Melinde em desejos arde todo  
 De ver da gente forte o gesto e modo.

## LIX

Dali para Mombaça logo parte,  
 Aonde as naus estavam temerosas,  
 Para que à gente mande que se aparte  
 Da barra imiga e terras suspeitosas;  
 Porque mui pouco val esforço e arte  
 Contra infernais vontades enganosas;  
 Pouco val oração, astúcia e siso,  
 Se lá dos cus não vem celeste aviso.

## LX

Meio caminho a noite tinha andado  
 E as estrêlas no céu, co'a luz alheia,  
 Tinham o largo mundo alumiado;  
 E só co'o sono a gente se recreia.  
 O capitão illustre, já cansado  
 De vigiar a noite que arreceia,  
 Breve repouso então aos olhos dava,  
 A outra gente a quartos vigiava;

## LXI

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,  
 Dizendo: Fuge, fuge, lusitano,  
 Da cilada que o rei malvado tece,  
 Por te trazer ao fim e extremo dano.  
 Fuge, que o vento e o céu te favorece;  
 Sereno o tempo tens e o oceano,  
 E outro rei mais amigo, noutra parte,  
 Onde podes seguro agasalhar-te.

## LXII

Não tens aqui senão aparelhado  
 O hospício que o cru Diomedes dava,  
 Fazendo ser manjar acostumado  
 De cavalos a gente que hospedava;  
 As aras de Busíris infamado,  
 Onde os hóspedes tristes imolava,  
 Terás certas aqui, se muito esperas.  
 Fuge das gentes pérfidas e feras!

## LXIII

Vai-te ao longo da costa discorrendo  
 E outra terra acharás de mais verdade,  
 Lá quasi junto donde o sol, ardendo  
 Iguala o dia e noite em quantidade.  
 Ali tua frota alegre recebendo  
 Um rei, com muitas obras de amizade,  
 Gasalhado seguro te daria  
 E, para a índia, certa e sábia guia.

## LXIV

Isto Mercúrio disse, e o sono leva  
Ao capitão, que, com mui grande espanto,  
Acorda e vê ferida a escura treva  
De uma súbita luz e raio santo.  
E vendo claro quanto lhe releva  
Não se deter na terra iníqua tanto,  
Com novo espirito ao mestre seu mandava  
Que as velas desse ao vento que assoprava.

## LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento,  
Que o céu nos favorece e Deus o manda;  
Que um mensageiro vi do claro assento,  
Que só em favor de nossos passos anda.  
Alevanta-se nisto o movimento  
Dos marinheiros, de uma e de outra banda;  
Levam gritando as âncoras acima,  
Mostrando a ruda fôrça que se estima.

## LXVI

Neste tempo que as âncoras levavam,  
Na sombra escura os mouros escondidos  
Mansamente as amarras lhes cortavam,  
Por serem, dando à costa, destruídos.  
Mas com vista de lince vigiavam  
Os portugueses, sempre apercebidos.  
Eles, como acordados os sentiram,  
Voando e não remando lhes fugiram.

## LXVII

Mas já as agudas proas apartando  
Iam as vias úmidas de argento;  
Assopra-lhes galerno o vento e brando,  
Com suave e seguro movimento.  
Nos perigos passados vão falando,  
Que mal se perderão do pensamento  
Os casos grandes, donde em tanto apêrto  
A vida em salvo escapa por acêrto.

## LXVIII

Tinha uma volta dado o sol ardente  
 E noutra começava, quando viram  
 Ao longe dois navios, brandamente  
 Co'os ventos navegando que respiram.  
 Porque haviam de ser da maura gente,  
 Para êles arribando, as velas viram.  
 Um, de temor do mal que arreceava,  
 Por se salvar a gente à costa dava.

## LXIX

Não é o outro que fica tão manhoso,  
 Mas nas mãos vai cair do lusitano,  
 Sem o rigor de Marte furioso  
 E sem a fúria horrenda de Vulcano;  
 Que, como fôsse débil e medroso  
 Da pouca gente o fraco peito humano,  
 Não teve resistência; e, se a tivera,  
 Mais dano, resistindo, recebera.

## LXX

E, como o Gama muito desejasse  
 Pilôto para a Índia, que buscava,  
 Cuidou que entre estes mouros o tomasse;  
 Mas não lhe sucedeu como cuidava,  
 Que nenhum dêles há que lhe ensinasse  
 À que parte dos céus a Índia estava;  
 Porém dizem-lhe todos que tem perto  
 Melinde, onde acharão pilôto certo.

## LXXI

Louvam do rei os mouros a bondade,  
 Condição liberal, sincero peito,  
 Magnificência grande e humanidade,  
 Com partes de grandíssimo respeito.  
 O capitão o assela por verdade,  
 Porque já lho dissera dêste jeito  
 O Cileneu em sonhos, e partia  
 Para onde o sonho e o mouro lhe dizia.

## LXXII

Era no tempo alegre quando entrava  
No roubador de Europa a luz febea,  
Quando um e o outro corno lhe aquentava,  
E Flora derramava o da Almatea.  
A memória do dia renovava  
O pressuroso sol, que o céu rodeia,  
Em que Aquele a quem tudo está sujeito  
O sêlo pôs a quanto tinha feito;

## LXXIII

Quando chegava a frota àquela parte  
Onde o reino Melinde já se via,  
De toldos adornada e lêda de arte  
Que bem mostra estimar o santo dia.  
Treme a bandeira, voa o estandarte,  
A côr purpúrea ao longe aparecia;  
Soam os atambores e pandeiros;  
E assim entravam ledos e guerreiros.

## LXXIV

Enche-se toda a praia melindana  
Da gente que vem ver a lêda armada,  
Gente mais verdadeira e mais humana  
Que toda a doutra terra atrás deixada.  
Surge diante a frota lusitana,  
Pega no fundo a âncora pesada.  
Mandam fora um dos mouros que tomaram,  
Por quem sua vinda ao rei manifestaram.

## LXXV

O rei, que já sabia da nobreza  
Que tanto os portuguezes engrandece,  
Tomarem o seu pôrto tanto preza  
Quanto a gente fortíssima merece;  
E com verdadeiro ânimo e pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece,  
Lhes manda rogar muito que saíssem,  
Para que de seus reinos se servissem.

## LXXVI

São oferecimentos verdadeiros  
 E palavras sinceras, não dobradas,  
 As que o rei manda aos nobres cavaleiros  
 Que tanto mar e terras teem passadas.  
 Manda-lhes mais lanígeros carneiros  
 E galinhas domésticas cevadas,  
 Com as frutas que então na terra havia;  
 E a vontade à dádiva excedia.

## LXXVII

Recebe o capitão alegremente  
 O mensageiro ledo e seu recado;  
 E logo manda ao rei outro presente,  
 Que de longe trazia aparelhado:  
 Escarlata purpúrea, côr ardente,  
 O ramoso coral, fino e prezado,  
 Que debaixo das águas mole cresce.  
 E, como é fora delas, se endurece.

## LXXVIII

Manda mais um, na prática elegante,  
 Que co'o rei nobre as pazes concertasse  
 E que de não sair, naquele instante,  
 De suas naus em terra, o desculpasse.  
 Partido assim o embaixador prestante,  
 Como na terra ao rei se apresentasse,  
 Com estilo que Palas lhe ensinava,  
 Estas palavras tais falando orava:

## LXXIX

Sublime rei, a quem do Olimpo puro  
 Foi da suma Justiça concedido  
 Refrear o soberbo povo duro,  
 Não menos dêle amado, que temido:  
 Como pôrto mui forte e mui seguro,  
 De todo o Oriente conhecido,  
 Te vimos a buscar, para que achemos  
 Em ti o remédio certo que queremos.

## LXXX

Não somos roubadores que, passando  
 Pelas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro e a fogo as gentes vão matando,  
 Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;  
 Mas, da soberba Europa navegando,  
 Imos buscando as terras apartadas  
 Da Índia, grande e rica, por mandado  
 De um rei que temos, alto e sublimado.

## LXXXI

¿ Que geração tão dura há hi de gente,  
 Que bárbaro costume e usança feia,  
 Que não vedem os portos tão somente,  
 Mas inda o hospício da deserta areia?  
 ¿ Que má tenção, que peito em nós se sente,  
 Que de tão pouca gente se arreceia?  
 Que, com laços armados, tão fingidos,  
 Nos ordenassem ver-nos destruídos?

## LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiamos  
 Achar-se mais verdade, ó rei benigno,  
 E aquela certa ajuda em ti esperamos  
 Que teve o perdido ítaco em Alcínoo,  
 A teu pôrto seguros navegamos,  
 Conduzidos do intérprete divino;  
 Que, pois a ti nos manda, está mui claro  
 Que és de peito sincero, humano e raro.

## LXXXIII

E não cuides, ó rei, que não saísse  
 O nosso capitão esclarecido  
 A ver-te ou a servir-te, porque visse  
 Ou suspeitasse em ti peito fingido;  
 Mas saberás que o fez, porque cumprisse  
 O regimento, em tudo obedecido,  
 De seu rei, que lhe manda que não saia,  
 Deixando a frota, em nenhum pôrto ou praia.

## LXXXIV

E, porque é de vassalos o exercício  
Que os membros teem, regidos da cabeça,  
Não quererás, pois tens de rei o officio,  
Que ninguém a seu rei desobedeça;  
Mas as mercês e o grande beneficio  
Que ora acha em ti, promete que conheça  
Em tudo aquilo que êle e os seus puderem,  
Emquanto os rios para o mar correrem.

## LXXXV

Assim dizia; e todos juntamente,  
Uns com outros em prática falando,  
Louvavam muito o estômago da gente  
Que tantos céus e mares vai passando.  
E o rei ilustre, o peito obediente  
Dos portuguezes na alma imaginando,  
Tinha por valor grande e mui subido  
O do rei que é tão longe obedecido.

## LXXXVI

E, com risonha vista e ledó aspeito,  
Responde ao embaixador, que tanto estima:  
Toda a suspeita má tirai do peito,  
Nenhum frio temor em vós se imprima;  
Que vosso preço e obras são de jeito  
Para vos ter o mundo em muita estima;  
E quem vos fez molesto tratamento  
Não pode ter subido pensamento.

## LXXXVII

De não sair em terra toda a gente,  
Por observar a usada preeminência,  
Ainda que me pese estranhamente,  
Em muito tenho a muita obediência.  
Mas, se lho o regimento não consente,  
Nem eu consentirei que a excelência  
De peitos tão leais em si desfaça,  
Só porque a meu desejo satisfaça.

## LXXXVIII

Porém, como a luz crástina chegada  
Ao mundo fôr, em minhas almadias  
Eu irei visitar a forte armada,  
Que ver tanto desejo há tantos dias.  
E, se vier do mar desbaratada,  
Do furioso vento e longas vias,  
Aqui terá de limpos pensamentos  
Pilôto, munições e mantimentos.

## LXXXIX

Isto disse; e nas águas se escondia  
O filho de Latona, e o mensageiro,  
Co'a embaixada, alegre se partia  
Para a frota no seu batel ligeiro.  
Enchem-se os peitos todos de alegria,  
Por terem o remédio verdadeiro  
Para acharem a terra que buscavam;  
E assim ledos a noite festejavam.

## XC

Não faltam ali os raios de artifício,  
Os trêmulos cometas imitando;  
Fazem os bombardeiros seu officio,  
O céu, a terra e as ondas atroando.  
Mostra-se dos ciclopes o exercício,  
Nas bombas que de fogo estão queimando;  
Outros com vozes com que o céu feriam  
Instrumentos altissonos tangiam.

## XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,  
Co'o raio volteando, com zunido;  
Anda em giros no ar a roda ardente,  
Estoura o pó sulfúreo escondido.  
A grita se alevanta ao céu, da gente;  
O mar se via em fogos acendido  
E não menos a terra; e assim festeja  
Um ao outro, à maneira de peleja.

## XCII

Mas já o céu inquieto, revolvendo,  
As gentes incitava a seu trabalho;  
E já a mãe de Memnon, a luz trazendo,  
Ao sono longo punha certo atalho;  
Iam-se as sombras lentas desfazendo,  
Sôbre as flores da terra, em frio orvalho,  
Quando o rei melindano se embarcava,  
A ver a frota que no mar estava.

## XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias,  
Da gente que a ver só concorre lêda;  
Luzem da fina púrpura as cabaias,  
Lustram os panos da tecida sêda.  
Em lugar de guerreiras azagaias  
E do arco que os cornos arremeda  
Da lua, trazem ramos de palmeira,  
Dos que vencem, coroa verdadeira.

## XCIV

Um batel grande e largo, que toldado  
Vinha de sêdas de diversas côres,  
Traz o rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de seu reino e de senhores.  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes e primores;  
Na cabeça, uma fota guarnecida  
De ouro, e de sêda e de algodão tecida.

## XCV

Cabaia de Damasco rico e dino,  
Da tíria côr, entre êles estimada;  
Um colar ao pescoço, de ouro fino,  
Onde a matéria da obra é superada,  
C'um resplendor reluz adamantino;  
Na cinta a rica adaga, bem lavrada;  
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Çobrem ouro e aljôfar ao veludo.

## XCVI

Com um redondo amparo alto de sêda,  
Numa alta e dourada hástea enxerido,  
Um ministro à solar quentura veda  
Que não ofenda e queime o rei subido.  
Música traz na proa, estranha e lêda,  
De áspero som, horrissono ao ouvido,  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que, sêm concêrto, fazem rudo estrondo.

## XCVII

Não menos guarnecido, o lusitano,  
Nos seus batéis da frota se partia,  
A receber no mar o melindano,  
Com lustrosa e honrada companhia.  
Vestido o Gama vem ao modo hispano,  
Mas francesa era a roupa que vestia,  
De cetim da adriática Veneza,  
Carmesi, côr que a gente tanto preza.

## XCVIII

De botões de ouro as mangas veem tomadas,  
Onde o sol, reluzindo, a vista cega;  
As calças soldadescas, recamadas  
Do metal que Fortuna a tantos nega;  
E com pontas do mesmo, delicadas,  
Os golpes do gibão ajunta e achega;  
Ao itálico modo a áurea espada;  
Pluma na gorra, um pouco declinada.

## XCIX

Nos de sua companhia se mostrava  
Da tinta que dá o múrice excelente  
A vária côr, que os olhos alegrava,  
E a maneira do traço diferente.  
Tal o formoso esmalte se notava  
Dos vestidos, olhados juntamente,  
Qual aparece o arco rutilante  
Da bela ninfa, filha de Taumante.

## C

Sonorosas trombetas incitavam  
 Os ânimos alegres, ressoando;  
 Dos mouros os batéis o mar coalhavam,  
 Os toldos pelas águas arrojando;  
 As bombardas horrisonas bramavam,  
 Com as nuvens de fumo o sol tomando;  
 Amiúdam-se os brados acendidos,  
 Tapam com as mãos os mouros os ouvidos.

## CI

Já no batel entrou do capitão  
 O rei, que nos seus braços o levava;  
 Êle, co'a cortesia que a razão  
 (Por ser rei) requeria, lhe falava.  
 C'umas mostras de espanto e admiração,  
 O mouro o gesto e o modo lhe notava,  
 Como quem em mui grande estima tinha  
 Gente que de tão longe à índia vinha.

## CII

E com grandes palavras lhe oferece  
 Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse;  
 E que, se mantimento lhe falece,  
 Como se próprio fôsse, lho pedisse.  
 Diz-lhe mais que, por fama, bem conhece  
 A gente lusitana, sem que a visse;  
 Que já ouviu dizer que noutra terra  
 Com gente de sua lei tivesse guerra;

## CIII

E, como por toda África se soa,  
 Lhe diz os grandes feitos que fizeram,  
 Quando nela ganharam a coroa  
 Do reino onde as Hespérides viveram;  
 E com muitas palavras apregoa  
 O menos que os de Luso mereceram  
 E o mais que pela fama o rei sabia.  
 Mas desta sorte o Gama respondia:

## CIV

O' tu que, só, tiveste piedade,  
Rei benigno, da gente lusitana,  
Que com tanta miséria e adversidade  
Dos mares exprimenta a fúria insana:  
Aquela alta e divina Eternidade  
Que o céu revolve e rege a gente humana,  
Pois que de ti tais obras recebemos,  
Te pague o que nós outros não podemos.

## CV

Tu só, de todos quantos queima Apolo,  
Nos recibes em paz, do mar profundo;  
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo  
Refúgio achamos, bom, fido e jucundo.  
Emquanto apascentar o largo polo  
As estrêlas, e o sol der lume ao mundo,  
Onde quer que eu viver, com fama e glória  
Viverão teus louvores em memória.

## CVI

Isto dizenda, os barcos vão remando  
Para a frota, que o mouro ver deseja;  
Vão as naus uma e uma rodeando,  
Porque de todas tudo note e veja.  
Mas para o céu Vulcano fuzilando,  
A frota co'as bombardas o festeja  
E as trombetas canoras lhe tangiam;  
Co'os anafis os mouros respondiam.

## CVII

Mas, depois de ser tudo já notado  
Do generoso mouro, que pasmava  
Ouvindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostrava,  
Mandava estar quiêto e ancorado  
N'água o batel ligeiro que os levava,  
Por falar de vagar co'o forte Gama  
Nas cousas de que tem notícia e fama.

## CVIII

Em práticas o mouro diferentes  
 Se deleitava, perguntando agora  
 Pelas guerras famosas e excelentes  
 Co'o povo havidas que a Mafoma adora;  
 Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hespéria última, onde mora;  
 Agora, pelos povos seus vizinhos,  
 Agora, pelos úmidos caminhos.

## CIX

Mas antes, valeroso capitão,  
 Nos conta, lhe dizia, diligente,  
 Da terra tua o clima e região  
 Do mundo onde morais, distintamente;  
 E assim de vossa antiga geração,  
 E o principio do reino tão potente,  
 Co'os sucessos das guerras do comêço,  
 Que, sem sabê-las, sei que são de preço.

## CX

E assim também nos conta dos rodeios  
 Longos em que te traz o mar irado,  
 Vendo os costumes bárbaros, alheios,  
 Que a nossa África ruda tem criado.  
 Conta; que agora veem co'os áureos freios  
 Os cavalos que o carro marchetado  
 Do novo Sol, da fria Aurora trazem;  
 O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

## CXI

E não menos co'o tempo se parece  
 O desejo de ouvir-te o que contares;  
 Que quem há que por fama não conhece  
 As obras portuguesas singulares?  
 Não tanto desviado resplandece  
 De nós o claro sol, para julgares  
 Que os melindanos teem tão rudo peito  
 Que não estimem muito um grande feito.

## CXII

Cometeram soberbos os gigantes,  
Com guerra vã, o Olimpo claro e puro;  
Tentou Pirítoo e Téseu, de ignorantes,  
O reino de Plutão, horrendo e escuro.  
Se houve feitos no mundo tão possantes,  
Não menos é trabalho ilustre e duro,  
Quanto foi cometer inferno e céu,  
Que outrem cometa a fúria de Nereu.

## CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana,  
Do subtil Tesifônio fabricado,  
Heróstato, por ser da gente humana  
Conhecido no mundo e nomeado.  
Se também com tais obras nos engana  
O desejo de um nome avantajado,  
Mais razão há que queira eterna glória  
Quem faz obras tão dignas de memória.



## CANTO TERCEIRO

### I

Agora tu, Caliope, me ensina  
O que contou ao rei o ilustre Gama;  
Inspira imortal canto e voz divina  
Neste peito mortal, que tanto te ama.  
Assim o claro inventor da medicina,  
De quem Orfeu pariste, ó linda dama,  
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe  
Te negue o amor devido, como sói.

### II

Põe tu, ninfa, em efeito meu desejo,  
Como merece a gente lusitana;  
Que veja e saiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganipe corre e mana.  
Deixa as flores de Pindo, que já vejo  
Banhar-me Apolo na água soberana;  
Senão direi que tens algum receio  
Que se escureça o teu querido Orfeio.

### III

Prontos estavam todos escutando  
O que o sublime Gama contaria;  
Quando, depois de um pouco estar cuidando,  
Alevantando o rosto, assim dizia:  
Mandas-me, ó rei, que conte declarando  
De minha gente a grão genealogia;  
Não me mandas contar estranha história,  
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

## IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,  
Cousa é que se costuma e se deseja;  
Mas louvar os meus próprios, arreceio  
Que louvor tão suspeito mal me esteja;  
E, para dizer tudo, temo e creio  
Que qualquer longo tempo curto seja;  
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;  
Irei contra o que devo, e serei breve.

## V

Além disso, o que a tudo enfim me obriga  
É não poder mentir no que disser,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me há-de ficar inda por dizer.  
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,  
Segundo o que desejas de saber,  
Primeiro tratarei da larga terra,  
Depois direi da sangüinosa guerra.

## VI

Entre a zona que o Cancro senhoreia,  
Meta setentrional do sol luzente,  
E aquela que por fria se arreceia  
Tanto, como a do meio por ardente,  
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,  
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,  
Com suas salsas ondas o Oceano,  
E, pela austral, o mar Mediterraneo.

## VII

Da parte donde o dia vem nascendo,  
Com Ásia se avizinha; mas o rio  
Que dos montes Rifeios vai correndo  
Na alagoa Meotis, curvo e frio,  
As divide, e o mar que, fero e horrendo,  
Viu dos gregos o irado senhorio,  
Onde agora de Tróia triunfante  
Não vê mais que a memória o navegante.

## VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,  
Os montes Hiperbóreos aparecem  
E aqueles onde sempre sopra Eolo,  
E co' o nome dos sopros se ennobrecem.  
Aqui tão pouca fôrça teem de Apolo  
Os raios que no mundo resplandecem,  
Que a neve está contínuo pelos montes,  
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

## IX

Aqui dos scitas grande quantidade  
Vivem, que antigamente grande guerra  
Tiveram, sôbre a humana antiguidade,  
Co'os que tinham então a egípcia terra.  
Mas quem tão fora estava da verdade  
(Já que o juízo humano tanto erra),  
Para que do mais certo se informara,  
Ao campo damasceno o perguntara.

## X

Agora nestas partes se nomeia  
A Lápia fria, a inculta Noruega,  
Escandinávia ilha, que se arreja  
Das vitórias que Itália não lhe nega.  
Aqui, emquanto as águas não refreia  
O congelado inverno, se navega  
Um braço do Sarmático oceano  
Pelo brússio, suécio e frio dano.

## XI

Entre êste mar e o Tánais vive estranha  
Gente, rutenos, moscos e livônios,  
Sármatas outro tempo; e na montanha  
Hircina os marcomanos são polônios.  
Sujeitos ao Império de Alemanha  
São sáxones, boêmios e panônios  
E outras várias nações, que o Reno frio  
Lava, e o Danúbio, Amasis e Álbis rio.

## XII

Entre o remoto Istro e o claro estreito  
Aonde Hele deixou, co' o nome, a vida,  
Estão os traces de robusto peito,  
Do fero Marte pátria tão querida,  
Onde, co' o Hemo, o Ródope sujeito  
Ao otomano está, que submetida  
Bizâncio tem a seu serviço indino;  
Boa injúria do grande Constantino!

## XIII

Logo de Macedônia estão as gentes,  
A quem lava do Áxio a água fria;  
E vós também, ó terras excelentes  
Nos costumes, engenhos e ousadia,  
Que criastes os peitos eloqüentes  
E os juízos de alta fantasia  
Com quem tu, clara Grécia, o céu penetras  
(E não menos por armas, que por letras).

## XIV

Logo os dálmatas vivem; e no seio  
Onde Antenor já muros levantou,  
A soberba Veneza está no meio  
Das águas, que tão baixa começou.  
Da terra um braço vem ao mar, que, cheio  
De esforço, nações várias sujeitou;  
Braço forte, de gente sublimada  
Não menos nos engenhos que na espada.

## XV

Em tórno o cerca o reino neptunino,  
Co' os muros naturais por outra parte;  
Pelo meio o divide o Apenino,  
Que tão ilustre fez o pátrio Marte;  
Mas, depois que o porteiro tem divino,  
Perdendo o esforço veio e bélica arte;  
Pobre está já de antiga potestade.  
Tanto Deus se contenta de humildade!

## XVI

Gália ali se verá, que nomeada  
Co'os cesáreos triunfos foi no mundo;  
Que do Séquana e Ródano é regada  
E do Garuna frio e Reno fundo.  
Logo os montes da ninfa sepultada,  
Pirene, se alevantam, que, segundo  
Antiguidades contam, quando arderam,  
Rios de ouro e de prata então correram.

## XVII

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo senhorio e glória estranha  
Muitas voltas tem dado a fatal roda;  
Mas nunca poderá, com fôrça ou manha,  
A Fortuna inquieta pôr-lhe nodá  
Que lha não tire o esfôrço e ousadia  
Dos belicosos peitos que em si cria.

## XVIII

Com Tingitânia entesta; e ali parece  
Que quer fechar o mar Mediterraneo  
Onde o sabido estreito se ennobrece  
Co' o extremo trabalho do tebano.  
Com nações diferentes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do oceano;  
Todas de tal nobreza e tal valor  
Que qualquer delas cuida que é melhor.

## XIX

Tem o tarragonês, que se fez claro  
Sujeitando Partênopé inquieta;  
O navarro, as Astúrias, que reparo  
Já foram contra a gente maometa;  
Tem o galego cauto e o grande e raro  
Castelhano, a quem fez o seu planeta  
Restituidor de Espanha e senhor dela;  
Bétis, Leão, Granada, com Castela.

## XX

Eis aqui, quási cume da cabeça  
De Europa toda, o reino lusitano,  
Onde a terra se acaba e o mar começa  
E onde Febo repousa no oceano.  
Êste quis o céu justo que floreça  
Nas armas contra o torpe mauritano,  
Deitando-o de si fora; e lá na ardente  
África estar quieto o não consente.

## XXI

Esta é a ditosa pátria minha amada,  
Á qual se o céu me dá que eu sem perigo  
Torne, com esta emprêsa já acabada,  
Acabe-se esta luz ali commigo.  
Esta foi Lusitânia, derivada  
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros,  
E nela então os incolas primeiros.

## XXII

Desta o pastor nasceu que no seu nome  
Se vê que de homem forte os feitos teve;  
Cuja fama ninguém virá que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreve.  
Esta, o velho que os filhos próprios come,  
Por decreto do céu, ligeiro e leve,  
Veio a fazer no mundo tanta parte,  
Criando-a reino ilustre; e foi desta arte:

## XXIII

Um rei, por nome Afonso, foi na Espanha,  
Que fez aos sarracenos tanta guerra,  
Que, por armas sangüinas, fôrça e manha,  
A muitos fez perder a vida e a terra.  
Voando dêste rei a fama estranha  
Do herculano Calpe à Cáspia serra,  
Muitos, para na guerra esclarecer-se,  
Vinham a êle e à morte oferecer-se.

## XXIV

E com um amor intrínseco acendidos  
Da fé, mais que das honras populares,  
Eram de várias terras conduzidos,  
Deixando a pátria amada e próprios lares.  
Depois que em feitos altos e subidos  
Se mostraram nas armas singulares,  
Quis o famoso Afonso que obras tais  
Levassem prêmio digno e dons iguais.

## XXV

Dêstes Henrique (dizem que segundo  
Filho de um rei de Hungria experimentado),  
Portugal houve em sorte, que no mundo  
Então não era ilustre nem prezado;  
E, para mais sinal de amor profundo,  
Quis o rei castelhano que casado  
Com Teresa, sua filha, o conde fôsse;  
E com elas das terras tomou posse.

## XXVI

Êste, depois que contra os descendentes  
Da escrava Agar vitórias grandes teve,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a seu forte peito deve,  
Em prêmio dêstes feitos excelentes  
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,  
Um filho que ilustrasse o nome ufano  
Do belicoso reino lusitano.

## XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista  
Da cidade Hierosólima sagrada,  
E do Jordão a areia tinha vista,  
Que viu de Deus a carne em si lavada  
(Que, não tendo Gotfredo a quem resista,  
Depois de ter Judea subjugada,  
Muitos que nestas guerras o ajudaram  
Para seus senhorios se tornaram);

## XXVIII

Quando, chegado ao fim de sua idade,  
O forte e famoso húngaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O espirito deu a quem lho tinha dado.  
Ficava o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pai deixava seu traslado,  
Que do mundo os mais fortes igualava;  
Que de tal pai tal filho se esperava.

## XXIX

Mas o velho rumor, são sei se errado,  
Que em tanta antiguidade não há certeza,  
Conta que a mãe, tomando todo o estado,  
Do segundo himeneu não se despreza.  
O filho órfão deixava deserdado,  
Dizendo que nas terras a grandeza  
Do senhorio todo só sua era,  
Porque, para casar, seu pai lhas dera.

## XXX

Mas o príncipe Afonso (que desta arte  
Se chamava, do avô tomando o nome),  
Vendo-se em suas terras não ter parte,  
Que a mãe com seu marido as manda e come,  
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina consigo como as tome.  
Revolvidas as causas no conceito,  
Ao propósito firme segue o efeito.

## XXXI

De Guimarães o campo se tingia  
Co' o sangue próprio da intestina guerra,  
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,  
A seu filho negava o amor e a terra.  
Com êle posta em campo já se via;  
E não vê a soberba o muito que erra  
Contra Deus, contra o maternal amor;  
Mas nela o sensual era maior.

## XXXII

O' Progne crua, ó mágica Medea,  
Se em vossos próprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
Olhai que inda Teresa peca mais!  
Incontinência má, cobiça feia,  
São as causas dêste erro principais:  
Scila, por uma, mata o velho pai;  
Esta, por ambas, contra o filho vai.

## XXXIII

Mas já o príncipe claro o vencimento  
Do padrasto e da iníqua mãe levava;  
Já lhe obedece a terra, num momento,  
Que primeiro contra êle pelejava;  
Porém, vencido de ira o entendimento,  
A mãe em ferros ásperos atava;  
Mas de Deus foi vingada em tempo breve.  
Tanta veneração aos pais se deve!

## XXXIV

Eis se ajunta o soberbo castelhano  
Para vingar a injúria de Teresa,  
Contra o tão raro em gente lusitano,  
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado da angélica defesa,  
Não só contra tal fúria se sustenta,  
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

## XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte  
Príncipe em Guimarães está cercado  
De infinito poder, que desta sorte  
Foi refazer-se o imigo magoado;  
Mas, com se oferecer à dura morte  
O fiel Egas amo, foi livrado;  
Que, de outra arte, pudera ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.

## XXXVI

Mas o leal vassalo, conhecendo  
 Que seu senhor não tinha resistência,  
 Se vai ao castelhano, prometendo  
 Que êle faria dar-lhe obediência.  
 Levanta o inimigo o cêrco horrendo,  
 Fiado na promessa e consciência  
 De Egas Moniz; mas não consente o peito  
 Do môço illustre a outrem ser sujeito.

## XXXVII

Chegado tinha o prazo prometido,  
 Em que o rei castelhano já aguardava  
 Que o príncipe, a seu mando submetido,  
 Lhe desse a obediência que esperava,  
 Vendo Egas que ficava fementido,  
 O que dêle Castela não cuidava,  
 Determina de dar a doce vida  
 A trôco da palavra mal cumprida.

## XXXVIII

E com seus filhos e mulher se parte  
 A alevantar co'êles a fiança,  
 Descalços e despidos, de tal arte  
 Que mais move a piedade que a vingança.  
 Se pretendes, rei alto de vingar-te  
 De minha temerária confiança,  
 Dizia, eis aqui venho oferecido  
 A te pagar co'a vida o prometido.

## XXXIX

Vês aqui trago as vidas inocentes  
 Dos filhos sem pecado e da consorte;  
 Se a peitos generosos e excelentes  
 Dos fracos satisfaz a fera morte,  
 Vês aqui as mãos e a língua delinqüentes:  
 Nelas sós exprimenta toda sorte  
 De tormentos, de mortes, pelo estilo  
 De Sinis e do touro de Perilo.

## XL

Qual diante do algoz o condenado,  
 Que já na vida a morte tem bebido,  
 Põe no cepo a garganta e, já entregado,  
 Espera pelo golpe tão temido:  
 Tal diante do príncipe indignado  
 Egas estava, a tudo oferecido.  
 Mas o rei, vendo a estranha lealdade,  
 Mais pôde, emfim, que a ira a piedade.

## XLI

O' grão fidelidade portuguesa  
 De vassalo, que a tanto se obrigava!  
 Que mais o persa fez naquela emprêsa  
 Onde rosto e narizes se cortava?  
 Do que ao grande Dario tanto pêsá,  
 Que mil vezes dizendo suspirava  
 Que mais o seu Zopiro são prezara  
 Que vinte Babilônias que tomara.

## XLII

Mas já o príncipe Afonso aparelhava  
 O lusitano exército ditoso,  
 Contra o mouro que as terras habitava  
 De além do claro Tejo deleitoso;  
 Já no campo de Ourique se assentava  
 O arraial soberbo e belicoso,  
 Defronte do inimigo sarraceno,  
 Pôsto que em fôrça e gente tão pequeno;

## XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,  
 Senão no sumo Deus que o céu regia,  
 Que tão pouco era o povo baptizado,  
 Que, para um só, cem mouros haveria.  
 Julga qualquer juízo sossegado  
 Por mais temeridade que ousadia  
 Cometer um tamanho ajuntamento,  
 Que para um cavaleiro houvese cento.

## XLIV

Cinco reis mouros são os inimigos,  
 Dos quais o principal Ismar se chama;  
 Todos experimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.  
 Seguem guerreiras damas seus amigos,  
 Imitando a formosa e forte dama  
 De quem tanto os troianos se ajudaram,  
 E as que o Termodonte já gostaram.

## XLV

A matutina luz, serena e fria,  
 As estrêlas do polo já apartava,  
 Quando na cruz o filho de Maria,  
 Amostrando-se a Afonso, o animava.  
 Êle, adorando quem lhe aparecia,  
 Na fé todo inflamado assim gritava:  
 † Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,  
 E não a mim, que creio o que podeis!

## XLVI

Com tal milagre os ânímos da gente  
 Portuguesa inflamados, levantavam  
 Por seu rei natural êste excelente  
 Príncipe, que do peito tanto amavam;  
 E diante do exército potente  
 Dos inimigos, gritando, o céu tocavam,  
 Dizendo em alta voz: Real, real,  
 Por Afonso, alto rei de Portugal!

## XLVII

Qual co'os gritos e vozes incitado,  
 Pela montanha, o rábido moloso  
 Contra o touro remete, que fiado  
 Na fôrça está do corno temeroso;  
 Ora pega na orelha, ora no lado,  
 Latindo mais ligeiro que forçoso,  
 Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,  
 Do bravo a fôrça horrenda se quebranta:

## XLVIII

Tal do rei novo o estômago acendido  
 Por Deus e pelo povo juntamente,  
 O bárbaro comete, apercebido  
 Co'o animoso exército rompente.  
 Levantam nisto os perros o alarido  
 Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,  
 As lanças e arcos tomam, tubas soam,  
 Instrumentos de guerra tudo atroam!

## XLIX

Bem como quando a flama que ateadada  
 Foi nos áridos campos (assoprando  
 O sibilante Bóreas), animada  
 Co'o vento, o sêco mato vai queimando;  
 A pastoral companha, que deitada  
 Co'o doce sono estava, despertando  
 Ao estridor do fogo que se ateia,  
 Recolhe o fato e foge para a aldeia:

## L

Desta arte o mouro, atônito e torvado,  
 Toma sem tento as armas mui depressa;  
 Não foge, mas espera confiado,  
 E o ginete belígero arremessa.  
 O português o encontra denodado,  
 Pelos peitos as lanças lhe arremessa;  
 Uns caem meios mortos e outros vão  
 A ajuda convocando do Alcorão.

## LI

Ali se veem encontros temerosos,  
 Para se desfazer uma alta serra,  
 E os animais correndo furiosos  
 Que Neptuno amostrou, ferindo a terra.  
 Golpes se dão medonhos e forçosos;  
 Por toda a parte andava acesa a guerra.  
 Mas o de Luso arnês, couraça e malha,  
 Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

## LII

Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Pálida a côr, o gesto amortecido.  
Já perde o campo o exército nefando;  
Correm rios do sangue desparzido,  
Com que também do campo a côr se perde,  
Tornado carmesi de branco e verde.

## LIII

Já fica vencedor o lusitano,  
Recolhendo os troféus e presa rica;  
Desbaratado e rôto o mouro hispano,  
Três dias o grão rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta vitória certifica,  
Cinco escudos azuis esclarecidos,  
Em sinal dêstes cinco reis vencidos.

## LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros por que Deus fôra vendido,  
Escrevendo a memória, em vária tinta,  
Daquele de quem foi favorecido.  
Em cada um dos cinco, cinco pinta,  
Porque assim fica o número cumprido,  
Contando duas vezes o do meio,  
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

## LV

Passado já algum tempo que passada  
Era esta grão vitória, o rei subido  
A tomar vai Leiria, que tomada  
Fôra, mui pouco havia, do vencido.  
Com esta a forte Arronches subjugada  
Foi juntamente; e o sempre ennobrecido  
Scabelicastro, cujo campo ameno  
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

## LVI

A estas nobres vilas submetidas  
Ajunta também Mafra, em pouco espaço,  
E, nas serras da Lua conhecidas,  
Subjuga a fria Sintra o duro braço;  
Sintra, onde as naiades, escondidas  
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço  
Onde Amor as enreda brandamente,  
Nas águas acendendo fogo ardente.

## LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
Fácilmente das outras és princesa,  
Que edificada foste do facundo  
Por cujo engano foi Dardânia acesa;  
Tu, a quem obedece o mar profundo,  
Obedeceste à fôrça portuguesa,  
Ajudada também da forte armada  
Que das boreais partes foi mandada.

## LVIII

Lá do germânico Álbis e do Reno  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o povo sarraceno  
Muitos com tenção santa eram partidos.  
Entrando a bôca já do Tejo ameno,  
Co'o arraial do grande Afonso unidos,  
Cuja alta fama então subia aos céus,  
Foi pôsto cêrco aos muros ulisseus.

## LIX

Cinco vezes a lua se escondera  
E outras tantas mostrara cheio o rosto,  
Quando a cidade, entrada, se rendera  
Ao duro cêrco que lhe estava pôsto.  
Foi a batalha tão sangüina e fera  
Quanto obrigava o firme pressuposto  
De vencedores ásperos e ousados,  
E de vencidos já desesperados.

## LX

Desta arte, emfim, tomada se rendeu  
 Aquela que, nos tempos já passados,  
 Á grande fôrça nunca obedeceu  
 Dos frios povos scíticos ousados,  
 Cujos poder a tanto se estendeu  
 Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados;  
 E, emfim, co' o Bétis tanto alguns puderam  
 Que à terra de Vandália nome deram.

## LXI

?Que cidade tão forte porventura  
 Haverá que resista, se Lisboa  
 Não pôde resistir à fôrça dura  
 Da gente cuja fama tanto voa?  
 Já lhe obedece toda a Estremadura,  
 O'bidos, Alenquer (por onde soa  
 O tom das frescas águas entre as pedras,  
 Que murmurando lava) e Tôrres Vedras.

## LXII

E vós também, ó terras transtaganas,  
 Afamadas co' o dom da flava Ceres,  
 Obedeceis às fôrças mais que humanas,  
 Entregando-lhe os muros e os poderes;  
 E tu, lavrador mouro, que te enganas,  
 Se sustentar a fértil terra queres;  
 Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,  
 E Alcácer de Sal estão rendidas.

## LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento  
 Do rebelde Sertório antigamente,  
 Onde ora as águas nítidas de argento  
 Veem sustentar de longo a terra e a gente,  
 Pelos arcos reais, que, cento e cento,  
 Nos ares se alevantam nobremente,  
 Obedeceu por meio e ousadia  
 De Geraldo, que mêdos não temia.

## LXIV

Já na cidade Beja vai tomar  
Vingança de Trancoso destruída  
Afonso, que não sabe sossegar,  
Por estender co'a fama a curta vida.  
Não se lhe pode muito sustentar  
A cidade; mas, sendo já rendida,  
Em toda a cousa viva a gente irada  
Provando os fios vai da dura espada.

## LXV

Com estas subjugada foi Palmela  
E a piscosa Sezimbra e, juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrêla,  
Desbarata um exército potente  
(Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela),  
Que a socorrê-la vinha diligente  
Pela fralda da serra, descuidado  
Do temeroso encontro inopinado.

## LXVI

O rei de Badajoz era alto mouro,  
Com quatro mil cavalos furiosos  
(Inúmeros peões), de armas e de ouro  
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.  
Mas, qual no mês de Maio o bravo touro,  
Co'os ciúmes da vaca, arreceosos,  
Sentindo gente, o bruto e cego amante,  
Salteia o descuidado caminhante:

## LXVII

Desta arte Afonso, súbito mostrado,  
Na gente dá, que passa bem segura;  
Fere, mata, derriba denodado;  
Foge o rei mouro e só da vida cura.  
Dum pânico terror todo assombrado,  
Só de seguí-lo o exército procura;  
Sendo estes que fizeram tanto abalo  
Não mais que só sessenta de cavalo.

## LXVIII

Logo segue a vitória, sem tardança,  
 O grão rei incansável, ajuntando  
 Gentes de todo o reino, cuja usança  
 Era andar sempre terras conquistando.  
 Cercar vai Badajoz e logo alcança  
 O fim de seu desejo, pelejando  
 Com tanto esforço e arte e valentia,  
 Que a fez fazer às outras companhia.

## LXIX

Mas o alto Deus, que para longe guarda  
 O castigo daquele que o merece,  
 Ou para que se emende, às vezes tarda,  
 Ou por segredos que homem não conhece,  
 Se até'qui sempre o forte rei resguarda  
 Dos perigos a que êle se oferece,  
 Agora lhe não deixa ter defesa  
 Da maldição da mãe que estava presa:

## LXX

Que, estando na cidade que cercara,  
 Cercado nela foi dos leoneses,  
 Porque a conquista dela lhe tomara,  
 De Leão sendo e não dos portugueses.  
 A pertinácia aqui lhe custa cara,  
 Assim como acontece muitas vezes,  
 Que em ferros quebra as pernas, indo aceso  
 À batalha, onde foi vencido e preso.

## LXXI

O' famoso Pompeio, não te pene  
 De teus feitos ilustres a ruína,  
 Nem ver que a justa Nêmesis ordene  
 Ter teu sogro de ti vitória dina,  
 Pôsto que o frio Fásis ou Siene,  
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,  
 O Bootes gelado e a linha ardente  
 Temessem o teu nome geralmente.

## LXXII

Pôsto que a rica Arábia e que os ferozes  
Heníocos e colcos, cuja fama  
O véu dourado estende, e os capadozes  
E Judea, que um Deus adora e ama,  
E que os moles sofenos e os atroces  
Cilícios, com a Arménia, que derrama  
As águas dos dous rios cuja fonte  
Está noutro mais alto e santo monte,

## LXXIII

E pôsto, enfim, que desde o mar de Atlante  
Até o scítico Tauro, monte erguido,  
Já vencedor te vissem, não te espante  
Se o campo emátio só te viu vencido;  
Porque Afonso verás, soberbo e ovante,  
Tudo render e ser depois rendido.  
Assim o quis o conselho alto, celeste,  
Que vença o sogro a ti e o genro a êste.

## LXXIV

Tornado o rei sublime, finalmente,  
Do divino juízo castigado,  
Depois que em Santarém soberbamente,  
Em vão, dos sarracenos foi cercado,  
E depois que do mártire Vicente  
O santíssimo corpo venerado  
Do Sacro promontório conhecido  
Á cidade ulissea foi trazido;

## LXXV

Por que levasse avante seu desejo,  
Ao forte filho manda, o lasso velho,  
Que às terras se passasse de Alentejo,  
Com gente e co' o beligerο aparelho.  
Sancho, de esfôrço e de ânimo sobejo,  
Ávante passa e faz correr vermelho  
O rio que Sevilha vai regando,  
Co' o sangue mauro, bárbaro e nefando.

## LXXVI

E, com esta vitória cobiçoso,  
Já não descansa o moço, até que veja  
Outro estrago como êste, temeroso,  
No bárbaro que tem cercado Beja.  
Não tarda muito o príncipe ditoso  
Sem ver o fim daquilo que deseja.  
Assim estragado, o mouro na vingança  
De tantas perdas põe sua esperança.

## LXXVII

Já se ajuntam do monte a quem Medusa  
O corpo fez perder que teve o céu;  
Já veem do promontório de Ampelusa  
E do Tinge, que assento foi de Anteu.  
O morador de Abila não se escusa,  
Que também com suas armas se moveu,  
Ao som da mauritana e ronca tuba,  
Todo o reino que foi do nobre Juba.

## LXXVIII

Entrava, com toda esta companhia,  
O miralmumini em Portugal;  
Treze reis mouros leva de valia,  
Entre os quais tem o scetro imperial.  
E assim, fazendo quanto mal podia,  
O que em partes podia fazer mal,  
Dom Sancho vai cercar em Santarém;  
Porém não lhe sucede muito bem.

## LXXIX

Dá-lhe combates ásperos, fazendo  
Ardis de guerra mil, o mouro iroso;  
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,  
Mina secreta, aríete forçoso;  
Porque o filho de Afonso, não perdendo  
Nada do esforço e acôrdo generoso,  
Tudo provê com ânimo e prudência,  
Que em toda a parte há esforço e resistência.

## LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado  
Os trabalhosos anos ao sossêgo,  
Estando na cidade cujo prado  
Enverdecem as águas do Mondego,  
Sabendo como o filho está cercado,  
Em Santarém do mauro povo cego,  
Se parte diligente da cidade;  
Que não perde a presteza co'a idade.

## LXXXI

E co'a famosa gente, à guerra usada,  
Vai socorrer o filho; e assim ajuntados,  
A portuguesa fúria costumada  
Em breve os mouros tem desbaratados  
A campina, que toda está coalhada  
De marlotas, capuzes variados,  
De cavalos, jaezes, presa rica,  
De seus senhores mortos cheia fica.

## LXXXII

Logo todo o restante se partiu  
De Lusitânia, postos em fugida;  
O miralmumini só não fugiu,  
Porque, antes de fugir, lhe foge a vida.  
A quem lhe esta vitória permitiu  
Dão louvores e graças sem medida;  
Que, em casos tão estranhos, claramente  
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

## LXXXIII

De tamanhas vitórias triunfava  
O velho Afonso, príncipe subido,  
Quando quem tudo enfim vencendo andava,  
Da larga e muita idade foi vencido.  
A pálida doença lhe tocava,  
Com fria mão, o corpo enfraquecido;  
E pagaram seus anos, dêste jeito,  
Á triste Libitina seu direito.

## LXXXIV

Os altos promontórios o choraram,  
 E dos rios as águas saúdosas  
 Os semeados campos alagaram  
 Com lágrimas correndo piedosas;  
 Mas tanto pelo mundo se alargaram,  
 Com fama, suas obras valerosas,  
 Que sempre no seu reino chamarão:  
 Afonso, Afonso, os ecos; mas em vão.

## LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara  
 Imitando seu pai na valentia,  
 E que em sua vida já se experimentara  
 Quando o Bétis de sangue se tingia  
 E o bárbaro poder desbaratara  
 Do ismaelita rei de Andaluzia,  
 E mais quando os que Beja em vão cercaram,  
 Os golpes de seu braço em si provaram;

## LXXXVI

Depois que foi por rei alevantado,  
 Havendo poucos anos que reinava,  
 A cidade de Silves tem cercado,  
 Cujos campos o bárbaro lavrava.  
 Foi das valentes gentes ajudado  
 Da germânica armada que passava,  
 De armas fortes e gente apercebida,  
 A recobrar Judea já perdida.

## LXXXVII

Passavam a ajudar na santa emprêsa  
 O roxo Frederico, que moveu  
 O poderoso exército, em defesa  
 Da cidade onde Cristo padeceu,  
 Quando Guido, co'a gente em sêde acesa,  
 Ao grande Saladino se rendeu,  
 No lugar onde aos mouros sobejavam  
 As águas que os de Guido desejavam.

## LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera  
 Por contraste de vento àquela parte,  
 Sancho quis ajudar na guerra fera,  
 Já que em serviço vai do santo Marte.  
 Assim como a seu pai acontecera  
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte  
 Do germano ajudado, Silves toma  
 E o bravo morador destrui e doma.

## LXXXIX

E, se tantos troféus do maometa  
 Alevantando vai, também do forte  
 Leonês não consente estar quieta  
 A terra, usada aos casos de Mavorte,  
 Até que na cerviz seu jugo mêta  
 Da soberba Tuí, que a mesma sorte  
 Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,  
 Que, por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

## XC

Mas, entre tantas palmas salteado  
 Da temerosa morte, fica herdeiro  
 Um filho seu, de todos estimado,  
 Que foi segundo Afonso e rei terceiro.  
 No tempo dêste, aos mouros foi tomado  
 Alcácere do Sal, por derradeiro;  
 Porque dantes os mouros o tomaram,  
 Mas agora estruídos o pagaram.

## XCI

Morto depois Afonso, lhe sucede  
 Sancho segundo, manso e descuidado;  
 Que tanto em seus descuidos se desmede  
 Que de outrem quem mandava era mandado.  
 De governar o reino, que outro pede,  
 Por causa dos privados foi privado,  
 Porque, como por êles se regia,  
 Em todos os seus vícios consentia.

## XCII

Não era Sancho, não, tão desonesto  
 Como Nero, que um moço recebia  
 Por mulher e, depois, horrendo incesto  
 Com a mãe Agripina cometia;  
 Nem tão cruel às gentes e molesto  
 Que a cidade queimasse onde vivia;  
 Nem tão mau como foi Heliogabalo,  
 Nem como o mole rei Sardanapalo.

## XCIII

Nem era o povo seu tiranizado,  
 Como Sicília foi de seus tiranos;  
 Nem tinha, como Fálaris, achado  
 Gênero de tormentos inumanos;  
 Mas o reino, de altivo e costumado  
 A senhores em tudo soberanos,  
 A rei não obedece nem consente  
 Que não fôr mais que todos excelente.

## XCIV

Por esta causa, o reino governou  
 O conde bolonhês, depois alçado  
 Por rei, quando da vida se apartou  
 Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.  
 Êste, que Afonso o Bravo se chamou,  
 Depois de ter o reino segurado,  
 Em dilatá-lo cuida, que em terreno  
 Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

## XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra  
 Em casamento dada, grande parte  
 Recupera co'o braço, e deita fora  
 O mouro, mal querido já de Marte.  
 Êste de todo fez livre e senhora  
 Lusitânia, com fôrça e bélica arte;  
 E acabou de oprimir a nação forte,  
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

## XCVI

Eis depois vem Dinis, que bem parece  
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,  
Com quem a fama grande se escurece  
Da liberalidade alexandrina.  
Com êste o reino próspero floresce  
(Alcançada já a paz áurea divina)  
Em constituições, leis e costumes,  
Na terra já tranqüila claros lumes.

## XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
O valeroso ofício de Minerva;  
E de Helicon a Musas fez passar-se  
A pisar de Mondego a fértil erva.  
Quanto pode de Atenas desejar-se  
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.  
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,  
Do báculo e do sempre verde louro.

## XCVIII

Nobres vilas de novo edificou,  
Fortalezas, castelos mui seguros,  
E quási o reino todo reformou  
Com edifícios grandes e altos muros;  
Mas depois que a dura Átropos cortou  
O fio de seus dias já maduros,  
Ficou-lhe o filho, pouco obediente,  
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

## XCIX

Êste sempre as soberbas castelhanas  
Co' o peito desprezou firme e sereno,  
Porque não é das fôrças lusitanas  
Temer poder maior, por mais pequeno;  
Mas porém, quando as gentes mauritanas,  
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.  
A possuir o hespérico terreno,  
Entraram pelas terras de Castela,

## C

Nunca com Semiramis gente tanta  
Veio os campos idáspicos enchendo,  
Nem Átila, que Itália toda espanta,  
Chamando-se de Deus açoute horrendo,  
Gótica gente trouxe tanta, quanta  
Do sarraceno bárbaro, estupendo.  
Co' o poder excessivo de Granada,  
Foi nos campos tartéssios ajuntada.

## CI

E, vendo o rei sublime castelhano  
A fôrça inexpugnável, grande e forte,  
Temendo mais o fim do povo hispano  
(Já perdido uma vez) que a própria morte,  
Pedindo ajuda ao forte lusitano  
Lhe mandava a caríssima consorte,  
Mulher de quem a manda e filha amada  
Daquele a cujo reino foi mandada.

## CII

Entrava a formosíssima Maria  
Pelos paternais paços sublimados,  
Lindo o gesto, mas fora de alegria,  
E seus olhos em lágrimas banhados.  
Os cabelos angélicos trazia  
Pelos ebúrneos ombros espalhados.  
Diante do pai ledo, que a agasalha,  
Estas palavras tais, chorando, espalha:

## CIII

Quantos povos, a terra produziu  
De África toda, gente fera e estranha,  
O grão rei de Marrocos conduziu  
Para vir possuir a nobre Espanha:  
Poder tamanho junto não se viu,  
Depois que o salso mar a terra banha.  
Trazem ferocidade e furor tanto  
Que a vivos mêdo e a mortos faz espanto!

## CIV

Aquele que me deste por marido,  
 Por defender sua terra amedrontada,  
 Co' o pequeno poder, oferecido  
 Ao duro golpe está da maura espada.  
 E, se não fôr contigo socorrido,  
 Ver-me hás dêle e do reino ser privada;  
 Viúva e triste e posta em vida escura,  
 Sem marido, sem reino e sem ventura.

## CV

Portanto, ó rei, de quem com puro mêdo  
 O corrente Moluca se congela,  
 Rompe toda a tardança, acude cedo  
 Á miseranda gente de Castela.  
 Se êsse gesto, que mostras claro e ledô,  
 De pai o verdadeiro amor assela,  
 Acude e corre, pai, que, se não corres,  
 Pode ser que não aches quem socorres.

## CVI

Não de outra sorte a tímida Maria  
 Falando está que a triste Vênus, quando  
 A Júpiter, seu pai, favor pedia  
 Para Eneas, seu filho, navegando;  
 Qua a tanta piedade o comovia  
 Que, caído das mãos o raio infando,  
 Tudo o clemente Padre lhe concede,  
 Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

## CVII

Mas já co' os esquadrões da gente armada  
 Os eborenses campos vão coalhados;  
 Lustra co' o sol o arnês, a lança, a espada;  
 Vão rinchando os cavalos jaezados.  
 A canora trombeta embandeirada  
 Os corações, à paz acostumados,  
 Vai às fulgentes armas incitando,  
 Pelas concavidades retumbando.

## CVIII

Entre todos no meio se sublima,  
Das insígnias reais acompanhado,  
O valeroso Afonso, que por cima  
De todos leva o colo alevantado,  
E sómente co'o gesto esforça e anima  
A qualquer coração amedrontado.  
Assim entra nas terras de Castela  
Com a filha gentil, rainha dela.

## CIX

Juntos os dois Afonsos, finalmente  
Nos campos de Tarifa estão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Para quem são pequenos campo e monte.  
Não há peito tão alto e tão potente  
Que de desconfiança não se afronte,  
Emquanto não conheça e claro veja  
Que co'o braço dos seus Cristo peleja.

## CX

Estão de Agar os netos quási rindo  
Do poder dos cristãos, fraco e pequeno,  
As terras como suas repartindo,  
Antemão, entre o exército agareno,  
Que, com título falso, possuindo  
Está o famoso nome sarraceno.  
Assim também com falsa conta e nua,  
Á nobre terra alheia chamam sua.

## CXI

Qual o membrudo e bárbaro gigante,  
Do rei Saúl, com causa, tão temido,  
Vendo o pastor inerme estar diante,  
Só de pedras e esfôrço apercebido,  
Com palavras soberbas, o arrogante,  
Despreza o fraco moço mal vestido,  
Que, rodeando a funda, o desengana  
Quanto mais pode a fé que a fôrça humana;

## CXII

Desta arte o mouro pérfido despreza  
O poder dos cristãos, e não entende  
Que está ajudado da alta fortaleza  
A quem o inferno horrífico se rende.  
Com ela o castelhano, e com destreza,  
De Marrocos o rei comete e ofende;  
O português, que tudo estima em nada,  
Se faz temer ao reino de Granada.

## CXIII

Eis as lanças e espadas retiniam  
Por cima dos arneses (bravo estrago);  
Chamam, segundo as leis que ali seguiam,  
Uns Mafamede e os outros Santiago.  
Os feridos com grita o céu feriam,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros, meios mortos, se afogavam,  
Quando do ferro as vidas escapavam.

## CXIV

Com esfôrço tamanho estrui e mata  
O luso ao granadil, que, em pouco espaço,  
Totalmente o poder lhe desbarata,  
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.  
De alcançar tal vitória tão barata  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vai ajudar ao bravo castelhano,  
Que pelejando está co'o mauritano.

## CXV

Já se ia o sol ardente recolhendo  
Para a casa de Tétis, e inclinado  
Para o ponente, o véspero trazendo,  
Estava o claro dia memorado,  
Quando o poder do mouro, grande e horrendo,  
Foi pelos fortes reis desbaratado,  
Com tanta mortandade que a memória  
Nunca no mundo viu tão grão vitória.

## CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mário  
Dos que morreram neste vencimento,  
Quando as águas co'o sangue do adversário  
Fez beber ao exército sedento;  
Nem o peno, asperíssimo contrário  
Do romano poder, de nascimento,  
Quando tantos matou da illustre Roma,  
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

## CXVII

E, se tu tantas almas só pudeste  
Mandar ao reino escuro de Cocito,  
Quando a santa cidade desfizeste  
Do povo pertinaz no antigo rito,  
Permissão e vingança foi celeste,  
E não fôrça de bravo, ó nobre Tito;  
Que assim dos vates foi profetizado,  
E depois por Jesus certificado.

## CXVIII

Passada esta tão próspera vitória,  
Tornado Afonso à lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta glória  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste, e digno da memória  
Que do sepulcro os homens desenterra,  
Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi rainha.

## CXIX

Tu, só tu, puro Amor, com fôrça crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fôra pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

## CXX

Estavas, linda Inês, posta em sossêgo,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledó e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saüdosos campos do Mondego,  
De teus formsoos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

## CXXI

Do teu príncipe ali tẽ respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus formosos se apartavam;  
De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia, em pensamentos que voavam.  
E quanto, emfim, cuidava e quanto via  
Eram tudo memórias de alegria.

## CXXII

De outras belas senhoras e princesas  
Os desejados tálamos enjeita,  
Que tudo, emfim, tu, puro amor, desprezas  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas eütranhezas,  
O velho pai sesudo, que respeita  
O murmurar do povo e a fantasia  
Do filho, que casar-se não queria,

## CXXIII

Tirar Inês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co'ó sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo aceso.  
; Que furor consentiu que a espada fina  
Que pôde sustentar o grande pêso  
Do furor mauro, fôsse alevantada  
Contra uma fraca dama delicada?

## CXXIV

Traziam-na os horríficos algozes  
 Ante o rei, já movido a piedade;  
 Mas o povo, com falsas e ferozes  
 Razões, à morte crua o persuade.  
 Ela, com tristes e piedosas vozes,  
 Saídas só da mágoa e saüdade  
 Do seu príncipe e filhos, que deixava,  
 Que mais que a própria morte a magoava,

## CXXV

Para o céu cristalino alevantando,  
 Com lágrimas, os olhos piedosos  
 (Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
 Um dos duros ministros rigorosos);  
 E depois nos meninos atentando,  
 Que tão queridos tinha e tão mimosos,  
 Cujá orfandade como mãe temia,  
 Para o avô cruel assim dizia:

## CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aves agrestes, que sómente  
 Nas rapinas aéreas teem o intento,  
 Com pequenas crianças viu a gente  
 Terem tão piedoso sentimento  
 Como co'a mãe de Nino já mostraram,  
 E co'os irmãos que Roma edificaram:

## CXXVII

O' tu, que tens de humano o gesto e o peito  
 (Se de humano é matar uma donzela,  
 Fraca e sem fôrça, só por ter sujeito  
 O coração a quem soube vencê-la),  
 A estas criancinhas tem respeito,  
 Pois o não tens à morte escura dela;  
 Mova-te a piedade sua e minha,  
 Pois te não move a culpa que não tinha.

## CXXVIII

E se, vencendo a maura resistência,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe também dar vida, com clemência,  
A quem para perdê-la não fez êrro.  
Mas, se to assim merece esta inocência,  
Põe-me em perpétuo e mísero destêrro,  
Na Scitia fria ou lá na Líbia ardnete,  
Onde em lágrimas viva eternamente.

## CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre leões e tigres, e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei.  
Ali, co'amor intrínseco e vontade  
Naquele por quem morro, criarei  
Estas relíquias suas que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste.

## CXXX

Queria perdoar-lhe o rei benigno,  
Movido das palavras que o magoam;  
Mas o pertinaz povo e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoam.  
¿Contra uma dama, ó peitos carniceiros,  
Feros vos amostrais e cavaleiros?

## CXXXI

Qual contra a linda môça Policena,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Aquiles a condena,  
Co' o ferro o duro Pirro se aparelha;  
Mas ela, os olhos com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha)  
Na mísera mãe postos, que endoidece,  
Ao duro sacrificio se oferece:

## CXXXII

Tais contra Inês os brutos matadores,  
 No colo de alabastro, que sustinha  
 As obras com que Amor matou de amores  
 Aquele que depois a fez rainha,  
 As espadas banhando, e as brancas flores,  
 Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
 Se encarniçavam, fêrvidos e irosos,  
 No futuro castigo não cuidadosos.

## CXXXIII

Bem puderas, ó sol, da vista dêstes,  
 Teus raios apartar aquele dia,  
 Como da seva mesa de Tiestes,  
 Quando os filhos por mão de Atreu comia.  
 Vós, ó côncavos vales, que pudestes  
 A voz extrema ouvir da bôca fria,  
 O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
 Por muito grande espaço repetistes.

## CXXXIV

Assim como a bonina que cortada  
 Antes do tempo foi, cândida e bela,  
 Sendo das mãos lascivas maltratada  
 Da menina que a trouxe na capela,  
 O cheiro traz perdido e a côr murchada:  
 Tal está, morta, a pálida donzela,  
 Sêcas do rosto as rosas e perdida  
 A branca e viva côr, co'a doce vida.

## CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura  
 Longo tempo chorando memoraram,  
 E, por memória eterna, em fonte pura  
 As lágrimas choradas transformaram.  
 O nome lhe puseram, que inda dura,  
 Dos amores de Inês, que ali passaram.  
 Vêde que fresca fonte rega as flores,  
 Que lágrimas são a água e o nome Amores.

## CXXXVI

Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que, em tomando do reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas.  
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,  
Que ambos, inimigos das humanas vidas,  
O concêrto fizeram, duro e injusto,  
Que com Lépido e Antônio fez Augusto.

## CXXXVII

Êste castigador foi rigoroso  
De latrocínios, mortes e adultérios;  
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,  
Eram os seus mais certos refrigérios.  
As cidades guardando, justiçaoso,  
De todos os soberbos vitupérios,  
Mais ladrões, castigando, à morte deu,  
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

## CXXXVIII

Do justo e duro Pedro nasce o brando  
(Vêde da natureza o desconcêrto),  
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,  
Que todo o reino pôs em muito apêrto;  
Que, vindo o castelhano devastando  
As terras sem defesa, esteve perto  
De destruir-se o reino totalmente;  
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

## CXXXIX

Ou foi castigo claro do pecado  
De tirar Leonor a seu marido  
E casar-se com ela, de enlevado  
Num falso parecer mal entendido;  
Ou foi que o coração, sujeito e dado  
Ao vício vil, de quem se viu rendido,  
Mole se fez e fraco; e bem parece  
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

## CXL

Do pecado tiveram sempre a pena  
 Muitos, que Deus o quis e permitiu:  
 Os que foram roubar a bela Helena,  
 E com Ápio também Tarquino o viu.  
 Pois por quem David Santo se condena?  
 ¿ Ou quem o tribu ilustre destruiu  
 De Benjamim? Bem claro no-lo ensina  
 Por Sarra Faraó, Siquem por Dina.

## CXLII

E pois, se os peitos fortes enfraquece  
 Um inconcesso amor desatinado,  
 Bem no filho de Alcmena se parece  
 Quando em Onfale andava transformado.  
 De Marco Antônio a fama se escurece  
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado.  
 Tu também, peno próspero, o sentiste  
 Depois que ãa moça vil na Apúlia viste.

## CXLII

¿ Mas quem pode livrar-se, porventura,  
 Dos laços que Amor arma brandamente  
 Entre as rosas e a neve humana pura,  
 O ouro e o alabastro transparente?  
 ¿ Quem, de uma peregrina formosura,  
 De um vulto de Medusa propriamente,  
 Que o coração converte que tem preso,  
 Em pedra, não, mas em desejo aceso?

## CXLIII

¿ Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,  
 Uma suave e angélica excelência,  
 Que em si está sempre as almas transformando,  
 Que tivesse contra ela resistência?  
 Desculpado por certo está Fernando,  
 Para quem tem de amor experiência;  
 Mas antes, tendo livre a fantasia,  
 Por muito mais culpado o julgaria.

## CANTO QUARTO

### I

Depois de procelosa tempestade,  
Nocturna sombra e sibilante vento,  
Traz a manhã serena, claridade,  
Esperança de pôrto e salvamento;  
Aparta o sol a negra escuridade,  
Removendo o temor ao pensamento.  
Assim no reino forte aconteceu  
Depois que o rei Fernando faleceu.

### II

Porque, se muito os nossos desejaram  
Quem os danos e ofensas vá vingando  
Naqueles que tão bem se aproveitaram  
Do descuido remisso de Fernando,  
Depois de pouco tempo o alcançaram,  
Joane, sempre ilustre, alevantando  
Por rei, como de Pedro único herdeiro  
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

### III

Ser isto ordenação dos céus divina  
Por sinais muito claros se mostrou,  
Quando em Évora a voz de uma menina,  
Ante tempo falando, o nomeou,  
E, como cousa, emfim, que o céu destina,  
No berço o corpo e a voz alevantou:  
Portugal, Portugal, alçando a mão,  
Disse, pelo rei novo, Dom João.

## IV

Alteradas então do reino as gentes  
Co' o ódio que ocupado os peitos tinha,  
Absolutas cruezas e evidentes  
Faz do povo o furor por onde vinha;  
Matando vão amigos e parentes  
Do adúltero conde e da rainha,  
Com quem sua incontinência desonesta  
Mais, depois de viúva, manifesta.

## V

Mas êle, emfim , com causa desonrado,  
Diante dela a ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado,  
Que tudo o fogo erguido queima e corre:  
Quem, como Astianax, precipitado,  
Sem lhe valerem ordens, de alta tôrre;  
A quem ordens, nem aras, nem respeito;  
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

## VI

Podem-se pôr em longo esquecimento  
As cruezas mortais que Roma viu,  
Feitas do feroz Mário e do cruento  
Sila, quando o contrário lhe fugiu.  
Por isso Leonor, que o sentimento  
Do morto conde ao mundo descobriu,  
Faz contra Lusitânia vir Castela,  
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

## VII

Beatriz era a filha, que casada  
Co' o castelhano está que o reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Castela alevantada,  
Dizendo que esta filha ao pai sucede,  
Suas fôrças ajunta, para as guerras,  
De várias regiões e várias terras.

## VIII

Vem de toda a província que de um Brigo  
(Se foi) já teve o nome derivado;  
Das terras que Fernando e que Rodrigo  
Ganharam do tirano e mauro estado.  
Não estimam das armas o perigo  
Os que cortando vão co' o duro arado  
Os campos leoneses, cuja gente  
Co'os mouros foi nas armas excelente.

## IX

Os vândalos, na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntavam  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Guadalquivir as águas lavam.  
A nobre ilha também se apercebia  
Que antigamente os tírios habitavam,  
Trazendo por insígnias verdadeiras  
As hercúleas colunas nas bandeiras.

## X

Também vem lá do reino de Toledo,  
Cidade nobre e antiga, a quem cercando  
O Tejo em tórno vai, suave e ledó,  
Que das serras de Conca vem manando.  
A vós outros também não tolhe o mêdo,  
O' sórdidos galegos, duro bando,  
Que, para resistirdes, vos armastes,  
Áqueles cujos golpes já provastes.

## XI

Também movem da guerra as negras fúrias  
A gente biscainha, que carece  
De polidas razões, e que as injúrias  
Muito mal dos estranhos compadece.  
A terra de Guipúscoa e das Astúrias,  
Que com minas de ferro se ennobrece,  
Armou dêle os soberbos moradores,  
Para ajudar na guerra a seus senhores.

## XII

Joane, a quem do peito o esforço cresce,  
 Como a Sansão hebreio da guedelha,  
 Pôsto que tudo pouco lhe parece,  
 Co'os poucos de seu reino se aparelha;  
 E, não porque conselho lhe falece,  
 Co'os principais senhores se aconselha,  
 Mas só por ver das gentes as sentenças,  
 Que sempre houve entre muitos diferenças.

## XIII

Não falta com razões quem desconcerte  
 Da opinião de todos, na vontade;  
 Em quem o esforço antigo se converte  
 Em desusada e má deslealdade,  
 Podendo o temor mais, gelado, inerte,  
 Que a própria e natural fidelidade.  
 Negam o rei e a pátria e, se convém,  
 Negarão, como Pedro, o Deus que teem.

## XIV

Mas nunca foi que êste êrro se sentisse  
 No forte Dom Nuno Álvares; mas antes,  
 Pôsto que em seus irmãos tão claro o visse,  
 Reprovando as vontades inconstantes,  
 Aquelas duvidosas gentes disse,  
 Com palavras mais duras que elegantes,  
 A mão na espada, irado e não facundo,  
 Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

## XV

Como? ¿Da gente ilustre portuguesa  
 Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?  
 -Como? ¿Desta província, que princesa  
 Foi das gentes na guerra em toda parte,  
 Há-de sair quem negue ter defesa?  
 ¿Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte  
 De português, e por nenhum respeito  
 O próprio reino queira ver sujeito?

## XVI

Como? ;Não sois vós inda os descendentes  
Daqueles que, debaixo da bandeira  
Do grande Henriques, feros e valentes,  
Vencestes esta gente tão guerreira,  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Puseram em fugida, de maneira  
Que sete illustres condes lhe trouxeram  
Presos, afora a presa que tiveram?

## XVII

; Com quem foram contínuo sopeados  
Estes, de quem o estais agora vós,  
Por Dinis e seu filho sublimados,  
Senão co'os vossos fortes pais e avós?  
Pois se, com seus descuidos ou pecados,  
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,  
Torne-vos vossas fôrças o rei novo,  
Se é certo que co'o rei se muda o povo.

## XVIII

Rei tendes tal que, se o valor tiverdes  
Igual ao rei que agora alevantastes,  
Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
Quanto mais a quem já desbaratastes.  
E, se com isto, emfim, vos não moverdes  
Do penetrante mêdo que tomastes,  
Atai as mãos a vosso vão receio,  
Que, eu só, resistirei ao jugo alheio.

## XIX

Eu só, com meus vassallos e com esta  
(E dizendo isto arranca meia espada),  
Defenderei da fôrça dura e infesta  
A terra nunca de outrem subjugada.  
Em virtude do rei, da pátria mesta,  
Da lealdade já por vós negada,  
Vencerei não só estes adversários,  
Mas quantos a meu rei forem contrários.

## XX

Bem como entre os mancebos recolhidos  
Em Canúcio, relíquias sós de Canas,  
Já para se entregar quási movidos  
Á fortuna das fôrças africanas,  
Cornélio moço os faz que, compelidos  
Da sua espada, jurem que as romanas  
Armas não deixarão, emquanto a vida  
Os não deixar ou nelas fôr perdida:

## XXI

Dest'arte a gente força e esforço Nuno,  
Que, com lhe ouvir as últimas razões,  
Removem o temor frio, importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações.  
Nos animais cavalgam de Neptuno,  
Brandindo e volteando arremessões;  
Vão correndo e gritando, a bôca aberta:  
Viva o famoso rei que nos liberta!

## XXII

Das gentes populares, uns aprovam  
A guerra com que a pátria se sustinha;  
Uns as armas alimpam e renovam,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;  
Capacetes estofam, peitos provam,  
Arma-se cada um como convinha;  
Outros fazem vestidos de mil côres,  
Com letras e tenções de seus amores.

## XXIII

Com toda esta lustrosa companhia  
Joane forte sai da fresca Abrantes,  
Abrantes, que também da fonte fria  
Do Tejo logra as águas abundantes.  
Os primeiros armígeros regia  
Quem para reger era os mui possantes  
Orientais exércitos sem conto  
Com que passava Xerxes o Helesponto.

## XXIV

Dom Nuno Álvares digo: verdadeiro  
Açoute de soberbos castelhanos,  
Como já o fero huno o foi primeiro  
Para franceses, para italianos.  
Outro também, famoso cavaleiro,  
Que a ala direita tem dos lusitanos,  
Apto para mandá-los e regê-los,  
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

## XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,  
Antão Vasques de Almada é capitão,  
Que depois foi de Abranches nobre conde;  
Das gentes vai regendo a sestra mão.  
Logo na retaguarda não se esconde  
Das quinas e castelos o pendão,  
Com Joane, rei forte em toda parte  
Que escurecendo o preço vai de Marte.

## XXVI

Estavam pelos muros, temerosas  
E de um alegre mêdo quási frias,  
Rezando, as mães, irmãs, damas e espôsas,  
Prometendo jejuns e romarias.  
Já chegam as esquadras belicosas  
Defronte das imigas companhias,  
Que com grita grandíssima as recebem;  
E todas grande dúvida concebem.

## XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,  
Pifaros sibilantes e atambores;  
Alfêrezes volteiam as bandeiras,  
Que variadas são de muitas côres.  
Era no sêco tempo que nas eiras  
Ceres o fruto deixa aos lavradores;  
Entra em Astrea o sol, no mês de Agosto;  
Baco das uvas tira o doce mosto.

## XXVIII

Deu sinal a trombeta castelhana,  
 Horrendo, fero, ingente e temeroso;  
 Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana  
 Atrás tornou as ondas de medroso.  
 Ouviu o Douro e a terra transtagana;  
 Correu ao mar o Tejo duvidoso;  
 E as mães que o som terrível escutaram,  
 Aos peitos os filhinhos apertaram.

## XXIX

Quantos rostos ali se vêem sem côr,  
 Que ao coração acode o sangue amigo!  
 Que, nos perigos grandes, o temor  
 É maior muitas vezes que o perigo.  
 E se o não é, parece-o, que o furor  
 De ofender ou vencer o duro imigo  
 Faz não sentir que é perda grande e rara  
 Dos membros corporais, da vida cara.

## XXX

Começa-se a travar a incerta guerra:  
 De ambas partes se move a primeira ala;  
 Uns leva a defesa da própria terra,  
 Outros as esperanças de ganhá-la.  
 Logo o grande Pereira, em quem se encerra  
 Todo o valor, primeiro se assinala:  
 Derriba e encontra e a terra emfim semeia  
 Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

## XXXI

Já pelo espêso ar os estridentes  
 Farpões, setas e vários tiros voam;  
 Debaixo dos pés duros dos ardentes  
 Cavalos treme a terra, os vales soam.  
 Espedaçam-se as lanças, e as freqüentes  
 Quedas co'as duras armas tudo atroam.  
 Recrescem os imigos sôbre a pouca  
 Gente do fero Nuño, que os apouca.

## XXXII

Eis ali seus irmãos contra êle vão  
(Caso feio e cruel); mas não se espanta,  
Que menos é querer matar o irmão,  
Quem contra o rei e a pátria se alevanta.  
Dêstes arrenegados muitos são  
No primeiro esquadrão, que se adianta  
Contra irmãos e parentes (caso estranho),  
Quais nas guerras civis de Júlio e Magno.

## XXXIII

O' tu, Sertório, ó nobre Coriolano,  
Catilina, e vós outros dos antigos  
Que contra vossas pátrias, com profano  
Coração, vos fizestes inimigos:  
Se lá no reino escuro de Sumano  
Receberdes gravíssimos castigos,  
Dizei-lhe que também dos portugueses  
Alguns traidores houve algumas vezes.

## XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a êles vão.  
Está ali Nuno, qual pelos outeiros  
De Ceuta está o fortíssimo leão  
Que cercado se vê dos cavaleiros  
Que os campos vão correr de Tetuão:  
Perseguem-no com as lanças, e êle, iroso,  
Torvado um pouco está, mas não medroso;

## XXXV

Com tôrva vista os vê, mas a natura  
Ferina e a ira não lhe compadecem  
Que as costas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrescem.  
Tal está o cavaleiro, que a verdura  
Tinge co' o sangue alheio; ali perecem  
Alguns dos seus, que o ânimo valente  
Perde a virtude contra tanta gente.

## XXXVI

Sentiu Joane a afronta que passava  
Nuno, que, como sábio capitão,  
Tudo corria e via e a todos dava,  
Com presença e palavras, coração.  
Qual parida leoa, fera e brava,  
Que os filhos, que no ninho sós estão,  
Sentiu que, emquanto pasto lhes buscara,  
O pastor de Massília lhos furtara,

## XXXVII

Corre raivosa e freme e com bramidos  
Os montes Sete Irmãos atoa e abala:  
Tal Joane, com outros escolhidos  
Dos seus, correndo acode à primeira ala:  
O' fortes companheiros, ó subidos  
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,  
Defendei vossas terras, que a esperança  
Da liberdade está na vossa lança!

## XXXVIII

Vêdes-me aqui, rei vosso e companheiro,  
Que entre as lanças e setas e os arneses  
Dos inimigos corro e vou primeiro;  
Pelejai, verdadeiros portugueses!  
Isto disse o magnânimo guerreiro  
E, sopesando a lança quatro vezes,  
Com fôrça tira; e dêste único tiro  
Muitos lançaram o último suspiro.

## XXXIX

Porque eis os seus, acesos novamente  
De uma nobre vergonha e honroso fogo,  
Sôbre qual mais, com ânimo valente,  
Perigos vencerá do márcio jôgo,  
Porfiam; tinge o ferro o fogo ardente;  
Rompem malhas primeiro e peitos logo.  
Assim recebem junto e dão feridas,  
Como a quem já não dói perder as vidas.

## XL

A muitos mandar ver o estígio lago,  
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.  
O mestre morre ali de Santiago,  
Que fortíssimamente pelejava;  
Morre também, fazendo grande estrago,  
Outro mestre cruel de Calatrava.  
Os Pereiras também, arrenegados,  
Morrem, arrenegando o céu e os fados.

## XLI

Muitos também do vulgo vil, sem nome,  
Vão, e também dos nobres, ao profundo,  
Onde o trifauce cão perpétua fome  
Tem das almas que passam dêste mundo.  
E, porque mais aqui se amanse e dome  
A soberba do imigo furibundo,  
A sublime bandeira castelhana  
Foi derribada aos pés da lusitana.

## XLII

Aqui a fera batalha se encrucece  
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;  
A multidão da gente que perece  
Tem as flores da própria côr mudadas.  
Já as costas dão e as vidas; já falece  
O furor e sobejam as lançadas;  
Já de Castela o rei desbaratado  
Se vê e de seu propósito mudado.

## XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,  
Contente de lhe não deixar a vida.  
Seguem-no os que ficaram, e o temor  
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.  
Encobrem no profundo peito a dor  
Da morte, da fazenda despendida,  
Da mágoa, da desonra e triste nojo  
De ver outrem triunfar de seu despôjo.

## XLIV

Alguns vão maldizendo e blasfemando  
Do primeiro que guerra fez no mundo;  
Outros a sêde dura vão culpando  
Do peito cobiçoso e sitibundo,  
Que, por tomar o alheio, o miserando  
Povo aventura às penas do profundo,  
Deixando tantas mães, tantas espôsas,  
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

## XLV

O vencedor Joane esteve os dias  
Costumados no campo, em grande glória;  
Com ofertas, depois, e romarias,  
As graças deu a quem lhe deu vitória.  
Mas Nuno, que não quer por outras vias  
Entre as gentes deixar de si memória  
Senão por armas sempre soberanas,  
Para as terras se passa transtaganas.

## XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira  
Que fez igual o efeito ao pensamento,  
Porque a terra dos vândalos, fronteira,  
Lhe concede o despôjo e o vencimento.  
Já de Sevilha a bética bandeira,  
E de vários senhores, num momento  
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,  
Obrigados da fôrça portuguesa.

## XLVII

Destas e outras vitórias longamente  
Eram os castelhanos oprimidos,  
Quando a paz, desejada já da gente,  
Deram os vencedores aos vencidos,  
Depois que quis o Padre omnipotente  
Dar os reis inimigos por maridos  
Às suas ilustríssimas inglesas,  
Gentis, formosas, ínclitas princesas.

## XLVIII

Não sofre o peito forte, usado à guerra,  
Não ter imigo já a quem faça dano;  
E assim, não tendo a quem vencer na terra,  
Vai cometer as ondas do oceano.  
Este é o primeiro rei que se desterra  
Da pátria, por fazer que o africano  
Conheça, pelas armas, quanto excede  
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

## XLIX

Eis mil nadantes aves, pelo argento  
Da furiosa Tétis inquieta,  
Abrindo as pandas asas vão ao vento,  
Para onde Alcides pôs a extrema meta.  
O monte Abila e o nobre fundamento  
De Ceita toma, e o torpe maometa  
Deita fora, e segura toda Espanha  
Da juliana, má e desleal manha.

## L

Não consentiu a morte tantos anos  
Que de herói tão ditoso se lograsse  
Portugal, mas os coros soberanos  
Do céu supremo quis que povoasse.  
Mas, para defensão dos lusitanos,  
Deixou quem o levou, quem governasse  
E aumentasse a terra mais que dantes:  
Inclita geração, altos infantes.

## LI

Não foi do rei Duarte tão ditoso  
O tempo que ficou na suma alteza,  
Que assim vai alternando o tempo iroso  
O bem co'o mal, o gôsto co'a tristeza.  
Quem viu sempre um estado deleitoso?  
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?  
Pois inda neste reino e neste rei  
Não usou ela tanto desta lei?

## LII

Viu ser cativo o santo irmão Fernando  
 (Que a tão altas emprêsas aspirava),  
 Que, por salvar o povo miserando  
 Cercado, ao sarraceno se entregava.  
 Só por amor da pátria está passando  
 A vida, de senhora feita escrava,  
 Por não se dar por êle a forte Ceita.  
 Mais o público bem que o seu respeita.

## LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,  
 Deixou antes vencer da morte a vida;  
 Régulo, porque a pátria não perdesse,  
 Quis mais a liberdade ver perdida.  
 Êste, porque se Espanha não temesse,  
 A cativo eterno se convida.  
 Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,  
 Nem os Décios leais, fizeram tanto.

## LIV

Mas Afonso, do reino único herdeiro,  
 Nome em armas ditoso em nossa Hespéria,  
 Que a soberba do bárbaro fronteiro  
 Tornou em baixa e humílisma miséria,  
 Fôra por certo invicto cavaleiro,  
 Se não quisera ir ver a terra ibéria.  
 Mas África dirá ser impossibil  
 Poder ninguém vencer o rei terríbil.

## LV

Êste pôde colhêr as maçãs de ouro  
 Que sómente o tiríntio colhêr pôde.  
 Do jugo que lhe pôs, o bravo mouro  
 A cerviz inda agora não sacode.  
 Na frente a palma leva e o verde louro  
 Das vitórias do bárbaro, que acode  
 A defender Alcácer, forte vila,  
 Tângere populoso e a dura Arzila.

## LVI

Porém elas, emfim, por fôrça entradas,  
Os muros abaixaram de diamante  
Às portuguesas fôrças, costumadas  
A derribarem quanto acham diante.  
Maravilhas em armas, estremadas  
E de escritura dignas elegante,  
Fizeram cavaleiros nesta emprêsa,  
Mais afinando a fama portuguesa.

## LVII

Porém depois, tocado de ambição  
E glória de mandar, amara e bela,  
Vai cometer Fernando de Aragão,  
Sôbre o potente reino de Castela.  
Ajunta-se a inimiga multidão  
Das soberbas e várias gentes dela,  
Desde Cádiz ao alto Pireneu,  
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

## LVIII

Não quis ficar nos reinos ocioso  
O mancebo Joane, e logo ordena  
De ir ajudar o pai ambicioso,  
Que então lhe foi ajuda não pequena.  
Saiu-se, emfim, do trance perigoso,  
Com fronte não torvada, mas serena.  
Desbaratado o pai sanguinolento,  
Mas ficou duvidoso o vencimento:

## LIX

Porque o filho, sublime e soberano,  
Gentil, forte, animoso cavaleiro,  
Nos contrários fazendo imenso dano,  
Todo um dia ficou no campo inteiro.  
Desta arte foi vencido Octaviano,  
E Antônio vencedor, seu companheiro,  
Quando daqueles que César mataram  
Nos filípicos campos se vingaram.

## LX

Porém, depois que a escura noite eterna  
 Afonso aposentou no céu sereno,  
 O príncipe que o reino então governa  
 Foi Joane segudo e rei trezeno.  
 Êste, por haver fama sempiterna,  
 Mais do que tentar pôde homem terreno,  
 Tentou, que foi buscar da roxa Aurora  
 Os términos, que eu vou buscando agora.

## LXI

Manda seus mensageiros, que passaram  
 Espanha, França, Itália celebrada,  
 E lá no ilustre pôrto se embarcaram  
 Onde já foi Partênopé enterrada:  
 Nápoles, onde os fados se mostraram,  
 Fazendo-a a várias gentes subjugada,  
 Pela ilustrar, no fim de tantos anos,  
 Co'o senhorio de ínclitos hispanos.

## LXII

Pelo mar alto sículo navegam;  
 Vão-se às praias de Rodes arenosas;  
 E dali às ribeiras altas chegam  
 Que com morte de Magno são famosas.  
 Vão a Menfis, e às terras que se regam  
 Das enchentes nilóticas undosas;  
 Sobem à Etiópia, sôbre Egipto,  
 Que de Cristo lá guarda o santo rito.

## LXIII

Passam também as ondas eritreas,  
 Que o povo de Israel sem nau passou;  
 Ficam-lhe atrás as serras nabateas,  
 Que o filho de Ismael co'o nome ornou.  
 As costas odoríferas sabeas,  
 Que a mãe do belo Adônis tanto honrou,  
 Cercam, com toda a Arábia descoberta,  
 Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

## LXIV

Entram no estreito pérsico, onde dura  
Da confusa Babel inda a memória;  
Ali co'o Tigre o Eufrates se mistura,  
Que as fontes onde nascem teem por glória.  
Dali vão em demanda da água pura,  
Que causa inda será de larga história,  
Do Indo, pelas ondas do oceano,  
Onde não se atreveu passar Trajano.

## LXV

Viram gentes incógnitas e estranhas  
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,  
Vendo vários costumes, várias manhas,  
Que cada região produz e cria.  
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,  
Tornar-se fácilmente não podia.  
Lá morreram, emfim, e lá ficaram,  
Que à desejada pátria não tornaram.

## LXVI

Parece que guardava o claro céu  
A Manuel e seus merecimentos  
Esta emprêsa tão árdua, que o moveu  
A subidos e ilustres movimentos.  
Manuel, que a Joane sucedeu  
No reino e nos altivos pensamentos,  
Logo como tomou do reino cargo,  
Tomou mais a conquista do mar largo.

## LXVII

O qual, como do nobre pensamento  
Daquela obrigação que lhe ficara  
De seus antepassados, cujo intento  
Foi sempre acrescentar a terra cara,  
Não deixasse de ser um só momento  
Conquistado, no tempo que a luz clara  
Foge, e as estrêlas nítidas que saem  
A repouso convidam quando caem,

## LXVIII

Estando já deitado no áureo leito,  
 Onde imaginações mais certas são,  
 Revolvendo contínuo no conceito  
 De seu officio e sangue a obrigação,  
 Os olhos lhe occupou o sono aceito,  
 Sem lhe desocupar o coração;  
 Porque, tanto que lasso se adormece,  
 Morfeu em várias formas lhe aparece.

## LXIX

Aqui se lhe apresenta que subia  
 Tão alto que tocava à prima esfera,  
 Donde diante vários mundos via,  
 Nações de muita gente, estranha e fera.  
 E lá bem junto donde nasce o dia,  
 Depois que os olhos longos estendera,  
 Viu de antigos, longínquos e altos montes  
 Nascerem duas claras e altas fontes.

## LXX

Aves agrestes, feras e alimárias  
 Pelo monte selvático habitavam;  
 Mil árvores silvestres e ervas várias  
 O passo e o trato às gentes atalhavam.  
 Estas duras montanhas, adversárias  
 De mais conversação, por si mostravam  
 Que, dêz que Adão pecou aos nossos anos,  
 Não as romperam nunca pés humanos.

## LXXI

Das águas se lhe antolha que saíam,  
 Para êle os largos passos inclinando,  
 Dois homens, que mui velhos pareciam,  
 De aspeito, inda que agreste, venerando.  
 Das pontas dos cabelos lhes caíam  
 Gotas, que o corpo todo vão banhando;  
 A côr da pele baça e denegrída,  
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprída.

## LXXII

De ambos de dois a frente coroada  
Ramos não conhecidos e ervas tinha.  
Um dêles a presença traz cansada,  
Como quem de mais longe ali caminha;  
E assim a água, com ímpeto alterada,  
Parecia que doutra parte vinha,  
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa  
Vai buscar os abraços de Aretusa.

## LXXIII

Êste, que era o mais grave na pessoa,  
Dest'arte para o rei de longe brada:  
O' tu, a cujos reinos e coroa  
Grande parte do mundo está guardada,  
Nós outros, cuja fama tanto voa,  
Cuja cerviz bem nunca foi domada,  
Te avisamos que é tempo que já mandes  
A receber de nós tributos grandes.

## LXXIV

Eu sou o ilustre Ganges, que na terra  
Celeste tenho o berço verdadeiro;  
Êst'outro é o Indo, rei, que, nesta serra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro.  
Custar-te hemos contudo dura guerra;  
Mas, insistindo tu, por derradeiro,  
Com não vistas vitórias, sem receio  
A quantas gentes vês porás o freio.

## LXXV

Não disse mais o rio ilustre e santo,  
Mas ambos desaparecem num momento.  
Acorda Emanuel c'um novo espanto  
E grande alteração de pensamento.  
Estendeu nisto Febo o claro manto  
Pelo escuro hemisfério sonolento;  
Veio a manhã no céu pintando as côres  
De pudibunda rosa e roxas flores.

## LXXVI

Chama o rei os senhores a conselho  
E propõe-lhe as figuras da visão;  
As palavras lhes diz do santo velho,  
Que a todos foram grande admiração.  
Determinam o náutico aparelho,  
Para que, com sublime coração,  
Vá a gente que mandar cortando os mares  
A buscar novos climas, novos ares.

## LXXVII

Eu, que bem mal cuidava que em efeito  
Se pusesse o que o peito me pedia,  
Que sempre grandes cousas dêste jeito,  
Pressago, o coração me prometia,  
Não sei por que razão, por que respeito,  
Ou por que bom sinal que em mim se via,  
Me põe o ínclito rei nas mãos a chave  
Dêste cometimento grande e grave.

## LXXVIII

E com rôgo e palavras amorosas,  
Que é um mando nos reis que a mais obriga,  
Me disse: As cousas árduas e lustrosas  
Se alcançam com trabalho e com fadiga;  
Faz as pessoas altas e famosas  
A vida que se perde e que periga,  
Que, quando ao mêdo infame não se rende,  
Então, se menos dura, mais se estende.

## LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido  
Para uma emprêsa, qual a vós se deve,  
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,  
O que eu sei que por mim vos será leve.  
Não sofri mais, mas logo: O' rei subido,  
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,  
É tão pouco por vós que mais me pena  
Ser esta vida cousa tão pequena.

## LXXX

Imaginai tamanhas aventuras  
 Quais Euristeu a Alcides inventava:  
 O leão cleoneu, harpias duras,  
 O porco de Erimanto, a hidra brava,  
 Descer, emfim, às sombras vãs e escuras  
 Onde os campos de Dite a Estige lava;  
 Porque a maior perigo, a mor afronta,  
 Por vós, ó rei, o espirito e carne é pronta.

## LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece  
 E com razões me louva esta vontade;  
 Que a virtude louvada vive e cresce  
 E o louvor altos casos persuade.  
 A acompanhar-me logo se oferece,  
 Obrigado de amor e de amizade,  
 Não menos cobiçoso de honra e fama,  
 O caro meu irmão Paulo da Gama.

## LXXXII

Mais se me ajunta Nicolau Coelho,  
 De trabalhos mui grande sofredor.  
 Ambos são de valia e de conselho,  
 De experiência em armas e furor.  
 Já de manceba gente me aparelho,  
 Em que cresce o desejo do valor;  
 Todos de grande esforço; e assim parece  
 Quem a tamanhas cousas se oferece.

## LXXXIII

Foram de Emanuel remunerados,  
 Porque com mais amor se apercebessem,  
 E com palavras altas animados  
 Para quantos trabalhos sucedessem.  
 Assim foram os Míneas ajuntados,  
 Para que o véu dourado combatessem,  
 Na fatídica nau, que ousou primeira  
 Tentar o mar Euxínio, aventureira.

## LXXXIV

E já no pôrto da inclita Ulissea,  
C'um alvoroço nobre e c'um desejo  
(Onde o licor mistura e branca area  
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)  
As naus prestes estão; e não refrea  
Temor nenhum o juvenil despejo,  
Porque a gente marítima e a de Marte  
Estão para seguir-me a toda parte.

## LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados  
De várias côres veem e várias artes,  
E não menos de esforço aparelhados  
Para buscar do mundo novas partes.  
Nas fortes naus os ventos sossegados  
Ondeiam os aéreos estandartes.  
Elas prometem, vendo os mares largos,  
De ser no Olimpo estrêlas, como a de Argos.

## LXXXVI

Depois de aparelhados, desta sorte,  
De quanto tal viagem pede e manda,  
Aparelhámos a alma para a morte,  
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.  
Para o sumo poder, que a etérea côrte  
Sustenta só co'a vista veneranda,  
Implorámos favor que nos guiasse  
E que nossos começos aspirasse.

## LXXXVII

Partimo-nos assim do santo templo  
Que nas praias do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, para exemplo,  
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.  
Certifico-te, ó rei, que, se contemplo  
Como fui destas praias apartado,  
Cheio dentro de dúvida e receio,  
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

## LXXXVIII

A gente da cidade, aquele dia,  
 (Uns por amigos, outros por parentes,  
 Outros por ver sómente) concorria,  
 Saúdosos na vista e descontentes.  
 E nós, co'a virtuosa companhia  
 De mil religiosos diligentes,  
 Em procissão solene, a Deus orando,  
 Para os batéis viemos caminhando.

## LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso  
 Por perdidos as gentes nos julgavam,  
 As mulheres c'um choro piedoso,  
 Os homens com suspiros que arrancavam.  
 Mães, espôsas, irmãs, que o temeroso  
 Amor mais desconfia, acrescentavam  
 A desesperação e frio mêdo  
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

## XC

Qual vai dizendo: O' filho, a quem eu tinha  
 Só para refrigério e doce amparo  
 Desta cansada já velhice minha,  
 Que em choro acabará, penoso e amaro,  
 Porque me deixas, mísera e mesquinha?  
 ¿Porque de mim te vais, ó filho caro,  
 A fazer o funéreo enterramento  
 Onde sejas de peixes mantimento?

## XCI

Qual em cabelo: O' doce e amado espôso,  
 Sem quem não quis Amor que viver possa,  
 ¿Porque is aventurar ao mar iroso  
 Essa vida que é minha e não é vossa?  
 ¿Como, por um caminho duvidoso,  
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
 ¿Nosso amor, nosso vão contentamento,  
 Quereis que com as velas leve o vento?

## XCII

Nestas e outras palavras que diziam,  
 De amor e de piedosa humanidade,  
 Os velhos e os meninos as seguiam,  
 Em quem menos esforço põe a idade.  
 Os montes de mais perto respondiam,  
 Quási movidos de alta piedade;  
 A branca areia as lágrimas banhavam,  
 Que em multidão com elas se igualavam.

## XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos  
 Nem a mãe, nem a espôsa, neste estado,  
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
 Do propósito firme começado,  
 Determinei de assim nos embarcarmos,  
 Sem o despedimento costumado,  
 Que, pôsto que é de amor usança boa,  
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

## XCIV

Mas um velho, de aspeito venerando,  
 Que ficava nas praias, entre a gente,  
 Postos em nós os olhos, meneando  
 Três vezes a cabeça, descontente,  
 A voz pesada um pouco alevantando,  
 Que nós no mar ouvimos claramente,  
 C'um saber só de experiências feito,  
 Tais palavras tirou do experto peito:

## XCV

O' glória de mandar, ó vã cobiça  
 Desta vaidade a quem chamamos fama!  
 O' fraudulento gôsto, que se atixa  
 C'uma aura popular, que honra se chama!  
 Que castigo tamanho e que justiça  
 Fazes no peito vão que muito te ama!  
 Que mortes, que perigos, que tormentas,  
 Que crueldades nêles experimentas!

## XCVI

Dura inquietação d'alma e da vida,  
 Fonte de desamparos e adultérios,  
 Sagaz consumidora conhecida  
 De fazendas, de reinos e de impérios:  
 Chamam-te ilustre, chamam-te subida,  
 Sendo digna de infames vitupérios;  
 Chamam-te fama e glória soberana,  
 Nomes com quem se o povo néscio engana.

## XCVII

¿ A que novos desastres determinas  
 De levar estes reinos e esta gente?  
 ¿ Que perigos, que mortes lhes destinas,  
 Debaixo dalgum nome preeminente?  
 ¿ Que promessas de reinos e de minas  
 De ouro, que lhes farás tão facilmente?  
 Que famas lhes prometerás? Que histórias?  
 Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

## XCVIII

Mas, ó tu, geração daquele insano  
 Cujó peccado e desobediência  
 Não sómente do reino soberano  
 Te pôs neste destêrro e triste ausência,  
 Mas inda doutro estado, mais que humano,  
 Da quieta e da simples inocência,  
 Idade de ouro, tanto te privou,  
 Que na de ferro e de armas te deitou:

## XCIX

Já que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enlevas a leve fantasia,  
 Já que à bruta crueza e feridade  
 Puseste nome, esfôrço e valentia,  
 Já que prezas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que devia  
 De ser sempre estimada, pois que já  
 Temeu tanto perdê-la quem a dá:

## C

¿ Não tens junto contigo o ismaelita,  
 Com quem sempre terás guerras sobejas?  
 ¿ Não segue êle do arábio a lei maldita,  
 Se tu pela de Cristo só pelejas?  
 ¿ Não tem cidades mil, terra infinita,  
 Se terras e riqueza mais desejas?  
 ¿ Não é êle por armas esforçado,  
 Se queres por vitórias ser louvado?

## CI

Deixas criar às portas o inimigo,  
 Por ires buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despovoe o reino antigo,  
 Se enfraqueça e se vá deitando a longe;  
 Buscas o incerto e incógnito perigo  
 Por que a fama te exalte e te lisonje  
 Chamando-te senhor, com larga cópia,  
 Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

## CII

Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,  
 Nas ondas vela pôs em sêco lenho!  
 Digno da eterna pena do profundo,  
 Se é justa a justa lei que sigo e tenho!  
 Nunca juízo algum, alto e profundo,  
 Nem cítara sonora ou vivo engenho,  
 Te dê por isso fama nem memória,  
 Mas contigo se acabe o nome e glória!

## CIII

Trouxe o filho de Jápeto do céu  
 O fogo que ajuntou ao peito humano,  
 Fogo que o mundo em armas acendeu,  
 Em mortes, em desonras (grande engano).  
 Quanto melhor nos fôra, Prometeu,  
 E quanto para o mundo menos dano,  
 Que a tua estátua ilustre não tivera  
 Fogo de altos desejos que a movera!

## CIV

Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pai, nem o ar vazio  
O grande architector co'o filho, dando  
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.  
Nenhum cometimento alto e nefando  
Por fogo, ferro, água, calma e frio,  
Deixa intentado a humana geração.  
Miserá sorte! Estranha condição!



## CANTO QUINTO

### I

Estas sentenças tais o velho honrado  
Vociferando estava, quando abrimos  
As asas ao sereno e sossegado  
Vento, e do pôrto amado nos partimos.  
E, como é já no mar costume usado,  
A vela desfraldando, o céu ferimos,  
Dizendo: Boa viagem! Logo o vento  
Nos troncos fez o usado movimento.

### II

Entrava neste tempo o eterno lume  
No animal nemeio truculento;  
E o mundo, que com tempo se consume,  
Na sexta idade andava, enfêrmo e lento.  
Nela vê, como tinha por costume,  
Cursos do sol quatorze vezes cento,  
Com mais noventa e sete, em que corria,  
Quando no mar a armada se estendia.

### III

Já a vista, pouco e pouco, se desterra  
Daqueles pátrios montes, que ficavam;  
Ficava o caro Tejo e a fresca serra  
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.  
Ficava-nos também na amada terra  
O coração, que as máguas lá deixavam.  
E, já depois que toda se escondeu,  
Não vimos mais, emfim, que mar e céu.

## IV

Assim fomos abrindo aqueles mares,  
Que geração alguma não abriu,  
As novas ilhas vendo e os novos ares  
Que o generoso Henrique descobriu;  
De Mauritânia os montes e lugares,  
Terra que Anteu num tempo possuía,  
Deixando à mão esquerda, que à direita  
Não há certeza doutra, mas suspeita.

## V

Passámos a grande ilha da Madeira,  
Que do muito arvoredos assim se chama;  
Das que nós povoámos a primeira,  
Mais célebre por nome que por fama.  
Mas, nem por ser do mundo a derradeira,  
Se lhe avantajam quantas Vênus ama;  
Antes, sendo esta sua, se esquecerá  
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.

## VI

Deixámos de Massília a estéril costa,  
Onde seu gado os azenegues pastam,  
Gente que as frescas águas nunca gosta,  
Nem as ervas do campo bem lhe abastam;  
A terra a nenhum fruto, enfim, disposta,  
Onde as aves no ventre o ferro gastam,  
Padecendo de tudo extrema inófia,  
Que aparta a Barbaria de Etiópia.

## VII

Passámos o limite aonde chega  
O sol, que para o norte os carros guia;  
Onde jazem os povos a quem nega  
O filho de Climene a côr do dia.  
Aqui gentes estranhas lava e rega  
Do negro Sanagá a corrente fria,  
Onde o cabo Arsinário o nome perde,  
Chamando-se dos nossos cabo Verde.

## VIII

Passadas tendo já as Canárias ilhas,  
Que tiveram por nome Fortunadas,  
Entrámos, navegando, pelas filhas  
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas;  
Terras por onde novas maravilhas  
Andaram vendo já nossas armadas.  
Ali tomámos pôrto com bom vento,  
Por tomarmos da terra mantimento.

## IX

Áquela ilha aportámos que tomou  
O nome do guerreiro Santiago,  
Santo que os espanhóis tanto ajudou  
A fazerem nos mouros bravo estrago.  
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,  
Tornámos a cortar o imenso lago  
Do salgado oceano, e assim deixámos  
A terra onde o refrêsko doce achámos.

## X

Por aqui rodeando a larga parte  
De África, que ficava ao Oriente:  
A província Jalofo, que reparte  
Por diversas nações a negra gente;  
A mui grande Mandinga, por cuja arte  
Lográmos o metal rico e luzente,  
Que do curvo Gambea as águas bebe,  
As quais o largo Atlântico recebe;

## XI

As Dórcadas passámos, povoadas  
Das irmãs que outro tempo ali viviam,  
Que, de vista total sendo privadas,  
Todas três dum só ôlho se serviam.  
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas  
Neptuno lá nas águas acendiam,  
Tornada já de todas a mais feia,  
De víboras encheste a ardente areia.

## XII

Sempre, emfim, para o Austro a aguda proa,  
No grandíssimo gôlfão nos metemos,  
Deixando a serra aspérrima Leoa,  
Co' o cabo a quem das Palmas nome demos.  
O grande rio, onde batendo soa  
O mar nas praias notas, que ali temos,  
Ficou, co'a ilha illustre, que tomou  
O nome dum que o lado a Deus tocou.

## XIII

Ali o mui grande reino está de Congo,  
Por nós já convertido à fé de Cristo,  
Por onde o Zaire passa, claro e longo,  
Rio pelos antigos nunca visto.  
Por êste largo mar, emfim, me alongo  
Do conhecido polo de Calisto,  
Tendo o término ardente já passado  
Onde o meio do mundo é limitado.

## XIV

Já descoberto tínhamos diante,  
Lá no novo hemisfério, nova estrêla,  
Não vista de outra gente, que, ignorante,  
Alguns tempos esteve incerta dela.  
Vimos a parte menos rutilante  
E, por falta de estrêlas, menos bela,  
Do Polo fixo, onde inda se não sabe  
Que outra terra comece ou mar acabe.

## XV

Assim, passando aquelas regiões  
Por onde duas vezes passa Apolo,  
Dois invernos fazendo e dois verões,  
Emquanto corre dum ao outro polo,  
Por calmas, por tormentas e opressões,  
Que sempre faz no mar o irado Eolo,  
Vimos as Ursas, a pesar de Juno,  
Banharem-se nas águas de Neptuno.

## XVI

Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que os homens não entendem,  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpagos que o ar em fogo acendem,  
Negros chuvaeiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,  
Não menos é trabalho que grande êrro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro.

## XVII

Os casos vi que os rudos marinheiros,  
Que teem por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros,  
Julgando as cousas só pela aparênciã,  
E que os que tem juízos mais inteiros,  
Que só por puro engenho e por sciência  
Vêem do muido os segredos escondidos,  
Julgam por falsos ou mal entendidos.

## XVIII

Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,  
Ver as nuvens do mar, com largo cano,  
Sorver as altas águas do oceano.

## XIX

Eu vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava): levantar-se  
No ar um vaporzinho e subtil fumo  
E, do vento trazido, rodear-se;  
De aqui levado um cano ao polo sumo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos fâcilmente não podia;  
Da matéria das nuvens parecia.

## XX

Ia-se pouco e pouco acrescentando  
E mais que um largo mastro se engrossava;  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de água em si chupava;  
Estava-se co'as ondas ondeando;  
Em cima dêle ùa nuvem se espessava,  
Fazendo-se maior, mais carregada,  
Co'o cargo grande d'água em si tomada.

## XXI

Qual roxa sanguessuga se veria  
Nos beiços da alimária (que, imprudente,  
Bebendo a recolheu na fonte fria)  
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente;  
Chupando, mais e mais se engrossa e cria,  
Ali se enche e se alarga grandemente:  
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta  
A si e a nuvem negra que sustenta.

## XXII

Mas, depois que de todo se fartou,  
O pé que tem no mar a si recolhe  
E pelo céu, chovendo, enfim voou,  
Por que co'a água a jacente água molhe;  
Ás ondas torna as ondas que tomou,  
Mas o sabor do sal lhes tira e tolhe.  
Vejam agora os sábios na escritura  
Que segredos são estes de Natura.

## XXIII

Se os antigos filósofos, que andaram  
Tantas terras, por ver segredos delas,  
As maravilhas que eu passei, passaram,  
A tão diversos ventos dando as velas,  
Que grandes escrituras que deixaram!  
Que influência de signos e de estrêlas,  
Que estranhezas, que grandes qualidades!  
E tudo, sem mentir, puras verdades.

## XXIV

Mas já o planeta que no céu primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meio rosto, agora inteiro,  
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,  
Quando da etérea gávea um marinheiro,  
Pronto co'a vista: Terra, terra, brada.  
Co'os olhos no horizonte do Oriente.  
Salta no bordo alvoroçada a gente,

## XXV

A maneira de nuvens se começam  
A descobrir os montes que enxergamos;  
As âncoras pesadas se adereçam;  
As velas, já chegados, amainamos.  
E, para que mais certas se conheçam  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pelo novo instrumento do astrolábio,  
Invenção de subtil juízo e sábio:

## XXVI

Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas desejosa,  
Da terra que outro povo não pisou.  
Porém eu, co'os pilotos, na arenosa  
Praia, por vermos em que parte estou,  
Me detenho em tomar do sol a altura  
E compassar a universal pintura.

## XXVII

Achámos ter de todo já passado  
Do semicrabo peixe a grande meta,  
Estando entre êle o círculo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta.  
Eis, de meus companheiros rodeado,  
Vejo um estranho vir, de pele preta,  
Que tomaram por fôrça, enquanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

## XXVIII

Torvado vem na vista, como aquele  
 Que não se vira nunca em tal extremo;  
 Nem êle entende a nós, nem nós a êle,  
 Selvagem mais que o bruto Polifemo.  
 Começo-lhe a mostrar da rica pele  
 De colcos o gentil metal supremo,  
 A prata fina, a quente especiaria:  
 A nada disto o bruto se movia.

## XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos:  
 Contas de cristalino transparente,  
 Alguns soantes cascavéis pequenos,  
 Um barrete vermelho, côr contente;  
 Vi logo, por sinais e por acenos,  
 Que com isto se alegra grandemente.  
 Mando-o soltar com tudo e assim caminha  
 Para a povoação, que perto tinha.

## XXX

Mas, logo ao outro dia, seus parceiros,  
 Todos nus e da côr da escura treva,  
 Descendo pelos ásperos outeiros,  
 As peças veem buscar que êst'outro leva.  
 Domésticos já tanto e companheiros  
 Se nos mostram, que fazem que se atreva  
 Fernão Veloso a ir ver da terra o trato  
 E partir-se com êles pelo mato.

## XXXI

É Veloso no braço confiado  
 E, de arrogante, crê que vai seguro;  
 Mas, sendo um grande espaço já passado,  
 Em que algum bom sinal saber procuro,  
 Estando, a vista alçada, co'o cuidado  
 No aventureiro, eis pelo monte duro  
 Aparece e, segundo ao mar caminha,  
 Mais apressado do que fôra, vinha.

## XXXII

O batel de Coelho foi depressa  
Pelo tomar, mas, antes que chegasse,  
Um etiope ousado se arremessa  
A êle, porque não se lhe escapasse.  
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa  
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse.  
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,  
Se mostra um bando negro, descoberto.

## XXXIII

Da espêssa nuvem setas e pedradas  
Chavem sôbre nós outros, sem medida;  
E não foram ao vento em vão deitadas,  
Que esta perna trouxe eu dali ferida.  
Mas nós, como pessoas magoadas,  
A resposta lhes demos tão tecida,  
Que, em mais que nos barretes, se suspeita  
Que a côr vermelha levam desta feita.

## XXXIV

E, sendo já Veloso em salvamento,  
Logo nos recolhemos para a armada,  
Vendo a malícia feia e rudo intento  
Da gente bestial, bruta e malvada,  
De quem nenhum melhor conhecimento  
Pudemos ter da Índia desejada  
Que estarmos inda muito longe dela.  
E assim tornei a dar ao vento a vela.

## XXXV

Disse então a Veloso um companheiro  
(Começando-se todos a sorrir):  
Olá! Veloso amigo, aquele outeiro  
É melhor de descer que de subir.  
Sim, é, responde o ousado aventureiro;  
Mas, quando eu para cá vi tantos vir  
Daqueles cães, depressa um pouco vim,  
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.

## XXXVI

Contou então que, tanto que passaram  
 Aqueles montes os negros de quem falo,  
 Ávante mais passar o não deixaram,  
 Querendo, se não torna, ali matá-lo;  
 E tornando-se, logo se emboscaram,  
 Por que, saindo nós para tomá-lo,  
 Nos pudessem mandar ao reino escuro,  
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

## XXXVII

Porém já cinco sóis eram passados  
 Que dali nos partíramos, cortando  
 Os mares nunca de outrem navegados,  
 Prósperamente os ventos assoprando,  
 Quando uma noite, estando descuidados  
 Na cortadora proa vigiando,  
 Uma nuvem que os ares escurece,  
 Sôbre nossas cabeças aparece.

## XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada,  
 Que pôs nos corações um grande mêdo;  
 Bramindo, o negro mar de longe brada,  
 Como se desse em vão nalgum rochedo.  
 O' potestade, disse, sublimada:  
 Que ameaço divino ou que segrêdo  
 Êste clima e êste mar nos apresenta,  
 Que mor cousa parece que tormenta?

## XXXIX

Não acabava, quando uma figura  
 Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
 De disforme e grandíssima estatura;  
 O rosto carregado, a barba esquálida,  
 Os olhos encovados, e a postura  
 Medonha e má e a côr terrena e pálida;  
 Cheios de terra e crespos os cabelos,  
 A bôca negra, os dentes amarelos.

## XL

Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificar-te que êste era o segundo  
De Rodes estranhíssimo colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo.  
C'um tom de voz nos fala, horrendo e grosso,  
Que pareceu sair do mar profundo.  
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,  
A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

## XLI

E disse: O' gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repousas,  
Pois os vedados términos quebrantas  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,  
Nunca arados de estranho ou próprio lenho:

## XLII

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza e do úmido elemento,  
A nenhum grande humano concedido  
De nobre ou de imortal merecimento,  
Ouve os danos de mim que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo mar e pela terra  
Que inda hás-de subjugar com dura guerra.

## XLIII

Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos e tormentas desmedidas!  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insofridas,  
Eu farei de improviso tal castigo  
Que seja mor o dano que o perigo!

## XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobriu suma vingança.  
E não se acabará só nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,  
Se é verdade o que meu juízo alcança,  
Naufrágios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte!

## XLV

E do primeiro illustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os céus,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Por juízos incógnitos de Deus.  
Aqui porá da turca armada dura  
Os soberbos e prósperos troféus;  
Commigo de seus danos o ameaça  
A destruída Quíloa com Mombaça.

## XLVI

Outro também virá, de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a formosa dama  
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro-fado os chama  
Neste terreno meu, que, duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Para verem trabalhos excessivos.

## XLVII

Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nascidos;  
Verão os cafres, ásperos e avaros,  
Tirar à linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e preclaros  
Á calma, ao frio, ao ar, verão despídos,  
Depois de ter pisada, longamente,  
Co'os delicados pés a areia ardente.

## XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dois amantes míseros ficarem  
Na férvida, implacável espessura.  
Ali, depois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,  
Abraçados, as almas soltarão  
Da formosa e misérrima prisão.

## XLIX

Mais ia por diante o monstro horrendo,  
Dizendo nossos fados, quando, alçado,  
Lhe disse eu: Quem és tu? Que êsse estupendo  
Corpo, certo me tem maravilhado!  
A bôca e os olhos negros retorcendo  
E dando um espantoso e grande brado,  
Me respondeu, com voz pesada e amara,  
Como quem da pergunta lhe pesara:

## L

Eu sou aquele oculto e grande cabo  
A quem chamais vós outros Tormentório,  
Que nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo,  
Plínio e quantos passaram fui notório.  
Aqui toda a africana costa acabo  
Neste meu nunca visto promontório,  
Que para o polo antártico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto ofende!

## LI

Fui dos filhos aspérrimos da Terra,  
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano;  
Não que pusesse serra sôbre serra,  
Mas, conquistando as ondas do oceano,  
Fui capitão do mar, por onde andava  
A armada de Neptuno, que eu buscava.

## LII

Amores da alta espôsa de Peleu  
Me fizeram tomar tamanha emprêsa.  
Todas as deusas desprezei do céu,  
Só por amor das águas a princesa.  
Um dia a vi, co'as filhas de Nereu,  
Sair nua na praia: e logo presa  
A vontade senti de tal maneira  
Que inda não sinto cousa que mais queira.

## LIII

Como fôsse impossíbil alcançá-la,  
Pela grandeza feia de meu gesto,  
Determinei por armas de tomá-la  
E a Doris êste caso manifesto.  
De mêdo a deusa então por mim lhe fala;  
Mas ela, c'um formoso riso honesto,  
Respondeu: ;Qual será o amor bastante  
De ninfa, que sustente o dum gigante?

## LIV

Contudo, por livrarmos o oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira  
Com que, com minha honra, escuse o dano:  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu, que cair não pude neste engano  
(Que é grande dos amantes a cegueira),  
Encheram-me, com grandes abundanças,  
O peito de desejos esperanças.

## LV

Já néscio, já da guerra desistindo,  
Uma noite, de Dóris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Tétis, única, despida.  
Como doido corri de longe, abrindo  
Os braços para aquela que era vida  
Dêste corpo, e começo os olhos belos  
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

## LVI

Oh! Que não sei de nojo como o conte:  
 Que, crendo ter nos braços quem amava,  
 Abraçado me achei c'um duro monte  
 De áspero mato e de espessura brava.  
 Estando c'um penedo fronte a fronte,  
 Que eu pelo rosto angélico apertava,  
 Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo  
 E, junto dum penedo, outro penedo!

## LVII

O' ninfa, a mais formosa do oceano,  
 Já que minha presença não te agrada,  
 Que te custava ter-me neste engano,  
 Ou fôsse monte, nuvem, sonho ou nada?  
 Daqui me parto, irado e quási insano  
 Da mágoa e da desonra ali passada,  
 A buscar outro mundo, onde não visse  
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

## LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos  
 Vencidos e em miséria extrema postos,  
 E, por mais segurar-se os deuses vãos,  
 Alguns a vários montes sotopostos.  
 E, como contra o céu não valem mãos,  
 Eu, que chorando andava meus desgostos,  
 Comecei a sentir do fado imigo,  
 Por meus atrevimentos, o castigo.

## LIX

Converte-se-me a carne em terra dura;  
 Em penedos os ossos se fizeram;  
 Estes membros que vês, e esta figura,  
 Por estas longas águas se estenderam.  
 Emfim, minha grandíssima estatura  
 Neste remoto cabo converteram  
 Os deuses; e, por mais dobradas mágoas,  
 Me anda Tétis cercando destas águas.

## LX

Assim contava; e, c'um medonho chôro,  
Súbito d'ante os olhos se apartou.  
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao santo côro  
Dos anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deus pedi que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.

## LXI

Já Flegon e Piróis vinham tirando,  
Co'os outros dois, o carro radiante,  
Quando a terra alta se nos foi mostrando  
Em que foi convertido o grão gigante.  
Ao longo desta costa, começando  
Já de cortar as ondas do levante,  
Por ela abaixo um pouco navegámos,  
Onde segunda vez terra tomámos.

## LXII

A gente que esta terra possuía,  
Pôsto que todos etíopes eram,  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros que tão mal nos receberam.  
Com bailos e com festas de alegria  
Pela praia arenosa a nós vieram,  
As mulheres consigo e o manso gado  
Que apascentavam, gordo e bem criado.

## LXIII

As mulheres, queimadas, veem em cima  
Dos vagarosos bois, ali sentadas,  
Animais que êles teem em mais estima  
Que todo o outro gado das manadas.  
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,  
Na sua língua cantam, concertadas  
Co'ô doce som das rústicas avenas,  
Imitando de Títiro as Camenas.

## LXIV

Estes, como na vista prazenteiros  
Fôssem, humanamente nos trataram,  
Trazendo-nos galinhas e carneiros  
A trôco doutras peças que levaram.  
Mas como nunca, enfim, meus companheiros  
Palavra sua alguma lhe alcançaram  
Que desse algum sinal do que buscamos,  
As velas dando, as âncoras levamos.

## LXV

Já aqui tínhamos dado um grão rodeio  
Á costa negra de A'frica, e tornava  
A proa a demandar o ardente meio  
Do céu, e o polo antártico ficava.  
Aquele ilhéu deixámos onde veio  
Outra armada primeira, que buscava  
O Tormentório cabo e, descoberto,  
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

## LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias,  
Entre tormentas tristes e bonanças,  
No largo mar fazendo novas vias,  
Só conduzidos de árduas esperanças.  
Co'o mar um tempo andámos em porfias,  
Que, como tudo nêles são mudanças,  
Corrente nêles achámos tão possante,  
Que passar não deixava por diante:

## LXVII

Era maior a fôrça em demasia,  
Segundo para trás nos obrigava,  
Do mar, que contra nós ali corria,  
Que por nós a do vento que assoprava.  
Injuriado Noto da poiffia  
Em que co'o mar (parece) tanto estava,  
Os assopros esforça iradamente,  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

## LXVIII

Trazia o sol o dia celebrado  
Em que três reis das partes do Oriente  
Foram buscar um rei, de pouco nado,  
No qual rei outros três há juntamente.  
Neste dia outro pôrto foi tomado  
Por nós, da mesma já contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por êle nos metemos.

## LXIX

Desta gente refrêsko algum tomámos  
E do rio fresca água; mas contudo  
Nenhum sinal aqui da índia achámos  
No povo, com nós outros quási mudo.  
Ora vê, rei, quamanha terra andámos,  
Sem sair nunca dêste povo rudo,  
Sem vermos nunca nova sem sinal  
Da desejada parte oriental.

## LXX

Ora imagina agora quão coitados  
Andaríamos todos, quão perdidos  
De fomes, de tormentas quebrantados,  
Por climas e por mares não sabidos!  
E do esperar comprido tão cansados  
Quanto a desesperar já compelidos,  
Por céus não naturais, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade.

## LXXI

Corrupto já e danado o mantimento,  
Danoso e mau ao fraco corpo humano;  
E, além disso, nenhum contentamento,  
Que sequer da esperança fôsse engano.  
; Crês tu que, se êste nosso ajuntamento  
De soldados não fôra lusitano,  
Que durara êle tanto obediente,  
Porventura, a seu rei e a seu regente?

## LXXII

¿ Crês tu que já não foram levantados  
Contra seu capitão, se os resistira,  
Fazendo-se piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente, por certo, estão provados,  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquela portuguesa alta excelência  
De lealdade firme e obediência.

## LXXIII

Deixando o pôrto, emfim, do doce rio  
E tornando a cortar a água salgada,  
Fizemos desta costa algum desvio,  
Deitando para o pego toda a armada;  
Porque, ventando Noto, manso e frio,  
Não nos apanhasse a água da enseada  
Que a costa faz ali, daquela banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

## LXXIV

Esta passada, logo o leve leme  
Encomendado ao sacro Nicolau,  
Para onde o mar na costa brada e geme,  
A proa inclina duma e doutra nau;  
Quando, indo o coração que espera e teme  
É que tanto fiou dum fraco pau,  
Do que esperava já desesperado,  
Foi duma novidade alvoroçado.

## LXXV

E foi que, estando já da costa perto,  
Onde as praias e vales bem se viam,  
Num rio, que ali sai ao mar aberto,  
Batéis à vela entravam e saíam.  
Alegria mui grande foi, por certo,  
Acharmos já pessoas que sabiam  
Navegar, porque entre elas esperámos  
De achar novas algumas, como achámos.

## LXXVI

Etiopes são todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicavam;  
Palavra alguma arábia se conhece  
Entre a linguagem sua que falavam;  
E com pano delgado, que se tece  
De algodão, as cabeças apertavam;  
Com outro, que de tinta azul se tinge,  
Cada um as vergonhosas partes cinge.

## LXXVII

Pela arábica língua, que mal falam  
E que Fernão Martins mui bem entende,  
Dizem que por naus que em grandeza igualam  
As nossas, o seu mar se corta e fende;  
Mas que, lá donde sai o sol, se abalam  
Para onde a costa ao sul se alarga e estende,  
E do sul para o sol, terra onde havia  
Gente, assim como nós, da côr do dia.

## LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos  
Co'a gente, e com as novas muito mais.  
Pelos sinais que neste rio achámos  
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.  
Um padrão nesta terra alevantámos,  
Que, para assinalar lugares tais,  
Trazia alguns; o nome tem do belo  
Guiador de Tobias a Gabelo.

## LXXIX

Aqui de limos, cascas e de ostrinhos,  
Nojosa criação das águas fundas,  
Alimpámos as naus, que dos caminhos  
Longos do mar veem sórdidas e imundas.  
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,  
Com mostras aprazíveis e jucundas,  
Houvemos sempre o usado mantimento,  
Limpos de todo o falso pensamento.

## LXXX

Mas não foi, da esperança grande e imensa  
Que nesta terra houvemos, limpa e pura  
A alegria; mas logo a recompensa  
A Ramnúsia com nova desventura:  
Assim no céu sereno se dispensa;  
Com esta condição, pesada e dura,  
Nascemos: o pesar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.

## LXXXI

E foi que, de doença crua e feia,  
A mais que eu nunca vi, desampararam  
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia  
Os ossos para sempre sepultaram.  
Quem haverá que, sem o ver, o creia,  
Que tão disformemente ali lhe incharam  
As gengivas na bôca, que crescia  
A carne e juntamente apodrecia?

## LXXXII

Apodrecia c'um fétido e bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.  
Não tínhamos ali médico astuto,  
Cirurgião subtil menos se achava;  
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,  
Pela carne já podre assim cortava  
Como se fôra morta, e bem convinha,  
Pois que morto ficava quem a tinha.

## LXXXIII

Emfim que, nesta incógnita espessura  
Deixámos para sempre os companheiros  
Que em tal caminho e em tanta desventura  
Foram sempre connosco aventureiros.  
Quão fácil é ao corpo a sepultura!  
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros  
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,  
Receberão de todo o ilustre os ossos.

## LXXXIV

Assim que, dêste pôrto nos partimos  
 Com maior esperança e mor tristeza,  
 E pela costa abaixo o mar abrimos,  
 Buscando algum sinal de mais firmeza.  
 Na dura Moçambique, emfim, surgimos,  
 De cuja falsidade e má vileza  
 Já serás sabedor, e dos enganos  
 Dos povos de Mombaça, pouco humanos.

## LXXXV

Até que aqui, no teu seguro pôrto,  
 Cuja brandura e doce tratamento  
 Dará saúde a um vivo e vida a um morto,  
 Nos trouxe a piedade do alto assento.  
 Aqui repouso, aqui doce confôrto,  
 Nova quietação do pensamento,  
 Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,  
 Te contei tudo quanto me pediste.

## LXXXVI

¿Julgas agora, rei, se houve no mundo  
 Gentes que tais caminhos cometessem?  
 ¿Crês tu que tanto Eneas e o facundo  
 Ulisses pelo mundo se estendessem?  
 ¿Ousou algum a ver do mar profundo,  
 Por mais versos que dêle se escrevessem,  
 Do que eu vi, a poder de esfôrço e de arte,  
 E do que inda hei-de ver, a oitava parte?

## LXXXVII

Esse que bebeu tanto da água aônia,  
 Sôbre quem tem contenda peregrina,  
 Entre si, Rodes, Smirna e Colofônia,  
 Atenas, Ios, Argo e Salamina;  
 Êss'outro que esclarece toda Ausônia.  
 A cuja voz, altíssonas e divinas,  
 Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,  
 Mas o Tibre co'o som se ensoberbece:

## LXXXVIII

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos  
 Dêsses seus semideuses e encareçam,  
 Fingindo magas Circes, Polifemos,  
 Sirenas que co'o canto os adormeçam;  
 Dêem-lhe mais navegar à vela e remos  
 Os Cícones e a terra onde se esquecem  
 Os companheiros, em gostando o loto;  
 Dêem-lhe perder nas águas o pilôto;

## LXXXIX

Ventos soltos lhes finjam e imaginem  
 Dos odres e Calipsos namoradas;  
 Harpias que o manjar lhes contaminem;  
 Descer às sombras nuas já passadas:  
 Que, por muito e por muito que se afinem  
 Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,  
 A verdade que eu conto, nua e pura,  
 Vence toda grandiloqua escritura!

## XC

Da bôca do facundo capitão  
 Pendendo estavam todos, embebidos,  
 Quando deu fim à longa narração  
 Dos altos feitos, grandes e subidos.  
 Louva o rei o sublime coração  
 Dos reis em tantas guerras conhecidos;  
 Da gente louva a antiga fortaleza,  
 A lealdade de ânimo e nobreza.

## XCI

Vai recontando o povo, que se admira,  
 O caso cada qual que mais notou.  
 Nenhum dêles da gente os olhos tira  
 Que tão longos caminhos rodeou.  
 Mas já o mancebo Délio as rédeas vira  
 Que o irmão de Lampécia mal guiou,  
 Por vir a descansar nos tétios braços;  
 E el-rei se vai do mar aos nobres paços.

## XCII

Quão doce é o louvor e a justa glória  
Dos próprios feitos, quando são soados!  
Qualquer nobre trabalha que em memória  
Vença ou iguale os grandes já passados.  
As envejas da ilustre e alheia história  
Fazem mil vezes feitos sublimados.  
Quem valerosas obras exercita,  
Louvor alheio muito o esperta e incita.

## XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Aquiles, Alexandro, na peleja,  
Quanto de quem o canta os numerosos  
Versos: isso só louva, isso deseja.  
Os troféus de Milcíades, famosos,  
Temístocles despertam só de enveja;  
E diz que nada tanto o deleitava  
Como a voz que seus feitos celebrava.

## XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
Que essas navegações que o mundo canta  
Não merecem tamanha glória e fama  
Como a sua, que o céu e a terra espanta.  
Sim; mas aquele herói que estima e ama  
Com dons, mercês, favores e honra tanta  
A lira mantuana, faz que soe  
Eneas, e a romana glória voe.

## XCV

Dá a terra lusitana Scipiões,  
Césares, Alexandros, e dá Augustos;  
Mas não lhe dá, contudo, aqueles dões  
Cuja falta os faz duros e robustos.  
Octávio, entre as maiores opressões,  
Compunha versos doutos e venustos  
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,  
Quando a deixava Antônio por Glafira).

## XCVI

Vai César subjugando toda França  
E as armas não lhe impedem a sciência;  
Mas, numa mão a pena e noutra a lança,  
Igualava de Cícero a eloquência.  
O que de Scipião se sabe e alcança  
É nas comédias grande experiência.  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

## XCVII

Emfim, não houve forte capitão  
Que não fôsse também douto e sciente,  
Da lácia, grega ou bárbara nação,  
Senão da portuguesa tão sómente.  
Sem vergonha o não digo: que a razão  
De algum não ser por versos excelente  
É não se ver prezado o verso e rima:  
Porque quem não sabe arte, não na estima.

## XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,  
Não há também Vergílios nem Homeros;  
Nem haverá, se êste costume dura,  
Pios Eneas nem Aquiles feros.  
Mas o pior de tudo é que a ventura  
Tão ásperos os fez e tão austeros,  
Tão rudos e de engenho tão remisso,  
Que a muitos lhes dá pouco ou nada disso.

## XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da pátria, que as obriga  
A dar aos seus, na lira, nome e fama  
De toda a illustre e bélica fadiga;  
Que êle, nem quem na estirpe seu se chama,  
Caliope não tem por tão amiga  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
As telas de ouro fino e que o cantassem.

## C

Porque o amor fraterno e puro gôsto  
De dar a todo o lusitano feito  
Seu louvor, é sómente o pressuposto  
Das Tágides gentis, e seu respeito.  
Porém não deixe, emfim, de ter disposto  
Ninguém a grandes obras sempre o peito:  
Que, por esta ou por outra qualquer via,  
Não perderá seu preço e sua valia.

## CANTO SEXTO

### I

Não sabia em que modo festejasse  
O rei pagão os fortes navegantes,  
Para que as amizades alcançasse  
Do rei cristão, das gentes tão possantes;  
Pesa-lhe que tão longe o aposentasse  
Das europeas terras abundantes  
A ventura, que não no fez vizinho  
Donde Hércules ao mar abriu caminho.

### II

Com jogos, danças e outras alegrias,  
A segundo a polícia melindana,  
Com usadas e lêdas pescarias,  
Com que a lagea Antônio alegre e engana,  
Êste famoso rei, todos os dias,  
Festeja a companhia lusitana,  
Com banquetes, manjares desusados,  
Com frutas, aves, carnes e pescados.

### III

Mas, vendo o capitão que se detinha  
Já mais do que devia, e o fresco vento  
O convida que parta e tome asinha  
Os pilotos da terra e mantimento,  
Não se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito para cortar do salso argento.  
Já do pagão benigno se despede,  
Que a todos amizade longa pede.

## IV

Pede-lhe mais que aquele pôrto seja  
Sempre com suas frotas visitado,  
Que nenhum outro bem maior deseja  
Que dar a tais barões seu reino e estado;  
E que, emquanto seu corpo o espirito reja,  
Estará de contínuo aparelhado  
A pôr a vida e reino totalmente  
Por tão bom rei, por tão sublime gente.

## V

Outras palavras tais lhe respondia  
O capitão, e logo, as velas dando,  
Para as terras da aurora se partia,  
Que tanto tempo há já que vai buscando.  
No pilôto que leva não havia  
Falsidade, mas antes vai mostrando  
A navegação certa; e assim caminha  
Já mais seguro do que dantes vinha.

## VI

As ondas navegavam do Oriente,  
Já nos mares da Índia, e enxergavam  
Os tálamos do sol, que nasce ardente:  
Já quási seus desejos se acabavam.  
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente  
As venturas que então se aparelhavam  
À gente lusitana, delas dina,  
Arde, morre, blasfema e desatina.

## VII

Via estar todo o céu determinado  
De fazer de Lisboa nova Roma;  
Não no pode estorvar, que destinado  
Está doutro poder que tudo doma.  
Do Olimpo desce emfim, desesperado;  
Novo remédio em terra busca e toma:  
Entra no úmido reino e vai-se à côrte  
Daquele a quem o mar caiu em sorte.

## VIII

No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
Lá donde as ondas saem furibundas  
Quando às iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora e moram as jucundas  
Nereidas e outros deuses do mar, onde  
As águas campo deixam às cidades  
Que habitam estas úmidas deidades.

## IX

Descobre o fundo nunca descoberto  
As arcias ali de prata fina;  
Tôrres altas se vêem no campo aberto,  
Da transparente massa cristalina;  
Quando se chegam mais os olhos perto  
Tanto menos a vista determina  
Se é cristal o que vê, se diamante,  
Que assim se mostra claro e radiante.

## X

As portas de ouro fino, e marchetadas  
Do rico aljôfar que nas conchas nasce,  
De escultura formosa estão lavradas,  
Na qual do irado Baco a vista pasce.  
E vê primeiro, em côres variadas,  
Do velho Caos a tão confusa face;  
Vêem-se os quatro elementos trasladados,  
Em diversos officios ocupados.

## XI

Ali sublime, o fogo estava em cima,  
Que em nenhũa matéria se sustinha;  
Daqui as cousas vivas sempre anima,  
Depois que Prometeu furtado o tinha.  
Logo após êle, leve se sublima  
O invisibil ar, que mais asinha  
Tomou lugar e, nem por quente ou frio,  
Algun deixa no mundo estar vazio.

## XII

Estava a terra em montes, revestida  
De verdes ervas e árvores floridas,  
Dando pasto diverso e dando vida  
Às alimárias nela produzidas.  
A clara forma ali estava esculpida  
Das águas, entre a terra desparzidas,  
De pescados criando vários modos,  
Com seu humor mantendo os corpos todos.

## XIII

Noutra parte, esculpida estava a guerra  
Que tiveram os deuses co'os gigantes;  
Está Tifeu debaixo da alta serra  
De Etna, que as flamas lança crepitantes.  
Esculpido se vê, ferindo a Terra,  
Neptuno, quando as gentes, ignorantes,  
Dêle o cavalo houveram, e a primeira  
De Minerva pacífica oliveira.

## XIV

Pouca tardança faz Lieu irado  
Na vista destas cousas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que, avisado  
Da vinda sua, o estava já aguardando,  
Às portas o recebe, acompanhado  
Das ninfas, que se estão maravilhando  
De ver que, cometendo tal caminho,  
Entre no reino da água o rei do vinho.

## XV

O' Neptuno, lhe disse, não te espantes  
De Baco nos teus reinos receberes,  
Porque também co'os grandes e possantes  
Mostra a fortuna injusta seus poderes.  
Manda chamar os deuses do mar, antes  
Que fale mais, se ouvir-me o mais quizeres.  
Verão da desventura grandes modos;  
Ouçam todos o mal que toca a todos.

## XVI

Julgando já Neptuno que seria  
Estranho caso aquele, logo manda  
Tritão, que chame os deuses da água fria,  
Que o mar habitam duma e doutra banda.  
Tritão, que de ser filho se gloria  
Do rei e de Salácia veneranda,  
Era mancebo grande, negro e feio,  
Trombeta de seu pai e seu correio.

## XVII

Os cabelos da barba e os que descem  
Da cabeça nos ombros, todos eram  
Uns limos prenhes de água, e bem parecem  
Que nunca brando pente conheceram.  
Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros mexilhões, que ali se geram.  
Na cabeça, por gorra, tinha posta  
Uma mui grande casca de lagosta.

## XVIII

O corpo nu, e os membros genitais,  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porém de pequenos animais  
Do mar todos cobertos, cento e cento:  
Camarões e cangrejos e outros mais,  
Que recebem de Febe crescimento.  
Ostras e camarões, do musgo sujos,  
Às costas co'a casca os caramujos.

## XIX

Na mão a grande concha retorcida  
Que trazia, com fôrça já tocava;  
A voz grande, canora, foi ouvida  
Por todo o mar, que longe retumbava.  
Já toda a companhia, apercebida,  
Dos deuses para os paços caminhava  
Do Deus que fez os muros de Dardânia,  
Destruídos depois da grega insânia.

## XX

Vinha o padre Oceano, acompanhado  
Dos filhos e das filhas que gerara;  
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,  
Que todo o mar de ninfas povoara.  
O profeta Proteu, deixando o gado  
Marítimo pascer pela água amara,  
Ali veio também, mas já sabia  
O que o padre Lieu no mar queria.

## XXI

Vinha por outra parte a linda espôsa  
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,  
Grave e lêda no gesto, e tão formosa  
Que se amansava o mar, de maravilha.  
Vestida uma camisa preciosa  
Trazia, de delgada beatilha,  
Que o corpo cristalino deixa ver-se,  
Que tanto bem não é para esconder-se.

## XXII

Anfitrite, formosa como as flores,  
Neste caso não quis que falecesse;  
O delfim traz consigo que aos amores  
Do rei lhe aconselhou que obedecesse.  
Co'os olhos, que de tudo são senhores,  
Qualquer parecerá que o sol vencesse.  
Ambas veem pela mão, igual partido,  
Pois ambas são espôsas dum marido.

## XXIII

Aquela que, das fúrias de Atamante  
Fugindo, veio a ter divino estado,  
Consigo traz o filho, belo infante,  
No número dos deuses relatado.  
Pela praia brincando vem, diante,  
Com as lindas conchinhas, que o salgado  
Mar sempre cria; e às vezes pela area  
No colo o toma a bela Panopea.

## XXIV

E o deus que foi num tempo corpo humano  
E, por virtude da erva poderosa,  
Foi convertido em peixe, e dêste dano  
Lhe resultou deidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feio engano  
Que Circe tinha usado co'a formosa  
Scila, que êle ama, desta sendo amado,  
Que a mais obriga amor mal empregado.

## XXV

Já finalmente todos assentados  
Na grande sala, nobre e divinal,  
As deusas em riquíssimos esrtados,  
Os deuses em cadeiras de cristal,  
Foram todos do Padre agasalhados,  
Que co'o tebano tinha assento igual.  
De fumos enche a casa a rica massa  
Que no mar nasce e Arábia em cheiro passa.

## XXVI

Estando sossegado já o tumulto  
Dos deuses e de seus recebimentos,  
Começa a descobrir do peito oculto  
A causa o Tioneu de seus tormentos.  
Um pouco carregando-se no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
Só por dar aos de Luso triste morte  
Co'o ferro alheio, fala desta sorte:

## XXVII

Príncipe, que de juro senhoreias,  
Dum polo ao outro polo, o mar irado,  
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,  
Que não passem o têrmo limitado;  
E tu, padre Oceano, que rodeias  
O mundo universal e o tens cercado,  
E com justo decreto assim permites  
Que dentro vivam só de seus limites;

## XXVIII

E vós, deuses do mar, que não sofreis  
 Injúria alguma em vosso reino grande,  
 Que com castigo igual vos não vingueis  
 De quem quer que por êle corra e ande:  
 Que descuido foi êste em que viveis?  
 Quem pode ser que tanto vos abrande  
 Os peitos, com razão endurecidos  
 Contra os humanos, fracos e atrevidos?

## XXIX

Vistes que, com grandíssima ousadia,  
 Foram já cometer o céu supremo;  
 Vistes aquela insana fantasia  
 De tentarem o mar com vela e remo;  
 Vistes, e ainda vemos cada dia,  
 Soberbas e insolências tais, que temo  
 Que do mar e do céu, em poucos anos,  
 Venham deuses a ser, e nós, humanos.

## XXX

Vêdes agora a fraca geração  
 Que dum vassalo meu o nome toma,  
 Com soberbo e altivo coração  
 A vós e a mim e o mundo todo doma.  
 Vêdes, o vosso mar cortando vão,  
 Mais do que fez a gente alta de Roma;  
 Vêdes, o vosso reino devassando,  
 Os vossos estatutos vão quebrando.

## XXXI

Eu vi que contra os Mínias, que primeiro  
 No vosso reino êste caminho abriram,  
 Bóreas, injuriado, e o companheiro  
 Áquilo e os outros todos resistiram.  
 Pois se do ajuntamento aventureiro  
 Os ventos esta injúria assim sentiram,  
 Vós, a quem mais compete esta vingança,  
 Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

## XXXII

E não consinto, deuses, que cuideis  
Que por amor de vós do céu desci,  
Nem da mágoa da injúria que sofreis,  
Mas da que se me faz também a mi;  
Que aquelas grandes honras que sabeis  
Que no mundo ganhei, quando venci  
As terras indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

## XXXIII

Que o grão senhor e fados, que destinam,  
Como lhe bem parece, o baixo mundo,  
Famas mores que nunca determinam  
De dar a estes barões nō mar profundo.  
Aqui vereis, ó deuses, como ensinam  
O mal também a deuses; que, a segundo  
Se vê, ninguém já tem menos valia  
Que quem com mais razão valer devia.

## XXXIV

E por isso do Olimpo já fugi,  
Buscando algum remédio a meus pesares,  
Por ver o preço que no céu perdi,  
Se por dita acharei nos vossos mares.  
Mais quis dizer, e não passou daqui,  
Porque as lágrimas já, correndo a pares,  
Lhe saltaram dos olhos, com que logo  
Se acendem as deidades da água em fogo.

## XXXV

A ira com que súbito alterado  
O coração dos deuses foi num ponto,  
Não sofreu mais conselho bem cuidado  
Nem dilação nem outro algum desconto:  
Ao grande Eolo mandam já recado,  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,  
Que não haja no mar mais navegantes!

## XXXVI

Bem quisera primeiro ali Proteu  
Dizer, neste negócio, o que sentia;  
E, segundo o que a todos pareceu,  
Era alguma profunda profecia.  
Porém tanto o tumulto se moveu,  
Súbito, na divina companhia,  
Que Tétis, indignada, lhe bradou:  
Neptuno sabe bem o que mandou!

## XXXVII

Já lá o soberbo Hipótades soltava  
Do cárcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palavras animava  
Contra os varões audazes e animosos.  
Súbito, o céu sereno se obumbrava,  
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,  
Começam novas fôrças a ir tomando,  
Tôrres, montes e casas derribando.

## XXXVIII

Emquanto êste conselho se fazia  
No fundo aquoso, a lêda, lassa frota  
Com vento sossegado prosseguia,  
Pelo tranqüilo mar, a longa rota.  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do eão hemisfério está remota;  
Os do quarto da prima se deitavam,  
Para o segundo os outros despertavam.

## XXXIX

Vencidos vem do sono e mal despertos;  
Bocejando, a-miúdo se encostavam  
Pelas antenas, todos mal cobertos  
Contra os agudos ares que assopravam;  
Os olhos contra seu querer abertos;  
Mas estregando os membros estiravam.  
Remédios contra o sono buscar querem,  
Histórias contam, casos mil referem.

## XL

Com que melhor podemos, um dizia,  
 Êste tempo passar, que é tão pesado,  
 Senão com algum conto de alegria,  
 Com que nos deixe o sono carregado?  
 Responde Leonardo, que trazia  
 Pensamentos de firme namorado:  
 Que contos poderemos ter melhores,  
 Para passar o tempo, que de amores?

## XLI

Não é, disse Veloso, cousa justa  
 Tratar branduras em tanta aspereza,  
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
 Não sofre amores nem delicadeza;  
 Antes de guerra férvida e robusta  
 A nossa história seja, pois dureza  
 Nossa vida há-de ser, segundo entendo,  
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

## XLII

Consentem nisto todos, e encomendam  
 A Veloso que conte isto que aprova.  
 Contarei, disse, sem que me repreendam  
 De contar cousa fabulosa ou nova.  
 E porque os que me ouvirem daqui aprendam  
 A fazer feitos grandes de alta prova,  
 Dos nascidos direi na nossa terra,  
 E estes sejam os Doze de Inglaterra.

## XLIII

No tempo que do reino a rédea leve,  
 João, filho de Pedro, moderava,  
 Depois que sossegado e livre o teve  
 Do vizinho poder, que o molestava,  
 Lá na grande Inglaterra, que da neve  
 Boreal sempre abunda, semeava  
 A fera Erinis dura e má cizânia,  
 Que lustre fôsse a nossa Lusitânia.

## XLIV

Entre as damas gentis da côrte inglesa  
E nobres cortesãos, acaso um dia  
Se levantou discórdia, em ira acesa  
(Ou foi opinião, ou foi porfia).  
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa  
Soltar palavras graves de ousadia,  
Dizem que provarão que honras e famas  
Em tais damas não há para ser damas;

## XLV

E que, se houver alguém, com lança e espada,  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que êles, em campo raso ou estacala,  
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.  
A feminil fraqueza, pouco usada,  
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua  
De fôrças naturais convenientes,  
Socorro pede a amigos e parentes.

## XLVI

Mas, como fôssem grandes e possantes  
No reino os inimigos, não se atrevem  
Nem parentes, nem férvidas amantes,  
A sustentar as damas, como devem.  
Com lágrimas formosas, e bastantes  
A fazer que em socorro os deuses levem  
De todo o céu, por rostos de alabastro,  
Se vão todas ao duque de Alencastro.

## XLVII

Era êste inglês potente e militar  
Co'os portuguezes já contra Castela,  
Onde as fôrças magnânimas provara  
Dos companheiros, e benigna estrêla.  
Não menos nesta terra experimentara  
Namorados affectos, quando nela  
A filha viu que tanto o peito doma  
Do forte rei que por mulher a toma.

## XLVIII

Este, que socorrer-lhes não queria  
Por não causar discórdias intestinas,  
Lhes diz: Quando o direito pretendia  
Do reino lá das terras iberinas,  
Nos lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas,  
Que êles sós poderiam, se não erro,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

## XLIX

E se, agravadas damas, sois servidas,  
Por vós lhes mandarei embaixadores,  
Que, por cartas discretas e polidas,  
De vosso agravo os façam sabedores.  
Tão bém, por vossa parte, encarecidas  
Com palavras de afagos e de amores  
Lhes sejam vossas lágrimas, que eu creio  
Que ali tereis socorro e forte esteio.

## L

Dest'arte as aconselha o duque experto  
E logo lhes nomeia doze fortes;  
E, porque cada dama um tenha certo,  
Lhes manda que sôbre êles lancem sortes,  
Que elas só doze são; e descoberto  
Qual a qual tem caído das consortes,  
Cada uma escreve ao seu, por vários modos,  
E todas a seu rei e o duque a todos.

## LI

Já chega a Portugal o mensageiro;  
Toda a côrte alvoroça a novidade;  
Quisera o rei sublime ser primeiro,  
Mas não lho sofre a régia majestade.  
Qualquer dos cortesãos aventureiro  
Deseja ser, com férvida vontade,  
E só fica por bem-aventurado  
Quem já vem pelo duque nomeado.

## LII

Lá na leal cidade donde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o que tem o leme do govêrno.  
Apercebem-se os doze, em tempo breve,  
De armas e roupas de uso mais moderno,  
De elmos, cimeiras, letras e primores,  
Cavalos, e concertos de mil côres.

## LIII

Já do seu rei tomado teem licença,  
Para partir do Douro celebrado,  
Aqueles que escolhidos por sentença  
Foram do duque inglês experimentado.  
Não há na companhia diferença  
De cavaleiro, destro ou esforçado;  
Mas um só, que Magriço se dizia,  
Dest'arte fala à forte companhia:

## LIV

Fortíssimos consócios, eu desejo  
Há muito já de andar terras estranhas,  
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,  
Várias gentes e leis e várias manhas.  
Agora que aparelho certo vejo,  
Pois que do mundo as cousas são tamanhas,  
Quero, se me deixais, ir só por terra,  
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

## LV

E, quando caso fôr que eu, impedido  
Por quem das cousas é última linha,  
Não fôr convosco ao prazo instituído,  
Pouca falta vos faz a falta minha:  
Todos por mim fareis o que é devido.  
Mas, se a verdade o espirito me adivinha,  
Rios, montes, fortuna ou sua enveja  
Não farão que eu convosco lá não seja.

## LVI

Assim diz e, abraçados os amigos  
E tomada licença, emfim se parte.  
Passa Leão, Castela, vendo antigos  
Lugares que ganhara o pátrio Marte;  
Navarra, co'os altíssimos perigos  
Do Pireneu, que Espanha e Gália parte.  
Vistas, emfim, de França as cousas grandes,  
No grande empório foi parar de Flandes.

## LVII

Ali chegado, ou fôsse caso ou manha,  
Sem passar se deteve muitos dias.  
Mas dos onze a ilustríssima companha  
Cortam do mar do Norte as ondas frias;  
Chegados de Inglaterra à costa estranha,  
Para Londres já fazem todos vias.  
Do duque são com festa agasalhados  
E das damas servidos e animados.

## LVIII

Chega-se o prazo e dia assinalado  
De entrar em campo já co'os doze ingleses,  
Que pelo rei já tinham segurado;  
Armam-se de elmos, grevas e de arneses.  
Já as damas teem por si, fulgente e armado,  
O Mavorte feroz dos portugueses;  
Vestem-se elas de côres e de sêdas,  
De ouro e de joias mil, ricas e lêdas.

## LIX

Mas aquela a quem fôra em sorte dado  
Magriço, que não vinha, com tristeza  
Se veste, por não ter quem nomeado  
Seja seu cavaleiro nesta emprêsa;  
Bem que os onze apregoam que acabado  
Será o negócio assim na côrte inglesa,  
Que as damas vencedoras se conheçam,  
Pôsto que dois e três dos seus faleçam.

## LX

Já num sublime e público teatro  
 Se assenta o rei inglês com toda a côrte.  
 Estavam três e três e quatro e quatro,  
 Bem como a cada qual coubera em sorte;  
 Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,  
 De fôrça, esfôrço e de ânimo mais forte,  
 Outros doze sair, como os ingleses,  
 No campo, contra os onze portugueses.

## LXI

Mastigam os cavalos, escumando,  
 Os áureos freios, com feroz semblante;  
 Estava o sol nas armas rutilando,  
 Como em cristal ou rígido diamante;  
 Mas enxerga-se, num e noutro bando,  
 Partido desigual e dissonante  
 Dos onze contra os doze; quando a gente  
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

## LXII

Viram todos o rosto aonde havia  
 A causa principal do reboliço:  
 Eis entra um cavaleiro, que trazia  
 Armas, cavalo, ao bélico serviço;  
 Ao rei e às damas fala e logo se ia  
 Para os onze, que êste era o grão Magriço.  
 Abraça os companheiros, como amigos  
 A quem não falta, certo nos perigos.

## LXIII

A dama, como ouviu que êste era aquele  
 Que vinha a defender seu nome e fama,  
 Se alegre e veste ali do animal de Hele,  
 Que a gente bruta mais que virtude ama.  
 Já dão sinal, e o som da tuba impele  
 Os belicosos ânimos, que inflama;  
 Picam de esporas, largam rédeas logo,  
 Abaixam lanças, fere a terra fogo.

## LXIV

Dos cavalos o estrépito parece  
 Que faz que o chão debaixo todo treme;  
 O coração no peito que estremece  
 De quem os olha, se alvoroça e teme.  
 Qual do cavalo voa, que não desce;  
 Qual, co'o cavalo em terra dando, geme;  
 Quel vermelhas as armas faz de brancas;  
 Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

## LXV

Algun dali tomou perpétuo sono  
 E fez da vida ao fim breve intervalo;  
 Correndo, algum cavalo vai sem dono,  
 E noutra parte o dono sem cavalo.  
 Cai a soberba inglesa de seu trono,  
 Que dois ou três já fora vão do valo.  
 Os que de espada veem fazer batalha,  
 Mais acham já que arnês, escudo e malha.

## LXVI

Gastar palavras em contar extremos  
 De golpes feros, cruas estocadas,  
 É dêsses gastadores, que sabemos,  
 Maus do tempo, com fábulas sonhadas.  
 Basta, por fim do caso, que entendemos  
 Que, com finezas altas e afamadas,  
 Co'os nossos fica a palma da vitória  
 E as damas vencedoras e com glória.

## LXVII

Recolhe o duque os doze vencedores  
 Nos seus paços, com festas e alegria;  
 Cozinheiros ocupa e caçadores,  
 Das damas a formosa companhia,  
 Que querem dar aos seus libertadores  
 Banquetes mil, cada hora e cada dia,  
 Enquanto se detém em Inglaterra,  
 Até tornar à doce e cara terra.

## LXVIII

Mas dizem que, contudo, o grão Magriço,  
 Desejoso de ver as cousas grandes,  
 Lá se deixou ficar, onde um serviço  
 Notável à condessa fez de Flandes.  
 E, como quem não era já noviço  
 Em todo trance onde tu, Marte, mandes,  
 Um francês mata em campo, que o destino  
 Lá teve de Torquato e de Corvino.

## LXIX

Outro também dos doze em Alemanha  
 Se lança e teve um fero desafio  
 C'um germano enganoso, que, com manha  
 Não devida, o quis pôr no extremo fio.  
 Contando assim Veloso, já a companhia  
 Lhe pede que não faça tal desvio  
 Do caso de Magriço e vencimento,  
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

## LXX

Mas, neste passo, assim prontos estando,  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
 O apito toca: acordam, despertando,  
 Os marinheiros duma e doutra banda.  
 E, porque o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gáveas tomar manda.  
 Alerta, disse, estai, que o vento cresce  
 Daquela nuvem negra que aparece.

## LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,  
 Quando dá a grande e súbita procela.  
 Amaina, disse o mestre a grandes brados,  
 Amaina, disse, amaina a grande vela!  
 Não esperam os ventos indignados  
 Que amainassem, mas, juntos dando nela,  
 Em pedaços a fazem c'um ruído  
 Que o mundo pareceu ser destruído!

## LXXII

O céu fere com gritos nisto a gente,  
C'um súbito temor e desacôrdo;  
Que, no romper da vela, a nau pendente  
Toma grão suma de água pelo bordo.  
Alija, disse o mestre rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte acôrdo!  
Vão outros dar à bomba, não cessando;  
À bomba, que nos imos alagando!

## LXXIII

Correm logo os soldados animosos  
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,  
Os balanços que os mares temerosos  
Deram à nau, num bordo os derribaram.  
Três marinheiros, duros e forçosos,  
A menear o leme não bastaram;  
Talhas lhe punham, duma e doutra parte,  
Sem aproveitar dos homens fôrça e arte.

## LXXIV

Os ventos eram tais que não puderam  
Mostrar mais fôrça de ímpeto cruel,  
Se para derribar então vieram  
A fortíssima tôrre de Babel.  
Nos altíssimos mares, que cresceram,  
A pequena grandura dum batel  
Mostra a possante nau, que move espanto,  
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

## LXXV

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,  
Quebrado leva o mastro pelo meio,  
Quási toda alagada; a gente chama  
Aquele que a salvar o mundo veio.  
Não menos gritos vão ao ar derrama  
Toda a nau de Coelho, com receio,  
Conquanto teve o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou que desse o vento.

## LXXVI

Agora sôbre as nuvens os subiam  
As ondas de Neptuno furibundo;  
Agora a ver parece que desciam  
As íntimas entranhas do profundo.  
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, queriam  
Arruinar a máquina do mundo;  
A noite negra e feia se alumia  
Co'os raios em que o polo todo ardia!

## LXXVII

As alcioneas áves triste canto,  
Junto da costa brava, levantaram,  
Lembrando-se de seu passado pranto,  
Que as furiosas águas lhes causaram.  
Os delfins namorados, entretanto,  
Lá nas covas marítimas entraram,  
Fugindo à tempestade e ventos duros,  
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

## LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou  
Contra a fera soberba dos gigantes  
O grão ferreiro sórdido que obrou  
Do enteado as armas radiantes;  
Nem tanto o grão Tonante arremessou  
Relâmpagos ao mundo, fulminantes,  
No grão dilúvio donde sós viveram  
Os dois que em gente as pedras converteram.

## LXXIX

Quantos montes, então, que derribaram  
As ondas que batiam denodadas!  
Quantas árvores velhas arrancaram  
Do vento bravo as fúrias indignadas!  
As forçosas raízes não cuidaram  
Que nunca para o céu fôessem viradas,  
Nem as fundas areias que pudessem  
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

## LXXX

Vendo Vasco da Gama que tão perto  
 Do fim de seu desejo se perdia,  
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,  
 Ora com nova fúria ao céu subia,  
 Confuso de temor, da vida incerto,  
 Onde nenhum remédio lhe valia,  
 Chama aquele remédio santo e forte  
 Que o impossível pode, desta sorte:

## LXXXI

Divina Guarda, angélica, celeste,  
 Que os céus, o mar e terra senhoreias:  
 Tu, que a todo Israel refúgio deste  
 Por metade das águas eritreias;  
 Tu, que livraste Paulo e defendeste  
 Das Sirtes arenosas e ondas feias,  
 E guardaste, co'os filhos, o segundo  
 Povoador do alagado e vácuo mundo:

## LXXXII

Se tenho novos mêdos perigosos  
 Doutra Scila e Caríbdis já passados,  
 Outras sirtes e baixos arenosos,  
 Outros Acroceráunios infamados,  
 No fim de tantos casos trabalhosos,  
 Porque somos de Ti desamparados,  
 Se êste nosso trabalho não te ofende,  
 Mas antes teu serviço só pretende?

## LXXXIII

Oh! Ditosos aqueles que puderam  
 Entre as agudas lanças africanas  
 Morrer, enquanto fortes sustiveram  
 A santa fé nas terras mauritanas!  
 De quem feitos ilustres se souberam,  
 De quem ficam memórias soberanas,  
 De quem se ganha a vida, com perdê-la,  
 Doce fazendo a morte as honras dela.

## LXXXIV

Assim dizendo, os ventos, que lutavam  
 Como touros indómitos, bramando,  
 Mais e mais a tormenta acrescentavam,  
 Pela miúda enxárcia assoviando.  
 Relâmpagos medonhos não cessavam,  
 Feros trovões, que veem representando  
 Cair o céu dos eixos sôbre a terra,  
 Consigo os elementos terem guerra.

## LXXXV

Mas já a amorosa estrêla scintilava  
 Diante do sol claro, no horizonte,  
 Mensageira do dia, e visitava  
 A terra e o largo mar, com lêda fronte.  
 A deusa que nos céus a governava,  
 De quem foge o ensífero Oriente,  
 Tanto que o mar e a cara armada vira,  
 Tocada junto foi de mêdo e de ira.

## LXXXVI

Estas obras de Baco são, por certo,  
 Disse; mas não será que avante leve  
 Tão danada tenção, que descoberto  
 Me será sempre o mal a que se atreve.  
 Isto dizendo, desce ao mar aberto,  
 No caminho gastando espaço breve,  
 Emquanto manda as ninfas amorosas  
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

## LXXXVII

Grinaldas manda pôr de várias côres  
 Sôbre cabelos louros à porfia.  
 Quem não dirá que nascem roxas flores  
 Sôbre ouro natural, que Amor enfia?  
 Abrandar determina, por amores,  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrando-lhe as amadas ninfas belas,  
 Que mais formosas vinham que as estrêlas.

## LXXXVIII

Assim foi; porque, tanto que chegaram  
À vista delas, logo lhe falecem  
As fôrças com que dantes pelejaram,  
E já, como rendidos, lhe obedecem.  
Os pés e mãos parece que lhe ataram  
Os cabelos que os raios escurecem.  
A Bóreas, que do peito mais queria,  
Assim disse a bellissima Oritia:

## LXXXIX

Não creias, fero Bóreas, que te creio  
Que me tiveste nunca amor constante,  
Que brandura é de amor mais certo arreo  
E não convém furor a firme amante.  
Se já não pões a tanta insânia freio,  
Não esperes de mim, daqui em diatne,  
Que possa mais amar-te, mas temer-te;  
Que amor, contigo, em mêdo se converte.

## XC

Assim mesmo a formosa Galateia  
Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
Que dias há que em vê-la se recreia,  
E bem crê que com êle tudo acabe.  
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,  
Que o coração no peito lhe não cabe,  
De contente de ver que a dama o manda.  
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

## XCI

Desta maneira as outras amansavam  
Súbitamente os outros amadores;  
E logo à linda Vênus se entregavam,  
Amansadas as iras e as furores.  
Ela lhe prometeu, vendo que amavam,  
Sempiterno favor em seus amores,  
Nas belas mãos tomando-lhe homenagem  
De lhe serem leais esta viagem.

## XCII

Já a manhã clara dava nos outeiros.  
 Por onde o Ganges murmurando soa,  
 Quando da celsa gávea os marinheiros  
 Enxergaram terra alta, pela proa.  
 Já fora de tormenta e dos primeiros  
 Mares, o temor vão do peito voa.  
 Disse alegre o pilôto melindano:  
 Terra é de Calecu, se não me engano;

## XCIII

Esta é, por certo, a terra que buscais  
 Da verdadeira Índia, que aparece;  
 E, se do mundo mais não desejaes,  
 Vosso trabalho longo aqui fenece.  
 Sofrer aqui não pôde o Gama mais,  
 De ledó em ver que a terra se conhece:  
 Os geolhos no chão, as mãos ao céu,  
 A mercê grande a Deus agradeceu.

## XCIV

As graças a Deus dava, e razão tinha,  
 Que não sómente á terra lhe mostrava  
 Que, com tanto temor, buscando vinha,  
 Por quem tanto trabalho experimentava,  
 Mas via-se livrado, tão asinha,  
 Da morte, que no mar lhe aparelhava  
 O vento duro, férvido e medonho,  
 Como quem despertou de horrendo sonho.

## XCV

Por meio destes hórridos perigos,  
 Dêstes trabalhos graves e temores,  
 Alcançam os que são de fama amigos  
 As honras imortais e graus maiores:  
 Não encostados sempre nos antigos  
 Troncos nobres de seus antecessores;  
 Não nos leitos dourados, entre os finos  
 Animais de Moscóvia zibelinos;

## XCVI

Não co'os manjares novos e exquisitos,  
Não co'os passeios moles e ociosos,  
Não co'os vários deleites e infinitos,  
Que afeminam os peitos generosos,  
Não co'os nunca vencidos apetitos,  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não sofre a nenhum que o passo mude  
Para alguma obra heróica de virtude:

## XCVII

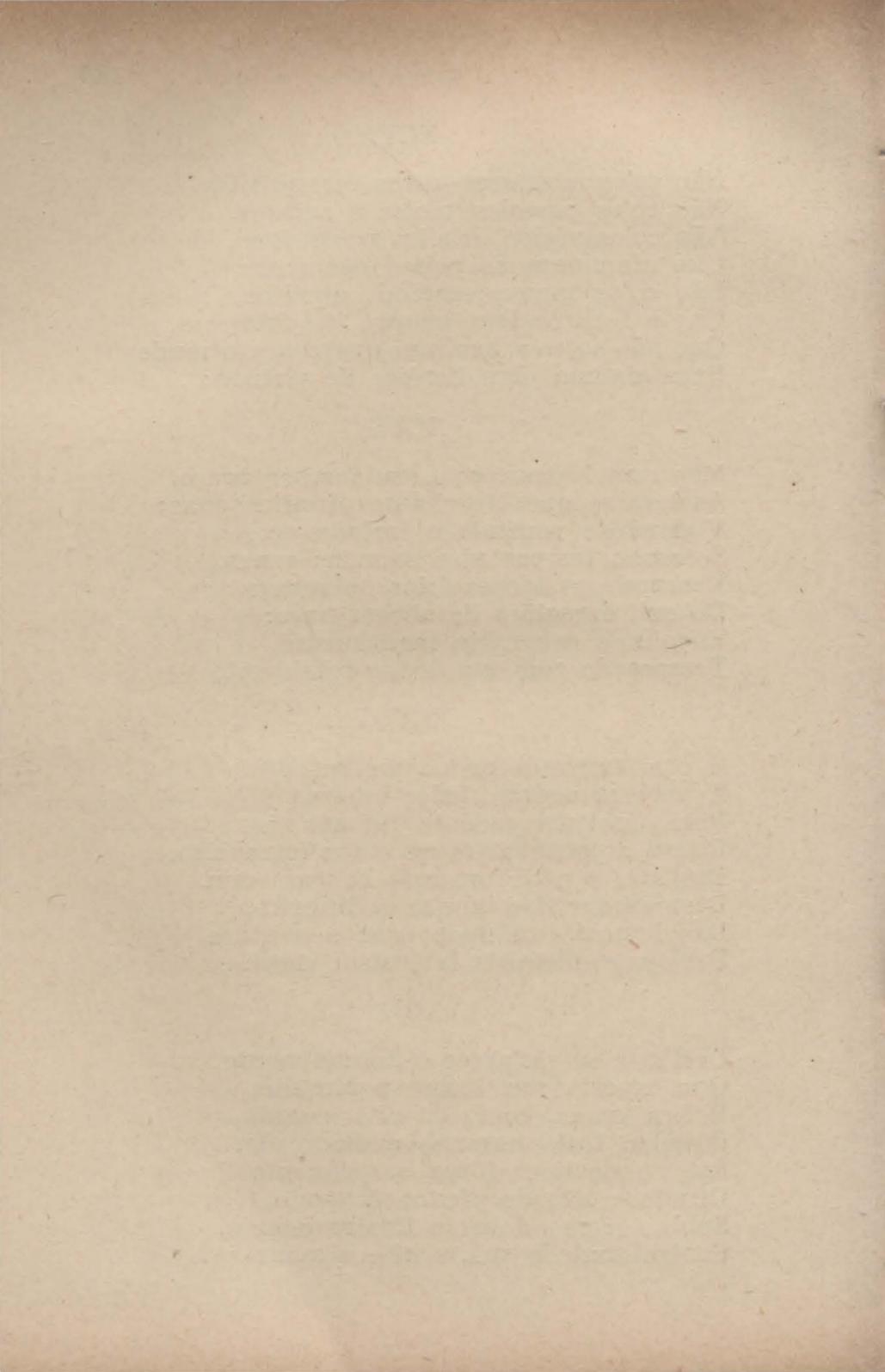
Mas com buscar, co'o seu forçoso braço,  
As honras que êle chame próprias suas;  
Vigiando e vestindo o forjado aço,  
Sofrendo tempestades e ondas cruas,  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do sul, e regiões de abrigo nuas;  
Engolindo o corruto mantimento  
Temperado com um árduo sofrimento;

## XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,  
A parecer seguro, ledó, inteiro,  
Para o pelouro ardente que assovia  
E leva a perna ou braço ao companheiro.  
Dest'arte o peito um calo honroso cria,  
Desprezador das honras e dinheiro,  
Das honras e dinheiro que a ventura  
Forjou, e não virtude justa e dura.

## XCIX

Dest'arte se esclarece o entendimento,  
Que experiências fazem repousado,  
E fica vendo, como de alto assento,  
O baixo trato humano embaraçado.  
Êste, onde tiver fôrça o regimento  
Direito e não de afeitos ocupado,  
Subirá (como deve) a ilustre mando,  
Contra vontade sua, e não rogando.



## CANTO SÊTIMO

### I

Já se viam chegados junto à terra,  
Que desejada já de tantos fôra,  
Que entre as correntes índicas se encerra  
É o Ganges, que no céu terreno mora.  
Ora sus, gente forte, que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora:  
Já sois chegados, já tendes diante  
A terra de riquezas abundante!

### II

A vós, ó geração de Luso, digo,  
Que tão pequena parte sois do mundo;  
Não digo inda no mundo, mas no amigo  
Curral de quem governa o céu rotundo;  
Vós, a quem não sómente algum perigo  
Estorva conquistar o povo imundo,  
Mas nem cobiça ou pouca obediência  
Da Madre que nos céus está em essência:

### III

Vós, portuguezes, poucos quantos fortes,  
Que o fraco poder vosso não pesais;  
Vós, que, à custa de vossas várias mortes,  
A lei da vida eterna dilatais:  
Assim do céu deitadas são as sortes  
Que vós, por muito poncos que sejais,  
Muito façais na santa cristandade.  
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

## IV

Vêde'los alemães, soberbo gado,  
 Que por tão largos campos se apascenta;  
 Do sucessor de Pedro rebelado,  
 Novo pastor e nova seita inventa.  
 Vêde'lo em feias guerras ocupado,  
 Que inda co'o cego error se não contenta,  
 Não contra o superbíssimo otomano,  
 Mas por sair do jugo soberano.

## V

Vêde'lo duro inglês, que se nomeia  
 Rei da velha e santíssima cidade,  
 Que o torpe ismaelita senhoreia  
 (Quem viu honra tão longe da verdade?).  
 Entre as boreais neves se recreia,  
 Nova maneira faz de cristandade:  
 Para os de Cristo tem a espada nua,  
 Não por tomar a terra que era sua.

## VI

Guarda-lhe, por emtanto, um falso rei  
 A cidade Hierosólima terrestre,  
 Enquanto êle não guarda a santa lei  
 Da cidade Hierosólima celeste.  
 Pois de ti, galo indigno, que direi?  
 Que o nome cristianíssimo quiseste,  
 Não para defendê-lo nem guardá-lo,  
 Mas para ser contra êle e derribá-lo!

## VII

¿Achas que tens direito em senhorios  
 De cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,  
 E não contra o Cinífio e Nilo rios,  
 Inimigos do antigo nome santo?  
 Ali se hão-de provar da espada os fios  
 Em quem quer reprovár da Igreja o canto.  
 De Carlos, de Luís, o nome e a terra  
 Herdaste, e as causas não da justa guerra?

## VIII

Pois que direi daqueles que em delicias,  
 Que o vil ócio no mundo traz consigo,  
 Gastam as vidas, logram as divícias,  
 Esquecidos de seu valor antigo?  
 Nascem da tirania inimicícias,  
 Que o povo forte tem, de si inimigo.  
 Contigo, Itália, falo, já submersa  
 Em vícios mil, e de ti mesma adversa.

## IX

O' míseros cristãos, pela ventura  
 Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,  
 Que uns aos outros se dão à morte dura,  
 Sendo todos de um ventre produzidos?  
 Não vêdes a divina sepultura  
 Possuída de cães, que, sempre unidos,  
 Vos veem tomar a vossa antiga terra.  
 Fazendo-se famosos pela guerra?

## X

Vêdes que teem por uso e por decreto,  
 Do qual são tão inteiros observantes,  
 Ajuntarem o exército inquieto  
 Contra os povos que são de Cristo amantes;  
 Entre vós nunca deixa a fera Aleto  
 De semear cizânias repugnantes.  
 Olhai se estais seguros de perigos,  
 Que êles, e vós, sois vossos inimigos.

## XI

Se cobiça de grandes senhorios  
 Vos faz ir conquistar terras alheias,  
 Não vêdes que Pactolo e Hermo rios  
 Ambos vovvem auríferas areias?  
 Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;  
 África esconde em si luzentes veias.  
 Mova-nos já, sequer, riqueza tanta,  
 Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

## XII

Aquelas invenções, feras e novas,  
De instrumentos mortais da artilharia  
Já devem de fazer as duras provas  
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.  
Fazei que torne lá às silvestres covas  
Dos Cáspios montes e da Scítia fria  
A turca geração, que multiplica  
Na polícia da vossa Europa rica.

## XIII

Gregos, traces, armênios, georgianos,  
Bradando vos estão que o povo bruto  
Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
Preceitos do Alcorão (duro tributo!).  
Em castigar os feitos inumanos  
Vos gloriai de peito forte e astuto,  
E não queirais louvores arrogantes  
De serdes contra os vossos mui possantes.

## XIV

Mas, emtanto que cegos e sedentos  
Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
Não faltarão cristãos atrevimentos  
Nesta pequena casa lusitana.  
De África tem marítimos assentos;  
É na Ásia mais que todas soberana;  
Na quarta parte nova os campos ara;  
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

## XV

E vejamos, emtanto, que acontece  
Áqueles tão famosos navegantes,  
Depois que a branda Vénus enfraquece  
O furor vão dos ventos repugnantes;  
Depois que a larga terra lhe aparece,  
Fim de suas porfias tão constantes,  
Onde veem semear de Cristo a lei  
E dar novo costume e novo rei.

## XVI

Tanto que à nova terra se chegaram,  
Leves embarcações de pescadores  
Acharam, que o caminho lhes mostraram  
De Calecu, onde eram moradores.  
Para lá logo as proas se inclinaram,  
Porque esta era a cidade, das melhores  
Do Malabar, melhor, onde vivia  
O rei que a terra toda possuía.

## XVII

Além do Indo jaz e aquém do Gange  
Um terreno mui grande e assaz famoso,  
Que pela parte austral o mar abrange  
E para o norte o Emódio cavernoso.  
Jugo de reis diversos o constringe  
A várias leis: alguns o vicioso  
Maoma, alguns os ídolos adoram,  
Alguns os animais que entre êles moram.

## XVIII

Lá bem no grande monte que, cortando  
Tão larga terra, toda Ásia discorre,  
Que nomes tão diversos vai tomando  
Segundo as regiões por onde corre,  
As fontes saem donde veem manando  
Os rios cuja grão corrente morre  
No mar Índico, e cercam todo o pêso  
Do terreno, fazendo-o Quersoneso.

## XIX

Entre um e outro rio, em grande espaço  
Saí da larga terra ãa longa ponta,  
Quási piramidal, que, no regaço  
Do mar, com Ceilão ínsula confronta.  
E junto donde nasce o largo braço  
Gangético, o rumor antigo conta  
Que os vizinhos, da terra moradores,  
Do cheiro se mantem das finas flores.

## XX

Mas agora, de nomes e de usança  
 Novos e vários são os habitantes:  
 Os delis, os patanes, que, em possança  
 De terra e gente, são mais abundantes;  
 Decanis, oriás, que a esperança  
 Teem de sua salvação nas ressonantes  
 Águas do Gange, e a terra de Bengala,  
 Fértil de sorte que outra não lhe iguala;

## XXI

O reino de Cambaia belicoso  
 (Dizem que foi de Poro, rei potente);  
 O reino de Narsinga, poderoso  
 Mais de ouro e pedras que de forte gente.  
 Aqui se enxerga, lá do mar undoso,  
 Um monte alto, que corre longamente,  
 Servindo ao Malabar de forte muro,  
 Com que do Canará vive seguro.

## XXII

Da terra os naturais lhe camam Gate,  
 Do pé do qual, pequena quantidade,  
 Se estende ãa fralda estreita, que combate  
 Do mar a natural ferocidade.  
 Aqui de outras cidades, sem debate,  
 Calecu tem a ilustre dignidade  
 De cabeça de Império, rica e bela;  
 Samorim se intitula o senhor dela.

## XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,  
 Um português, mandado, logo parte  
 A fazer sabedor o rei gentio  
 Da vinda sua a tão remota parte,  
 Entrando o mensageiro pelo rio  
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte,  
 A côr, o gesto estranho, o traje novo,  
 Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

## XXIV

Entra a gente que a vê-lo concorria,  
Se chega um maometa, que nascido  
Fôra na região da Berberia,  
Lá onde fôra Anteu obedecido.  
(Ou, pela vizinhança, já teria  
O reino lusitano conhecido,  
Ou foi já assinalado de seu ferro;  
Fortuna o trouxe a tão longo destêrro).

## XXV

Em vendo o mensageiro, com jucundo  
Rosto, como quem sabe a língua hispana,  
Lhe disse: ; Quem te trouxe a êst'outro mundo,  
Tão longe da tua pátria lusitana?  
Abrindo, lhes responde, o mar profundo  
Por onde nunca veio gente humana;  
Vimos buscar do Indo a grão corrente,  
Por onde a lei divina se acrescenta.

## XXVI

Espantado ficou da grão viagem  
O mouro, que Monçaide se chamava,  
Ouvindo as opressões que, na passagem  
Do mar, o lusitano lhe contava.  
Mas vendo, emfim, que a fôrça da mensagem  
Só para o rei da terra relevava,  
Lhe diz que estava fora da cidade,  
Mas de caminho pouca quantidade.

## XXVII

E que, emtanto que a nova lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria,  
Na sua pobre casa repousasse  
E do manjar da terra comeria;  
E, depois que se um pouco recreasse,  
Com êle para a armada tornaria,  
Que alegria não pode ser tamanha  
Que achar gente vizinha em terra estranha.

## XXVIII

O português aceita de vontade  
 O que o ledo Monçaide lhe oferece;  
 Como se longa fôra a amizade,  
 Com êle come e bebe e lhe obedece.  
 Ambos se tornam logo da cidade  
 Para a frota, que o mouro bem conhece.  
 Sobem à capitaina, e toda a gente  
 Monçaide recebeu benignamente.

## XXIX

O capitão o abraça, em cabo ledo,  
 Ouvindo clara a língua de Castela;  
 Junto de si o assenta e, pronto e quedo,  
 Pela terra pergunta e cousas dela.  
 Qual se ajuntava em Ródope o arvoredos,  
 Só por ouvir o amante da donzela  
 Eurídice, tocando a lira de ouro,  
 Tal a gente se ajunta a ouvir o mouro.

## XXX

Êle começa: O' gente, que a natura  
 Vizinha fez de meu paterno ninho,  
 Que destino tão grande ou que ventura  
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho?  
 Não é sem causa, não, oculta e escura,  
 Vir do longínquo Tejo e ignoto Minho,  
 Por mares nunca doutro lenho arados,  
 A reinos tão remotos e apartados.

## XXXI

Deus, por certo, vos traz, porque pretende  
 Algum serviço seu por vós obrado;  
 Por isso só vos guia e vos defende  
 Dos imigos, do mar, do vento irado.  
 Sabei que estais na Índia, onde se estende  
 Diverso povo, rico e prosperado  
 De ouro luzente e fina pedraria,  
 Cheiro suave, ardente especiaria.

## XXXII

Esta província, cujo pôrto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama;  
Do culto antigo os ídolos adora,  
Que cá por estas partes se derrama;  
De diversos reis é, mas dum só fôra  
Noutro tempo, segundo a antiga fama:  
Saramá Perimal foi derradeiro  
Rei que êste reino teve unido e inteiro.

## XXXIII

Porém, como a esta terra então viessem  
De lá do seio arábico outras gentes,  
Que o culto maométrico trouxessem,  
No qual se instituíram meus parentes,  
Sucedeu que, prègando, convertessem  
O Perimal, de sábios e eloqüentes;  
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto  
Que pressupôs de nela morrer santo.

## XXXIV

Naus arma e nelas mete, curioso,  
Mercadoria que ofereça rica,  
Para ir nelas a ser religioso  
Onde o profeta jaz que a lei publica.  
Antes que parta, o reino poderoso  
Co'os seus reparte; porque não lhe fica  
Herdeiro próprio, faz os mais aceitos  
Ricos, de pobres, livres, de sujeitos.

## XXXV

A um Cochim e a outro Cananor,  
A qual Chale, a qual a ilha da Pimenta,  
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,  
E o mais, a quem o mais serve e contenta.  
Um só moço, a quem tinha muito amor,  
Depois que tudo deu, se lhe apresenta:  
Para êste Calecu sómente fica,  
Cidade já por trato nobre e rica.

## XXXVI

Esta lhe dá, co'o título excelente  
De imperador, que sôbre os outros mande.  
Isto feito, se parte diligente  
Para onde em santa vida acabe e ande.  
E daqui fica o nome de potente  
Samori, mais que todos digno e grande,  
Ao moço e descendentes, donde vem  
Êste que agora o império manda e tem.

## XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,  
De fábulas composta se imagina.  
Andam nus e sómente um pano cobre  
As partes que a cobrir natura ensina.  
Dois modos há de gente, porque a nobre  
Naires chamados são, e a menos digna  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
A lei não misturar a casta antiga;

## XXXVIII

Porque os que usaram sempre um mesmo officio,  
De outro não podem receber consorte;  
Nem os filhos terão outro exercício  
Senão o de seus passados, até morte.  
Para os naires é, certo, grande vício  
Dêstes serem tocados; de tal sorte  
Que, quando algum se toca por ventura,  
Com cerimónias mil se alimpa e apura.

## XXXIX

Desta sorte o judaico povo antigo  
Não tocava na gente de Samária.  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de usança vária.  
Os naires sós são dados ao perigo  
Das armas; sós defendem da contrária  
Banda o seu rei, trazendo sempre usada  
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

## XL

Brâmanes são os seus religiosos,  
Nome antigo e de grande preeminência;  
Observam os preceitos tão famosos  
Dum que primeiro pôs nome à sciência;  
Não matam cousa viva e, temerosos,  
Das carnes teem grandíssima abstinência.  
Sómente no venéreo ajuntamento  
Teem mais licença e menos regimento.

## XLI

Gerais são as mulheres, mas sómente  
Para os da geração de seus maridos.  
Ditosa condição, ditosa gente,  
Que não são de ciúmes ofendidos!  
Estes e outros costumes variamente  
São pelos malabares admitidos.  
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo  
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.

## XLII

Assim contava o mouro; mas vagando  
Andava a fama já, pela cidade,  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O rei saber mandara da verdade.  
Já vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo e idade,  
Os principais que o rei buscar mandara  
O capitão da armada que chegara.

## XLIII

Mas êle, que do rei já tem licença  
Para desembarcar, acompanhado  
Dos nobres portuguezes, sem detença  
Parte, de ricos panos adornado.  
Das côres a formosa diferença  
A vista alegre ao povo alvoroçado;  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

## XLIV

Na praia um regedor do reino estava  
Que, na sua língua, catual se chama,  
Rodeado de naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama.  
Já na terra, nos braços o levava  
E num portátil leito ãa rica cama  
Lhe oferece em que vá, costume usado,  
Que nos ombros dos homens é levado.

## XLV

Dest'arte o malabar, dest'arte o luso,  
Caminham lá para onde o rei o espera.  
Os outros portuguezes vão ao uso  
Que infantaria segue, esquadra fera.  
O povo que concorre vai confuso  
De ver a gente estranha, e bem quisera  
Perguntar; mas, no tempo já passado,  
Na tôrre de Babel lhe foi vedado.

## XLVI

O Gama e o catual iam falando  
Nas cousas que lhe o tempo oferecia;  
Monçaide, entre êles, vai interpretando  
As palavras que de ambos entendia.  
Assim pela cidade caminhando,  
Onde uma rica fábrica se erguia  
De um sumptuoso templo já chegavam,  
Pelas portas do qual juntos entravam.

## XLVII

Ali estão das deidades as figuras,  
Esculpidas em pau e em pedra fria,  
Vários de gestos, vários de pinturas,  
A segundo o demônio lhes fingia.  
Vêem-se as abomináveis esculturas,  
Qual a Quimera em membros se varia.  
Os cristãos olhos, a ver Deus usados  
Em forma humana, estão maravilhados.

## XLVIII

Um na cabeça cornos esculpidos,  
 Qual Júpiter Amon em Líbia estava;  
 Outro num corpo rostos tinha unidos,  
 Bem como o antigo Jano se pintava;  
 Outro, com muitos braços divididos,  
 A Briareu parece que imitava;  
 Outro fronte canina tem de fora,  
 Qual Anúbis menfítico se adora.

## XLIX

Aqui feita do bárbaro gentio  
 A supersticiosa adoração,  
 Direitos vão, sem outro algum desvio,  
 Para onde estava o rei do povo vão.  
 Engrossando-se vai da gente o fio  
 Co'os que veem ver o estranho capitão.  
 Estão pelos telhados e janelas  
 Velhos e moços, donas e donzelas.

## L

Já chegam perto, e não com passos lentos,  
 Dos jardins odoríferos formosos,  
 Que em si escondem os régios aposentos,  
 Altos de tórres não, mas sumptuosos.  
 Edificam-se os nobres seus assentos  
 Por entre os arvoredos deleitosos.  
 Assim vivem os reis daquela gente,  
 No campo e na cidade juntamente.

## LI

Pelos portais da cêrca a subtileza  
 Se enxerga da cedálea faculdade,  
 Em figuras mostrando, por nobreza,  
 Da Índia a mais remota antiguidade.  
 Afiguradas vão com tal viveza  
 As histórias daquela antiga idade,  
 Que quem delas tiver notícia inteira,  
 Pela sombra conhece a verdadeira.

## LII

Estava um grande exército, que pisa  
A terra oriental que o Idaspe lava;  
Rege-o um capitão de fronte lisa,  
Que com frondentes tirsos pelejava  
(Por êle edificada estava Nisa  
Nas ribeiras do rio que manava),  
Tão próprio que, se ali estiver Semele,  
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.

## LIII

Mais avante, bebendo, seca o rio  
Mui grande multidão da Assíria gente,  
Sujeita a feminino senhorio  
De uma tão bela como incontinente.  
Ali tem, junto ao lado nunca frio,  
Esculpido o feroz ginete ardente  
Com quem teria o filho competência.  
Amor nefando ,bruta incontinência!

## LIV

Daqui mais apartadas, tremulavam  
As bandeiras de Grécia gloriosas  
(Terceira monarquia), e subjugavam  
Até as águas gangéticas undosas.  
Dum capitão mancebo se guiavam,  
De palmas rodeado valerosas,  
Que já não de Filipo, mas, sem falta,  
De progénie de Júpiter se exalta.

## LV

Os portugueses vendo estas memórias,  
Dizia o catual ao capitão:  
Tempo cedo virá que outras vitórias  
Estas que agora olhais abaterão.  
Aqui se escreverão novas histórias  
Por gentes estrangeiras que virão;  
Que os nossos sábios magos o alcançaram  
Quando o tempo futuro especularam.

## LVI

E diz-lhe mais a mágica ciência  
Que, para se evitar fôrça tamanha,  
Não valerá dos homens resistência,  
Que contra o céu não val da gente manha;  
Mas também diz que a bélica excelência,  
Nas armas e na paz, da gente estranha  
Será tal, que será no mundo ouvido  
O vencedor por glória do vencido.

## LVII

Assim falando, entravam já na sala  
Onde aquele potente imperador  
Numa camilha jaz, que não se iguala  
De outra alguma no preço e no lavor.  
No recostado gesto se assinala  
Um venerando e próspero senhor;  
Um pano de ouro cinge, e na cabeça  
De preciosas gemas se adereça.

## LVIII

Bem junto dêle, um velho reverente,  
Co'os geolhos no chão, de quando em quando  
Lhe dava a verde fôlha da erva ardente,  
Que a seu costume estava ruminando.  
Um brâmene, pessoa preminente,  
Para o Gama vem com passo brando,  
Para que ao grande príncipe o apresente,  
Que diante lhe acena que se assente.

## LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
Os seus mais afastados, pronto em vista  
Estava o samori no trajo e jeito  
Da gente, nunca de antes dêle vista.  
Lançando a grave voz do sábio peito,  
Que grande autoridade logo aquista  
Na opinião do rei e do povo todo,  
O capitão lhe fala dêste modo:

## LX

Um grande rei, de lá das partes onde  
 O céu volúbil, com perpétua roda,  
 Da terra a luz solar co'a terra esconde,  
 Tingindo, a que deixou, de escura nodá,  
 Ouvindo do rumor que lá responde  
 O eco, como em ti da Índia toda  
 O principado está e a majestade,  
 Vínculo quer contigo de amizade.

## LXI

E por longos rodeios a ti manda  
 Por te fazer saber que tudo aquilo  
 Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda,  
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,  
 E desde a fria plaga de Zelanda  
 Até bem donde o sol não muda o estilo  
 Nos dias, sôbre a gente de Etiópia,  
 Tudo tem no seu reino em grande cópia.

## LXII

E, se queres, com pactos e lianças  
 De paz e de amizade, sacra e nua,  
 Comércio consentir das abundanças  
 Das fazendas da terra sua e tua,  
 Por que cresçam as rendas e abastanças  
 (Por quem a gente mais trabalha e sua)  
 De vossos reinos, será certamente  
 De ti proveito, e dêle glória ingente.

## LXIII

E, sendo assim que o nó desta amizade  
 Entre vós firmemente permaneça,  
 Estará pronto, a toda adversidade  
 Que por guerra a teu reino se ofereça,  
 Com gente, armas e naus, de qualidade  
 Que por irmão te tenha e te conheça;  
 E da vontade em ti sôbre isto posta  
 Me dês a mim certíssima resposta.

## LXIV

Tal embaixada dava o capitão,  
 A quem o rei gentio respondia  
 Que, em ver embaixadores de nação  
 Tão remota, grão glória recebia;  
 Mas neste caso a última tenção  
 Com os de seu conselho tomaria,  
 Informando-se certo de quem era  
 O rei e a gente e terra que dissera.

## LXV

E que, emtanto, podia do trabalho  
 Passado ir repousar; e em tempo breve  
 Daria a seu despacho um justo talho,  
 Com que a seu rei resposta alegre leve.  
 Já nisto punha a noite o usado atalho  
 Às humanas canseiras, por que ceve  
 De doce sono os membros trabalhados,  
 Os olhos ocupando, ao ócio dados.

## LXVI

Agasalhados foram juntamente  
 O Gama e portugueses no aposento  
 Do nobre regedor da índica gente,  
 Com festas e geral contentamento.  
 O catual, no cargo diligente  
 De seu rei, tinha já por regimento  
 Saber da gente estranha donde vinha,  
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

## LXVII

Tanto que os ígneos carros do formoso  
 Mancebo délío viu, que a luz renova,  
 Manda chamar Monçaide, desejoso  
 De poder-se informar da gente nova.  
 Já lhe pergunta, pronto e curioso,  
 Se tem notícia inteira e certa prova  
 Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha  
 Que é gente de sua pátria mui vizinha.

## LXVIII

Que particularmente ali lhe desse  
 Informação mui larga, pois fazia  
 Nisso serviço ao rei, por que soubesse  
 O que neste negócio se faria.  
 Monçaide torna: Pôsto que eu quisesse  
 Dizer-te disto mais, não saberia;  
 Sómente sei que é gente lá de Espanha,  
 Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

## LXIX

Tem a lei dum profeta que gerado  
 Foi sem fazer na carne detrimento  
 Da mãe, tal que por bafo está aprovado  
 Do Deus que tem do mundo o regimento.  
 O que entre meus antigos é vulgado  
 Dêles, é que o valor sangüinolento  
 Das armas no seu braço resplandece;  
 O que em nossos passados se parece.

## LXX

Porque êles, com virtude sôbre-humana,  
 Os deitaram dos campos abundosos  
 Do rico Tejo e fresca Guadiana,  
 Com feitos memoráveis e famosos.  
 E não contentes inda, e na africana  
 Parte, cortando os mares procelosos,  
 Nos não querem deixar viver seguros,  
 Tomando-nos cidades e altos muros.

## LXXI

Não menos teem mostrado esforço e manha  
 Em quaisquer outras guerras que aconteçam,  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou lá dalguns que do Pirene desçam.  
 Assim que nunca, emfim, com lança estranha  
 Se tem que por vencidos se conheçam;  
 Não se sabe inda, não, te afirmo e asselo,  
 Para estes Anibais nenhum Marcelo.

## LXXII

E se esta informação não fôr inteira  
Tanto quanto convém, dêles pretende  
Informar-te, que é gente verdadeira,  
A quem mais falsidade enoja e ofende.  
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira  
Do fundido metal que tudo rende,  
E folgarás de veres a polícia  
Portuguesa, na paz e na milícia.

## LXXIII

Já com desejos o idolatra ardia  
De ver isto que o mouro lhe contava.  
Manda esquipar batéis, que ir ver queria  
Os lenhos em que o Gama nevagava.  
Ambos partem da praia, a quem seguia  
A naira geração, que o mar coalhava.  
Á capitaina sobem, forte e bela,  
Onde Paulo os recebe a bordo dela.

## LXXIV

Purpúreos são os toldos, e as bandeiras  
Do rico fio são que o bicho gera;  
Nelas estão pintadas as guerreiras  
Obras que o forte braço já fizera;  
Batalhas teem campais aventureiras,  
Desafios cruéis, pintura fera,  
Que, tanto que ao gentio se apresenta,  
A tento nela os olhos apascenta.

## LXXV

Pelo que vê pergunta; mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que se assente  
E que aquele deleite que tanto ama  
A seita epicurea experimente.  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor que Noé mostrara à gente;  
Mas comer o gentio não pretende,  
Que a seita que seguia lho defende.

## LXXVI

A trombeta, que, em paz, no pensamento  
 Imagem faz de guerra, rompe os ares;  
 Co'o fogo o diabólico instrumento  
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.  
 Tudo o gentio nota; mas o intento  
 Mostrava sempre ter nos singulares  
 Feitos dos homens que, em retrato breve,  
 A muda poesia ali descreve.

## LXXVII

Alça-se em pé, com êle o Gama junto,  
 Coelho de outra parte e o mauritano;  
 Os olhos põe no bélico transunto  
 De um velho branco, aspeito venerando,  
 Cujo nome não pode ser defunto  
 Enquanto houver no mundo trato humano:  
 No trajo a grega usança está perfeita;  
 Um ramo, por insígnia, na direita.

## LXXVIII

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego!  
 Eu que cometo, insano e temerário,  
 Sem vós, ninfás do Tejo e do Mondego,  
 Por caminho tão árduo, longo e vário,  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar, com vento tão contrário  
 Que, se não me ajudais, hei grande mêdo  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

## LXXIX

Olhai que há tanto tempo que, cantando  
 O vosso Tejo e os vossos lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Novos trabalhos vendo e novos danos:  
 Agora o mar, agora experimentando  
 Os perigos mavórcios inumanos,  
 Qual Canace, que à morte se condena,  
 Numa mão sempre a espada e noutra a pena;

## LXXX

Agora, com pobreza aborrecida,  
Por hospícios alheios degradado;  
Agora, da esperança já adquirida,  
De novo, mais que nunca, derribado;  
Agora às costas escapando a vida,  
Que dum fio pendia tão delgado  
Que não menos milagre foi salvar-se  
Que para o rei judaico acrescentar-se.

## LXXXI

E ainda, ninfas minhas, não bastava  
Que tamanhas misérias me cercassem,  
Senão que aqueles que eu cantando andava  
Tal prêmio de meus versos me tornassem:  
A trôco dos descansos que esperava,  
Das capelas de louro que me honrassem,  
Trabalhos nunca usados me inventaram,  
Com que em tão duro estado me deitaram!

## LXXXII

Vêde, ninfas, que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assim sabem prezar, com tais favores,  
A quem os faz, cantando, gloriosos!  
Que exemplos a futuros escritores,  
Para espertar engenhos curiosos,  
Para porem as cousas em memória  
Que merecerem ter eterna glória!

## LXXXIII

Pois logo, em tantos males, é forçado  
Que só vosso favor me não faleça,  
Principalmente aqui, que sou chegado  
Onde feitos diversos engrandeça:  
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado  
Que não no empregue em quem o não mereça,  
Nem por lisonja louve algum subido,  
Sob pena de não ser agradecido.

## LXXXIV

Nem creais, ninfas, não, que fama desse  
A quem ao bem comum e do seu rei  
Antepuser seu próprio interêsse,  
Imigo da divina e humana lei.  
Nenhum ambicioso que quisesse  
Subir a grandes cargos, cantarei,  
Só por poder com torpes exercícios  
Usar mais largamente de seus vícios;

## LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante  
Para servir a seu desejo feio,  
E que, por comprazer ao vulgo errante,  
Se muda em mais figuras que Proteio.  
Nem, Camenas, também cuideis que cante  
Quem, com hábito honesto e grave, veio,  
Por contentar o rei, no officio novo,  
A despir e roubar o pobre povo!

## LXXXVI

Nem quem acha que é justo e que é direito  
Guardar-se a lei do rei severamente,  
E não acha que é justo e bom respeito  
Que se pague o suor da servil gente;  
Nem quem sempre, com pouco experto peito,  
Razões aprende e cuida que é prudente,  
Para taxar, com mão rapace e escassa,  
Os trabalhos alheios que não passa.

## LXXXVII

Aqueles sós direi que aventuraram  
Por seu Deus, por seu rei, a amada vida,  
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,  
Tão bem de suas obras merecida.  
Apolo e as Musas, que me acompanharam,  
Me dobrarão a fúria concedida,  
Emquanto eu tomo alento, descansado,  
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

## CANTO OITAVO

### I

Na primeira figura se detinha  
O catual que vira estar pintada,  
Que por divisa um ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa e penteada.  
; Quem era e por que causa lhe convinha  
A divisa que tem na mão tomada?  
Paulo responde, cuja voz discreta  
O mauritano sábio lhe interpreta:

### II

Estas figuras todas que aparecem,  
Bravos em vista e feros nos aspeitos,  
Mais bravos e mais feros se conhecem,  
Pela fama, nas obras e nos feitos.  
Antigos são, mas inda resplandecem  
Co'o nome, entre os engenhos mais perfectos.  
Êste que vês, é Luso, donde a fama  
O nosso reino Lusitânia chama.

### III

Foi filho e companheiro do tebano  
Que tão diversas partes conquistou;  
Parece vindo ter ao ninho hispano  
Seguindo as armas, que continuo usou.  
Do Douro, Guadiana o campo ufano,  
Já dito Elísio, tanto o contentou  
Que ali quis dar aos já cansados ossos  
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

## IV

O ramo que lhe vês, para divisa,  
 O verde tirso foi de Baco usado;  
 O qual à nossa idade amostra e avisa  
 Que foi seu companheiro e filho amado.  
 ¿Vês outro, que do Tejo a terra pisa,  
 Depois de ter tão longo mar arado,  
 Onde muros perpétuos edifica,  
 E templo a Palas, que em memória fica?

## V

Ulisses é o que faz a santa casa  
 Á Deusa que lhe dá língua facunda;  
 Que, se lá na ásia Tróia insigne abrasa,  
 Cá na Europa Lisboa ingente funda.  
 ¿Quem será êst'outro cá, que o campo arrasa  
 De mortos, com presença furibunda?  
 Grandes batalhas tem desbaratadas,  
 Que as águias nas bandeiras tem pintadas.

## VI

Assim o gentio diz. Responde o Gama:  
 Êste que vês, pastor já foi de gado;  
 Viriato sabemos que se chama,  
 Destro na lança mais que no cajado.  
 Injuriada tem de Roma a fama,  
 Vencedor invencibil, afamado.  
 Não tem com êle, não, nem ter puderam,  
 O primor que com Pirro já tiveram.

## VII

Com fôrça, não; com manha vergonhosa  
 A vida lhe tiraram que os espanta;  
 Que o grande apêrto, em gente inda que honrosa,  
 Às vezes leis magnânimas quebranta.  
 Outro está aqui que, contra a pátria irosa,  
 Degradado, connosco se alevanta.  
 Escolheu bem com quem se alevantasse  
 Para que eternamente se ilustrasse.

## VIII

Vês, connosco também vence as bandeiras  
 Dessas aves de Júpiter validas;  
 Que já naquele tempo as mais guerreiras  
 Gentes de nós souberam ser vencidas.  
 Olha tão subtis artes e maneiras  
 Para adquirir os povos, tão fingidas:  
 A fatídica cerva que o avisa.  
 Êle é Sertório, e ela a sua divisa.

## IX

Olha est'outra bandeira, e vê pintado  
 O grão progenitor dos reis primeiros.  
 Nós húngaro o fazemos, porém nado  
 Crêem ser em Lotaríngia os estrangeiros.  
 Depois de ter, co'os mouros, superado  
 Galegos e leoneses cavaleiros,  
 Á Casa Santa passa o santo Henrique,  
 Por que o tronco dos reis se santifique.

## X

¿Quem é, me dize, êst'outro que me espanta  
 (Pergunta o malabar maravilhado),  
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
 Com tão pouca, tem roto e destroçado?  
 Tantos muros aspérrimos quebranta,  
 Tantas batalhas dá, nunca cansado,  
 Tantas coroas tem, por tantas partes,  
 A seus pés derribadas, e estandartes!

## XI

Êste é o primeira Afonso, disse o Gama,  
 Que todo Portugal aos mouros toma;  
 Por quem no estígio lago jura a fama  
 De mais não celebrar nenhum de Roma.  
 Êste é aquele zeloso a quem Deus ama,  
 Com cujo braço o mouro imigo doma,  
 Para quem de seu reino abaixa os muros,  
 Nada deixando já para os futuros.

## XII

Se César, se Alexandre rei, tiveram  
Tão pequeno poder, tão pouca gente,  
Contra tantos inimigos quantos eram  
Os que desbaratava êste excelente,  
Não creias que seus nomes se estenderam  
Com glórias imortais tão largamente;  
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,  
Vê que os de seus vassallos são notáveis.

## XIII

Êste que vês olhar, com gesto irado,  
Para o rompido aluno mal sofrido,  
Dizendo-lhe que o exército espalhado  
Recolha, e torne ao campo defendido;  
Torna o moço, do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido:  
Egas Moniz se chama o forte velho,  
Para leais vassallos claro espelho.

## XIV

Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,  
A corda ao colo, nu de sêda e pano,  
Porque não quis o moço sujeitar-se,  
Como êle prometera, ao castelhano.  
Fez com siso e promessas levantar-se  
O cêrco, que já estava soberano.  
Os filhos e mulher obriga a pena:  
Para que o senhor salve, a si condena.

## XV

Não fez o cônsul tanto que cercado  
Foi nas fôrças caudinas, de ignorante,  
Quando a passar por baixo foi forçado  
Do samnítico jugo triunfante.  
Êste, pelo seu povo injuriado,  
A si se entrega só, firme e constante;  
Êst'outro a si e os filhos naturais  
E a consorte sem culpa, que dói mais.

## XVI

¿Vês êste que, saindo da cilada,  
Dá sôbre o rei que cerca a vila forte?  
Já o rei tem preso e a vila descercada;  
Ilustre feito, digno de Mavorte.  
Vê-lo: cá vai pintado nesta armada,  
No mar também aos mouros dando a morte,  
Tomando-lhe as galés, levando a glória  
Da primeira marítima vitória.

## XVII

É Dom Fuas Roupinho, que na terra  
E no mar resplandece juntamente,  
Co' o fogo que acendeu junto da serra  
De Abila, nas galés da maura gente.  
Olha como, em tão justa e santa guerra,  
De acabar pelejando está contente.  
Das mãos dos mouros entra a felice alma,  
Triunfando, nos céus, com justa palma.

## XVIII

¿Não vês um ajuntamento, de estrangeiro  
Trajo, sair da grande armada nova  
Que ajuda a combater o rei primeiro  
Lisboa, de si dando santa prova?  
Olha Henrique, famoso cavaleiro,  
A palma que lhe nasce junto à cova.  
Por êles mostra Deus milagres visto;  
Germanos são os mártires de Cristo.

## XIX

Um sacerdote vê, brandindo a espada  
Contra Arronches, que toma, por vingança  
De Leiria, que de antes foi tomada  
Por quem por Mafamede enresta a lança.  
É Teotónio prior. Mas vê cercada  
Santarém, e verás a segurança  
Da figura nos muros que, primeira  
Subindo, ergueu das quinas a bandeira.

## XX

Vê-lo cá donde Sancho desbarata  
 Os mouros de Vandália em fera guerra;  
 Os imigos rompendo, o alferes mata  
 E hispálico pendão derriba em terra.  
 Mem Moniz é, que em si o valor retrata  
 Que o sepulcro do pai co'os ossos cerra.  
 Digno destas bandeiras, pois sem falta  
 A contrária derriba e a sua exalta.

## XXI

Olha aquele que desce pela lança,  
 Com as duas cabeças dos vigias,  
 Onde a cilada esconde, com que alcança  
 A cidade, por manhas e ousadias.  
 Ela por armas toma a semelhança  
 Do cavaleiro que as cabeças frias  
 Na mão levava (feito nunca feito!).  
 Geraldo Sem Pavor é o forte peito.

## XXII

¿Não vês um castelhano, que, agravado  
 De Afonso nono, rei, pelo ódio antigo  
 Dos de Lara, co'os mouros é deitado,  
 De Portugal fazendo-se inimigo?  
 Abrantes vila toma, acompanhado  
 Dos duros infiéis que traz consigo.  
 Mas vê que um português com pouca gente  
 O desbarata e o prende ousadamente.

## XXIII

Martim Lopes se chama o cavaleiro  
 Que dêstes levar pode a palma e o louro.  
 Mas olha um eclesiástico guerreiro,  
 Que em lança de aço torna o bago de ouro.  
 ?Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro  
 Em não negar batalha ao bravo mouro?  
 Olha o sinal no céu, que lhe aparece,  
 Com que nos poucos seus o esfôrço cresce.

## XXIV

Vês? vão os reis de Córdova e Sevilha  
Rotos, co'os outros dois, e não de espaço.  
Rotos? Mas antes mortos; maravilha  
Feita de Deus, que não de humano braço.  
Vês? Já a vila de Alcácere se humilha,  
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,  
A Dom Mateus, o bispo de Lisboa,  
Que a coroa de palma ali coroa.

## XXV

Olha um mestre que desce de Castela,  
Português de nação, como conquista  
A terra dos Algarves, e já nela  
Não acha que por armas lhe resista.  
Com manha, esforço e com benigna estrêla,  
Vilas, castelos, toma à escala vista.  
¿Vês Tavira tomada aos moradores,  
Em vingança dos sete caçadores?

## XXVI

Vês? Com bélica astúcia ao mouro ganha  
Silves, que êle ganhou com fôrça ingente.  
É Dom Paio Correia, cuja manha  
E grande esforço faz enveja à gente.  
Mas não passes os três que em França e Espanha  
Se fazem conhecer perpétuamente  
Em desafios, justas e torneos,  
Nelas deixando públicos troféus.

## XXVII

Vê-los: co' o nome vem de aventureiros  
A Castela, onde o preço sós levaram  
Dos jogos de Belona verdadeiros,  
Que com dano de alguns se exercitaram.  
Vê mortos os soberbos cavaleiros  
Que o principal dos três desafiaram,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
Que pode não temer a lei letea.

## XXVIII

Atenta num que a fama tanto estende  
 Que de nenhum passado se contenha;  
 Que a pátria, que de um fraco fio pende,  
 Sôbre seus duros ombros a sustenta.  
 Não no vês tinto de ira, que repreende  
 A vil desconfiança, inerte e lenta,  
 Do povo, e faz que tome o doce freio  
 De rei seu natural, e não de alheio?

## XXIX

Olha: por seu conselho e ousadia,  
 De Deus guiada só e de santa estrêla,  
 Só pode o que impossibil parecia:  
 Vencer o povo ingente de Castela.  
 Vês, por indústria, esfôrço e valentia,  
 Outro estrago e vitória, clara e bela,  
 Na gente, assim feroz como infinita,  
 Que entre o Tarteso e Guadiana habita?

## XXX

Mas não vês quasi já desbaratado  
 O poder lusitano, pela ausência  
 Do capitão devoto, que, apartado,  
 Orando invoca a suma e trina essência?  
 Vê-lo com pressa já dos seus achado,  
 Que lhe dizem que falta resistência  
 Contra poder tamanho, e que viesse  
 Por que consigo esfôrço aos fracos desse.

## XXXI

Mas olha com que santa confiança,  
 Que inda não era tempo, respondia,  
 Como quem tinha em Deus a segurança  
 Da vitória que logo lhe daria.  
 Assim Pompílio, ouvindo que a possança  
 Dos imigos a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura nova estava dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

## XXXII

Se quem com tanto esforço em Deus se atreve  
Ouvir quiseses como se nomeia,  
Português Scipião chamar-se deve;  
Mas mais de Dom Nuno Álvares se arreia  
Ditosa pátria que tal filho teve;  
Mas antes pai: que, emquanto o sol rodeia  
Êste globo de Ceres e Neptuno,  
Sempre suspirará por tal aluno.

## XXXIII

Na mesma guerra vê que presas ganha  
Êst'outro capitão de pouca gente;  
Comendadores vence e o gado apanha  
Que levavam roubado ousadamente.  
Outra vez vê que a lança em sangue banha  
Dêstes, só por livrar, co'amor ardente,  
O preso amigo, preso por leal:  
Pero Rodrigues é do Landroal.

## XXXIV

Olha êste desleal o como paga  
O perjúrio que fez e vil engano;  
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga  
E faz vir a passar o último dano:  
De Xerez rouba o campo e quási alaga  
Co'o sangue de seus donos castelhano.  
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto  
Faz escudo às galés, diante pôsto

## XXXV

Olha que dezessete lusitanos,  
Neste outeiro subidos, se defendem  
Fortes, de quatrocentos castelhanos,  
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;  
Porém logo sentiram, com seus danos,  
Que não só se defendem, mas ofendem.  
Digno feito de ser, no mundo, eterno,  
Grande no tempo antigo e no moderno.

## XXXVI

Sabe-se antigamente que trezentos  
 Já contra mil romanos pelejaram,  
 No tempo que os viris atrevimentos  
 De Viriato tanto se ilustraram,  
 E dêles alcançando vencimentos  
 Memoráveis, de herança nos deixaram  
 Que os muitos, por ser poucos, não temamos;  
 O que depois mil vezes amostramos.

## XXXVII

Olha cá dois infantes, Pedro e Henrique,  
 Progênie generosa de Joane;  
 Aquele faz que fama ilustre fique  
 Dêle em Germânia, com que a morte engane;  
 Êste, que ela nos mares o publique  
 Por seu descobridor, e desengane  
 De Ceita a maura tímida vaidade,  
 Primeiro entrando as portas da cidade.

## XXXVIII

;Vês o conde Dom Pedro, que sustenta  
 Dois cercos contra toda a Barbaria?  
 Vês? Outro conde está, que representa  
 Em terra Marte, em fôrças e ousadia.  
 De poder defender se não contenta  
 Alcácere, da ingente companhia;  
 Mas do seu rei defende a cara vida,  
 Pondo por muro a sua, ali perdida.

## XXXIX

Outros muitos verias, que os pintores  
 Aqui também por certo pintariam;  
 Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes côres:  
 Honra, prêmio, favor, que as artes criam.  
 Culpa dos viciosos sucessores,  
 Que degeneram, certo, e se desviam  
 Do lustre e do valor dos seus passados,  
 Em gostos e vaidades atolados.

## XL

Aqueles pais ilustres que já deram  
Princípio à geração que dêles pende,  
Pela virtude muito então fizeram  
E por deixar a casa que descende.  
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,  
Se alta fama e rumor dêles se estende,  
Escuros deixam sempre seus menores,  
Com lhe deixar descansos corruptores.

## XLI

Outros também há grandes e abastados,  
Sem nenhum tronco ilustre donde venham.  
Culpa de reis, que às vezes a privados  
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham  
Estes os seus não querem ver pintados,  
Crendo que côres vãs lhes não convenham,  
E, como a seu contrário natural,  
Á pintura que fala querem mal.

## XLII

Não nego que há, contudo, descendentes  
Do generoso tronco e casa rica,  
Que, com costumes altos e excelentes,  
Sustentam a nobreza que lhes fica;  
E, se a luz dos antigos seus parentes  
Neles mais o valor não clarifica,  
Não falta, ao menos, nem se faz escura.  
Mas dêstes acha poucos a pintura.

## XLIII

Assim está declarando os grandes feitos  
O Gama, que ali mostra a vária tinta  
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,  
Do singular artífice ali pinta.  
Os olhos tinha prontos e direitos  
O catual na história bem distinta;  
Mil vezes perguntava e mil ouvia  
As gostosas batalhas que ali via.

## XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,  
Porque a alâmpada grande se escondia  
Debaixo do horizonte e, luminosa,  
Levava aos antípodas o dia,  
Quando o gentio e a gente generosa  
Dos naires da nau forte se partia,  
A buscar o repouso que descansa  
Os lassos animais, na noite mansa.

## XLV

Entretanto, os arúspices famosos  
Na falsa opinião, que em sacrificios  
Antevêem sempre os casos duvidosos  
Por sinais diabólicos e indícios,  
Mandados do rei próprio, estudiosos,  
Exercitavam a arte e seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

## XLVI

Sinal lhes mostra o demo verdadeiro  
De como a nova gente lhe seria  
Jugo perpétuo, eterno cativo,  
Destruição de gente e de valia.  
Vai-se espantado o atônito agoureiro  
Dizer ao rei (segundo o que entendia)  
Os sinais temerosos que alcançara  
Nas entranhas das vítimas que olhara.

## XLVII

A isto mais se ajunta que um devoto  
Sacerdote da lei de Mafamede,  
Dos ódios concebidos não remoto  
Contra a divina fé, que tudo excede,  
Em forma do profeta falso e noto  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Baco odioso em sonhos lhe aparece,  
Que de seus ódios inda se não desce.

## XLVIII

E diz-lhe assim: Guardai-vos, gente minha,  
Do mal que se aparelha pelo imigo  
Que pelas águas húmidas caminha,  
Antes que esteis mais perto do perigo.  
Isto dizendo, acorda o mouro asinha,  
Espantado do sonho; mas consigo  
Cuida que não é mais que sonho usado.  
Torna a dormir, quiêto e sossegado.

## XLIX

Torna Baco, dizendo: Não conheces  
O grão legislador que a teus passados  
Tem mostrado o preceito a que obedeces,  
Sem o qual fôreis muitos baptizados?  
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?  
Pois saberás que aqueles que chegados  
De novo são, serão mui grande dano  
Da lei que eu dei ao néscio povo humano.

## L

Emquanto é fraca a fôrça desta gente,  
Ordena como em tudo se revista,  
Porque, quando o sol saĩ, fâcilmente  
Se pode nêle pôr a aguda vista;  
Porém, depois que sobe claro e ardente,  
Se agudeza dos olhos o conquista,  
Tão cega fica, quanto ficareis  
Se raízes criar lhe não tolheis.

## LI

Isto dito, êle e o sono se despede.  
Tremendo fica o atônito agareno;  
Salta da cama, lume aos servos pede,  
Lavrando nêle o férvido veneno.  
Tanto que a nova luz que ao sol precede  
Mostrara rosto angélico e sereno,  
Convoca os principais da torpe seita,  
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

## LII

Diversos pareceres e contrários  
Ali se dão, segundo o que entendiam;  
Astutas traições, enganos vários,  
Perfídias, inventavam e teciam;  
Mas, deixando conselhos temerários,  
Destruição da gente pretendiam,  
Por manhas mais subtis e ardis melhores,  
Com peitas adquirindo os regedores.

## LIII

Com peitas, ouro e dádivas secretas  
Conciliam da terra os principais;  
E com razões notáveis e discretas  
Mostram ser perdição dos naturais,  
Dizendo que são gentes inquietas,  
Que, os mares discorrendo occidentais,  
Vivem só de piráticas rapinas,  
Sem rei, se mleis humanas ou divinas.

## LIV

Oh! Quanto deve o rei que bem governa  
De olhar que os conselheiros ou privados  
De consciência e de virtude interna  
E de sincero amor sejam dotados!  
Porque, como êste pôsto na superna  
Cadeira, pode mal dos apartados  
Negócios ter notícia mais inteira  
Do que lhe der a língua conselheira.

## LV

Nem tão pouco direi que tome tanto  
Em grosso a consciência limpa e certa,  
Que se enleve num pobre e humilde manto,  
Onde ambição acaso ande encoberta.  
E, quando um bom em tudo é justo e santo,  
E em negócios do mundo pouco acerta;  
Que mal com êles poderá ter conta  
A quieta inocência, em só Deus pronta.

## LVI

Mas aqueles avaros catuais  
Que o gentilico povo governavam,  
Induzidos das gentes infernais,  
O portuguez despacho dilatavam.  
Mas o Gama, que não pretende mais,  
De tudo quanto os mouros ordenavam,  
Que levar a seu rei um sinar certo  
Do mundo que deixava descoberto,

## LVII

Nisto trabalha só; que bem sabia  
Que, depois que levasse esta certeza,  
Armas e naus e gentes mandaria  
Manuel, que exercita a suma alteza,  
Com que a seu jugo e lei submeteria  
Das terras e do mar a redondeza;  
Que êle não era mais que um diligente  
Descobridor das terras do Oriente.

## LVIII

Falar ao rei gentio determina,  
Porque com seu despacho se tornasse,  
Que já sentia em tudo da malina  
Gente impedir-se quanto desejasse.  
O rei, que da noticia falsa e indina  
Não era de espantar se se espantasse,  
Que tão crédulo era em seus agouros,  
E mais sendo afirmados pelos mouros,

## LIX

Êste temor lhe esfria o baixo peito.  
Por outra parte, a fôrça da cobiça,  
A quem por natureza está sujeito,  
Um desejo immortal lhe acende e atiaça:  
Que bem vê que grandíssimo proveito  
Fará, se, com verdade e com justiça,  
O contrato fizer, por longos anos,  
Que lhe comete o rei dos lusitanos.

## LX

Sôbre isto, nos conselhos que tomava,  
 Achava mui contrários pareceres;  
 Que naqueles com quem se aconselhava  
 Executa o dinheiro seus poderes.  
 O grande capitão chamar mandava,  
 A quem chegado disse: Se quizeres  
 Confessar-me a verdade limpa e nua,  
 Perdão alcançarás da culpa tua.

## LXI

Eu sou bem informado que a embaixada  
 Que de teu rei me deste, que é fingida;  
 Porque nem tu tens rei, nem pátria amada,  
 Mas vagabundo vais passando a vida.  
 Que quem da Hespéria última alongada,  
 Rei ou senhor de insânia desmedida,  
 Há-de vir cometer, com naus e frotas,  
 Tão incertas viagens e remotas?

## LXII

E, se de grandes reinos poderosos  
 O teu rei tem a régia majestade,  
 Que presentes me trazes valerosos,  
 Sinais de tua incógnita verdade?  
 Com peças e dons altos, sumptuosos,  
 Se lia dos reis altos a amizade;  
 Que sinal nem penhor não é bastante  
 As palavras dum vago navegante.

## LXIII

Se porventura vindes desterrados,  
 Como já foram homens de alta sorte,  
 Em meu reino sereis agasalhados,  
 Que toda a terra é pátria para o forte;  
 Ou se piratas sois, ao mar usados,  
 Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,  
 Que, por se sustentar, em toda idade  
 Tudo faz a vital necessidade.

## LXIV

Isto assim dito, o Gama, que já tinha  
 Suspeitas das insídias que ordenava  
 O maoméico ódio, donde vinha  
 Aquilo que tão mal o rei cuidava,  
 C'uma alta confiança, que convinha,  
 Com que seguro crédito alcançava,  
 Que Vênus Acidália lhe influía,  
 Tais palavras do sábio peito abria:

## LXV

Se os antigos delitos que a malícia  
 Humana cometeu na prisca idade  
 Não causaram que o vaso da nequícia,  
 Açoute tão cruel da cristandade,  
 Viera pôr perpétua inimicícia  
 Na geração de Adão, co'a falsidade,  
 O' poderoso rei, da torpe seita,  
 Não conceberas tu tão má suspeita.

## LXVI

Mas, porque nenhum grande bem se alcança  
 Sem grandes opressões, e em todo o feito  
 Segue o temor os passos da esperança,  
 Que em suor vive sempre de seu peito,  
 Me mostras tu tão pouca confiança  
 Desta minha verdade, sem respeito  
 Das razões em contrário que acharias  
 Se não cresses a quem não crer devias.

## LXVII

Porque, se eu de rapinas só vivesse,  
 Undívago ou da pátria desterrado,  
 ¿ Como crês que tão longe me viesse  
 Buscar assento incógnito e apartado?  
 ¿ Por que esperanças, ou por que interêsse  
 Viria experimentando o mar irado,  
 Os antárticos frios, e os ardores  
 Que sofrem do Carneiro os moradores?

## LXVIII

Se com grandes presentes de alta estima  
 O crédito me pedes do que digo,  
 Eu não vim mais que a achar o estranho clima  
 Onde a natura pôs teu reino antigo;  
 Mas, se a fortuna tanto me sublima,  
 Que eu torne à minha pátria e reino amigo,  
 Então verás o dom soberbo e rico  
 Com que minha tornada certifico.

## LXIX

Se te parece inopinado feito  
 Que rei da última Hespéria a ti me mande,  
 O coração sublime, o régio peito,  
 Nenhum caso possibil tem por grande.  
 Bem parece que o nobre e grão conceito  
 Do lusitano espirito demande  
 Maior crédito e fé de mais alteza,  
 Que creia dêle tanta fortaleza.

## LXX

Sabe que há muitos anos que os antigos  
 Reis nossos firmemente propuseram  
 De vencer os trabalhos e perigos  
 Que sempre às grandes cousas se opuseram;  
 E, descobrindo os mares inimigos  
 Do quiêto descanso, pretenderam  
 De saber que fim tinham e onde estavam  
 As derradeiras praias que levavam.

## LXXI

Conceito digno do ramo claro  
 Do venturoso rei que arou primeiro  
 O mar, por ir deitar do ninho caro  
 O morador de Abila derradeiro;  
 Êste, por sua indústria e engenho raro,  
 Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
 Descobrir pôde a parte que faz clara  
 De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

## LXXII

Crescendo co'os sucessos bons primeiros  
No peito as ousadias, descobriram,  
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,  
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram.  
De África os moradores derradeiros,  
Austrais, que nunca as sete flamas viram,  
Foram vistos de nós, atrás deixando  
Quantos estão os trópicos queimando.

## LXXIII

Assim, com firme peito e com tamanho  
Propósito vencemos a fortuna,  
Até que nós no teu terreno estranho  
Viemos pôr a última coluna.  
Rompendo a fôrço do líquido estanho,  
Da tempestade horrífica e importuna,  
A ti chegámos, de quem só queremos  
Sinal que ao nosso rei de ti levemos.

## LXXIV

Esta é a verdade, rei; que não faria  
Por tão incerto bem, tão fraco prêmio,  
Qual, não sendo isto assim, esperar podia,  
Tão longo, tão fingido e vão proêmio;  
Mas antes descansar me deixaria  
No nunca descansado e fero grêmio  
Da madre Tétis, qual pirata inico,  
Dos trabalhos alheios feito rico.

## LXXV

Assim que, ó rei, se minha grão verdade  
Tens por qual é, sincera e não dobrada,  
Ajunta-me ao despacho brevidade,  
Não me impidas o gôsto da tornada;  
E, se inda te parece falsidade,  
Cuida bem na razão que está provada,  
Que com claro juízo pode ver-se,  
Que fácil é a verdade de entender-se.

## LXXVI

Atento estava o rei na segurança  
Com que provava o Gama o que dizia;  
Concebe dêle certa confiança,  
Crédito firme, em quanto proferia;  
Pondera das palavras a abastança,  
Julga na autoridade grão valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os catuais corruptos, mal julgados.

## LXXVII

Juntamente, a cobiça do proveito  
Que espera do contrato lusitano  
Ô faz obedecer e ter respeito  
Co'ô capitão, e não co'ô mauro engano.  
Emfim ao Gama manda que direito  
Às naus se vá e, seguro dalgum dano,  
Possa a terra mandar qualquer fazenda  
Que pela especiaría troque e venda.

## LXXVIII

Que mande da fazenda, emfim, lhe manda  
Que nos reinos gangéticos faleça,  
Se alguma traz idônea lá da banda  
Donde a terra se acaba e o mar começa.  
Já da real presença veneranda  
Se parte o capitão, para onde peça  
Ao catual que dêle tinha cargo,  
Embarcação, que a sua está de largo.

## LXXIX

Embarcação que o leve às naus lhe pede,  
Mas o mau regedor, que novos laços  
Lhe maquinava, nada lhe concede,  
Interpondo tardanças e embaraços.  
Com êle parte ao cais, por que o arrede  
Longe quanto puder dos régios paços,  
Onde, sem que seu rei tenha notícia,  
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

## LXXX

Lá bem longe lhe diz que lhe daria  
 Embarcação bastante em que partisse,  
 Ou que para a luz crástica do dia  
 Futuro sua partida diferisse.  
 Já com tantas tardanças entendia  
 O Gama que o gentio consentisse  
 Na má tenção dos mouros, torpe e fera,  
 O que dêle até'li não entendera.

## LXXXI

Era êste catual um dos que estavam  
 Corruptos pela maometana gente,  
 O principal por quem se governavam  
 As cidades do samorim potente.  
 Dêle sómente os mouros esperavam  
 Efeito a seus enganos torpemente.  
 Êle, que no concêrto vil conspira,  
 De suas esperanças não delira.

## LXXXII

O Gama com instância lhe requiere  
 Que o mande pôr nas naus, e não lhe val;  
 E que assim lho mandara, lhe refere,  
 O nobre sucessor de Perimal.  
 ¿Por que razão lhe impede e lhe difere  
 A fazenda trazer de Portugal?  
 Pois aquilo que os reis já teem mandado  
 Não pode ser por outrem derrogado.

## LXXXIII

Pouco obedece o catual corruto  
 A tais palavras; antes, revolvendo  
 Na fantasia algum subtil e astuto  
 Engano diabólico e estupendo,  
 Ou como banhar possa o ferro bruto  
 No sangue aborrecido, estava vendo,  
 Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,  
 Por que nenhuma à pátria mais tornasse.

## LXXXIV

Que nenhum torne à pátria só pretende  
O conselho infernal dos maometanos,  
Por que não saiba nunca onde se estende  
A terra eoa o rei dos lusitanos.  
Não parte o Gama, emfim, que lho defende  
O regedor dos bárbaros profanos;  
Nem sem licença sua ir-se podia,  
Que as almadias todas lhe tolhia.

## LXXXV

Aos brados e razões do capitão  
Responde o idolatra que mandasse  
Chegar à terra as naus que longe estão,  
Por que melhor dali fôsse e tornasse.  
Sinal é de inimigo e de ladrão  
Que lá tão longe a frota se alargasse,  
Lhe diz; porque do certo e fido amigo  
É não temer do seu nenhum perigo.

## LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama  
Enxerga bem que as naus deseja perto  
O catual, por que com ferro e flama  
Lhas assalte, por ódio descoberto.  
Em vários pensamentos se derrama;  
Fantasiando está remedio certo  
Que desse a quanto mal se lhe ordenava.  
Tudo temia; tudo, emfim, cuidava.

## LXXXVII

Qual o reflexo lume do pulido  
Espelho de aço ou de cristal formoso,  
Que, do raio solar sendo ferido,  
Vai ferir noutra parte, luminoso,  
E, sendo da ociosa mão movido,  
Pela casa, do moço curioso,  
Anda pelas paredes e telhado,  
Trêmulo, aqui e ali, e dessorsegado:

## LXXXVIII

Tal o vago juízo flutuava  
Do Gama preso, quando lhe lembrara  
Coelho, se por acaso o esperava  
Na praia co'os batéis, como ordenara.  
Logo secretamente lhe mandava  
Que se tornasse à frota, que deixara,  
Não fôsse salteado dos enganos  
Que esperava dos feros maometanos.

## LXXXIX

Tal há-de ser quem quer, co' o dom de Marte,  
Imitar os ilustres e igualá-los:  
Voar co' o pensamento a toda parte,  
Adivinhar perigos e evitá-los  
Com militar engenho e subtil arte,  
Entender os imigos, e enganá-los,  
Crer tudo, emfim; que nunca louvarei  
O capitão que diga: Não cuidei.

## XC

Insiste o malabar em tê-lo preso  
Se não manda chegar a terra a armada.  
Èle, constante e de ira nobre aceso,  
Os ameaços seus não teme nada;  
Que antes quer sôbre si tomar o pêso  
De quanto mal a vil malícia ousada  
Lhe andar armando, que pôr em ventura  
A frota de seu rei, que tem segura.

## XCI

Aquela noite esteve ali detido,  
E parte do outro dia, quando ordena  
De se tornar ao rei; mas impedido  
Foi da guarda que tinha, não pequena.  
Comete-lhe o gentio outro partido,  
Temendo de seu rei castigo ou pena  
Se sabe esta malícia, a qual asinha  
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

## XCII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda  
Vendibil que trazia, para a terra,  
Para que, devagar, se troque e venda;  
Que, quem não quer comércio, busca guerra.  
Pôsto que os maus propósitos entenda  
O Gama, que o danado peito encerra,  
Consente, porque sabe por verdade  
Que compra co'a fazenda a liberdade.

## XCIII

Concertam-se que o negro mande dar  
Embarcações idôneas com que venha;  
Que os seus batéis não quer aventurar  
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.  
Partem as almadias a buscar  
Mercadoria hispana que convenha.  
Escreve a seu irmão que lhe mandasse  
A fazenda com que se resgatasse.

## XCIV

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agasalhou o infame catual;  
Com ela ficam Álvaro e Diogo,  
Que a pudessem vender pelo que val.  
Se mais que a obrigação, que mando e rôgo,  
No peito vil o prêmio pode e val,  
Bem o mostra o gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama soltou pela fazenda.

## XCV

Por ela o solta, crendo que ali tinha  
Penhor bastante donde recebesse  
Interêsse maior do que lhe vinha  
Se o capitão mais tempo detivesse.  
Êle, vendo que já lhe não convinha  
Tornar a terra, por que não pudesse  
Ser mais retido, sendo às naus chegado  
Nelas estar se deixa descansado.

## XCVI

Nas naus estar se deixa, vagaroso,  
Até ver o que o tempo lhe descobre;  
Que não se fia já do cobiçoso  
Regedor, corrompido e pouco nobre.  
Veja agora o juízo curioso  
Quanto no rico, assim como no pobre,  
Pode o vil interêsse e sêde imiga  
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

## XCVII

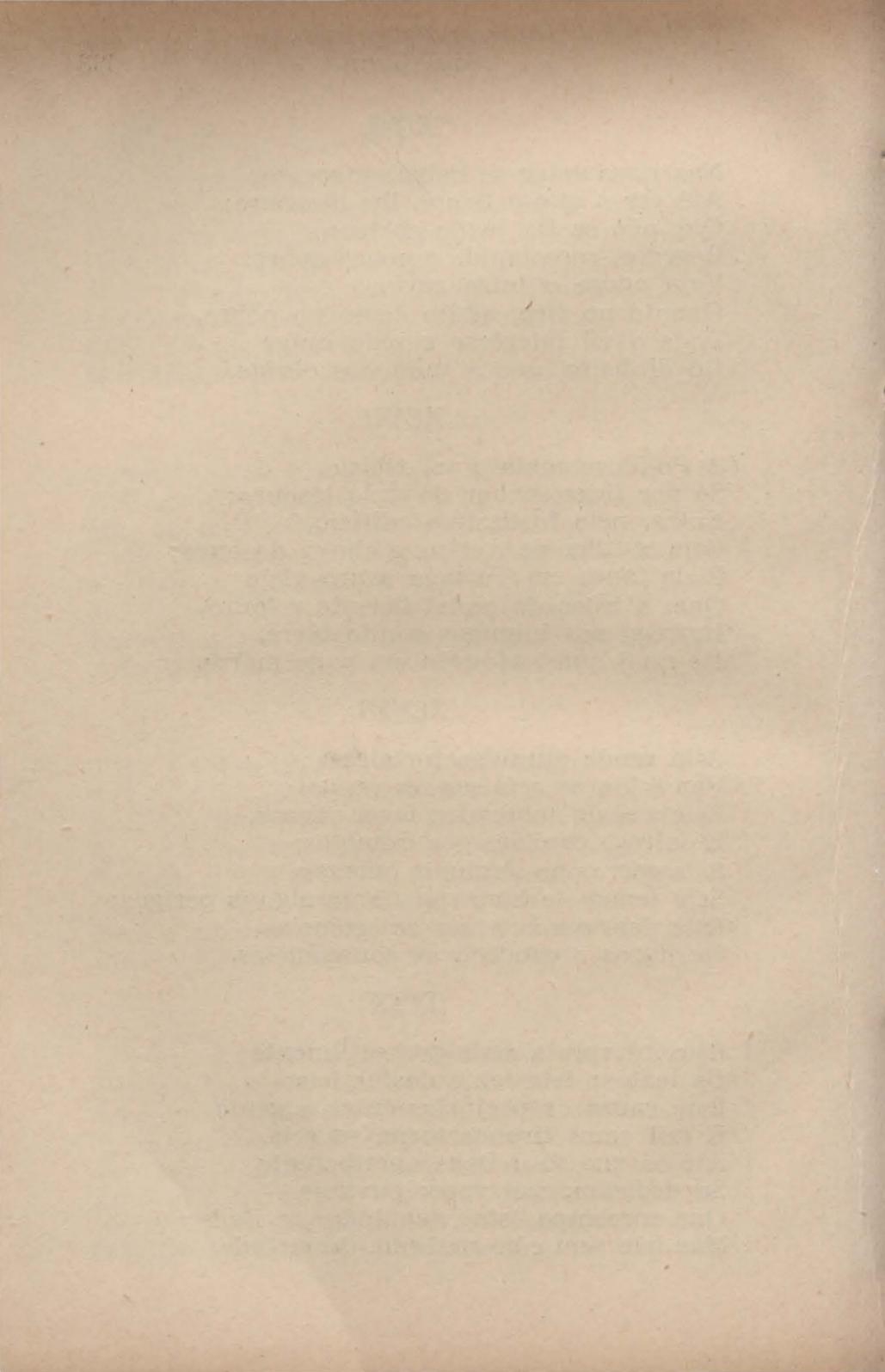
A Polidoro mata o rei treício,  
Só por ficar senhor do grão tesouro;  
Entra, pelo fortíssimo edifício,  
Com a filha de Acriso a chuva de ouro;  
Pode tanto em Tarpeia avaro vício  
Que, a trôco do metal luzente e louro,  
Entrega aos inimigos a alta tôrre,  
Do qual quási afogada em pago morre.

## XCVIII

Este rende munidas fortalezas;  
Faz trédoros e falsos os amigos;  
Êste a mais nobres faz fazer vilezas,  
E entrega capitães aos inimigos;  
Êste corrompe virginais purezas,  
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;  
Êste deprava às vezes as sciências,  
Os juízos cegando e as consciências.

## XCIX

Êste interpreta mais que sutilmente  
Os textos; êste faz e desfaz leis;  
Êste causa os perjúrios entre a gente  
E mil vezes tiranos torna os reis.  
Até os que só a Deus omnipotente  
Se dedicam, mil vezes ouvireis  
Que corrompe êste encantador, e ilude;  
Mas não sem côr, contudo, de virtude.



## CANTO NONO

### I

Tiveram longamente na cidade,  
Sem vender-se, a fazenda os dois feitores,  
Que os infiéis, por manha e falsidade,  
Fazem que não lha comprem mercadores;  
Que todo seu propósito e vontade  
Era deter ali os descobridores  
Da Índia, tanto tempo, que viessem  
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

### II

Lá no seio eiritreu, onde fundada  
Arsione foi do egípcio Ptolomeu  
(Do nome da irmã sua assim chamada,  
Que depois em Suez se converteu),  
Não longe, o pôrto jaz da nomeada  
Cidade Meca, que se engrandeceu  
Com a superstição falsa e profana  
Da religiosa água maometana.

### III

Gidá se chama o pôrto aonde o trato  
De todo o Roxo mar mais florescia,  
De que tinha proveito grande e grato  
O soldão que êsse reino possuía.  
Daqui os malabares, por contrato  
Dos infiéis, formosa companhia  
De grandes naus, pelo indico Oceano,  
Especiaria veem buscar cada ano.

## IV

Por estas naus os mouros esperavam,  
Que, como fôsem grandes e possantes,  
Aquellas que o comércio lhes tomavam  
Com flamas abrasassem crepitantes.  
Neste socorro tanto confiavam  
Que já não querem mais dos navegantes  
Senão que tanto tempo ali tardassem  
Que da famosa Meca as naus chegassem.

## V

Mas o governador dos céus e gentes,  
Que, para quanto tem determinado,  
De longe os meios dá convenientes  
Por onde vem a efeito o fim fadado,  
Influiu piedosos accidentes  
De afeição em Monçaide, que guardado  
Estava para dar ao Gama aviso  
E merecer por isso o paraíso.

## VI

Êste, de quem se os mouros não guardavam  
Por ser mouro como êles, antes era  
Participante em quanto maquinavam,  
A tenção lhe descobre torpe e fera.  
Muitas vezes as naus que longe estavam  
Visita, e com piedade considera  
O dano sem razão que se lhe ordena  
Pela maligna gente sarracena.

## VII

Informa o cauto Gama das armadas  
Que de arábica Meca veem cada ano,  
Que agora são dos seus tão desejadas,  
Para ser instrumento dêste dano.  
Diz-lhe que veem de gente carregadas  
E dos trovões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser delas oprimido,  
Segundo estava mal apercebido.

## VIII

O Gama, que também considerava  
O tempo que para a partida o chama,  
E que despacho já não esperava  
Melhor do rei, que os maometanos ama,  
Aos feitores que em terra estão, mandava  
Que se tornem às naus; e, porque a fama  
Desta súbita vinda os não impida,  
Lhe manda que a fizessem escondida.

## IX

Porém não tardou muito que, voando,  
Um rumor não soasse com verdade:  
Que foram presos os feitores, quando  
Foram sentidos vir-se da cidade.  
Esta fama as orelhas penetrando  
Do sábio capitão, com brevidade  
Faz represália nuns que às naus vieram  
A vender pedraria que trouxeram.

## X

Eram estes antigos mercadores,  
Ricos em Calecu e conhecidos.  
Da falta dêles, logo entre os melhores  
Sentido foi que estão no mar retidos.  
Mas já nas naus os bons trabalhadores  
Volvem o cabrestante e, repartidos  
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,  
Outros quebram co'o peito dura a barra ,

## XI

Outros pendem da vêrga e já desatam  
A vela, que com grita se soltava,  
Quando, com maior grita, ao rei relatam  
A pressa com que a armada se levava.  
As mulheres e filhos, que se matam,  
Daqueles que vão presos, onde estava  
O samorim se aqueixam que perdidos  
Uns teem os pais, as outras os maridos.

## XII

Manda logo os feitores lusitanos  
Com toda sua fazenda, livremente,  
Apesar dos imigos maometanos,  
Por que lhe torne a sua presa gente.  
Desculpas manda o rei de seus enganos;  
Recebe o capitão de melhor mente  
Os presos que as desculpas e, tornando  
Alguns negros, se parte, as velas dando.

## XIII

Parte-se costa abaixo, porque entende  
Que em vão co'o rei gentio trabalhava  
Em querer dêle paz, a qual pretende  
Por firmar o comércio que tratava.  
Mas como aquela terra, que se estende  
Pela aurora, sabida já deixava,  
Com estas novas torna à patria cara,  
Certos sinais levando do que achara.

## XIV

Leva alguns malabares, que tomou  
Por fôrça, dos que o samorim mandara,  
Quando os presos feitores lhe tornou;  
Leva pimenta ardente, que comprara;  
A sêca flor da Banda não ficou;  
A noz e o negro cravo, que faz clara  
A nova ilha Maluco, co'a canela  
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

## XV

Isto tudo lhe houvera a diligência  
De Monçaide fiel, que também leva,  
Que, inspirado de angélica influência,  
Quer no livro de Cristo que se escreva.  
Oh! Ditoso africano, que a clemência  
Divina assim tirou de escura treva,  
E tão longe da pátria achou maneira  
Para subir à pátria verdadeira!

## XVI

Apartadas assim da ardente costa  
As venturosas naus, levando a proa  
Para onde a natureza tinha posta  
A meta austrina da Esperança Boa,  
Levando alegres novas e resposta  
Da parte oriental para Lisboa,  
Outra vez cometendo os duros mêdos  
Do mar incerto, tímidos e ledos.

## XVII

O prazer de chegar à patria cara,  
A seus penates caros e parentes,  
Para contar a peregrina e rara  
Navegação, os vários céus e gentes;  
Vir a lograr o prêmio que ganhara,  
Por tão longos trabalhos e acidentes:  
Cada um tem por gôsto tão perfeito,  
Que o coração para êle é vaso estreito.

## XVIII

Porém a deusa cípria, que ordenada  
Era, para favor dos lusitanos,  
Do Padre Eterno, e por bom gênio dada,  
Que sempre os guia já de longos anos,  
A glória por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem sofridos danos,  
Lhe andava já ordenando, e pretendia  
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

## XIX

Depois de ter um pouco revolvido  
Na mente o largo mar que navegaram,  
Os trabalhos que pelo Deus nascido  
Nas anfióneas Tebas se causaram,  
Já trazia de longe no sentido,  
Para prêmio de quanto mal passaram,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,  
No reino de cristal, líquido e manso;

## XX

Algum repouso, emfim, com que pudesse  
Refocilar a lassa humanidade  
Dos navegantes seus, como interêsse  
Do trabalho que encurta a breve idade.  
Parece-lhe razão que conta desse  
A seu filho, por cuja potestade  
Os deuses faz descer ao vil terreno  
E os humanos subir ao céu sereno.

## XXI

Isto bem revolvido, determina  
De ter-lhe aparelhada, lá no meio  
Das águas, alguma ínsula divina,  
Ornada de esmaltado e verde arreo;  
Que muitas tem no reino que confina  
Da primeira co' o terreno seio,  
Afora as que possui soberanas  
Para dentro das portas herculanas.

## XXII

Ali quer que as aquáticas donzelas  
Esperem os fortísimos barões  
(Todas as que tem título de belas,  
Glória dos olhos, dor dos corações)  
Com danças e coreias, porque nelas  
Influirá secretas afeições,  
Para com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se afeiçoarem.

## XXIII

Tal manha buscou já para que aquele  
Que de Anquises pariu, bem recebido  
Fôsse no campo que a bovina pele  
Tomou de espaço, por subtil partido.  
Seu filho vai buscar, porque só nêle  
Tem todo seu poder, fero Cupido,  
Que, assim como naquela emprêsa antiga  
A ajudou já, nest'outra a ajude e siga.

## XXIV

No carro ajunta as aves que na vida  
Vão da morte as exéquias celebrando,  
E aquelas em que já foi convertida  
Perístera, as boninas apanhando.  
Em derredor da deusa, já partida,  
No ar lascivos beijos se vão dando.  
Ela, por onde passa, o ar e o vento  
Serenos faz, com brandos movimentos.

## XXV

Já sobre os Idálios montes pende,  
Onde o filho frêcheiro estava então,  
Ajuntando outros muitos, que pretende  
Fazer uma famosa expedição  
Contra o mundo rebelde, por que emende  
Erros grandes que há dias nêles estão,  
Amando cousas que nos foram dadas,  
Não para ser amadas, mas usadas.

## XXVI

Via Acteon na caça tão austero,  
De cego na alegria bruta, insana,  
Que, por seguir um feio animal fero,  
Foge da gente e bela forma humana;  
E por castigo quer, doce e severo,  
Mostrar-lhe a formosura de Diana.  
(E guarde-se não seja inda comido  
Dêsses cães que agora ama, e consumido).

## XXVII

E vê do mundo todo os principais  
Que nenhum no bem público imagina;  
Vê nêles que não tem amor a mais  
Que a si sómente, e a quem filáucia ensina;  
Vê que êsses que freqüentam os reais  
Paços, por verdadeira e sã doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florescente.

## XXVIII

Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,  
 Amor divino, e ao povo caridade,  
 Amam sómente mandos e riqueza,  
 Simulando justiça e integridade.  
 Da feia tirania e de aspereza  
 Fazem direito e vã severidade.  
 Leis em favor do rei se estabelecem;  
 As em favor do povo só perecem.

## XXIX

Vê que aqueles que devem à probreza  
 Senão o que sómente mal deseja.  
 Não quer que tanto tempo se releve  
 O castigo que duro e justo seja.  
 Seus ministros ajunta, por que leve  
 Exércitos conformes à peleja  
 Que espera ter co'a mal regida gente  
 Que lhe não fôr agora obediente.

## XXX

Muitos dêstes meninos voadores  
 Estão em várias obras trabalhando:  
 Uns amolando ferros passadores,  
 Outros hásteas de setas delgaçando.  
 Trabalhando, cantando estão de amores,  
 Vários casos em verso modulando;  
 Melodia sonora e concertada,  
 Suave a letra, angélica a soada.

## XXXI

Nas frágoas imortais onde forjavam  
 Para as setas as pontas penetrantes,  
 Por lenha corações ardendo estavam,  
 Vivas entranhas inda palpitantes.  
 As águas onde os ferros temperavam,  
 Lágrimas são de míseros amantes;  
 A viva flama, o nunca morto lume,  
 Desejo é só que queima e não consume.

## XXXII

Alguns exercitando a mão andavam  
Nos duros corações da plebe ruda;  
Crebros suspiros pelo ar soavam  
Dos que feridos vão da seta aguda.  
Formosas ninfas são as que curavam  
As chagas recebidas, cuja ajuda  
Não sómente dá vida aos mal feridos,  
Mas põe em vida os inda não nascidos.

## XXXIII

Formosas são algumas e outras feias,  
Segundo a qualidade fôr das chagas,  
Que o veneno espalhado pelas veias  
Curam-no às vezes ásperas triagas.  
Alguns ficam ligados em cadeias  
Por palavras subtis de sábias magas.  
Isto acontece às vezes, quando as setas  
Acertam de levar eryas secretas.

## XXXIV

Dêstes tiros assim desordenados,  
Que estes moços mal destros vão tirando,  
Nascem amores mil desconcertados  
Entre o povo ferido miserando;  
E também nos heróis de altos estados  
Exemplos mil se vêem de amor nefando,  
Qual o das moças Bibli e Cinirea,  
Um mancebo de Assíria, um de Judea.

## XXXV

E vós, ó poderosos, por pastoras  
Muitas vezes ferido o peito vêdes;  
E por baixos e rudos, vós, senhoras,  
Também vos tomam nas vulcânicas rêdes.  
Uns esperando andais nocturnas horas,  
Outros subis telhados e paredes;  
Mes eu creio que dêste amor indino  
É mais culpa a da mãe que a do menino.

## XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve  
Punham os brancos cisnes mansamente;  
E Dione, que as rosas entre a neve  
No rosto traz, descia diligente.  
O frêcheiro que contra o céu se atreve  
A recebê-la vem, ledó e contente;  
Veem todos os Cupidos servidores  
Beijar a mão à deusa dos amores.

## XXXVII

Ela, por que não gaste tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão  
Toda minha potência está fundada;  
Filho, em quem minhas fôrças sempre estão,  
Tu, que as armas tifeas tens em nada,  
A socorrer-me a tua potestade  
Me traz especial necessidade.

## XXXVIII

Bem vês as lusitânicas fadigas,  
Que eu já de muito longe favoreço,  
Porque das Parcas sei, minhas amigas,  
Que me hão-de venerar e ter em preço.  
E, porque tanto imitam as antigas  
Obras de meus romanos, me ofereço  
A lhes dar tanta ajuda, em quanto posso,  
A quanto se estender o poder nosso.

## XXXIX

E, porque das insídias do odioso  
Baco foram na Índia molestados,  
E das injúrias sós do mar undoso  
Puderam mais ser mortos que cansados,  
No mesmo mar, que sempre temeroso  
Lhes foi, quero que sejam repousados,  
Tomando aquele prêmio e doce glória  
Do trabalho que faz clara a memória.

## XL

E para isso queria que, feridas  
As filhas de Nereu no ponto fundo,  
De amor dos lusitanos incendidas  
Que veem de descobrir o novo mundo,  
Todas numa ilha juntas e subidas,  
Ilha que nas entranhas do profundo  
Oceano terei aparelhada,  
De dons de Flora e Zéfiro adornada;

## XLI

Ali, com mil refrescos e manjares,  
Com vinhos odoríferos e rosas,  
Em cristalinos paços singulares,  
Formosos leitos, e elas mais formosas;  
Emfim, com mil deleites não vulgares,  
Os esperem as ninfas amorosas,  
De amor feridas, para lhe entregarem  
Quanto delas os olhos cobiçarem.

## XLII

Quero que haja no reino neptunino,  
Onde eu nasci, progênie forte e bela;  
E tome exemplo o mundo vil, malino,  
Que contra tua potência se rebela,  
Por que entendam que muro adamantino  
Nem triste hipocrisia val contra ela.  
Mal haverá na terra quem se guarde  
Se teu fogo imortal nas águas arde.

## XLIII

Assim Vênus propôs; e o filho inico,  
Para lhe obedecer, já se apercebe:  
Manda trazer o arco ebúrneo rico,  
Onde as setas de ponta de ouro embebe.  
Com gesto ledó a Cípria, e impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe;  
A rédea larga às aves cujo canto  
A factonteia morte chorou tanto.

## XLIV

Mas diz Cupido que era necessária  
Uma famosa e célebre terceira,  
Que, pôsto que mil vezes lhe é contrária,  
Outras muitas a tem por companheira:  
A deusa gigantea, temerária,  
Jactante, mentirosa e verdadeira,  
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,  
O que vê, com mil bôcas apregoa.

## XLV

Vão-a buscar e mandam-a diante,  
Que celebrando vá, com tuba clara,  
Os louvores da gente navegante,  
Mais do que nunca os de outrem celebrara.  
Já, murmurando, a Fama penetrante  
Pelas fundas cavernas se espalhara;  
Fala verdade, havida por verdade,  
Que junto a deusa traz Credulidade.

## XLVI

O louvor grande, o rumor excelente,  
No coração dos deuses que indignados  
Foram por Baco contra a ilustre gente,  
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.  
O peito feminil, que levemente  
Muda quaisquer propósitos tomados,  
Já julga por mau zêlo e por crueza  
Desejar mal a tanta fortaleza.

## XLVII

Despede nisto o fero moço as setas,  
Uma após outra: geme o mar co'os tiros;  
Direitas pelas ondas inquiêtas  
Algumas vão, e algumas fazem giros;  
Caem as ninfas, lançam das secretas  
Entranhas ardentísimos suspiros;  
Caí qualquer, sem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.

## XLVIII

Os cornos ajuntou da ebúrnea lã,  
Com fôrça, o moço indômito, excessiva.  
Que Tétis quar ferir mais que nenhũa,  
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.  
Já não fica na aljava seta algũa,  
Nem nos equóreos campos ninfa viva;  
E se, feridas, inda estão vivendo,  
Será para sentir que vão morrendo.

## XLIX

Dai lugar, altas e cerúleas ondas,  
Que, vêdes, Vênus traz a medicina,  
Mostrando as brancas velas e redondas,  
Que veem por cima da água neptunina.  
Para que tu recíproco respondas,  
Ardente Amor, à flama feminina,  
É forçado que a pudicícia honesta  
Faça quanto lhe Vênus amoesta.

## L

Já todo o belo côro se aparelha  
Das nereidas, e junto caminhava  
Em coreias gentis, usança velha,  
Para a ilha a que Vênus as guiava.  
Ali a formosa deusa lhe aconselha  
O que ela fez mil vezes, olhando amava.  
Elas, que vão do doce amor vencidas,  
Estão a seu conselho oferecidas.

## LI

Cortando vão as naus a larga via  
Do mar ingente para a pátria amada,  
Desejando prover-se de água fria  
Para a grande viagem prolongada,  
Quando, juntas, com súbita alegria,  
Houveram vista da ilha namorada,  
Rompendo pelo céu a mãe formosa  
De Memnônio, suave e deleitosa.

## LII

De longe a ilha viram, fresca e bela,  
 Que Vênus pelas ondas lha levava  
 (Bem como o vento leva branca vela)  
 Para onde a forte armada se enxergava;  
 Que, porque não passassem, sem que nela  
 Tomassem pôrto, como desejava,  
 Para onde as naus navegam a movia  
 A Acidália, que tudo, emfim, podia.

## LIII

Mas firme a fez e imóbil, como viu  
 Que era dos nautas vista e demandada,  
 Qual ficou Delos, tanto que pariu  
 Latona Febo e a deusa à caça usada.  
 Para lá logo a proa o mar abriu,  
 Onde a costa fazia uma enseada  
 Curva e quieta, cuja branca area  
 Pintou de ruivas conchas Citerea.

## LIV

Três formosos outeiros se mostravam,  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramíneo esmalte se adornavam,  
 Na formosa ilha, alegre e deleitosa.  
 Claras fontes e límpidas manavam  
 Do cume, que a verdura tem viçosa;  
 Por entre pedras alvas se deriva  
 A sonora linfa fugitiva.

## LV

Num vale ameno, que os outeiros fende,  
 Vinham as claras águas ajuntar-se,  
 Onde ãa mesa fazem, que se estende  
 Tão bela quanto pode imaginar-se.  
 Arvoredo gentil sôbre ela pende,  
 Como que pronto está para afeitar-se,  
 Vendo-se no cristal resplandecente,  
 Que em si o está pintando própriamente.

## LVI

Mil árvores estão ao céu subindo,  
 Com pomos odoríferos e belos;  
 A laranjeira tem no fruto lindo  
 A côr que tinha Dafne nos cabelos.  
 Encosta-se no chão, que está caindo,  
 A cidreira co'os pesos amarelos;  
 Os formosos limões ali cheirando,  
 Estão virgíneas têtas imitando.

## LVII

As árvores agrestes que os outeiros  
 Teem com frondente coma ennobrecidos,  
 Álamos são de Alcides, e os loureiros  
 Do louro deus amados e queridos;  
 Mirtos de Citerea, co'os pinheiros  
 De Cibele, por outro amor vencidos;  
 Está apontando o agudo cipariso  
 Para onde é pôsto o etéreo paraíso.

## LVIII

Os dons que dá Pomona ali natura  
 Produze, diferentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem elas se dão muito melhores:  
 As cerejas, purpúreas na pintura,  
 As amoras, que o nome teem de amores,  
 O pomo que da pátria Pérsia veio,  
 Melhor tornado no terreno alheio.

## LIX

Abre a romã, mostrando a rubicunda  
 Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;  
 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda  
 Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes;  
 E vós, se na vossa árvore fecunda,  
 Peras piramidais, viver quiserdes,  
 Entregai-vos ao dano que co'os bicos  
 Em vós fazem os pássaros inicos.

## LX

Pois a tapeçaria bela e fina  
 Com que se cobre o rústico terreno,  
 Faz ser a de Aquemênia menos dina,  
 Mas o sombrio vale mais ameno.  
 Ali a cabeça a flor cefísia inclina  
 Sôbolo tanque lúcido e sereno;  
 Floresce o filho e neto de Ciniras,  
 Por quem tu, deusa páfia, inda suspiras.

## LXI

Para julgar, difícil cousa fôra,  
 No céu vendo e na terra as mesmas côres,  
 Se dava às flores côr a bela aurora,  
 Ou se lha dão a ela as belas flores.  
 Pintando estava ali Zéfiro e Flora  
 As violas da côr dos amadores,  
 O lírio roxo, a fresca rosa bela,  
 Qual reluze nas faces da donzela;

## LXII

A cândida cecém, das matutinas  
 Lágrimas rociada, e manjerona.  
 Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas,  
 Tão queridas do filho de Latona;  
 Bem se enxerga nos pomos e boninas  
 Que competia Clóris com Pomona.  
 Pois, se as aves no ar cantando voam,  
 Alegres animais o chão povoam.

## LXIII

A longo da água o nívelo cisne canta;  
 Responde-lhe do ramo Filomela;  
 Da sombra de seus cornos não se espanta  
 Acteon, na água cristalina e bela;  
 Aqui a fugace lebre se levanta  
 Da espêssa mata, ou tímida gazela;  
 Ali no bico traz ao caro ninho  
 O mantimento q leve passarinho.

## LXIV

Nesta frescura tal desembarcavam  
Já das naus os segundos Argonautas,  
Onde pela floresta se deixavam  
Andar as belas deusas, como incautas.  
Algumas, doces cítaras tocavam,  
Algumas, harpas e sonoras frautas;  
Outras, co'os arcos de ouro, se fingiam  
Seguir os animais que não seguiam.

## LXV

Assim lho aconselhara a mestra experta:  
Que andassem pelos campos espalhadas;  
Que, vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeiro desejadas.  
Algumas, que na forma descoberta  
Do belo corpo estavam confiadas,  
Posta a artificiosa formosura,  
Nuas lavar se deixam na água pura.

## LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia  
Punham os pés, de terra cobiosos  
(Que não há nenhum dêles que não saia),  
De acharem caça agreste desejosos,  
Não cuidam que, sem laço ou rêdes, caia  
Caça naqueles montes deleitosos,  
Tão suave, doméstica e benina  
Qual ferida lha tinha já Ericina.

## LXVII

Alguns, que em espingardas e nas bestas,  
Para ferir os cervos, se fiavam,  
Pelos sombrios matos e florestas  
Determinadamente se lançavam;  
Outros, nas sombras, que das altas sestras  
Defendem a verdura, passeavam  
Ao longo da água, que, suave e quêda,  
Por alvas pedras corre à praia lêda.

## LXVIII

Começam de enxergar subitamente,  
 Por entre verdes ramos, várias côres,  
 Côres de quem a vista julga e sente  
 Que não eram das rosas ou das flores,  
 Mas da lã fina e sêda diferente,  
 Que mais incita a fôrça dos amores,  
 De que se vestem as humanas rosas,  
 Fazendo-se por arte mais formosas.

## LXIX

Dá Veloso, espantado, um grande grito:  
 Senhores, caça estranha, disse, é esta!  
 Se inda dura o gentio antigo rito,  
 A deusas é sagrada esta floresta.  
 Mais descobrimos do que humano espirito  
 Desejou nunca, e bem se manifesta  
 Que são grandes as cousas e excelentes  
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

## LXX

Sigamos estas deusas e vejamos  
 Se fantásticas são, se verdadeiras.  
 Isto dito, veloces mais que gamos,  
 Se lançam a correr pelas ribeiras.  
 Fugindo as ninfas vão por entre os ramos,  
 Mas, mais industriosas que ligeiras,  
 Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,  
 Se deixam ir dos galgos alcançando.

## LXXI

De uma os cabelos de ouro o vento leva,  
 Correndo, e da outra as fraldas delicadas;  
 Acende-se o desejo, que se ceva  
 Nas alvas carnes, súbito mostradas.  
 Uma de indústrias cai, e já releva,  
 Com mostras mais macias que indignadas,  
 Que sôbre ela, empecendo, também caia  
 Quem a seguiu pela arenosa praia.

## LXXII

Outros, por parte, vão topar  
Com as deusas despidas, que se lavam;  
Elas começam súbito a gritar,  
Como que assalto tal não esperavam.  
Umas, fingindo menos estimar  
A vergonha que a fôrça, se lançavam  
Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que às mãos cobiçosas vão negando.

## LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa  
À vergonha da deusa caçadora,  
Esconde o corpo n'água; outra se apressa,  
Por tomar os vestidos, que tem fora.  
Tal dos mancebos há que se arremessa,  
Vestido assim e calçado (que, co'a mora  
De se despir, há mêdo que inda tarde).  
A matar na água o fogo que nêle arde.

## LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,  
Usado a tomar na água a ave ferida,  
Vendo rosto o férreo cano erguido  
Para a garcena ou patã conhecida,  
Antes que soe o estouro, mal sofrido  
Salta n'água e da presa não duvida,  
Nadando vai e latindo: assim o mancebo  
Remete à que não era irmã de Febo.

## LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,  
Manhoso, cavaleiro e namorado,  
A quem Amor não dera um só desgosto  
Mas sempre fôra dêle mal tratado,  
E tinha já por firme pressuposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porém não que perdesse a esperança  
De inda poder seu fado ter mudança,

## LXXVI

Quis aqui sua ventura que corria  
 Após Efire, exemplo de beleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria  
 O que deu para dar-se a natureza.  
 Já cansado, correndo, lhe dizia:  
 O' formosura indigna de aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera um corpo de quem levas a alma!

## LXXVII

Todas de correr cansam, ninfa pura,  
 Rendendo-se à vontade do inimigo;  
 Tu só de mim só foges na espessura?  
 Quem te disse que eu era o que te sigo?  
 Se to tem dito já aquela ventura  
 Que em toda a parte sempre anda commigo,  
 Oh! não na creías, porque eu, quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

## LXXVIII

Não canses, que me cansas; e se queres  
 Fugir-me, por que não possa tocar-te,  
 Minha ventura é tal que, inda que esperes,  
 Ela fará que não possa alcançar-te.  
 Espera; quero ver, se tu quizeres,  
 Que subtil modo busca de escapar-te;  
 E notarás, no fim dêste successo,  
 "Tra la spica e la man, qual muro he messo".

## LXXIX

Oh! Não me fujas! Assim nunca o breve  
 Tempo fuja de tua formosura;  
 Que, só com refrear o passo leve,  
 Vencerás da fortuna a fôrça dura.  
 Que imperador, que exército, se atreve  
 A quebrantar a fúria da ventura  
 Que, em quanto desejei, me vai seguindo,  
 O que tu só farás não me fugindo?

## LXXX

Pões-te da parte da desdita minha?  
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.  
Levas-me um coração que livre tinha?  
Solta-mo e correrás mais levemente.  
¿ Não te carrega essa alma tão mesquinha  
Que nesses fios de ouro reluzente  
Atada levas? Ou, depois de presa,  
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

## LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo:  
Que ou tu não sofrerás o pêso dela,  
Ou, na virtude de teu gesto lindo,  
Lhe mudarás a triste e dura estrêla.  
E, se se lhe mudar, não vás fugindo,  
Que Amor te ferirá, gentil donzela,  
E tu me esperarás, se Amor te fere;  
E se me esperas, não há mais que espere.

## LXXXII

Já não fugia a bela ninfa tanto,  
Por se dar cara ao triste que a seguia,  
Como por ir ouvindo o doce canto,  
As namoradas mágoas que dizia.  
Volvendo o rosto, já sereno e santo,  
Toda banhada em riso e alegria,  
Cair se deixa aos pés do vencedor,  
Que todo se desfaz em puro amor.

## LXXXIII

Oh! Que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso chôro que soava!  
Que afagos tão suaves, que ira honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhã e na seta,  
Que Vênus com prazeres inflamava,  
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;  
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

## LXXXIV

Desta arte, emfim, conformes já as formosas  
Ninfas co'os seus amados navegantes,  
Os ornam de capelas deleitosas  
De louro e de ouro e flores abundantes.  
As mãos alvas lhes davam como espôsas;  
Com palavras formais e estipulantes,  
Se prometem eterna companhia,  
Em vida e morte, de honra e alegria.

## LXXXV

Uma delas, maior, a quem se humilha  
Todo o côro das ninfas e obedece,  
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,  
O que no gesto belo se parece,  
Enchendo a terra e o mar de maravilha,  
O capitão illustre, que o merece,  
Recebe ali com pompa honesta e régia,  
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

## LXXXVI

Que, depois de lhe ter dito quem era,  
C'um alto exórdio, de alta graça ornado,  
Dando-lhe a entender que ali viera  
Por alta influição do imóvel fado,  
Para lhe descobrir da unida esfera  
Da terra imensa e mar não navegado  
Os segredos, por alta profecia,  
O que esta sua nação só merecia,

## LXXXVII

Tomando-o pela mão, o leva e guia  
Para o cume dum monte alto e divino,  
No qual ãa rica fábrica se erguia,  
De cristal toda e de ouro puro e fino.  
A maior parte aqui passam do dia,  
Em doces jogos e em prazer contino.  
Ela nos paços logra seus amores,  
As outras pelas sombras, entre as flores.

## LXXXVIII

Assim a formosa e a forte companhia  
 O dia quási todo estão passando  
 Numa alma, doce, incógnita alegria,  
 Os trabalhos tão longos compensando.  
 Porque dos feitos grandes, da ousadia  
 Forte e famosa, o mundo está guardando  
 O prêmio lá no fim, bem merecido,  
 Com fama grande e nome alto e subido.

## LXXXIX

Que as ninfas do oceano, tão formosas,  
 Tétis e a ilha angélica pintada,  
 Outra cousa não é que as deleitosas  
 Honras que a vida fazem sublimada.  
 Aquelas preminências gloriosas,  
 Os triunfos, a fronte coroada  
 De palma e louro, a glória e maravilha:  
 Estes são os deleites desta ilha.

## XC

Que as imortalidades que fingia  
 A antiguidade, que os ilustres ama,  
 Lá no estelante Olimpo, a quem subia  
 Sôbre as asas ínclitas da fama,  
 Por obras valerosas que fazia,  
 Pelo trabalho imenso que se chama  
 Caminho da virtude, alto e fragoso,  
 Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso:

## XCI

Não eram senão prêmios que reparte,  
 Por feitos imortais e soberanos,  
 O mundo co'os varões que esforço e arte  
 Divinos os fizeram, sendo humanos.  
 Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,  
 Eneas e Quirino e os dois tebanos,  
 Ceres, Palas e Júnio com Diana,  
 Todos foram de fraca carne humana.

## XCII

Mas a Fama, trombeta de obras tais,  
Lhes deu no mundo nomes tão estranhos  
De deuses, semideuses, imortais,  
Indigetes, heróicos e de magnos.  
Por isso, ó vós que as famas estimais,  
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai já do sono do ócio ignavo,  
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

## XCIII

E ponde na cobiça um freio duro,  
E na ambição também, que indignamente  
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
Vício da tirania infame e urgente;  
Porque essas honras vãs, êsse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão à gente.  
Melhor é merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer.

## XCIV

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,  
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,  
Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
Contra a lei dos imigos sarracenos:  
Fareis os reinos grandes e possantes,  
E todos tereis mais e nenhum menos:  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

## XCV

E fareis claro o rei que tanto amais,  
Agora co'os conselhos bem cuidados,  
Agora co'as espadas, que imortais  
Vos farão, como os vossos já passados.  
Impossibilidades não façais,  
Que quem quis, sempre pôde; e numerados  
Sereis entre os heróis esclarecidos  
E nesta ilha de Vênus recebidos.

## CANTO DECIMO

### I

Mas já o claro amador da larissea  
Adúltera inclinava os animais  
Lá para o grande lago que rodeia  
Temistitão, nos fins occidentais.  
O grande ardor do sol, Favônio enfreia  
Co'o sôpro que, nos tanques naturais,  
Encrespa a água serena, e despertava  
Os lírios e jasmíns, que a calma agrava,

### II

Quando as formosas ninfas, co'os amantes  
Pela mão, já conformes e contentes,  
Subiam para os paços radiantes  
E de metais ornados reluzentes,  
Mandados da rainha, que abundantes  
Mesas de altos manjares excelentes  
Lhes tinha aparelhados, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza.

### III

Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,  
Se assentam dois e dois, amante e dama;  
Noutras, à cabeceira, de ouro finas,  
Está co'a bela deusa o claro Gama.  
De iguarias suaves e divinas,  
A quem não chega a egípcia antiga fama,  
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,  
Trazidos lá do atlântico tesouro.

## IV

Os vinhos odoríferos, que acima  
Estão não só do itálico falerno  
Mas da ambrósia, que Jove tanto estima  
Com todo o ajuntamento sempiterno,  
Nos vasos onde em vão trabalha a lima  
Crêspas escumas erguem, que no interno  
Coração movem súbita alegria,  
Saltando co'a mistura da água fria.

## V

Mil práticas alegres se tocavam;  
Risos doces, subtis e argutos ditos,  
Que entre um e outro manjar se alevantavam,  
Despertando os alegres apetitos;  
Músicos instrumentos não faltavam  
(Quais, no profundo reino, os nus espiritos  
Fizeram descansar da eterna pena)  
C'uma voz duma angélica sirena.

## VI

Cantava a bela ninfa, e co'os acentos,  
Que pelos altos paços vão soando,  
Em consonância igual, os instrumentos  
Suaves veem a um templo conformando.  
Um súbito silêncio enfreia os ventos  
E faz ir docemente murmurando  
As águas, e nas casas naturais  
Adormecer os brutos animais.

## VII

Com doce voz está subindo ao céu  
Altos varões que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras ideas viu Proteu  
Num globo vão, diáfano, rotundo,  
Que Júpter em dom lho concedeu  
Em sonhos, e depois no reino fundo,  
Vaticinando, o disse, e na memória  
Recolheu logo a ninfa a clara história.

## VIII

Matéria é de coturno, e não de soco,  
A que a ninfa aprendeu no imenso lago;  
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,  
Entre os feaces um, outro em Cartago.  
Aqui, minha Calíope, te invoco  
Neste trabalho extremo, porque em pago  
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,  
O gôsto de escrever, que vou perdendo.

## IX

Vão os anos descendo, e já do estio  
Há pouco que passar até o outono;  
A fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual já não me jacto nem me abono;  
Os desgostos me vão levando ao rio  
Do negro esquecimento e eterno sono.  
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha  
Das musas, co'o que quero à nação minha.

## X

Cantava a bela deusa que viriam  
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,  
Armadas que as ribeiras venceriam  
Por onde o Oceano Índico suspira;  
E que os gentios reis que não dariam  
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira  
Provariam do braço duro e forte,  
Até render-se a êle ou logo à morte.

## XI

Cantava dum que tem nos malabares  
Do sumo sacerdócio a dignidade,  
Que, só por não quebrar co'os singulares  
Barões os nós que dera de amizade,  
Sofrerá suas cidades e lugares,  
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,  
Ver destruir do samorim potente,  
Que tais ódios terá co'a nova gente.

## XII

E canta como lá se embarcaria  
 Em Belém o remédio dêste dano,  
 Sem saber o que em si ao mar traria,  
 O grão Pacheco, Aquiles lusitano.  
 O pêso sentirão, quando entraria,  
 O curvo lenho e o férvido oceano,  
 Quando mais n'água os troncos que gemerem  
 Contra sua natureza se meterem.

## XIII

Mas, já chegado aos fins orientais  
 E deixado em ajuda do gentio  
 Rei de Cochim, com poucos naturais,  
 Nos braços do salgado e curvo rio  
 Desbaratará os naires infernais,  
 No passo Cambalão, tornando frio  
 De espanto o ardor imenso do Oriente,  
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.

## XIV

Chamará o samorim mais gente nova;  
 Virão reis de Bipur e de Tanor,  
 Das serras de Narsinga, que alta prova  
 Estarão prometendo a seu senhor;  
 Fará que todo o naire, emfim, se mova  
 Que entre Calecu jaz e Cananor,  
 De ambas as leis imigas para a guerra:  
 Mouros por mar, gentios pela terra.

## XV

E todos outra vez desbaratando,  
 Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,  
 A grande multidão que irá matando  
 A todo o malabar terá admirado.  
 Cometerá outra vez, não dilatando,  
 O gentio os combates, apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos deuses vãos, surdos e imotos.

## XVI

Já não defenderá sómente os passos,  
Mas queimar-lhe há lugares, templos, casas;  
Aceso de ira, o cão, não vendo lassos  
Aqueles que as cidades fazem rasas,  
Fará que os seus, de vida pouco escassos,  
Cometam o Pacheco, que tem asas,  
Por dois passos num tempo; mas voando  
Dum noutro, tudo irá desbaratando.

## XVII

Virá ali o samorim, porque em pessoa  
Veja a batalha e os seus esforce e anime;  
Mas um tiro, que com zunido voa,  
De sangue o tingirá no andor sublime.  
Já não verá remédio ou manha boa  
Nem fôrça que o Pacheco muito estime;  
Inventará traições e vãos venenos,  
Mas sempre (o céu querendo) fará menos.

## XVIII

Que tornará a vez sétima (cantava)  
Pelejar co' o invicto e forte luso,  
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;  
Mas, contudo, êste só o fará confuso.  
Trará para a batalha, horrenda e brava,  
Máquinas de madeiros fora de uso,  
Para lhe abalroar as caravelas,  
Que até'li vão lhe fôra cometê-las.

## XIX

Pela água levará serras de fogo  
Para abrasar-lhe quanta armada tenha;  
Mas a militar arte e engenho logo  
Fará ser vã a braveza com que venha.  
Nenhum claro barão no márcio jôgo,  
Que nas asas da fama se sustenha,  
Chega a êste, que a palma a todos toma.  
E perdoe-me a illustre Grécia ou Roma.

## XX

Porque tantas batalhas, sustentadas  
Com muito pouco mais de cem soldados,  
Com tantas manhas e artes inventadas,  
Tantos cães não imbeles profligados,  
Ou parecerão fábulas sonhadas,  
Ou que os celestês coros, invocados,  
Descerão a ajudá-lo e lhe darão  
Esfôrço, fôrça, ardil e coração.

## XXI

Aquele que nos campos maratônios  
O grão poder de Dário estrui e rende,  
Ou quem, com quatro mil lacedemônios,  
O passo de Termópilas defende,  
Nem o mancebo Cocles dos ausônios,  
Que com todo o poder tusco contende  
Em defesa da ponte, ou Quinto Fábio,  
Foi como êste na guerra forte e sábio.

## XXII

Mas neste passo a ninfa, o som canoro  
Abaixando, fez ronco e entristecido,  
Cantando em baixa voz, envolta em chôro,  
O grande esfôrço mal agradecido.  
O' Belisário (disse) que no côro  
Das Musas serás sempre engrandecido,  
Se em ti viste abatido o bravo Marte,  
Aqui tens com quem podes consolar-te .

## XXIII

Aqui tens companheiro, assim nos feitos  
Como no galardão injusto e duro;  
Em ti e nêle veremos altos peitos  
A baixo estado vir, humilde e escuro.  
!Morrer nos hospitais, em pobres leitos,  
Os que ao rei e à lei servem de muro!  
Isto fazem os reis cuja vontade  
Manda mais que a justiça e que a verdade.

## XXIV

Isto fazem os reis, quando embebidos  
Num aaparência branda que os contenta:  
Dão os prêmios, de Ajace merecidos,  
Á língua vã de Ulisses, fraudulenta.  
Mas vingo-me: que os bens mal repartidos  
Por quem só doces sombras apresenta,  
Se não os dão a sábios cavaleiros,  
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

## XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
Um tal vassalo, ó rei, só nisto inico,  
Se não és para dar-lhe honroso estado,  
É êle para dar-te um reino rico,  
Emquanto fôr o mundo rodeado  
Dos apolíneos raios, eu te fico  
Que êle seja entre a gente ilustre e claro,  
E tu nisto culpado por avaro.

## XXVI

Mas eis outro (cantava) intitulado  
Vem com nome real e traz consigo  
O filho, que no mar será ilustrado,  
Tanto como qualquer romano antigo.  
Ambos darão com braço forte, armado,  
A Quiloa fértil áspero castigo,  
Fazendo nela rei leal e humano,  
Deitado fora o pérfido tirano.

## XXVII

Também farão Mombaça, que se arreja  
De casas sumptuosas e edificios,  
Co'o ferro e fogo seu queimada e feia,  
Em pago dos passados malefícios.  
Depois, na costa da Índia, andando cheia  
De lenhos inimigos e artificios  
Contra os lusos, com velas e com remos  
O mancebo Lourenço fará extremos.

## XXVIII

Das grandes naus do samorim potente,  
 Que encherão todo o mar, co'a férrea pela,  
 Que saí com trovão do cobre ardente,  
 Fará pedaços leme, mastro, vela.  
 Depois, lançando arpéus ousadamente  
 Na capitaina imiga, dentro nela  
 Saltando a fará só com lança e espada  
 De quatrocentos mouros despejada.

## XXIX

Mas de Deus a escondida providência  
 (Que ela só sabe o bem de que se serve)  
 O porá onde esfôrço nem prudência  
 Poderá haver que a vida lhe reserve.  
 Em Chaúl, onde em sangue e resistência  
 O mar todo com fogo e ferro ferve,  
 Lhe farão que com vida se não saia  
 As armadas de Egipto e de Cambaia.

## XXX

Ali, o poder de muitos inimigos  
 (Que o grande esfôrço só com fôrça rende),  
 Os ventos que faltaram, e os perigos  
 Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.  
 Aqui ressurjam todos os antigos,  
 A ver o nobre ardor que aqui se aprende:  
 Outro Sceva verão, que, espedaçado,  
 Não sabe ser rendido nem domado.

## XXXI

Com toda ãa coxa fora, que em pedaços  
 Lhe leva um cego tiro que passara,  
 Se serve inda dos animosos braços  
 E do grão coração que lhe ficara.  
 Até que outro pelouro quebra os laços  
 Com que co'alma o corpo se liara:  
 Ela, sôlta, voou da prisão fora  
 Onde súbito se acha vencedora.

## XXXII

Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,  
Na qual tu mereceste paz serena;  
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,  
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:  
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
Que vem já dar a dura e eterna pena,  
De esperas, basiliscos e trabucos,  
A cambaicos cruéis e mamelucos.

## XXXIII

Eis vem o pai, com ânimo estupendo,  
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe está movendo  
Fogo no coração, água nos olhos.  
A nobre ira lhe vinha prometendo  
Que o sangue fará dar pelos gíolhos  
Nas inimigas naus; senti-lo há o Nilo,  
Podê-lo há o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

## XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia  
Para a crua peleja, os cornos tenta  
No tronco dum carvalho ou alta faia  
E, o ar ferindo, as fôrças exprimenta:  
Tal, antes que no seio de Cambaia  
Entre Francisco irado, na opulenta  
Cidade de Dabul a espada afia,  
Abaixando-lhe a tímida ousadia.

## XXXV

E logo, entrando fero na enseada  
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,  
Fará espalhar a fraca e grande armada  
De Calecu, que remos tem por malhas.  
A de Melique Iaz, acautelada,  
Co'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas,  
Fará ir ver o frio e fundo assento,  
Secreto leito do úmido elemento.

## XXXVI

Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,  
 A fúria esperará dos vingadores,  
 Verá braços e pernas ir nadando  
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.  
 Raios de fogo irão representando,  
 No cego ardor, os bravos domadores.  
 Quanto ali sentirão olhos e ouvidos  
 É fumo, ferro, flamas e alaridos.

## XXXVII

Mas ah! que desta próspera vitória,  
 Com que depois virá ao pátrio Tejo,  
 Quási lhe roubará a famosa glória  
 Um sucesso, que triste e negro vejo.  
 O cabo Tormentório, que a memória  
 Co'os ossos guardará, não terá pejo  
 De tirar dêste mundo aquele espirito,  
 Que não tiraram toda a Índia e Egipto.

## XXXVIII

Ali, cafres selvagens poderão  
 O que destros imigos não puderam;  
 E rudos paus tostados sós farão  
 O que arcos e pelouros não fizeram.  
 Ocultos os juízos de Deus são;  
 As gentes vãs, que não nos entenderam,  
 Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,  
 Sendo só providência de Deus pura.

## XXXIX

Mas, oh! que luz tamanha que abrir sinto  
 (Dizia a ninfa, e a voz alevantava)  
 Lá no mar de Melinde, em sangue tinto  
 Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,  
 Pelo Cunha também, que nunca extinto  
 Será seu nome em todo o mar que lava  
 As ilhas do Austro, e praias que se chamam  
 De São Lourenço, e em todo o sul se afamam.

## XL

Esta luz é do fogo e das luzentes  
Armas com que Albuquerque irá amansando  
De Ormuz os páreseos, por seu mal valentes,  
Que refusam o jugo honroso e brando.  
Ali verão as setas estridentes  
Reciprocár-se, a ponta no ar virando,  
Contra quem as tirou, que Deus peleja  
Por quem estende a fé da Madre Igreja.

## XLI

Ali, do sal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate  
Que mortos pela praia e mar se estendem  
De Gerum, de Mascate e Calaiate;  
Até que à fôrça só de braço aprendem  
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate  
Obrigaçãõ de dar o reino inico  
Das perlas de Barém tributo rico.

## XLII

!Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que Vitória a frente lhe coroa,  
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,  
Toma a ilha ilustríssima de Goa!  
Depois, obedecendo ao duro ensejo,  
A deixa, e ocasião espera boa  
Com que a torne a tomar, que esforço e arte  
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

## XLIII

Eis já sôbre ela torna e vai rompendo  
Por muros, fogo, lanças e pelouros,  
Abrindo com a espada o espêso e horrendo  
Esquadrão de gentios e de mouros.  
Irão soldados ínclitos fazendo  
Mais que leões famélicos e touros,  
Na luz que sempre celebrada e dina  
Será da egípcia santa Caterina.

## XLIV

Nem tu menos fugir poderás dêste,  
Pôsto que rica e pôsto que assentada  
Lá no grêmio da Aurora, onde nasceste,  
Opulenta Malaca nomeada.  
As setas venenosas que fizeste,  
Os crises com que já te vejo armada,  
Malaios namorados, jaus valentes,  
Todos farás ao luso obedientes.

## XLV

Mais estânças cantara esta sirena  
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque:  
Mas alembrou-lhe uma ira que o condena,  
Pôsto que a fama sua o mundo cerque.  
O grande capitão que o fado ordena  
Que com trabalhos glória eterna merque,  
Mais há-de ser um brando companheiro  
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

## XLVI

Mas em tempo que fomes e asperezas,  
Doenças, frechas e trovões ardentes,  
A sação e o lugar, fazem cruezas  
Nos soldados a tudo obedientes,  
Parece de selváticas brutezas,  
De peitos inumanos e insolentes,  
Dar extrêmo suplicio pela culpa  
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

## XLVII

Não será a culpa abominoso incesto  
Nem violento estupro em virgem pura,  
Nem menos adultério desonesto,  
Mas c'uma escrava vil, lasciva e escura.  
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de usado a crueza fera e dura,  
Co'os seus uma ira insana não refreia,  
Põe, na fama alva, nódoa negra e feia.

## XLVIII

Viu Alexandre Apeles namorado  
 Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,  
 Não sendo seu soldado experimentado,  
 Nem vendo-se num cêrco duro e urgente.  
 Sentiu Ciro que andava já abrasado  
 Araspas, de Panteia, em fogo ardente,  
 Que êle tomara em guarda, e prometia  
 Que nenhum mau desejo o venceria.

## XLIX

Mas, vendo o illustre persa que vencido  
 Fôra de Amor, que emfim não tem defesa,  
 Levemente o perdoa, e foi servido  
 Dêle num caso grande, em recompensa.  
 Pôr fôrça, de Judita foi marido  
 O férreo Balduíno; mas dispensa  
 Carlos, pai dela, pôsto em cousas grandes,  
 Que viva e povoador seja de Flandes.

## L

Mas, prosseguindo a ninfa o longo canto,  
 De Soares cantava, que as bandeiras  
 Faria tremular e pôr espanto  
 Pelas roxas arábicas ribeiras.  
 Medina abominábil teme tanto  
 Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras  
 Praias de Abássia; Barborá se teme  
 Do mal de que o empório Zeila geme.

## LI

A nobre ilha também de Taprobana,  
 Já pelo nome antigo tão famosa  
 Quanto agora soberba e soberana  
 Pela cortiça cálida, cheirosa,  
 Dela dará tributo à lusitana  
 Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,  
 Vencendo se erguerá na tôrre erguida,  
 Em Columbo, dos próprios tão temida.

## LII

Também Sequeira, as ondas eritreas  
 Dividindo, abrirá novo caminho  
 Para ti, grande império, que te arreas  
 De seres de Candace e Sabá ninho.  
 Maçuá, com cisternas de água cheas,  
 Verá, e o pôrto Arquico, ali vizinho;  
 E fará descobrir remotas ilhas,  
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

## LIII

Virá depois Meneses, cujo ferro  
 Mais na África, que cá, terá provado;  
 Castigará de Ormuz soberba o êrro,  
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.  
 Também tu, Gama, em pago do destêrro  
 Em que estás e serás inda tornado,  
 Co'os títulos de conde e de honras nobres  
 Virás mandar a terra que descobres.

## LIV

Mas aquela fatal necessidade  
 De quem ninguém se exime dos humanos,  
 Ilustrado co'a régia dignidade,  
 Te tirará do mundo e seus enganos.  
 Outro Meneses logo, cuja idade  
 É maior na prudência que nos anos,  
 Governará; e fará o ditoso Henrique  
 Que perpétua memória dêle fique.

## LV

Não vencerá sómente os malabares,  
 Destruindo Panane com Coulete,  
 Cometendo as bombardas, que, nos ares,  
 Se vingam só do peito que as comete;  
 Mas com virtudes, certo, singulares,  
 Vence os imigos da alma todos sete;  
 De cobiça triunfa e incontidência,  
 Que em tal idade é suma de excelência.

## LVI

Mas, depois que as estrêlas o chamarem,  
 Succederás, ó forte Marcarenhas;  
 E, se injustos o mando te tomarem,  
 Prometo-te que fama eterna tenhas.  
 Para teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o fado quer que venhas  
 A mandar, mais de palmas coroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

## LVII

No reino de Bintão, que tantos danos  
 Terá a Malaca, muito tempo, feitos,  
 Num só dia as injúrias de mil anos  
 Vingarás, co' o valor de illustres peitos.  
 Trabalhos e perigos inumanos,  
 Abrolhos férreos mil, passos estreitos,  
 Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:  
 Tudo fico que rompas e sometas.

## LVIII

Mas na índia, cobiça e ambição,  
 Que claramente põem aberto o rosto  
 Contra Deus e justiça, te farão  
 Vitupério nenhum, mas só desgosto.  
 Quem faz injúria vil e sem-razão,  
 Com fôrças e poder em que está pôsto,  
 Não vence; que a vitória verdadeira  
 É saber ter justiça nua e inteira.

## LIX

Mas, contudo, não nego que Sampaio  
 Será, no esfôrço, illustre e assinalado,  
 Mostrando-se no mar um fero raio,  
 Que de inimigos mil verá coalhado.  
 Em Bacanor fará cruel ensaio  
 No Malabar, para que, amedrontado,  
 Depois a ser vencido dêle venha  
 Cutiale, com quanta armada tenha.

## LX

E não menos de Dio a fera frota,  
 Que Chaúl temerá, de grande e ousada,  
 Fará, co'a vista só, perdida e rôta,  
 Por Heitor da Silveira e destroçada;  
 Por Heitor português, de quem se nota  
 Que na costa cambaica, sempre armada,  
 Será aos guzerates tanto dano,  
 Quanto já foi aos gregos o troiano.

## LXI

A Sampaio feroz sucederá  
 Cunha, que longo tempo tem o leme:  
 De Chale as tôrres altas erguerá,  
 Enquanto Dio illustre dêle treme;  
 O forte Baçaim se lhe dará;  
 Não sem sangue, porém, que nêle geme  
 Melique, porque à fôrça só de espada  
 A tranqueira soberba vê tomada.

## LXII

Trás êste vem Noronha, cujo auspício  
 De Dio os rumes feros afugenta;  
 Dio, que o peito e bélico exercício  
 De Antônio da Silveira bem sustenta.  
 Fará em Noronha a morte o usado officio,  
 Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta  
 No govêrno do império, cujo zêlo  
 Com mêdo o Roxo Mar fará amarelo.

## LXIII

Das mãos do teu Estêvão vem tomar  
 As rédeas um, que já será ilustrado  
 No Brasil, com vencer e castigar  
 O pirata francês, ao mar usado.  
 Depois, capitão-mor do índico mar,  
 O muro de Damão, soberbo e armado,  
 Escala e primeiro entra a porta aberta,  
 Que fogo e frechas mil terão coberta.

## LXIV

A êste o rei cambaico soberbíssimo  
Fortaleza dará na rica Dio,  
Porque contra o mogor poderosíssimo  
Lhe ajude a defender o senhorio.  
Depois irá com peito esforçadíssimo  
A tolher que não passe o rei gentio  
De Calecu, que assim com quantos veio  
O fará retirar, de sangue cheio.

## LXV

Destruirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu rei, com muitos, em fuga;  
E depois, junto ao cabo Comorim,  
Uma façanha faz esclarecida:  
A frota principal do samorim,  
Que destruir o mundo não duvida,  
Vencerá co'o furor do ferro e fogo;  
Em si verá Beadala o márcio jôgo.

## LXVI

Tendo assim limpa a Índia dos imigos,  
Virá depois com scetro a governá-la  
Sem que ache resistência nem perigos,  
Que todos tremem dêle e nenhum fala.  
Só quis provar os ásperos castigos  
Batalalá, que vira já Beadala.  
De sangue e corpos mortos ficou cheia  
E de fogos e trovões desfeita e feia.

## LXVII

Êste será Martinho, que de Marte  
O nome tem co'as obras derivado;  
Tanto em armas ilustre em toda parte,  
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.  
Suceder-lhe há ali Castro, que o estandarte  
Português terá sempre levantado,  
Conforme sucessor ao sucedido,  
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

## LXVIII

Persas feroces, abassis e rumes,  
 Que trazido de Roma o nome teem,  
 Vários de gestos, vários de costumes  
 (Que mil nações ao cêrco feras veem),  
 Farão dos céus ao mundo vãos queixumes  
 Porque uns poucos a terra lhes deteem.  
 Em sangue português juram, descridos,  
 De banhar os bigodes retorcidos.

## LXIX

Basiliscos medonhos e leões,  
 Trabucos feros, minas encobertas,  
 Sustenta Mascarenhas co'os barões  
 Que tão ledos as mortes teem por certas;  
 Até que, nas maiores opressões,  
 Castro libertador, fazendo ofertas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
 Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

## LXX

Fernando, um dêles, ramo da alta planta,  
 Onde o violento fogo, com ruído,  
 Em pedaços os muros no ar levanta,  
 Será ali arrebatado e ao céu subido.  
 Álvaro, quando o inverno o mundo espanta  
 E tem o caminho úmido impedido,  
 Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,  
 Os ventos e depois os inimigos.

## LXXI

Eis vem depois o pai, que as ondas corta  
 Co'o restante da gente lusitana,  
 E com fôrça e saber, que mais importa,  
 Batalha dá felice e soberana.  
 Uns, paredes subindo, escusam porta;  
 Outros a abrem na fera esquadra insana.  
 Feitos farão tão dignos de memória  
 Que não caibam em verso ou larga história.

## LXXII

Êste, depois, em campo se apresenta,  
Vencedor forte e intrépido, ao possante  
Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta  
Da fera multidão quadrupedante.  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hidalcão, do braço triunfante  
Que castigando vai Dabul na costa;  
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

## LXXIII

Estes e outros barões, por várias partes,  
Dignos todos de fama e maravilha,  
Fazendo-se na terra bravos Martes,  
Virão lograr os gostos desta ilha,  
Varrendo triunfantes estandartes  
Pelas ondas que corta a aguda quilha;  
E acharão estas ninfas e estas mesas,  
Que glórias e honras são de árduas emprêsas.

## LXXIV

Assim cantava a ninfa; e as outras todas,  
Com sonoro aplauso, vozes davam,  
Com que festejam as alegres bodas  
Que com tanto prazer se celebravam.  
Por mais que da Fortuna andem as rodas  
(Numa cónsona voz todas soavam),  
Não vos hão-de faltar, gente famosa,  
Honra, valor e fama gloriosa.

## LXXV

Depois que a corporal necessidade  
Se satisfez do mantimento nobre,  
E na harmonia e doce suavidade  
Viram os altos feitos que descobre,  
Tétis, de graça ornada e gravidade,  
Para que com mais alta glória dobre  
As festas dêste alegre e claro dia;  
Para o felice Gama assim dizia:

## LXXVI

Faz-te mercê, barão, a Sapiência  
 Suprema de, co'os olhos corporais,  
 Veres o que não pode a vã sciência  
 Dos errados e míseros mortais.  
 Segue-me firme e forte, com prudência,  
 Por êste monte espêso, tu co'os mais.  
 Assim lhe diz e o guia por um mato  
 Árduo, difícil, duro a humano trato.

## LXXVII

Não andam muito que no erguido cume  
 Se acharam, onde um campo se esmaltava  
 De esmeraldas, rubis, tais que presume  
 A vista que divino chão pisava.  
 Aqui um globo vêem no ar, que o lume  
 Claríssimo por êle penetrava,  
 De modo que o seu centro está evidente,  
 Como a sua superfície, claramente.

## LXXVIII

Qual a matéria seja não se enxerga,  
 Mas enxerga-se bem que está composto  
 De vários orbes, que a divina vêrga  
 Compôs, e um centro a todos só tem pôsto.  
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,  
 Nunca se ergue ou se abaixa, e um mesmo rosto  
 Por toda a parte tem; e em toda a parte  
 Começa e acaba, emfim, por divina arte;

## LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sustido,  
 Qual, emfim, o Arquetipo que o criou.  
 Vendo o Gama êste globo, comovido  
 De espanto e de desejo ali ficou.  
 Diz-lhe a deusa: O transunto, reduzido  
 Em pequeno volume, aqui te dou  
 Do mundo aos olhos teus, para que vejas  
 Por onde vais e irás e o que desejás.

## LXXX

Vês aqui a grande máquina do mundo,  
 Etérea e elemental, que fabricada  
 Assim foi do Saber, alto e profundo,  
 Que é sem princípio e meta limitada.  
 Quem cerca em derredor êste rotundo  
 Globo e sua superfície tão limitada,  
 É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

## LXXXI

Êste orbe que, primeiro, vai cercando  
 Os outros mais pequenos que em si tem,  
 Que está com luz tão clara radiando  
 Que a vista cega e a mente vil também,  
 Empíreo se nomeia, onde logrando  
 Puras almas estão daquele Bem  
 Tamanho, que êle só se entende e alcança,  
 De quem não há no mundo semelhança.

## LXXXII

Aqui, só verdadeiros, gloriosos  
 Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,  
 Júpiter, Juno, fomos fabulosos,  
 Fingidos de mortal e cego engano.  
 Só para fazer versos deleitosos  
 Servimos; e, se mais o trato humano  
 Nos pode dar, é só que o nome nosso  
 Nestas estrêlas pôs o engenho vosso.

## LXXXIII

E também, porque a Santa Providência,  
 Que em Júpiter aqui se representa,  
 Por espíritos mil que teem prudência  
 Governa o mundo todo que sustenta  
 (Ensina-lo a profética sciência,  
 Em muitos dos exemplos que apresenta:  
 Os que são bons, guiando, favorecem,  
 Os maus, em quanto podem, nos empecem);

## LXXXIV

Quer logo aqui a pintura que varia  
Agora deleitando, ora ensinando,  
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia  
A seus deuses já dera, fabulando;  
Que os anjos de celeste companhia  
Deuses o sacro verso está chamando;  
Nem nega que êsse nome preeminente  
Também aos maus se dá, mas falsamente.

## LXXXV

Emfim que o sumo Deus, que por segundas  
Causas obra no mundo, tudo manda.  
E, tornando a contar-te das profundas  
Obras da mão divina veneranda:  
Debaixo dêste círculo onde as mundas  
Almas divinas gozam, que não anda,  
Outro corre, tão leve e tão ligeiro  
Que não se enxerga: é o móbile primeiro.

## LXXXVI

Com êste rapto e grande movimento  
Vão todos os que dentro tem no seio;  
Por obra dêste, o sol, andando a tento,  
O dia e noite faz, com curso alheio.  
Debaixo dêste leve, anda outro lento,  
Tão lento e subjugado a duro freio,  
Que emquanto Febo, de luz nunca escasso,  
Duzentos cursos faz, dá êle um passo.

## LXXXVII

Olha êst'outro debaixo, que esmaltado  
De corpos lisos anda e radiantes,  
Que também nêle teem curso ordenado  
E nos seus axes correm scintilantes.  
Bem vês como se veste e faz ornado  
Co'o largo cinto de ouro, que estelantes  
Animais doze traz afigurados,  
Aposentos de Febo limitados.

## LXXXVIII

Olha, por outras partes, a pintura  
 Que as estrêlas fulgentes vão fazendo:  
 Olha a Carreta, atenta a Cinosura,  
 Andrômeda e seu pai, e o Drago horrendo.  
 Vê de Cassiopea a formosura  
 E do Oriente o gesto turbulento;  
 Olha o Cisne morrendo que suspira,  
 A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

## LXXXIX

Debaixo dêste grande firmamento,  
 Vês o céu de Saturno, deus antigo;  
 Júpiter logo faz o movimento,  
 E Marte abaixo, bélico inimigo;  
 O claro ôlho do céu, no quarto assento,  
 E Vênus, que os amores traz consigo;  
 Mercúrio, de eloquência soberana;  
 Com três rostos, debaixo vai Diana.

## XC

Em todos estes orbes, diferente  
 Cursos verás, nuns grave e noutros leve;  
 Ora fogem do centro longamente,  
 Ora da terra estão caminho breve,  
 Bem como quis o Padre omnipotente,  
 Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,  
 Os quais verás que jazem mais a dentro  
 E tem co'o mar a terra por seu centro.

## XCI

Neste centro, pousada dos humanos,  
 Que não sómente, ousados, se contentam  
 De soffrerem da terra firme os danos,  
 Mas inda o mar instábil experimentam,  
 Verás as várias partes, que os insanos  
 Mares dividem, onde se aposentam  
 Várias nações, que mandam vários reis,  
 Vários costumes seus e várias leis.

## XCII

Vês Europa cristã, mais alta e clara  
 Que as outras em policia e fortaleza;  
 Vês África, dos bens do mundo avara,  
 Inculta e toda cheia de bruteza,  
 Co'o cabo que até'qui se vos negara,  
 Que assentou para o Austro a natureza.  
 Olha essa terra toda, que se habita  
 Dessa gente sem lei, quási infinita.

## XCIII

Vê do Benomotapa o grande império,  
 De selvática gente, negra e nua;  
 Onde Gonçalo morte e vitupério  
 Padecerá, pela fé santa sua.  
 Nasce por êste incógnito hemisfério  
 O metal por que mais a gente sua.  
 Vê que do lago donde se derrama  
 O Nilo, também vindo está Cuama.

## XCIV

Olha as casas dos negros, como estão  
 Sem portas, confiados, em seus ninhos,  
 Na justiça real e defensão  
 E na fidelidade dos vizinhos;  
 Olha dêles a bruta multidão;  
 Qual bando espêso e negro de estorninhos,  
 Combaterá em Sofala a fortaleza,  
 Que defenderá Nhaya com destreza.

## XCV

Olha lá as alagoas donde o Nilo  
 Nasce, que não souberam os antigos;  
 Vê-lo: rega, gerando o crocodilo,  
 Os povos abassis, de Cristo amigos;  
 Olha como sem muros (novo estilo)  
 Se defendem melhor dos inimigos.  
 Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,  
 Que ora dos naturais Nobá se chama.

## XCVI

Nesta remota terra um filho teu  
Nas armas contra os turcos será claro;  
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;  
Mas contra o fim fatal não há reparo.  
Vê cá a costa do mar, onde te deu  
Melinde hospício gasaloso e caro;  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obí; entra em Quilmance.

## XCVII

O Cabo vê já Arômata chamado,  
E agora Guardafú, dos moradores,  
Onde começa a bôca do afamado  
Mar Roxo, que do fundo toma as côres.  
Êste como limite está lançado  
Que divide Ásia de África; e as melhores  
Povoações que a parte áfrica tem  
Maçua são, Arquico e Suaquém.

## XCVIII

Vês o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foi dos Héroas a cidade  
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente  
Tem das frotas do Egipto a potestade.  
Olha as águas nas quais abriu patente  
Estrada o grão Moisés na antiga idade.  
Ásia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.

## XCIX

Olha o monte Sinai, que se ennobrece  
Co' o sepulcro de Santa Caterina;  
Olha Toro e Gidá, que lhe falece  
Água das fontes, doce e cristalina;  
Olha as portas do estreito, que fenece  
No reino da sêca A'dem, que confina  
Com a serra de Arzira, pedra viva,  
Onde chuva dos céus se não deriva.

## C

Olha as Arábias três, que tanta terra  
 Tomam, todas da gente vaga e baça,  
 Donde veem os cavalos para a guerra,  
 Ligeiros e feroces, de alta raça;  
 Olha a costa que corre, até que cerra  
 Outro estreito de Pérsia, e faz a traça  
 O cabo que co'o nome se apelida  
 Da cidade Fartaque, ali sabida.

## CI

Olha Dófar, insigne porque manda  
 O mais cheiroso incenso para as aras;  
 Mas atenta: já cá dest'outra banda  
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,  
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda  
 Pelas ribeiras que inda serão claras  
 Quando as galés do turco e fera armada  
 Virem de Castelbranco nua a espada.

## CII

Olha o cabo Asaboro, que chamado  
 Agora é Moçandão dos navegantes.  
 Por aqui entra o lago que é fechado  
 De Arábia e pérsias terras abundantes.  
 Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado  
 Tem das suas perlas ricas, e imitantes  
 Á côr da aurora; e vê na água salgada  
 Ter o Tigris e Eufrates uma entrada.

## CIII

Olha da grande Pérsia o império nobre,  
 Sempre pôsto no campo e nos cavalos,  
 Que se injuria de usar fundido cobre  
 E de não ter das armas sempre os calos.  
 Mas vê a ilha Gerum, como descobre  
 O que fazem do tempo os intervalos,  
 Que da cidade Armuza, que ali esteve,  
 Ela o nome depois e a glória teve.

## CIV

Aqui de Dom Filipe de Meneses  
Se mostrará a virtude, em armas clara,  
Quando, com muito poucos portuguezes,  
Os muitos párseos vencerá de Lara.  
Virão provar os golpes e reveses  
De Dom Pedro de Sousa, que provara  
Já seu braço em Ampaza, que deixada  
Terá por terra, à fôrça só de espada.

## CV

Mas deixemos o estreito e o conhecido  
Cabo de Jasque, dito já Carpela,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da natura e dos dons usados dela;  
Carmânia teve já por apelido.  
Mas vês o formoso Indo, que daquela  
Altura nasce, junto à qual, também  
Doutra altura, correndo o Gange vem?

## CVI

Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,  
E de Jáquete a íntima enseada;  
Do mar a enchente súbita, grandíssima,  
E a vazante, que foge apressurada.  
A terra de Cambaia vê, riquíssima,  
Onde do mar o seio faz entrada.  
Cidades outras mil, que vou passando,  
A vós outros aqui se estão guardando.

## CVII

Vês corre a costa célebre indiana  
Para o sul, até o cabo Comori,  
Já chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.  
Por êste mar a gente lusitana,  
Que com armas virá depois de ti,  
Terá vitórias, terras e cidades,  
Nas quais hão-de viver muitas idades.

## CVIII

As províncias que entre um e o outro rio  
Vês, com várias nações, são infinitas:  
Um reino maometa, outro gentio,  
A quem tem o demônio leis escritas.  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias santas e bemditas  
Do corpo de Tomé, barão sagrado,  
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

## CIX

Aqui a cidade foi que se chamava  
Meliapor, formosa, grande e rica;  
Os ídolos antigos adorava,  
Como inda agora fez a gente inica.  
Longe do mar naquele tempo estava,  
Quando a fé, que no mundo se publica,  
Tomé vinha prègando, e já passara  
Províncias mil do mundo, que ensinara.

## CX

Chegado aqui, prègando e junto dando  
A doentes saúde, a mortos vida,  
Acaso traz um dia o mar, vagando,  
Um lenho de grandeza desmedida.  
Deseja o rei, que andava edificando,  
Fazer dêle madeira; e não duvida  
Poder tirá-lo a terra, com possantes  
Fôrças de homens, de engenhos, de elefantes.

## CXI

Era tão grande o pêso do madeiro  
Que, só para abalar-se, nada abasta;  
Mas o núncio de Cristo verdadeiro  
Menos trabalho em tal negócio gasta.  
Ata o cordão que traz, por derradeiro,  
No tronco, e fàcilmente o leva e arrasta  
Para onde faça um sumptuoso templo  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

## CXII

Sabia bem que se com fé formada  
Mandar a um monte surdo que se mova,  
Que obedecerá logo à voz sagrada,  
Que assim lho ensinou Cristo, e êle o prova.  
A gente ficou disto alvoraçada;  
Os brâmanes o teem por cousa nova;  
Vendo os milagres, vendo a santidade,  
Hão mêdo de perder autoridade.

## CXIII

São estes sacerdotes dos gentios  
Em quem mais penetrado tinha enveja:  
Buscam maneiras mil, buscam desvios,  
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Um caso horrendo fez, que o mundo veja  
Que inimiga não há, tão dura e fera,  
Como a virtude falsa, da sincera.

## CXIV

Um filho próprio mata, e logo acusa  
De homicídio Tomé, que era inocente;  
Dá falsas testemunhas, como se usa:  
Condenaram-no à morte brevemente.  
O santo, que não vê melhor escusa  
Que apelar para o Padre omnipotente,  
Quer, diante do rei e dos senhores,  
Que se faça um milagre dos maiores.

## CXV

O corpo morto manda ser trazido,  
Que ressuscite e seja perguntado  
Quem foi seu matador, e será crido  
Por testemunho, o seu, mais aprovado.  
Viram todos o moço vivo, erguido,  
Em nome de Jesus crucificado,  
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,  
E descobre seu pai ser homicida.

## CXVI

Êste milagre fez tamanho espanto  
 Que o rei se banha logo na água santa,  
 E muitos após êle; um beija o manto,  
 Outro louvor do deus de Tomé canta.  
 Os brâmanes se encheram de ódio tanto,  
 Com seu veneno os morde enveja tanta,  
 Que, persuadindo a isso o povo rudo,  
 Determinam matá-lo, em fim de tudo.

## CXVII

Um dia que prègando ao povo estava,  
 Fingiram entre a gente um arruído.  
 Já Cristo neste tempo lhe ordenava  
 Que, padecendo, fôsse ao céu subido.  
 A multidão das pedras que voava  
 No Santo dá, já a tudo oferecido;  
 Um dos maus, por fartar-se mais depressa,  
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

## CXVIII

Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;  
 Chorou-te toda a terra que pisaste;  
 Mais te choram as almas que vestindo  
 Se iam da santa fé que lhe ensinaste.  
 Mas os anjos do céu, cantando e rindo,  
 Te recebem na Glória que ganhaste.  
 Pedimos-te que a Deus ajuda peças,  
 Com que os teus lusitanos favoreças.

## CXIX

E vós outros que os nomes usurpais  
 De mandados de Deus, como Tomé,  
 Dizei: ¿se sois mandados, como estais  
 Sem irdes a prègar a santa fé?  
 Olhai que, se sois sal e vos danais  
 Na pátria, onde profeta ninguém é,  
 Com que se salgarão, em nossos dias,  
 (Infiéis deixo) tantas heresias?

## CXX

Mas passo esta matéria perigosa  
E tornemos à costa debuxada.  
Já com esta cidade tão famosa  
Se faz curva a gangética enseada.  
Corre Narsinga, rica e poderosa;  
Corre Orixá, de roupas abastada;  
No fundo da enseada, o illustre rio  
Ganges vem ao salgado senhorio;

## CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores  
Morrem banhados, tendo por certeza  
Que, inda que sejam grandes pecadores,  
Esta água santa os lava e dá pureza.  
Vê Catigão, cidade das melhores  
De Bengala, província, que se preza  
De abundante. Mas olha que está posta  
Para o Austro, daqui virada, a costa.

## CXXII

Olha o reino Arracão; olha o assento  
De Pegu, que já monstros povoaram,  
Monstros filhos do feio ajuntamento  
Duma mulher e um cão, que sós se acharam.  
Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumam, o que usaram  
Por manha da rainha que, inventando  
Tal uso, deitou fora o error nefando.

## CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa  
De Sião largo o império tão comprido;  
Tenassari, Quedá, que é só cabeça  
Das que pimenta ali teem produzido  
Mais avante fareis que se conheça  
Malaca por empório ennobrecido,  
Onde toda a província do mar Grande  
Suas mercadorias ricas mande.

## CXXIV

Dizem que desta terra co'as possantes  
 Ondas o mar, entrando, dividiu  
 A nobre ilha Samatra, que já de antes  
 Juntas ambas a gente antiga viu.  
 Quersoneso foi dita; e das prestantes  
 Veias de ouro que a terra produziu,  
 Áurea, por epiteto, lhe ajuntaram;  
 Alguns que fôsse Ofir imaginaram.

## CXXV

Mas, na ponta da terra, Cingapura  
 Verás, onde o caminho às naus se estreita.  
 Daqui tornando a costa à Cinosura,  
 Se encurva e para a Aurora se endireita.  
 Vês Pam, Patane, reinos, e a longura  
 De Sião, que estes e outros mais sujeita?  
 Olha o rio Menão, que se derrama  
 Do grande lago que Chiamai se chama.

## CXXVI

Vês neste grão terreno os diferentes  
 Nomes de mil nações, nunca sabidas:  
 Os laos, em terra e número potentes;  
 Avás, bramás, por serras tão compridas;  
 Vê nos remotos montes outras gentes,  
 Que gueos se chamam, de selvagens vidas;  
 Humana carne comem, mas a sua  
 Pintam com ferro ardente, usança crua.

## CXXVII

Vês? Passa por Camboja Mécom rio,  
 Que capitão das águas se interpreta;  
 Tantas recebe doutro só no estio,  
 Que alaga os campos largos e inquieta  
 (Tem as enchentes quais o Nilo frio).  
 A gente dêle crê, como indiscreta,  
 Que pena e glória teem, depois de morte,  
 Os brutos animais de toda sorte.

## CXXVIII

Êste receberá, plácido e brando,  
No seu regaço os cantos que molhados  
Veem do naufrágio triste e miserando,  
Dos procelosos baixos escapados,  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Será o injusto mando executado  
Naquele cuja lira soñorosa  
Será mais afamada que ditosa.

## CXXIX

Vês? Corre a costa que Champá se chama,  
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;  
Vês? Cochinchina está, de escura fama,  
E de A'inão vê a incôgnita enseada.  
Aqui o soberbo império, que se afama  
Com terras e riqueza não cuidada,  
Da China corre, e ocupa o senhorio  
Desde o trópico ardente ao cinto frio.

## CXXX

Olha o muro e edificio nunca crido,  
Que entre um império e o outro se edifica,  
Certíssimo sinal, e conhecido,  
Da potência real, soberba e rica.  
Estes o rei que teem não foi nascido  
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,  
Mas elegem aquele que é famoso  
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.

## CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,  
Até que venha o tempo de mostrar-se.  
Mas não deixes no mar as ilhas onde  
A natureza quis mais afamar-se:  
Esta, meia escondida, que responde  
De longe à China, donde vem buscar-se,  
É Japão, onde nasce a prata fina,  
Que ilustrada será co'a lei divina.

## CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente  
As infinitas ilhas espalhadas:  
Vê Tidore e Ternate, co'o fervente  
Cume, que lança as flamas ondeadas.  
As árvores verás do cravo ardente,  
Co'o sangue português inda compradas.  
Aqui há as áureas aves, que não descem  
Nunca à terra e só mortas aparecem.

## CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam  
Da vária côr que pinta o roxo fruto;  
As aves variadas, que ali saltam,  
Da verde noz tomando seu tributo.  
Olha também Bornéu, onde não faltam  
Lágrimas no licor coalhado e enxuto  
Das árvores, que cânfora é chamado,  
Com que da ilha o nome é celebrado.

## CXXXIV

Ali também Timor, que o lenho manda  
Sândalo, salutífero e cheiroso.  
Olha a Sonda, tão larga que uma banda  
Esconde para o sul dificultoso;  
A gente do sertão que as terras anda  
Um rio diz que tem miraculoso,  
Que, por onde êle só, sem outro, vai.  
Converte em pedra o pau que nêle cai.

## CXXXV

Vê naquela que o tempo tornou ilha,  
Que também flamas trêmulas vapora,  
A fonte que óleo mana, e maravilha  
Do cheiroso licor que o tronco chora;  
Cheiroso, mais que quanto estila a filha  
De Ciniras na Arábia, onde ela mora;  
E vê que, tendo quanto as outras teem,  
Branda sêda e fino ouro dá também.

## CXXXVI

Olha, em Ceilão, que o monte se levanta  
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;  
Os naturais o teem por cousa santa,  
Pela pedra onde está a pègada humana.  
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta  
No profundo das águas, soberana,  
Cujó pomo contra o veneno urgente  
É tido por antidoto excelente.

## CXXXVII

Verás defronte estar do Roxo estreito  
Socotorá, co' o amaro aloés famosa;  
Outras ilhas, no mar também sujeito  
A vós, na costa de África arenosa,  
Onde saí do cheiro mais perfeito  
A massa, ao mundo oculta e preciosa.  
De São Lourenço vê a ilha afamada,  
Que Madagáscar é dalguns chamada.

## CXXXVIII

Eis aqui as novas partes do Oriente  
Que vós outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito navegais.  
Mas é também razão que, no Ponente,  
Dum lusitano um feito inda vejais,  
Que, de seu rei mostrando-se agravado,  
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

## CXXXIX

Vêdes a grande terra que contina  
Vai de Calisto ao seu contrário polo,  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal que a côr tem do louro Apolo.  
Castela, vossa amiga, será dina  
De lançar-lhe o colar ao rudo colo.  
Várias províncias tem de várias gentes,  
Em ritos e costumes, diferentes.

## CXL

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
 Parte também, co' o pau vermelho nota;  
 De Santa Cruz o nome lhe poreis;  
 Descobri-la há a primeira vossa frota.  
 Ao longo desta costa, que tereis,  
 Irá buscando a parte mais remota  
 O Magalhães, no feito, com verdade,  
 Português, porém não na lealdade.

## CXLI

Dês que passar a via mais que meia  
 Que ao antártico polo vai da linha,  
 Duma estatura quási giganteia  
 Homens verá, da terra ali vizinha;  
 E mais àvante o estreito que se arreja  
 Co' o nome dêle agora, o qual caminha  
 Para outro mar e terra que fica onde,  
 Com suas frias asas, o Austro a esconde.

## CXLII

Até'qui, portugueses, concedido  
 Vos é saberdes os futuros feitos  
 Que, pelo mar que já deixais sabido,  
 Virão fazer barões de fortes peitos.  
 Agora, pois que tendes aprendido  
 Trabalhos que vos façam ser aceitos  
 Às eternas espôsas e formosas,  
 Que coroas vos tecem gloriosas,

## CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento  
 E mar tranqüilo, para a pátria amada.  
 Assim lhes disse; e logo movimento  
 Fazem da ilha alegre e namorada.  
 Levam refrêsko e nobre mantimento;  
 Levam a companhia desejada  
 Das ninfas, que hão-de ter eternamente,  
 Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

## CXLIV

Assim foram cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso e nunca irado,  
Até que houveram vista do terreno  
Em que nasceram, sempre desejado.  
Entraram pela foz do Tejo ameno,  
E à sua pátria e rei temido e amado  
O prêmio e glória dão por que mandou,  
E com títulos novos se ilustrou.

## CXLV

Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gôsto da cobiça e na rudeza  
Duma austera, apagada e vil tristeza.

## CXLVI

E não sei por que influxo de destino  
Não tem um ledo orgulho e geral gôsto,  
Que os ânimos levanta de contino  
A ter para trabalhos ledo o rosto.  
Por isso vós, ó rei, que por divino  
Conselho estais no régio sólio pôsto,  
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)  
Senhor só de vassalos excelentes.

## CXLVII

Olhai que ledos vão, por várias vias,  
Quais rompentes leões e bravos touros,  
Dando os corpos a fomes e vigias,  
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes de idolatras e de mōuros,  
A perigos incógnitos do mundo,  
A naufrágios, a peixes, ao profundo.

## CXLVIII

Por vos servir, a tudo aparelhados;  
 De vós tão longe, sempre obedientes;  
 A quaisquer vossos ásperos mandados,  
 Sem dar resposta, prontos e contentes.  
 Só com saber que são de vós olhados,  
 Demônios infernais, negros e ardentes,  
 Cometerão convosco: e não duvido  
 Que vencedor vos façam, não vencido.

## CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os  
 Com a presença e lêda humanidade;  
 De rigorosas leis desalivai-os,  
 Que assim se abre o caminho à santidade.  
 Os mais experimentados levantai-os,  
 Se, com a experiência, tem bondade  
 Para vosso conselho, pois que sabem  
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

## CL

Todos favorecei em seus officios,  
 Segundo teem das vidas o talento;  
 Tenham religiosos exercícius  
 De rogarem, por vosso regimento,  
 Com jejuns, disciplina, pelos vícios  
 Comuns; toda ambição terão por vento,  
 Que o bom religioso verdadeiro  
 Glória vã não pretende nem dinheiro.

## CLI

Os cavaleiros tende em muita estima,  
 Pois com seu sangue intrépido e fervente  
 Estendem não sómente a lei de cima,  
 Mas inda vosso império preeminente.  
 Pois aqueles que a tão remoto clima  
 Vos vão servir, com passo diligente,  
 Dois inimigos vencem: uns, os vivos,  
 E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

## CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados  
 Alemães, galos, ítalos e ingleses,  
 Possam dizer que são para mandados,  
 Mais que para mandar, os portugueses.  
 Tomai conselho só de experimentados,  
 Que viram largos anos, largos meses,  
 Que, pôsto que em scientes muito cabe,  
 Mais em particular o experto sabe.

## CLIII

De Formião, filósofo elegante,  
 Vereis como Anibal escarnecia,  
 Quando das artes bélicas, diante  
 Dêle, com larga voz tratava e lia.  
 A disciplina militar prestante  
 Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
 Sonhando, imaginando ou estudando,  
 Senão vendo, tratando e pelejando.

## CLIV

Mas ; eu que falo, humilde, baixo e rudo,  
 De vós não conhecido nem sonhado?  
 Da bôca dos pequenos sei, contudo,  
 Que o louvor sai às vezes acabado.  
 Nem me falta na vida honesto estudo,  
 Com longa experiência misturado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se acham raramente.

## CLV

Para servir-vos, braço às armas feito,  
 Para cantar-vos, mente às musas dada;  
 Só me falece ser a vós aceito,  
 De quem virtude deve ser prezada.  
 Se me isto o céu concede, e o vosso peito  
 Digna emprêsa tomar de ser cantada,  
 Como a pressaga mente vaticina,  
 Olhando a vossa inclinação divina,

## CLVI

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos e Trudante,  
A minha já estimada e lêda musa  
Fico que em todo o mundo de vós cante,  
De sorte que Alexandro em vós se veja,  
Sem à dita de Aquiles ter enveja.

---

---

---

**COMENTARIOS**

---

---

COMENTARIO

## CANTO I

Est. I, v. 1 — *Barões*, varões, homens illustres; não é o título nobiliárquico. As palavras constitutivas d'este verso são parte do objecto directo da oração principal, que é: *As armas e os barões assignalados...*, e também as memórias gloriosas daqueles reis...; e aqueles... cantando espalharei por toda parte. V. 4 — *Taprobana*, paroxítono em desacôrdo com a prosódia latina, v. Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg. 97).

Est. II, v. 4 — Está omitido o artigo definido antes dos nomes dos dois continentes, o que se dava no português antigo também diante de nomes de países. Hoje se empregaria o artigo e a omissão se apresenta em expressões consagradas, como *atirar uma lança em A'frica*, por exemplo. V. 5 — *Valerosas*, hoje *valorosas*, de *valor* e não de *valer*. V. 8 — Verbo no singular anteposto a sujeito composto. Omissão do artigo antes de *arte*.

Est. III, v. 3 — *Alexandro*, com o final como em espanhol e italiano (latim *Alexan-*

*drum*), hoje *Alexandre*. V. 6 — *Quem* não se referindo a pessoa. V. 8 — *Alevanta*, forma hoje popular sómente; aparece também a forma *levantar*, v. c. X, 146, 3.

Est. IV, v. 1 — 2 — *Criado tendes*, perfeito composto e equivalente ao simples. V. 4 — A preposição *de* é muito encontradiça no português antigo no complemento de causa eficiente. V. 7 — No português antigo *porque* com verbo no subjuntivo tem valor de conjunção final.

Est. V, v. 2 — *Frauta*. O grupo *fr* é a transformação normal de *fl* em português, cfr. *fraco*, *frota*, etc. As formações com *fl* são eruditas; hoje domina a forma erudita *flauta*. *Ruda*, como no espanhol, do latim popular *rudus*, *ruda*, e não do clássico *rudis*. V. 4 — *Gesto*. Do latim *gestus* (de *gerere*): o que uma pessoa traz consigo, diante de si; daí o seu aspecto, a sua aparência; daí aquilo por que esta mais se manifesta, melhor se caracteriza: os movimentos e o vulto, o rosto (José Maria Rodrigues). V. 7 — *Que*, final.

Est. VI, v. 1 — *E vós*, v. 4 *vós*, est. VII, v. 1, *vós*, est. VIII, v. I, *vós*, v. 5, *vós*, est. IX, v. 1, *inclinaí por um pouco a majestade*. V. 5 — *Maura*, *moura* (latinismo). V. 7 — *Que*, final.

Est. VII, v. 6 — *Amostra*, forma hoje popular; aparece *mostrar*, c. V, 39, 2.

Est. VIII, 2 — *Em*; o gerúndio antigamente, como ainda hoje em francês, era precedido da preposição *em*, com freqüência. V. 5 — Elipse

de *seja*. V. 8 — *Inda*, forma hoje popluar e empregada em poesia por exigência do metro. *Licor*, líquido, água (latinismo).

Est. IX, v. 2 — *Gesto*, v. est. V, v. 4. V. 7 — *Valerosos*, v. est. 2, v. 5. — V. 8 — *Numero-sos*, cadenciados (latinismo).

Est. X, v. 2 — *De*, v. est. 4, v. 4. V. 6 — *Superno*, superior (latinismo). V. 8 — *Se* — Esta integrante dubitativa tem força alternativa, v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 359.

Est. XI, v. 7 — *Rogei-ro*, Rogério. V. 8 — *Inda*, v. est. VIII, v. 8. *Fôra*, imperfeito do subjuntivo.

Est. XII, v. 1 — *Fero*, feroz, valente (latinismo). V. 3 — *Que... para êles*, para os quais, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 252-3. V. 6 — *E, inclusive*, v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 328 a.

Est. XIII, v. 1 — *A trôco de*, em troca de. V. 2 — *Memória*, celebridade. V. 7 — *Joane*, João (latinismo).

Est. XIV, 3 — *Subidos*, ilustres. V. 7 — *Terribil*, latinismo.

Est. XV, v. 8 — *A'frica*, v. est. II, v. 4.

Est. XVI, v. 2 — *Exicio*, morticínio (latinismo). V. 5 — *Cerúleo*, azul (latinismo). V. 7 — *Gesto*, v. est. V, v. 4; *tenro*, terno. V. 8 — *Deseja de*, regência antiga.

Est. XVII, v. 4 — *Sangüinosas*, sangrentas. V. 6 — *Valerosas*, v. est. II, v. 5. V. 7 — *Idade*, tempos.

Est. XVIII, v. 5 — *Ir*, infinito impessoal apesar de o sujeito de *ver* ser diferente. *Argento*, o mar; do latim *argentum*, prata. O mar às vezes tem aspecto prateado. V. 6 — *Porque*, final. V. 7 — *De*, v. est. IV, v. 4. V. 8 — *Costumai*, acostumai.

Est. XIX, v. 3 — *Respiravam*, sopravam. V. 8 — *Do*, v. est. IV, V. 4. *Próteo*, com deslocação do acento por licença poética, v. Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 152.

Est. XXI, v. 1 — *Regimento*, regência. V. 2 — *Do*, v. est. IV, v. 4. *Lhe*, plural. V. 3 — *Alto poder*, repetição; não se analisa logicamente.

Est. XXII, v. 1 — *Padre*, pai, forma antiquada, conservada ainda na Oração Dominical. *Dino*, digno, forma semiculta corrente no século XVI. V. 2 — *Feros*, v. est. XII, v. 1. V. 3 — *Gesto*, v. est. V, v. 4. V. 5 — *Respirava*, transparecia. V. 6 — *Tornara*, futuro do pretérito, V. 7 — Omissão do artigo indefinito diante de *sceptro*.

Est. XXIII, v. 2 — *Perlas*, pérolas, cfr. o espanhol e o italiano *perla* e o francês *perle*. V. 4 — *Concertavam*, exigiam. V. 7 — *Alto*, poderoso.

Est. XXIV, V. 2 — *Estelífero*, estrelado (latinismo). Polo, céu, a parte pelo todo. V. 5 — *Deveis de*, probabilidade. V. 6 — *Certo*, qualificativo apesar de vir antes do substantivo, v. Sousa da Silveira, *Lições de português*, pg. 173.

Est. XXV, v. 3 — *Guarnecido*, qualificativo

aplicado de preferência a coisas. V. 7 — *Assim que*, de modo que.

Est. XXVI, v. 2 — *Alcançaram*, silepse de número. O sujeito devia ser *gente de Luso*. V. 4 — *Afamaram*; idem. Este verbo hoje só apparece no participio passado. V. 5 — *Os*; idem. V. 6 — *Alevantavam*; idem. V. 7 — *Peregrino*, estrangeiro (latinismo); houve uma metalepse que tirou êste vocábulo da oração anterior.

Est. XXVII, v. 1 — *Cometendo*, acometendo. V. 2 — *Lenho*, navio de madeira. V. 5 — *Havendo tanto já que as partes vendo*. Cruzamento sintáctico de *havendo tanto já que vêem* e *vendendo há tanto já* (Epifânio Dias, *Os Lusíadas*). V. 7 — *Inclinam*; é a mesma silepse da est. XXVI.

Est. XXVIII, v. 1 — *Lhe*, plural. *Do*, v. est. 4, 4. V. 3 — *Tenham*, a mesma silepse da est. XXVI. V. 4 — *Roxa*, vermelha, não a côr que hoje tem êsse nome; cp. o espanhol *rojo* e o italiano *rosso*. V. 5 — *Tem passado*, com valor de perfeito simples.

Est. XXIX, v. 1 — *Passados*, concordando com o objecto directo, o que ainda era corrente no século XVI. V. 3 — *Exp'riimentados*, idem. V. 7 — *Guarnecida*, idem. *Lassa*, cansada, cfr. o francês *las*; hoje significaria *frouxa*.

Est. XXX, v. 5 — *Padre*, título de respeito, como emprega Vergilio nas *Geórgicas*, II, 4. *Consentia*, concordava.

Est. XXXI, v. 1 — *Aos fados*, objecto indirecto, v. Meyer-Lübke, *Gramática das Línguas*

*Románicas*, III, § 374. V. 8 — *Inda*, v. est. VIII, v. 8.

Est. XXXII, v. 2 — *Caso*, acaso, casualidade. V. 4 — *De*, v. est. IV, v. 4.

Est. XXXIII, v. 7-8 — *Na qual...* Latinismo sintáctico, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 259. *Com pouca corrupção*, prolepse; coloque-se depois de *latina*.

Est. XXXIV, v. 3 — *Dea*, deusa (latinismo). V. 4 — *Beligera*, guerreira (latinismo). V. 5 — *Arrecea*, receia. A forma protética *arrecear* hoje é só popular. V. 8 — *Qualquer*, cada um.

Est. XXV. v. 1 — *Fero*, v. est. XII, v. 1. V. 4 — *Braveza*, bravura.

XXXVI, v. 2 — *Partes*, partido (latinismo). V. 5 — *Em pé se levantava*, pleonasma corrente no século XVI. V. 6 — *Gesto*, v. est. V, v. 4.

XXXVII, v. 1 — *Diamante*, aço (latinismo). V. 2 — *Alevantado*, v. est. III, v. 8. V. 3 — *Por*, para. V. 6 — *Conto*, extremidade inferior. *Sólio*, trono. *Puro* refere-se a *bastão*; confronte-se a expressão *hastapura*, isto é, sem ferro.

Est. XXXVIII, v. 1 — *Padre*, v. est. XXII, v. 1. V. 4 — *Padeçam*, silepse de número. O sujeito é *gente*.

Est. XXXIX, v. 2 — *Do*, v. est. IV, v. 4. V. 3. *Fôra*, futuro do pretérito. V. 6 — *Estômago*, no sentido de cólera (latinismo), cfr. Horácio, *Odes*, I, V, 6 — Existe ainda o verbo *estomagar*.

Est. XL, v. 1 — *Padre*, V. est. XXII, V. 1. *Fortaleza*, firmeza. V. 2 — *Tens tomada*, com

valor de perfeito simples. V. est. XXIX, V. 1. V. 3 — *Por detrás*, para trás. V. 8 — *Reforme*, refaça.

Est. XLI, V. 1 — *Como*, temporal. *Padre*, V. est. XXII, V. 1. V. 3 *Mavorte*, do latim *Mavors, tis*, forma plena de *Mars, tis*, Marte. *Valeroso*, V. est. II, V. 5. V. 6 — *Se*, partícula de espontaneidade em uso no século XVI com certos verbos de movimento. V. 7 — *Acatamentos*, reverências.

Est. XLIV, v. 5 — *Se*, colocação hoje desusada.

Est. XLV, v. 1 — *Em si*, consigo.

Est. XLVI, v. 2 — *Veloces*, latinismo.

Est. XLVII, v. 3 — *Derredor de*, ao redor de.

Est. XLVIII, v. 4 — *Amainassem*, no uso antigo como *arriar* (velas). V. 8 — *Da*, v. est. IV, v. 4.

Est. XLIX, v. 1 — *Eram ancorados*, tinham ancorado. V. 3. *Ledos*, silepse de número, cfr. *gente* no primeiro verso. V. 4 — *Os*, idem. V. 5 — *Em continente, in-continenti*. V. 6 — *Licor*, v. est. VIII, v. 8. v. 8 — *De*, v. est. IV, v. 4.

Est. L, v. 2 — *Pela*, na. V. 5 — *Lhe*, plural. *Tomavam*, davam. V. 8 — *Imos*, hoje arcaizado.

Est. LII, v. 4 — *Dos*, v. est. IV, v. 4. *Feios*, masculino, como no espanhol antigo também aparece. No século XVI a passiva com *se* aceitava complemento de causa eficiente claro.

Est. LIII, v. 2 — *Lei, nação*, elipse da combinação *na*. V. 4 — *Natura*, natureza (latinismo). V. 6 — *Claro*, preclaro, ilustre (latinismo).

Est. LIV, v. 2 — *Certa*, v. est. XXIV, v. 6. V. 3 — *Navegamos*, na primeira pessoa para concordar com o antecedente oculto *nós*, de que o demonstrativo *os* é apôsto. Esta concordância não existe na língua viva actual. V. 5-6 — *Procuramos... de*, regência hoje desusada. V. 7 — *Porque*, final.

Est. LV, v. 6 — *Refrêsko*, aguada. V. 7 — *Que* (o segundo), repetição do *que* integrante do verso anterior. Tal prática ainda se encontra em certos dialectos portugueses.

Est. LVI, v. 1 — *Se*, v. est. XLI, v. 6. V. 3 — *Gente*, elipse, de *da*. V. 7 — *Ārgo*, encargo. *Dando cargo* vale por *encarregando*.

Est. LVII, 1 — *Lassa*, v. est. XXIX, v. 7. V. 5. *Qualquer*, cada um. *Nota* na, regência comum aplicada a *cuidar* e a *notar*.

Est. LIX, v. 3 — *Roxa*, v. est. XXVIII, v. 4. V. 7 — *Por*, para.

Est. LX, v. 2 — *A*, para. V. 3 — *Refrêsko*, refrigerio. V. 6 — *A conquistar... vieram*, regência igual à espanhola e hoje usada em outro sentido; *vieram conquistar*. Hoje em dia *vim saber*, por ex., difere de *vim a saber*. *Asianas*, asiáticas.

Est. LXI, v. 6 — *Licor*, o vinho, não a bebida que hoje conhecemos com êste nome, v. est. VIII, 8.

Est. LXIII, v. 3 — *Seja*, subjuntivo por-

causa da incerteza, v. Meyer-Lübke, *Gramática das Línguas Românicas*, III, § 674. V. 5 — *Porque*, final. V. 6 — *Dê*, a *consecutio temporum* exigiria *desse*.

Est. LXIV, v. 1 — *Valeroso*, v. est. II, V. 5. V. 4 — *Trazia*, em vez de *trago*, como exige a *consecutio temporum*. Esta construção, considerada plebeísmo pelos comentadores, também se encontra no espanhol. V. Fr. Diez, *Gramática das Línguas Românicas*, III, pg. 255; Said Ali, *Sintaxe do português histórico*, pg. 104. E' o que Laurand chama imperfeito epistolar. V. Meyer-Lübke, *Gramática das Línguas Românicas*, III, § 105. V. 6 — *Enojosas*, aborrecidas, odiadas, cfr. o espanhol *enojoso*, o italiano *noioso*, o francês *ennuyeux*. *De*, v. est. II, V. 4.

Est. LXV, v. 2 — *Visibil*, *invisibil*, latinismos. V. 4 — *Insensibil*, idem. V. 6 — *Insofribil*, idem. v. 8 — *Por*, para. *Subir*, com fôrça factiva.

Est. LXVI, v. 2 — *Trazia*, v. est. LXIV, V. 4. V. 4 — *Devia*, idem. V. 5 — *Tens dito*, vale pelo perfeito simples. V. 6 — *Seria*, em vez de *será*, v. Said Ali, *Sintaxe do português histórico*, pg. 104. 7-8 — *Obrigo que*, hoje *obrigo a que*.

Est. LXVII, v. 2 — *Ministros*, criados (latinismo). *Amostrar*, v. est. VII, v. 6. V. 6 — *Espingardas de aço puras*, concordância do adjectivo com o nome do objecto e não com o da matéria (latinismo), v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 52. V. 6. — *Sagitiferas*, que

conteem setas (latinismo). V. 8 — *Chuças*, hoje se usa no masculino.

Est. LXXVIII, v. 1 — Construa-se: *Veem as bombas de fogo*.

Est. LXXIX, v. 1 — *Porém*, não pospositivo como hoje. V. 5 — *Gesto*, v. est. V, v. 4.

Est. LXX, v. 3 — *Levarão*, ganharão.

Est. LXXI, v. 3 — *Sequaces*, latinismo. V. 6 — *Quem*, não se refere a pessoa.

Est. LXXII, v. 1 — *Se*, v. est. XLI, v. 6. V. 4 — *Gesto*, v. est. IV, V. 4. V. 7 — *Do*, v. est. IV, V. 4. *Obseqüente*, obsequioso, respeitoso. V. 8 — *Cógnito*, conhecido (latinismo).

Est. LXXIII, v. 1 — *Grão*, forma apocopada de *grande*, como o espanhol *gran*. V. 5 — *Cuida*, arquiteta, transitivo directo.

Est. LXXIV, V. 1 — *Do*, v. est. IV, v. 4. V. 3 — *Hajam*, auxiliar da voz activa. *Hajam alcançado*, pretérito pelo presente do subjuntivo; a determinação é passada, mas as vitórias não o são. V. 5 — *Padre*, v. est. XXII, v. 1.

Est. LXXV, v. 2 — *Felipo*, de acôrdo com a etimologia, latim *Philippus*, como o italiano *Filippo*. V. *Revista Lusitana*, XXI, 332. V. 4 — *Fero*, v. est. XII, v. 1. V. 5 — *Há-se de sofrer*, colocação hoje desusada do pronome. V. 7 — *Grão*, v. est. LXXIII, v. 1.

Est. LXXVI, v. 1-2 — *Chegado seja*, tenha chegado. Como em francês, ainda se empregava o auxiliar *ser* com verbos intransitivos. V. 3 — *Fabricado*, urdido. *Fabricar* hoje tem sentido

material, reservado às indústrias. V. 6 — *Maura*, *moura* (latinismo).

Est. LXXVII, v. 2 — *Descendeu*, *desceu* (latinismo). *Descender* é tirar origem. V. 3 — *Gesto*, v. est. V, v. 4. V. 5 — *Por*, *para*. V. 6 — *Gesto*, v. o verso 3.

Est. LXXVIII, v. 3 — *Como*, em lugar de *que* (Epifânio Dias). V. 4 — *De novo*, há pouco. *São chegados*, v. est. LXXVI, v. 1-2.

Est. LXXIX, 1-2 — *Como*, v. est. LXXVIII, 3. *Entendido*, ouvido, cfr. o francês *entendre*.

Est. LXXX, v. 1-2 — *Determinado de*, regência hoje desusada. V. 2—*Por*, em busca de, como ainda no espanhol actual. V. 5 — *Deves de*, regência hoje desusada no sentido de obrigação.

V. 8 — *Cairão*, silepse de número. O sujeito é *gente*.

Est. LXXXI, v. 1 — *Inda*, v. est. VIII, v. 8. V. 3 — *Imaginada*, predicativo. *Conceito*, mente.

Est. LXXXII, v. 1 — *Tanto que*, logo que. V. 5 — *Concertou*, preparou. V. 6 — *Beligero*, guerreiro (latinismo). V. 8 — *Roxo*, v. est. XXVIII. v. 4.

Est. LXXXIII, v. 2 — *Por*, como. V. 7 — *Que* (o segundo), v. est. LV, v. 7. V. 8 — *Donde*, num lugar do qual. *Alevante*, v. est. III, v. 8.

Est. LXXXIV, v. 2 — *Acendido*, qualifica *raio*. V. 3-4 — *Determinava de*, regência antiga. *Por*, v. est. LXXX, v. 2. *Apercebido*, prevenido. V. 5 — *Concertava*, preparava.

Est. LXXXV, v. 2 — *De antes*, antes. *Pelo*,

v. est. LXXX, v. 2. V. 4 — Construa-se: *mui contrário do ...* V. 6 — *Se cré de*, confia em. V. 7 — *Apercebido*, prevenido.

Est. LXXXVI, v. 2 — *Por*, para. *Defender*, proibir, vedar (cfr. o fr. *défendre*). V. 3 — *Embraçado*, sustido com o braço, cfr. o francês *embrasser*. V. 7 — *Porque*, final.

Est. LXXXVII, v. 6 — *Andar*, infinito pessoal apesar de o sujeito ser diferente do de *sofre*. *Amostrando*, v. est. VII, v. 6. V. 7 — *Qualquer*, cada um.

Est. LXXXVIII, v. 5 — *Atroce*, latinismo. V. 6 — *Cornígera*, chifruda (latinismo).

Est. XC, v. 2 — *Estruí*, destrói. V. 4 — *Es-bombardeia*, bombardeia. V. 6 — *Barata*, no feminino por atracção. V. 7 — *Maldizia*, por *mal-diz*, v. est. IV.

Est. XCI, v. 1 — *Tirando*, atirando, como em espanhol. V. 3 — *Canto*, pedra, cfr. *canteiro*, *cantaria*. V. 5 — *Tudo*, todo.

Est. XCII, v. 3 — *Quem*, v. 4 — *Quem*, com valor distributivo, v. Fr. Diez, *Gramática das Línguas Românicas*, III, pg. 74. V. 5 — *Bombardadas*, tiros de bombarda.

Est. XCIII, v. 2 — *E (a) rica presa*. V. 5 — *Maura*, moura (latinismo). V. 8 — *Estriba*, não pronominal.

Est. XCIV, v. 1 — *Cometer*, propor. V. 3 — *Dos*, v. est. IV, V. 4.

Est. XCV, v. 1 — *Que... lhe*, a quem, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 253. Repare-se a intercalação de *então* entre o pronome

oblíquo e o verbo. V. 6 — *Dele*, complemento de causa eficiente; refere-se a *capitão*, passando *piloto* a ser sujeito.

Est. XCVI, v. 5 — *Caía em*, percebia.

Est. XCVII, v. 5 — *Razão*, conta, informação. V. 8 — *De nada... se temia*, nada temia.

Est. XCIX, v. 4 — *Mafamede*, Maomé. V. 5 — *E (a) morte*.

Est. C, v. 4 — *Por*, para.

Est. CI, v. 7 — *Que*, v. est. 55. V. 7. V. 8 — *Eram*, silepse de número. O sujeito é *gente*.

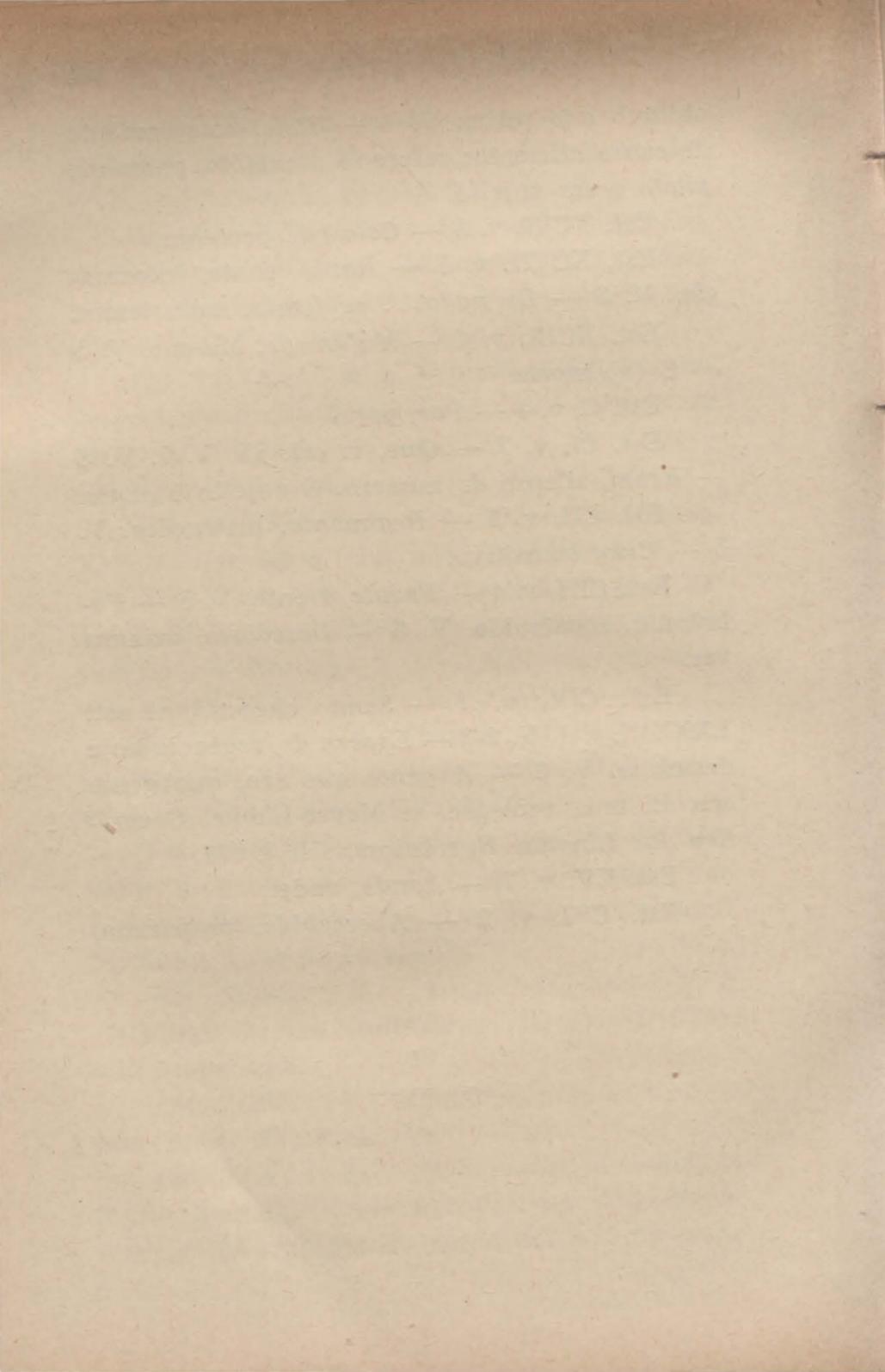
Est. CII, v. 2 — *Regimento*, instruções. V. 5 — *Cria*, transitivo.

Est. CIII, v. 4 — *Fronte*, frente. V. 5 — *Fabricada*, construída. V. 6 — *Descobria*, deixava ver.

Est. CIV, v. 1 — *Sendo chegado*, v. est. LXXXVI, v. 1. V. 2-3 — *Espera de*, regência hoje desusada. V. 6 — *A gente que era*, que gente era. E' uma prolepse, v. Meyer-Lübke, *Gramática das Línguas Românicas*, III, § 671.

Est. CV, v. 7 — *Aonde*, onde.

Est. CVI, v. 2 — *Apercebida*, preparada.



## CANTO II

Est. I, v. 7 — *Infidas*, infiel (latinismo).

Est. II, v. 3 — *Valeroso*, v. c. I. 2, 5. V. 8 — *Reformar*, refazer.

Est. III, v. 3 — *Nomeada*, célebre. V. 7 — *Reformar*, refazer.

Est. IV, v. 2 — *Produze*, ainda aparecia a desinência nesta pessoa dos verbos em *uzir*. V. 4 — *Prestante*, excelente. V. 8 — *Com que* de modo que, v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 394 a.

Est. V, V. 4 — *Entra para dentro*, pleonasmo. V. 5 — *Como*, temporal.

Est. VI, V. 4 — *A mais da gente*, o feminino *a* está por atracção de *gente*, v. Mário Barreto, *Novíssimos Estudos*, pg. 248. V. 7 — *Por onde*, pelo quê.

Est. VII, V. 3 — *Porque*, final. V. 6 — *Porque*, final. V. 7 — *Porque*, final. V. 8 — *Só tanto*, italianismo (*soltanto*).

Est. VIII, v. 2 — *Porque*, final. V. 7 — *Gestos*, v. C. I, 5, 4.

Est. X, v. 4 — *Por*, para.

Est. XI, v. 1 — *Afigurada*, hoje usa-se o

simples. V. -8 — Construa-se: *só das linguas de fogo*.

Est. XII, v. 3 — *Giolhos*, forma antiga de *joelhos*, mais próxima do latim *genuclu*. V. 4 — *Governava*, imperfeito pelo presente, v. Meyer-Lübke, *Gramática das Linguas Românicas*, III, § 105.

Est. XIII, v. 7 — *Rúbido*, vermelho escuro (latinismo). V. 8 — *Roxa*, v. c. I, 28, 4.

Est. XIV, v. 4 — *Se*, colocação hoje inadmissível. V. 8 — *Dentro em*, locução hoje desusada, excepto nas expressões *dentro em breve*, *dentro em pouco*.

Est. XV, v. 5 — *E* (nas) *gentes*.

Est. XVI, v. 3-4 — *Se fia de*, hoje *fiar-se em*. V. 5 — *Pareciam*; o *fia* do verbo antecedente exigiria *parecem*, ou então, o *pareciam* exigiria *fiava*.

Est. XVII, V. 2 — *Que*, final. *Como*, temporal. V. 4 — *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. XVIII, v. 1 — *Tenaces*, latinismo. *Levando*, levantando, cfr. o francês *lever*. V. 3 — *Sós*, hoje se empregaria o advérbio *só*. V. 4 *Abalizada*, marcada com baliza, hoje significa illustre, com autoridade.

Est. XIX, v. 2 — *Cerúlea*, latinismo. V. 6 — *Se*, v. v. I, 41, 6. V. 7 — *Não*, na sintaxe antiga os verbos que significavam *receio*, *impedimento*, acarretavam a negação para a proposição objectiva que os completava. Cfr. o francês *Je crains qu'il ne vienne*.

Est. XXI, v. 1 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4.

Est. XXII, v. 1-2 — *Em direito de*, em direitura de, na direcção de. V. 2 — *Capitaina*, capitânia.

Est. XXIV, v. 1 — *Torna para detrás*, volta para trás. *Forçada*, predicativo. V. 2 — *A-pesar de*, contra a vontade. V. 3 — *Mareiam*, significa dar direcção, orientar; cfr. a expressão *agulha de marear* (a bússola). V. 5 — *Astuto*, hábil.

Est. XXV, V. 2 — *Rudo*, V. I, 5, 2. V. 3 — *Maura*, moura (latinismo). V. 4 — *Vissem*, silepse de número; veja-se *gente* no verso anterior. *Hórrida*, horrorosa (latinismo).

Est. XXVI, v. 2 — *Veloces*, latinismo, v. 3 — *Alevantaram*. V. C. I, 3, 8. V. 6 — *Construa-se: o medo do que viam*.

Est. XXVII, v. 1 — *Alagoa*, forma protética ainda corrente no nome do nosso Estado do Norte. V. 2 — *As rãs...*, *o charco soa* — anacoluto. V. 6 — *Por*, para, v. 8 — *Sós*, v. est. XVIII, v. 3.

Est. XXVIII, v. 3 — *Noto*, conhecido (latinismo). V. 4 — *Amara*, amarga (latinismo). V. 5 — *Por*, para. *Imoto*, imóvel (latinismo). V. 7 — *Capitaina*, capitânia. V. 8 — *Qualquer*, cada uma. *Amaina*, arria (as velas).

Est. XXIX, v. 1-2 — *Construa-se: a estranheza não cuidada dos mouros*. V. 5 — *Contraste*, opposição. *Braveza*, bravura, fúria.

Est. XXXI, v. 6 — *Não*, expletivo.

Est. XXXII, v. 5-6 — *Nalgum pôrto...* *conduzir*, adjunto circunstancial de lugar para on-

de com preposição *em*. *Nalgum*, combinação hoje rara. V. *Revista de Filologia Portuguesa*, IV, 25. V. 7 — *Amostra*, v. C. I, 7, 6.

Est. XXXIII. V. 8 — *Padre*, v. C. I, 22, 1.

Est. XXXIV, v. 2 — *Gesto*, v. C. I, 5, 4. V. 4 — *Namorava*, matava, enchia de amores. V. 6 — *Espíritos*, fogos, clarões. V. 8 — Construa-se: *Tornava fria*.

Est. XXXV, v. 2 — *Padre*, v. c. I, 22, 1. *De*, v. c. I, 4, 4. Observe-se a regência; *cara* exige *a*. V. 4 — *Idea*, do monte Ida, na Asia Menor. V. 5 — *Vira*, visse. V. 7 — *Mataram*, matariam. V. 8 — *Que*, sem que ou porque. *Acabaram*, acabassem ou acabariam; significa *dar cabo*.

Est. XXXVI, v. 4 — *Quem*, não aplicado a pessoa.

Est. XXXVII, v. 2 — *Quem*, idem. V. 4 — *Roxos*, v. c. I, 28, 4.

Est. XXXVIII, v. 4 — *Brincos*, brincados, carícias. V. 5 — *Aqueixa*, forma protética antiquada. V. 8 — *Padre*, V. C. I, 22, 1.

Est. XXXIX, v. 1 — *Padre*, v. C. I, 4, 2. v. 6 — *Errasse*, transitivo; significa *ofender*.

Est. XL, v. 1 — *Este povo... por êle a ti rogando choro e bramo*, anacoluto. V. 3 — *As-sás de mal*, emprêgo antigo da preposição *de* com o quantitativo indefinido, cfr. o francês *assez de*.

Est. XLI, v. 1 — *Moura*, presente arcaico do subjuntivo de *morrer*. V. 2 — *Que pois*, pois que, v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 286. V. 6 — *Impedira*, impedisse. V. 8 — *Lhe atalha*,

*atalhar* transitivo indirecto e não directo. *Grão*, v. C. I, 73, 1. *Tonante*, o que troveja (latinismo).

Est. XLII, v. 1 — *Destas*, v. C. I, 4, 4. V. 2 — *Moveram*, moveriam. V. 3 — *Subido*, elevado, alto. V. 5 — *Alimpa*, forma só popular hoje. V. 7 — *Se só se*, aliteração. *Achara*, achasse. V. 8 — *Gerara*, geraria.

Est. XLIII, v. 2 — *Que*, o que. V. 3 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Que... o chôro lhe acrescenta*, anacoluto. *No*, o; o *n* é assimilação do *l* do pronome arcaico *lo* à nasal precedente; em Portugal ainda se diz assim. V. 5 — *Por*, para.

Est. XLIV, v. 3 — *Ninguém*, hoje se diria *alguém*. V. est. XIX, v. 7. V. 5 — *Vejaís*, vereis.

Est. XLV, v. 1 — *Facundo*, eloqüente (latinismo). V. 3 — *Seios*, golfos. V. 7 — *Mores*, forma sincopada antiga, usada hoje ainda em locuções substantivas: *capitão-mor*, *copeiro-mor*, *padeiro-mor*, *altar-mor*, *guarda-mor*. *Atentando*, tentando.

Est. XLVI, v. 3 — *Belacíssimos*, muito aguerridos (latinismo). V. 4 — *Dêles*, v. c. I, 4, 4.

Est. XLVII, v. 1 — *Este... tremar dêle Neptuno* — anacoluto. V. 2. *Medos*, riscos. V. 8 — *Hão*, teem (sentido etimologico).

Est. XLVIII, v. 2 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XLIX, v. 1 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4. V. 6 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Que*, final ou modal (de modo que).

Est. L, v. 1 — *Inexpugnábil*, latinismo. *Diu*, aqui feminino; em X, 67, 8, masculino. V. 5 — *Grão*, v. c. I, 73, 1, *Mavorte*, v. c. I, 41, 3, v. 6 — *Fero*, V. c. I, 12, 1. V. 8 — *Mafamede*, Maomé.

Est. LIII, v. 1 — *Instruto*, armado (latinismo). V. 2 — *Leucate*, paroxítono por licença poética. V. 4 — Construa-se: *Venceu o injusto capitão romano*.

Est. LIV, v. 3 — *Idolatra*, paroxítono, de acôrdo com a acentuação latina, v. Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 153.

Est. LV, v. 2 — *Amostrarão*, v. c. I, 7, 6.

Est. LVI, v. 1 — *Como*, temporal. V. 2 — *Porque*, final.

Est. LVII, v. 8 — *Foi chegado*, v. c. I, 76, 1.

Est. LVIII, v. 1 — *Porque*, final. V. 8 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4.

Est. LIX, v. 2 — *Aonde*, por onde. V. 4 — *Imiga*, forma sincopada de *inimiga* (*in'miga*, *immiga*). V. 5 — *Val*, forma apocopada; aparece *vale* em IX, 42, 6.

Est. LX, v. 6 — *Arreceia*. V. c. I, 34, 5.

Est. LXI, v. 2 — *Fuge*, sem metafomia. V. 4 — *Por*, para. V. 5 — *Fuge*, v. o verso 2.

Est. LXII, v. 2 — *Hospício*, hospedagem, não casa de doidos. *Cru*, cruel. V. 6 — *Tristes*, infelizes (latinismo). V. 8 — *Fuge*, v. est. LXI, v. 2.

Est. LXIII, v. 7 — *Gasalhado*, agasalho.

Est. LXIV, v. — 7. *Esprito*, forma freqüen-

temente sincopada, como na linguagem popular, de hoje.

Est. LXV, v. 5 — *Alevanta*, v. c. I, 3, 8. V. 8 — *Ruda*, V. c. I, 5, 2.

Est. LXVI, v. 1 — *Tempo*, (em) *que. Levavam*, levantavam. V. 4 — *Por*, para. V. 6 — *Apercebidos*, preparados, prevenidos. V. 6 — *Como*, causal.

Est. LXVII, v. 2 — *Argento*, v. c. I, 18, 5.

Est. LXVIII, v. 4 — *Respiram*, sopram. V. 5 — *Maura*, moura (latinismo). V. 7 — *Arreceava*, v. c. I, 34, 5. V. 8 — *Por*, para.

Est. LXIX, v. 7 — *Tivera*, tivesse. V. 8 — *Recebera*, receberia.

Est. LXX, v. 3 — *Tomasse*, tomaria. V. 5 — *Ensinasse*, ensine, como exigiria a correspondência dos tempos.

Est. LXXI, v. 4 — *Partes*, predicados. V. 5 — *Assela*, forma protética: *sela*, confirma. V. 6-7 — Pode interpretar-se: o Cileneu lhe dissera dêsse jeito (assim), em sonhos, ou o Cileneu lhe dissera em sonhos dêsse jeito. V. 8 — *Dizia*, veja-se a concordância.

Est. LXXII, v. 1 — *Quando*, com valor de *em que*. V. 3 — Sujeito *ela*, luz febea; *lhe*, ao roubador de Europa, ao touro. V. 6 — *Rodea*, sem *i*.

Est. LXXIII, v. 2 — *Reino Melinde*, simples aposição como hoje não se usa, v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 178. V. 7 — *Atambores*, forma protética antiquada.

Est. LXXVI, v. 2 — *Dobradas*, com dobras, fingimentos, v. 4 — *Passadas*, v. c. I, 29, 1

Est. LXXVII, v. 4 — *Escarlata*, certo tecido de seda. V. 8 — *Como*, temporal.

Est. LXXVIII, v. 5 — *Prestante*, prestimoso. V. 8 — *Falando*, transitivo.

Est. LXXIX, v. 2 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Dêle*, idem.

Est. LXXX, v. 4 — *Lhe*, plural. *Fazendas*, bens, mercadoria; ainda hoje existe a expressão *ministro da fazenda*. V. 6 — *Imos*, forma arcaizada.

Est. LXXXI, v. 1 — *Ha hi*, no português antigo, o verbo *haver* no sentido impessoal era seguido do advérbio de lugar *hi* (*ai*), cfr. o espanhol *hay* e o francês *il y a*. V. 2 — *Usança*, uso. V. 4 — *Inda*, v. c. I, 8, 8, *Hospício*, hospedagem. V. 6 — *Arreceia*, v. c. I, 34, 5.

Est. LXXXII, v. 1 — *Tu...a teu pôrto seguros navegamos* — anacoluto. V. 2 — *Benino*, v. c. I, 22, 1. V. 3 — *Certa*, v. c. I, 24, 6. V. 6 — *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXXXIII, v. 4 — *Porque*, final.

Est. LXXXIV, v. 2 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *As mercês e o grande beneficio*, objecto directo de *conheça*; é um caso de prolepse.

Est. LXXXV, v. 3 — *Estômago*, disposição; ainda hoje se emprega neste sentido, ex.: *Fulano tem estômago para suportar isto*.

Est. LXXXVI, v. 1 — *Aspeito*, forma regularmente evoluida, cfr. *respeito*, *despeito*. Do-

mina hoje a forma eruditamente refeita *aspecto*.

Est. LXXXVII, v. 2 — *Por*, para. V. 5 — *Lho*, colocação hoje desusada. V. 8 — *Porque*, para que.

Est. LXXXVIII, v. 1 — *Porém*, v. c. I, 69, 1. *Como*, temporal. *Crástina*, latinismo. V. 1-2 — *Chegada fôr*, v. c. I, 76, 1. V. 5 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *Do*, idem.

Est. LXXXIX, v. 3 — *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. XC, v. 6 — Construa-se: *bombas de fogo que...*

Est. XCI, v. 5 — Construa-se: *A grita da gente se alevanta ao céu*. *Alevanta*, v. c. I, 3, 8.

Est. XCII, v. 1 — *Revolvendo*, revirando, dando uma volta.

Est. XCIII, v. 4 — *Lustram*, intransitivo.

Est. XCIV, v. 1 — *Toldado*, armado com toldo. *Toldar* hoje significa outra coisa.

Est. XCV, v. 1 — *Dino*, v. c. I, 22, 1. V. 3 — Construa-se: *Ao pescoço um colar de ouro fino*. V. 4 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Resplendor*, forma hoje popular. V. 7 — *Alparcas*, hoje se usa o derivado *alparcata*, *alpercata*.

Est. XCVI, V. 2 — *Enxerido*, inserido. V. 3 — *Ministro*, criado (latinismo). V. 4 — *Não*, V. est. XIX, 7. *Subido*, ilustre. V. 6 — *Horrissimo*; Epifânio Dias acha que o compositor tomou *on* por *im*, vendo naturalmente na palavra um superlativo em *íssimo*. Corrigiu para

*horrissono* (latinismo). V. 8 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2.

Est. XCVII, v. 2 — *Se*, v. v. I, 41, 6. V. 8 — *Carmesi*, hoje de preferência *carmesim*.

Est. XCVIII, v. 1 — *De*, v. c. I, 4, 4. v. 3 — *Soldadescas*; êste adjectivo hoje só se usa substantivado, significando conjunto de soldados. V. 6 — *Golpes*. Em certas partes do vestuário da época faziam-se cortes que deixavam ver embaixo um fôrro diferente. *Achega*, une. V. 3 — *Declinada*, inclinada.

Est. XCIV, v. 2 — *Múrice*, ostra de que se tirava a púrpura (latinismo). V. 3 — *Vária*, variegada.

Est. C, v. 5 — *Horrissonas*, latinismo.

Est. CI, v. 1 — Construa-se: *no batel do capitão*. V. 6 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4.

Est. CII, v. 3 — *Falece*, no sentido arcaizado de faltar.

Est. CIII, v. 1 — *Se soa*. Este é um dos mais discutidos passos do poema. Diez, *Gram. das Línguas Românicas*, III, 282, aceita *os grandes feitos* como sujeito. Meyer-Lübke, *Gram. das Línguas Românicas*. III, § 94, igualmente. Júlio Moreira, *Estudos*, II, 35, admite que o verbo *soar* está impessoalmente empregado. Epifânio Dias, apelando para V, 92, 2 e para um passo da redondilha *Conde, cujo illustre peito*, admite incorrecção de concordância. D. Carolina Michaëlis, Mendes dos Remédios, Freire de Carvalho corrigiram em suas edições a pontuação da edição *princeps*, tirando uma virgula que se acha

depiis de *diz*. Souza da Silveira, *Lições*, pgs. 200-1, aceita a irregularidade de concordância. “Dir-se-ia, diz êle, que, empregando primeiro o predicado, a pessoa que fala o deixa no singular por ainda não ter pensado em que número vai dizer o respectivo sujeito”. José Maria Rodrigues liga *se soa* a *os grandes feitos* e diz que esta construção era corrente no tempo do poeta. Embora discordando de tão insignes mestres, minha opinião é a seguinte: o verbo *soar* está impessoalmente empregado; *se soa* equivale a *se proclama, se diz, é fama*. Não deve haver virgula depois de *diz*.

Est. CIV, v. 4 — *Exp'rimenta*, síncope hoje popular. V. 6 — *Revolve*, faz girar; *céu* é objecto directo. V. 8 — *Nós outros*, como em espanhol *nosotros*. Ajuntou-se *outros* para denotar o contraste (R. Cuervo, *Notas à Gramática de Andrés Bello*, n. 48).

Est. CV, v. 3 — *Eolo*, paroxítono, em desacôrdo com a acentuação latina. V. 4 — *Fido*, fiél (latinismo). V. 5 — *Polo*, *céu* (a parte pelo todo).

Est. CVI, v. 4 — *Porque*, final.

Est. CVII, v. 2 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 3 — *Inusitado*, desusado, novo (latinismo). V. 7 — *Por*, para.

Est. CVIII, v. 2 — *Agora* (repetido nos versos 7 e 8), conjunção disjuntiva. V. 4 — *Mafo-ma*, Maomé, ainda empregado na frase *o que Mafoma não disse do toicinho*. V. 6 — *Ultima*, afastada (latinismo).

Est. CIX, v. 1 — *Valeroso*, v. c. I, 2, 5. V. 3 — *Da*, a respeito da (v. est. CX, v. 1). V. 4 — *Morais*, aqui o tratamento muda para *vós*. V. 8 — *Que* (antes de *sem*), é o sujeito de *são*.

Est. CX, v. 1 — *Conta*, informa. *Dos*, a respeito dos. V. 4 — *Ruda*, v. c. I, 5, 2.

Est. CXI, v. 2 — *Te*, v. c. I, 31, 1. V. 7 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2.

Est. CXII, v. 1 — *Cometeram*, acometeram. V. 3 — *Tentou*, repare-se a concordância. V. Said Ali, *Sintaxe do português histórico*, pg. 91. *Téseu*. Esta acentuação, que era a da época, é mais exacta do que a actual. (G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 153). Todavia aparece *Te-seu* em III, 137. A acentuação dos nomes próprios em *eus* de origem grega já variava no próprio latim, conforme se seguia ou não a declinação grega. V. 7 — *Quanto*, do que. V. 7 — *Cometer*, acometer. V. 8 — *Que...*, oração que serve de sujeito a *é trabalho ilustre e duro*. *Cometa*, acometa.

Est. CXIII, v. 1 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 3 — *Por*, para. *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Nomeado*, afamado. V. 7 — *Que*, final (1).

### CANTO III

Est. I, v. 1 — *Tu* (sujeito claro e anteposto, no imperativo). V. 5 — *Assim*, com valor optativo, v. Júlio Moreira, *Estudos*, I, 123. *Claro*, ilustre, preclaro (latinismo). V. 7 — *Leucotói* por *Leucótoe*, que é a prosódia latina (Júlio Moreira, *Estudos*, I, 126). V. 8 — *Sói*, costuma.

Est. II, v. 4 — *Licor*, v. c. I, 8, 8. V. 8 — *Orfeio*, por *Orfeu* (cfr. *Pompeio*, est. 71, 1 e *Proteio*, c. VII, 85, 4). O latim *Orpheus* não autoriza êste *i*.

Est. III, V. 4 — *Alevantado*, v. c. I, 3, 8. V. 6 — *Grão*, v. c. I, 73, 1; no feminino.

Est. IV, v. 3 — *Arreceio*, v. C. I, 34, 5. V. 4 — *Esteja*, única vez que aparece esta forma (v. *Rev. de Filologia Portuguesa*, n. V, pg. 122). V. 8 — *Contra o que devo*, haplologia sintáctica para evitar a reprodução da preposição, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 157.

Est. V, v. 4 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 6 — *Desejas de*, regência antiga.

Est. VI, V. 3 — *Arreceia*, v. C. I, 4 — *Quem*, aplicado a coisa. V. 8 — *Mediterrano*,

em vez de *Mediterrâneo*, por analogia com os adjectivos pátrios em *ano*, como *romano*, *italiano*, etc.

Est. VII, v. 4 — *Alagoa*, v. c. 2, 27, 1.

Est. VIII, v. 3 — *Eolo*, v. c. 2, 105, 3. V. 7 — *Contino*, advérbio cuja forma simplificada foi depois refeita (*contínuo*).

Est. IX, 2 — *Vivem*, silepse de número. V. 7 — *Informara*, imperfeito do subjuntivo. V. 8 — *Perguntara*, idem.

Est. X, V. 2 — *Lápia*, Lapônia. V. 3 — *Arreia*, orna. V. *Itália*, v. c. I, 2, 4. V. 8 — *Pelo Brúcio*, etc., complemento de causa eficiente claro com passiva formada com *se*. *Brúcio*, prusiano. *Suécio*, sueco. *Dano*, dinamarquês.

Est. XI, v. 2 — *Moscós*, russos de Moscou. V. 3 — *Sármatas*, polacos (latinismo). V. 4 — *Polónios*, polacos. V. 5 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *Saxones*, saxões. V. 8, *Amasis*. Ems. *Albis*, Elba.

Est. XII, v. 1 — *Claro*, ilustre, preclaro (latinismo). V. 2 — *Aonde*, por *onde*. V. 4 — *Fero*, v. c. I, 12, 1. V. 7 — *Indino*, v. c. I, 22, 1.

Est. XIII, v. 1 — *Logo*, com transição da idea de lugar para a de tempo, v. Júlio Moreira, *Estudos*, I, 140. *De*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Clara*, ilustre, preclara.

Est. XIV, v. 1 — *Logo*, v. estança anterior. *Seio*, gôlfo. V. 4 — *Que* (Veneza).

Est. XV, v. 3 — *Apenino*; hoje se usa no plural. V. 7 — *Potestade*, latinismo.

Est. XVI, v. 1 — *Gália*, v. c. I, 2, 4 — *No-meada*, celebrada. V. 3 — *Do Séquana e (do) Ródano*, v. c. I, 4, 4. *Sequana*, Sena (latinismo). V. 4 — *Do Garuna frio e (do) Reno frio*, idem. *Garuna*, Garona. V. 6 — *Alevantam*, v. c. I, 3, 8. *Que, quando... cõrreram*, latinismo sintáctico, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, 260.

Est. XVII, 6 — *Noda*, mancha (do lat. *nota*).

Est. XVIII, v. 1 — *Tingitânia*, v. c. I, 2, 4. V. 2 — *Mediterrano*, v. est. VI, 8. V. 8 — *Qualquer*, cada uma. *Melhor*, superlativo relativo sem artigo, v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, pg. 175; Sousa da Silveira, *Lições de Português*, pg. 185.

Est. XIX, v. 1 — *Claro*, ilustre, preclaro (latinismo). V. 4 — *Maomeat*, maometana.

Est. XX, v. 1 — *Quase*, como que (latinismo), v. Sousa da Silveira, *Fábulas de Fedro*, 142. V. 2 — *Europa*, v. c. I, 2, 4. V. 5 — *Este*, prolepse. *Florença*, a *consecutio temporum* exigiria *florescesse*.

Est. XXI, v. 2 — *A'qual... que eu sem perigo torne*, latinismo sintáctico, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 260. V. 5 — *Lusitânia*, v. c. I, 2, 4. V. 8 — *Incolas*, latinismo.

Est. XXII, v. 1 — *Que no seu nome*, em cujo nome. V. 3 — *Cuja fama ninguém virá que dome*, latinismo sintáctico. *Cuja fama* é objecto directo de *dome*.

Est. XXIII, v. 1 — *Foi*, existiu, v. Júlio Moreira, *Estudos*, I, 120. V. 3 — *Sangüinas*, san-

guíneas, que derramam sangue. V. 7 — *Esclarecer*, ilustrar.

Est. XXIV, v. 5 — *Subidos*, notáveis.

Est. XXV, v. 2 — *Exp'rimetado*, forma sincopada da língua popular hoje.

Est. XXVI, v. 1 — *Este... deu-lhe o supremo deus em tempo breve um filho*, anacoluto.

Est. XXVII, v. 2 — *Hiérosólíma*, Jerusalém (latinismo). V. 3 — *Vista*, v. c. I, 29, 1. V. 6 — *Judea*, v. c. I, 2, 4. *Subjugada*, v. c. I, 29, 1.

Est. XXVIII, v. 3 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Esp'rito*, forma sincopada popular hoje.

Est. XXX, v. 3 — *Se*, caso raríssimo em que *se* pode ser sujeito. Trata-se do infinito *ter*, v. A. Nascentes, *Análise Lógica*, pg. 62, Souza da Silveira, *Trechos Selectos*, pg. 67. Aliás pode ser que se trate de uma construção forçada, pois o natural seria o uso de um predicativo como *despojado*, por exemplo. O pronome obliquo de terceira pessoa, sujeito de infinito, é *o*, *a*; o *se* é reflexivo sempre em portugêes.

Est. XXXII, v. 1 — *Crua*, cruel. V. 4 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XXXIII, v. 1 — *Claro*, illustre, preclaro, (latinismo). *Vencimento*, vitória. V. 5 — *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. XXXIV, v. 6 — *Da*, v. c. I, 4, 4.

Est. XXXV, v. 4 — *Imigo*, v. c. II, 59, 4. V. 6 — *Amo*, aio; posposto ao nome próprio. V. 7 — *Pudera*, poderia. V. 8 — *Apercebido*, preparado.

Est. XXXVII, v. 7 — *Determina de*, regência antiga.

Est. XXXVIII, v. 1 — *Se*, c. I, 41, 6. V. 2 — *Alevantar*, v. C. I, 3, 8. V. 5 — *Pretendes de*, regência antiga.

Est. XXXIX, v. 4 — *Fera*, v. C. I, 12, 1. V. 6 — *Sós*, v. c. II, 18, 3. *Exp'rimenta*, forma sinopada hoje popular.

Est. XL, v. 2 — *Tem bebido*, pelo perfeito simples. V. 3 — *Entregado*, hoje se diria *entregue*, v. Said Ali, *Dificuldades da Língua Portuguesa*, pg. 133. V. 7 — *O rei... mais pôde em fim que a ira, a piedade*, anacoluto.

Est. XLI, v. 1 — *Grão*, v. c. I, 73, 1; no feminino. V. 4 — *Narizes*, ventas, v. Eduardo Carlos Pereira, *Gramática Histórica Portuguesa*, pg. 368. *Se*, objecto indirecto, v. Maximino Maciel, *Gramática Descritiva*, pg. 302; Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 244; Sousa da Silveira, *Trechos Selectos*, pg. 67. V. 5 — *Do que*, disso, objecto indirecto de *pêsa*. *Dario*, v. Diez, *Gramática das Línguas Românicas*, I, 469; G. Vianna, *Ortografia Nacional*, pg. 152; Mário Barreto, *Novíssimos Estudos*, pg. 249). V. 7 — *Zopiro*, em vez de *Zópiro*, como exige a quantidade latina. *Prezara*, *prezaria*. V. 8 — *Tomara*, *tomasse*.

Est. XLIII, v. 2 — *Regia*, v. c. I, 64, 4. V. 3 — *Que*, causal. V. 4 — *Que*, correlativo. V. 8 — *Cento*, forma plena hoje desusada como numeral quando não se segue outro número.

Est. XLIV, v. 3 — *Exp'rimtados*, forma sincopada hoje popular sómente. V. 8 — *Gostaram*, provaram, beberam (cfr. fr. *goûter*).

Est. XLV, v. 4 — *Amostrando*, v. c. I, 7, 6.

Est. XLVI, v. 6 — *Imigos*, v. c. 2, 59, 4. V. 7 — *Real*, arraial (cfr. esp. *real*); v. Diez, *Dic. Et. das Línguas Románicas*, II, 167-8; Meyer-Lübke, *Dic. Et. das Línguas Románicas*, n. 7166; Nunes, *Gramática Histórica*, pg. 57; G. Viana, *Apostilas*, I, pg. 94.

Est. XLVII, v. 2 — *Rábido*, raivoso (latinismo). V. 6 — *Forçoso*, forçudo.

Est. XLVIII, v. 1 — *Estômago*, v. c. I, 39, 6. V. 3 — *Apercebido*, preparado (é predicativo). *Comete*, acomete. V. 5 — *Perros*, cães. Existe ainda hoje como adjectivo, no sentido de *resistente*; há também o derivado *emperrar*. V. 6 — *A arma*, objecto directo, segundo Epifânio, e não como interpretaram Barreto Feio, Juromenha e A. Coelho.

Est. XLIX, v. 5 — *Companha*, companhia. V. 8 — *Fato*, na accepção lata de objectos de uso pessoal e não na de rebanho (Epifânio).

Est. L, v. 1 — *Torvado*, perturbado. V. 4 — *Beligero*, guerreiro (latinismo). V. 7 — *Meios*, no plural por atracção.

Est. LI, v. 4 — *Amostrou*, v. c. I, 7, 6. V. 5 — *Forçosos*, reforçados. V. 8 — *Abola*, amassa.

Est. LII, v. 2 — *Sentido*, sensação. V. 4 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 6 — *Desparzido*, esparzido, derramado. V. 8 — *Carmezi*, hoje *carmezim*.

Est. LIII, v. 2 — *E* (a) *presa rica*. V. 3 — *Roto*, derrotado. V. 5 — *Grão*, v. c. I, 73, 1.

Est. LIV, v. 3 — *Vária*, variegada. V. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *Cumprido*, completado.

Est. LV, v. 2 — *Grão*, v. c. I, 73, 1; no feminino. V. 2 — *Subido*, illustre. V. 4 — *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. LVI, v. 5 — *Naiades*, com deslocação do acento.

Est. LVII, v. 3 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Da*, idem.

Est. LIX, v. 3 — *Entrada*, participio passado de *entrar*, tomado transitivamente. V. 5 — *Sangüina*, sangrenta. *Fera*, v. c. I, 12, 1.

Est. LXII, v. 1 — *Transtaganas*, alentejanas (latinismo). V. 2 — *Flava*, loura (latinismo). V. 8 — *Alcácere*, forma paragógica antiquada.

Est. LXIII, v. 3 — *Argento*, v. c. I, 18, 5. V. 5 — *Cento e cento*, aos centos. V. 6 — *Alevantam*, v. c. I, 3, 8.

Est. LXIV, v. 1 — *Cidade Beja*, v. c. II, 73, 2. V. 4 — *Por*, para. V. 7 — *Toda a*, qualquer.

Est. LXV, v. 3 — *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXVI, v. 1 — *Alto*, illustre. V. 4 — *Lustrosos*, illustres. V. 6 — *Arreceosos*, receosos.

Est. LXVII, v. 1 — *Mostrado*, em vez de *mostrando-se* (Júlio Moreira, *Estudos*, II, 25). V. 4 — *Cura*, trata, cuida. V. 6 — *Procura de*, regência antiga. *De cavalo*, cfr. o esp. *de a caballo*.

Est. LXVIII, v. 2 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. — *Incansável*, latinismo. V. 3 — *Usança*, arcaísmo. V. 7 — *E* (tanta) *arte*.

Est. LXIX, v. 1 — *Alto*, poderoso. V. 4 — *Homem*, pronome indefinido.

Est. LXX, v. 2 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 3 — *Lhe*, plural. V. 5 — *Cara*, no feminino por atração.

Est. LXXI, v. 1 — *Pompeio*, latinismo (*Pompeu*). V. 4 — *Dina*, v. c. I, 22, 1.

Est. LXXII, v. 1 — *E* (pôsto) *que*, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, 359. *Feroces*, latinismo. V. 3 — *Capadoces*, paroxítono em desacôrdo com o acento latino. V. 4 — *Judea*, v. c. I, 2, 4. V. 5 — *E* (pôsto) *que*. *Atroces*, latinismo.

Est. LXXIII, v. 1 — *Pôsto que emfim*; os dois membros da locução conjuntiva estão separados pelo advérbio. V. 7 — *Alto*, poderoso.

Est. LXXIV, v. 1 — *Tornado*, de volta. v. 2 — *Do*, v. c. I, 4, 4. v. 4 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Mártire*, forma paragógica.

Est. LXXV, v. 1 — *Porque*, final. V. 2 — *Lasso*, v. c. I, 29, 7. V. 3 — *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 4 — *Belígero*, guerreiro. V. 8 — *Mauro*, mouro (latinismo).

Est. LXXVI, v. 4 — *Tem cercado*, composto pelo simples. V. 5-6 — *Não tarda... sem*, construção antiga (v. Júlio Moreira, *Estudos*, II, 52).

Est. LXXVII, v. 1 — *Quem*, não se referin-

do a pessoa. V. 7 — *Ronca*, rouca, igual à forma espanhola.

Est. LXXVIII, v. 2 — *Miralmumini*, expressão árabe que significa *comendador dos crentes*.

Est. LXXIV, v. 6 — *Acôrdo*, presença de espírito.

Est. LXXX, v. 1 — *A quem*, objecto directo. V. 2 — *Ao sossêgo*, objecto indirecto. V. 6 — *Mauró*, mouro (latinismo). V. 6 — *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. LXXXI, v. 1 — *Usada*, acostumada. V. 4 — *Tem desbaratados*, v. c. I, 29, 1.

Est. LXXXII, v. 2 — *Postos*, silepse de número (v. *restante* no primeiro verso). V. 3 — *Miralmumini*, v. est. LXXVIII, 2. V. 5 — *Lhe*, colocação hoje desusada.

Est. LXXXIII, v. 2 — *Subido*, excelso. V. 4 — *Da*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXXXIV, v. 1 — *Promontórios*, no sentido latino de altos montes. V. 6 — *Valerosas*, v. c. I, 2, 5.

Est. LXXXV, v. 3 — *Exp'rimentara*, síncope hoje popular sómente.

Est. LXXXVI, v. 1 — *Alevantado*, v. c. I, 3, 8. V. 3 — *Tem cercado*, composto pelo simples. V. 5 — *Das*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Apercebida*, preparada. V. 8 — *Judea*, v. c. I, 2, 4.

Est. LXXXVII, v. 2 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4.

Est. LXXXVIII, v. 7 — *Do*, v. c. I, 4, 4. *Germano*, alemão. Cfr. o inglês *German*. V. 8 — *Destruí*, hoje *destrói*.

Est. LXXXIX, v. 1 — *Maometa*, maometa-  
no. V. 2 — *Alevantando*, v. c. I, 3, 8. *Do*, v. c.  
I, 4, 4. V. 4 — *Usada*, acostumada. *Mavorte*, v.  
c. I, 41, 3. V. 5 — *Cerviz*, latinismo. V. 6 —  
*Tuí*, oxítono, como é a prosódia minhota, se-  
gundo atestam o Dr. José Maria Rodrigues, que  
é minhoto (*O Instituto*, 1906, pg. 179, *apud* Epi-  
fânio), e o Dr. Leite de Vasconcelos. (*Dialecto-  
logia*, pg. 330). Construa-se: *na cerviz da so-  
berba Tuí*. V. 7 — *Ter*, infinito impessoal. *A  
muitas vilas*, sujeito de *ter*, v. Nascentes, *Aná-  
lise Lógica*, pg. 62. *Observação XVI, O Idioma  
Nacional*.

Est. XC, v. 2 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 3 — *De*,  
idem. V. 6 — *Alcácere*, forma paragógica hoje  
desusada. V. 7 — *Diante*, antes. V. 8 — *Estrui-  
dos*, destróçados.

Est. XCI, v. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. XCII, v. 7 — *Heliogabalo*, paroxítono  
em desacôrdo com a acentuação latina. V. 8 —  
*Mole*, voluptuoso.

Est. XCIII, v. 2 — *Sicilia*, v. c. I, 2, 4. V. 7  
— *Consente*, regência imprópria com o *a* de  
*obedecer*.

Est. XCIV, 7-8 — Construa-se: em terreno  
*tão pequeno*.

Est. XCV, v. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 6 —  
*Lusitânia*, v. c. I,

Est. XCVI, v. 2 — *Dina*, v. c. I, 22, 1.

Est. XCVII, v. 2 — *Valeroso*, v. c. I, 2, 5.  
V. 3 — *Helicon*, imitação da forma italiana  
*Elicona*.

Est. XCVIII, v. 1 — *De novo*, pela primeira vez, v. Pedro Pinto, *Termos e locuções*, pg. 142. Confronte-se em inglês a diferença entre *newly* e *again*.

Est. XCIX, v. 5 — *Mas porém*, êste refôrço da adversativa hoje só é popular.

Est. C, v. 1 — *Semiramis*, paroxitono em desacôrdo com o latim, v. G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 151. V. 3 — *Itália*, v. c. I, 2, 4. V. 6 — *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. CI, v. 2 — *Inexpugnábil*, latinismo.

Est. CII, v. 3 — *Lindo* (era) *o gesto*. *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 4 — *Seus olhos* (estavam) . . . V. 8 — *Estas palavras tais*, colocação poética, v. Epifânio, *Sintaxe Histórica*, pg. 329, Meyer-Lübke, *Gram. das Línguas Românicas*, III, pg. 826.

Est. CIII, v. 2 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 2 — *Grão*, v. c. I, 73, 1.

Est. CIV, v. 2 — *Por*, para. V. 4 — *Maura*, moura (latinismo). V. 5 — *Contigo*, complemento de causa eficiente.

Est. CV, v. 1 — *Puro*, só. V. 3 — *Acude*, sem a metafónica actual. V. 5 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 6 — *Assela*, sela, confirma, sem prótese. V. 7 — *Acude*, v. o verso terceiro.

Est. CVI, v. 4 — *Navegando*, participio presente e não gerúndio (*que navegava*). V. 7 — *Padre*, v. c. I, 22, 1.

Est. CVII, v. 3 — *Lustra*, brilha. V. 4 — *Jaezados*, hoje se diria *ajaezados*.

Est. CVIII, v. 3 — *Valeroso*, v. c. I, 2, 5. V. 4 — *Alevantado*, v. c. I, 3, 8. V. 5 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 6 — *Qualquer*, cada.

Est. CX, v. 4 — *Antemão*, hoje *de antemão*.

Est. CXI, v. 2 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Apercebido*, munido.

Est. CXII, v. 3 — *Da*, v. c. I, 4, 4. *Fortaleza*, fôrça. V. 4 — *Horrífico*, latinismo. V. 6 — *Comete*, acomete.

Est. CXIII, v. 4 — *Mafamede*, Maomé. V. 6 — *Bruto*, feio (italianismo, v. *Revista de Filologia Portuguesa*, XII, pg. 215). V. 7 — *Meios*, no plural por atracção.

Est. CXIV, v. 1 — *Estrui*, destrói. V. 2 — *Granadil*, hoje o pátrio é *granadino*, v. Diez, *Gram. las Línguas Románicas*, II, pg. 303. V. 5 — *Barata*, no feminino por atracção (predicativo onde hoje se usa adjunto circunstancial). V. 6 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. CXV, v. 3 — *Ponente*, latinismo. *Véspero*, idem; hoje diz-se *Vésper*. V. 4 — *Memorado*, lembrado, v. 8 — *Grão*, v. c. I, 73, 1; no feminino.

Est. CXVI, v. 2 — *Vencimento*, derrota. V. 4 — *Ao exército sedento*, v. Antenor Nascentes, *Análise Lógica*, pg. 62, V. 5 — *Peno*, cartaginês (latinismo). *Asperíssimo*, em vez de *aspérrimo*. V. 8 — Construa-se: *toma dos mortos*. Presente histórico (V. Epifânio, *Sintaxe Histórica*, p.

Est. CXVII, 7 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Jesu*, forma apocopada hoje desusada. Cfr. o italiano *Gesu*.

Est. CXVIII, v. 2 — *Tornado*, de volta. V. 3 — *Lograr-se de*, desfrutar. V. 5 — *Dino*, v. c. I, 22, 1.

Est. CXIX, v. 2 — *Obriga*, sujeita, coage. V. 4 — *Fôra*, fôsse. V. 5 — *Fero*, v. c. I, 12, 1.

Est. CXX, v. 5 — *Muito*, sem ditongo nasal, rimando com *enxuito*, v. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, pg. 110. V. 6 — *Enxuito*, enxuto (cfr. *chuiva* — *chuva*). Havia *enxuto*, cfr. c. X, 133, 2, rimando com *tributo*.

Est. CXXI, v. 8 — *Tudo*, sujeito de *eram*.

Est. CXXII, v. 4 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 6 — *Sesudo*, de um primitivo *seso* (do latim *sensu*), ainda existente em espanhol, o qual se transformou em *siso*, por influência de *juizo*, com que tem relação ideológica (v. Sousa da Silveira, *Lições de português*, pg. 77).

Est. CXXIII, v. 2 — *Por*, causal ou final. V. 3 — *Indina*, v. c. I, 22, 1. V. 7 — *Mauro*, moure (latinismo). *Alevantada*, v. c. I, 3, 8.

Est. CXXIV, v. 5 — *Ela... para o avô cruel assi dizia* (est. CXXV, v. 8). V. 8 — *Que*, o que, e isto, v. Mário Barreto, *De Gramática e de Linguagem*, II, 102.

Est. CXXV, v. 1 — *Alevantando*, c. I, 3, 8. V. 3 — *Os olhos*, repetição, que não se analisa logicamente. V. 4 — *Ministros*, latinismo.

Est. CXXVI, v. 2 — *Natura*, latinismo. V. 6 — *Nas brutas feras... e nas aves... com pequenas crianças viu a gente terem tão piedoso sentimento*, anacoluto.

Est. CXXVII, v. 1 — *Tu*, além de claro,

anteposto, o que é raro com o imperativo. *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 2 — *Donzela*, na época não se applicava só à mulher virgem, como hoje.

Est. CXXVIII, v. 1 — *Maura*, moura (latinismo). V. 5 — *To*, contém o objecto directo *o* e o indirecto *te*. V. 8 — *Onde*, num lugar em que.

Est. CXXIX, v. 1 — *Feridade*, latinismo. V. 6 — *Mouro*, forma arcaica de *morro*. V. 8 — *Que*, relativo ou final.

Est. CXXX, — V. 2 — *Das*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Das*, v. Antenor Nascentes, *Análise Lógica*, pg. 27. V. 8 — *Feros*, v. c. I, 12, 1. — *Amostrais*, v. c. I, 7, 6.

Est. CXXXI, v. 1 — *Policena*; em lat. *Polyxena* com *x* e com *e* breve; devia ser *Polixena*. V. 5 — *Os olhos na mísera mãe postos*, reduzida de porticípio passado.

Est. CXXXII, v. 6 — *Regadas*, v. c. I, 29, 1. V. 8 — *Cuidosos*, forma haplológica de *cuidadoso*.

Est. CXXXIII, v. 1 — *Puderas*, poderias. V. 3 — *Seva*, cruel (latinismo).

Est. CXXXIV, v. 3 — *Das*, v. c. I, 4, 4. *Lascivas*, buliçosas (latinismo). v. Otoniel Mota, *O meu idioma*, pg. 217. V. 4 — *Capela*, grinalda. V. 6 — *Donzela*, v. est. CXXVII, 2. V. 7 — Há eclipse de um verbo como *ter* ou *estar*.

Est. CXXXV, v. 2 — *Memoraram*, lembraram (latinismo). V. 5 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 6 — *Passaram*, não pronominal, como no espanhol de hoje.

Est. CXXXVI, v. 3 — *Em*, v. c. I, 8, 2. *Governança*, govêrno. V. 5 — *Cruíssimo*, crudelissimo. *Alcança*, obtém. V. 6 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4.

Est. CXXXVII, v. 3 — *Fero*, v. c. I, 12, 1. V. 4 — *Eram*, no plural por atracção; o sujeito é a oração precedente. V. 5 — *Justiçoso*, justicheiro.

Est. CXXXVIII, v. 3 — *Remisso*, latinismo.

Est. CXXXIX, v. 4 — *Parecer*, rosto. V. 6 — *De*, v. c. I, 4,4. *Quem*, não aplicado a pessoa.

Est. CXL, v. 6 — *O tribu*, masculino.

Est. CXLI, v. 2 — *Inconcesso*, latinismo. V. 3 — *Parece*, mostra. V. 5 — *Marco*, em vez de *Marcos*, que é usual. V. 6 — *Cleopatra*, paroxítono, v. G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 153. V. 7 — *Peno*, v. est. CXVI v. 5. V. 8 — *ũa*, v. Antenor Nascentes, *O Idioma Nacional*, I, 51, III, 106, IV, 58.

Est. CXLIII, 1 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4.

---



## CANTO IV

Est. I, v. 1—*Tempestade*, tempo Latinismo; não faz pleonasma com *procelosa*. V. 3 — *Serena* qualifica *manhã*, que fica assim com epíteto como *tempestade*, *sombra* e *vento* (Epifânio). V. 5 — *Escuridade*, escuridão.

Est. II, v. 1 — *Porque*, adverbialmente empregado, introduzindo uma oração principal, à maneira dos advérbios latinos *enim* e *nam* (Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, pg. 287). V. 4 — *Remisso*, latinismo. V. 5 — *Joane*, latinismo. *Alevantando*, v. c. I, 3, 8.

Est. III, v. 4 — *Ante tempo*, antes do tempo.

Est. V, v. 5 — *Quem*, v. c. I, 92, 3. V. 8 — *Quem*, idem.

Est. VI, v. 3 *do, do*, v. c. I, 4, 4. *Cruento* — latinismo. V. 7 — *Lusitânia*, v. c. I, 2, 4.

Est. VII, v. 5 — *Alevantada*, v. c. I, 3, 8.

Est. VIII, v. 2 — *Foi*, existiu. V. 4 — *Mauro*, mouro (latinismo).

Est. IX, v. 5 — *Apercebia*, preparava.

Est. X, v. 2 — *Quem*, não referente a pessoa. V. 7 — *Resistirdes*, infinito pessoal desnecessário.

Est. XI, v. 4 — *Compadece*, não pronomi-  
nal.

Est. XII, v. 1 — *Joane*, latinismo. V. 2 —  
*Hebreo*, trissílabo (Epifânio, José Maria Rodri-  
gues, Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg.  
34). Gomes de Amorim acrescentou depois de  
*hebreo* um *o* que J. M. Rodrigues acha inadmis-  
sível. Segundo este comentador, *guedelha* con-  
trapõe-se a *peito* e ambos dependem de *crece*. V.  
3 — *Parece*, indicativo. V. 5 — *Falece*, falta.  
Indicativo. V. 7 — *Por*, para.

Est. XIII, v. 1 — *Desconcerte*, discorde.

Est. XIV, v. 7 — *Facundo*, latinismo.

Est. XV, v. 2 — *Refuse*, cfr. o esp. *rehusar*  
e o fr. *refuser* (não confundir com o parônimo  
*recusar*). V. 6 — V. 6 — *E* (a) *arte*.

Est. XVI, v. 1 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 3 —  
*Feros*, v. c. I, 12, 1. V. 8 — *Afora*, fora.

Est. XVII, V. 2 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 3 —  
*Sublimados*, excelsos. V. 7 — *Torne*, restitua.

Est. XVIII, v. 2 — *Alevantastes*, v. c. I, 3, 8.

Est. XIX, v. 3 — *Infesta*, latinismo. V. 4 —  
*De*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Mesta*, latinismo.

Est. XX, v. 2 — *Sós*, v. c. II, 18, 3; aqui  
*únicas*. V. 6 — *Os faz que... jurem*, quiasma  
das construções *os faz jurar* e *faz que eles ju-  
rem* (Júlio Moreira, *Estudos*, II, 75; Mário Bar-  
reto, *Novíssimos Estudos*, 233; Sousa da Silveira,  
*Lições de português*, pg. 99).

Est. XXI, v. 2 — *Que*, correlativo (*dest'arte*  
= de tal sorte). V. 3 — *Removem*, silepse de

número (o sujeito é *gente*). V. 4 — *Gelados*, idem. V. 5 — *Cavalgam*, idem. V. 7 — *Vão*, idem.

Est. XXII, v. 2 — *Sostinha*, sustinha. V. 3 — *Alimpam*, forma protética só popular hoje. V. 4 — *Gastadas*, v. c. I, 29, 1. V. 5 — *Provam*, experimentam. V. 8 — *Tenções*, divisas de brasão.

Est. XXIII, v. 1 — *Lustrosa*, illustre. v. 2 — *Joane*, latinismo. V. 3 — *Logra*, usufrui. V. 5 — *Armigeros*, latinismo. V. 7 — *Conto*, conta.

Est. XXIV, v. 3 — *Fero*, v. c. I, 12, 1.

Est. XXVI, v. 4 — *Sestra*, esquerda, do lat. *sinistro*, cfr. a palavra *sestro*, ainda viva. V. 7 — *Joane*, latinismo.

Est. XXVI, v. 5 — *Esquadra*, esquadrão; esquadra hoje é de navios. V. 6 — *Imigas*. v. c. II, 59, 4.

Est. XXVII, v. 2 — *Atambores*, forma protética antiquada. V. 3 — *Alfereses*, plural hoje antiquado. V. 5 — *Tempo* (em) *que*.

Est. XXVIII, 2 — *Fero*, v. c. I, 12, 1. *Ingente*, latinismo. V. 3 — *Artabro*, paroxítono por licença poética (v. Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg. 115). *Guadiana*, sem artigo, o que não é de uso (cfr. c. III, 60). V. 7 — *Terribil*, latinismo.

Est. XXIX, v. 6 — *Imigo*, v. c. II, 59, 4.

Est. XXX, v. 2 — *Ambas partes*, sem artigo, como ainda se usa no espanhol actual. V. 3 — *Defensão*, defesa. V. 4 — *Outros* (levam) *as es-*

*peranças*; o sujeito é *esperanças* como no verso anterior é *defensão*.

Est. XXXI, v. 7 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4.

Est. XXXII, v. 4 — *Alevanta*, v. c. I, 3, 3. V. 5 — *São*, estão. V. 8 — *Magno*, latinismo gráfico; a rima exige que se leia *manho*. V. Diez, *Gram. das Línguas Românicas*, I, 251; G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 155.

Est. XXXIII, v. 2 — *Vós outros*, v. c. II, 104, 8.

Est. XXXIV, 2 — *Tantos dos*, sintaxe antiga, ainda hoje viva em francês. V. 4 — *Ceita*, Ceuta, cfr. *ceitil*, moeda mandada cunhar por D. João I nesta cidade. V. 6 — *Tetuão*; hoje diz-se o nome à espanhola: *Tetuan*. V. 8 — *Torvado*, perturbado.

Est. XXXV, v. 1 — *Natura*, latinismo. V. 2 — *Compadecem*, permitem.

Est. XXXVI, v. 1 — *Joane*, latinismo. V. 4 — *Coração*, coragem (cfr. Corneille, *Le Cid*, acto I, scena V: *Rodrigue, as-tu du coeur?*). V. 5 *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 6 — 8 — *Que sentiu que* o pastor de Massília.

Est. XXXVII, v. 3 — *Joane*, latinismo. V. 5 — *Subidos*, excelsos.

Est. XXXVIII, v. 3 — *Corro, vou*, concórdia trazida pelo *me* da oração precedente. V. 7 — *Tira*, atira, como ainda no espanhol actual.

Est. XXXIX, v. 1 — *Eis*, com valor verbal (V. Antenor Nascentes, *Análise Lógica*, pg. 64). V. 3 — *Sobre*, adjunto circunstancial de assun-

to ou de referência, como chamam alguns. *Qual* = aquele que.

Est. XL, v. 5 — *Estrago*, mortandade (no sentido etimológico).

Est. XLI, v. 2 — *Profundo*, as profundas dos infernos; em outros lugares é o mar. V. 3 — *Trifauce*, latinismo. V. 5. — *Porque*, final. V. 6 — *Imigo*, v. c. II, 59, 4.

Est. XLII, v. 1 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. *Encrucece*, torna-se crua, cruel. V. 5 — *Mudadas*, predicativo. V. 6 — *Falece*, falta.

Est. XLIII, v. 6 — *Fazenda*, v. c. II, 80, 4. V. 7 — *Nojo*, raiva.

Est. XLV, v. 4 — *Sitibundo*, latinismo. V. 5 — *Por*, para. V. 6 — *Profundo*, v. est. XLI, v. 2.

Est. XLV, v. 1 — *Joane*, latinismo. V. 8 — *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. XLVI, v. 4 — *Vencimento*, vitória. V. 8 — *Da*, v. c. I, 4, 4.

Est. XLVII, v. 3 — *Da*, v. c. I, 4, 4.

Est. XLVIII, v. 1 — *Usado*, acostumado — V. 2 — *Imigo*, v. c. II, 59, 4. V. 4 — *Cometer*, acometer. V. 8 — *Mafamede*, Maomé.

Est. XLIX, v. 1 — *Nadantes*, latinismo. *Argento*, v. c. I, 18, 5. V. 6 — *Ceita*, v. est. XXXIV, 4. *Maometa*, maometano. V. 7 — *Toda* (a).

Est. L, v. 2 — *Lograsse*, gozasse. V. 5 — *Defensão*, defesa.

Est. LI, v. 2 — *Tempo* (em) *que*. V. 3 — *Iroso*, iracundo. V. 4 — *Gósto*, prazer, alegria.

Est. LII, v. 3 — *Por*, para. V. 7 — *Ceita*, v. est. XXXIV, 4.

Est. LIII, v. 1 — *Porque*, final. *Inimigo*, sujeito. V. 2 — *Vencer*, depoente, isto é, passivo com forma activa. *Da*, v. c. I, 4, 4. V. Júlio Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, II, 21. V. 3 — *Porque*, final. V. 5 — *Porque*, final. *Se*, colocação hoje desusada.

Est. LIV, v. 5 — *Fôra*, seria. V. 6 — *Qui-  
sera*, quisesse. V. 7 — *Impossibil*, latinismo. V. 8 — *Ninguém*, alguém, v. Epifânio, *Sintaxe His-  
tórica*, pg. 321. V. 8 — *Terribil*, latinismo.

Est. LV, v. 4 — *Cerviz*, latinismo. *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 8. *Tângere*, forma hoje apocopada.

Est. LVI, v. 1 — *Porém*, v. c. I, 69, 1. *En-  
tradas*, transitivamente. V. 2 — *Diamante*, v. c. ...; ... V. 3 — *Costumadas*, acostumadas. V. 4 — *Derribarem*, infinito pessoal. V. 6 — *Escrita-  
tura*, escrito; hoje escritura é de tabelião ou apli-  
ca-se à Bíblia.

Est. LVII, v. 1 — *Porém*, v. c. I, 69, 1. *De*, v. c. I, 4, 4. V. 2 — *Amara*, latinismo. V. 3 — *Cometer*, acometer. V. 7 — *Pireneu*, hoje usado no plural.

Est. LVIII, v. 2 — *Joane*, latinismo. V. 2 — 3 — *Ordena de*, regência antiga. V. 8 — *Ven-  
cimento*, vitória.

Est. LIX, v. 4 — *Todo um dia*, um dia in-  
teiro. V. 7 — *César*; lendo-se naturalmente o verso, esta palavra fica oxítone, o que é inadmis-  
sível. Lendo-se paroxítone, como de facto é, o verso fica tendo acento na sétima sílaba, do que

há exemplos em VIII, 73, 5, IX, 46, 1. (Edição Nacional).

Est. LX, v. 1 — *Porém*, v. c. I, 69, 1. V. 2 — *Apresentou*, deu aposento. V. 4 — *Joane*, laianismo. *Trezeno*, ordinal antigo, originado de distributivo latino. V. 5 — *Por*, para. V. 6 — *Terreno*, habitante da Terra. V. 7 — *Roxa*, v. c. I, 28, 4. V. 8 — *Términos*, latinismo.

Est. LXI, v. 2 — Omissão do artigo, v. c. I, 2, 4. V. 3 — *Se*, hoje dispensado. V. 7 — *Pela ilustrar*, para ilustrá-la; hoje em tais casos não se faz mais a combinação.

Est. LXII, v. 1 — *Sículo*, latinismo. V. 6 — *Das*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Sobre*, através. Omissão do artigo, v. c. I, 2, 4.

Est. LXIII, v. 3 — *Lhe*, plural.

Est. LXIV, v. 2 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 6 — *Inda*, idem. V. 8 — *Atreve passar*, regência antiga.

Est. LXV, v. 1 — *Incógnitos*, latinismo. V. 2 — *Gedrosia*, v. c. I, 2, 4. Paroxitono, em desacordo com a acentuação latina. V. 6 — *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. LXVI, v. 5 — *Joane*, latinismo. V. 7 — *Logo como*, logo que; o espanhol ainda usa a locução *luego como*.

Est. LXVII, v. 1 — *O qual... os olhos lhe ocupou o sono aceito* (na est. seguinte), anacoluto. *Do nobre pensamento*, v. c. I, 4, 4, v. 6 — *Tempo* (em) *que*.

Est. LXVIII, v. 2 — *Imaginações*, fantasias.

V. 7 — *Tanto que*, logo que. *Lasso*, v. c. I, 29, 7.

Est. LXIX, v. 2 — *Prima*, primeira (latínismo). V. 4 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 5 — *Donde*, do lugar em que.

Est. LXX, v. 6 — *Conversação*, convivência (latinismo). V. 7 — *Desque*, desde que.

Est. LXXI, v. 1 — *Das águas saiam*, prolepse. V. 4 — *Aspeito*, v. c. II, 86, 1. *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 7 — *Subentenda-se era*. V. 8 — *Idem*.

Est. LXXII, v. 1 — *Ambos de dois*, forma pleonástica que ainda aparece na linguagem popular. V. Júlio Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, I, 13.

Est. LXXIII, v. 3 — *O' tu... te avisamos*, anacoluto. V. 5 — *Nós outros*, v. c. II, 104, 8. V. 7-8 — *Mandes a receber*, regência hoje desusada.

Est. LXXIV, v. 2 — *Tenho*, concordância por atracção.

Est. LXXV, v. 2 — *Desparecem*, desaparecem. V. 8 — *Roxas*, v. c. I, 28, 4.

Est. LXXVI, v. 2 — *Lhe*, plural. V. 5 — *Aparelho*, aparelhamento. V. 6 — *Coração*, v. est. 36, 4. V. 7-8 — *Vá a buscar*, regência hoje desusada, corrente, porém, no espanhol.

Est. LXXVII, v. 1 — *Bem*, muito (v. João Ribeiro, *Gram. Port.* pg. 354).

Est. LXXVIII, v. 2 — *Que*, o que, v. c. II, 43, 2.

Est. LXXIX, v. 1 — *Tenho escolhido*, composto pelo simples. V. 5 — *Subido*, excelso.

Est. LXXX, v. 7 — *Mor*, v. c. II, 45, 7. V. 8 — *Esprito*, forma sincopada, hoje popular.

Est. LXXXI, v. 6 — *D'amor e d'amizade*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Caro meu*, colocação possível em poesia.

Est. LXXXIII, v. 1 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 2 — *Porque*, final. *Apercebessem*, preparassem. V. 7 — *Primeira*, o adjectivo pelo advérbio (latinismo), cfr. o francês. V. 8 — *Aventureira*, predicativo.

Est. LXXXIV, v. 3 — *Licor*, v. c. I, 8. V. 6 — *Despejo*, intrepidez. V. 8 — *Toda a*, v. c. III, 64, 7.

Est. LXXXV, v. 7-8 — *Prometeu de*, regência hoje desusada.

Est. LXXXVI, v. 8 — *Aspirasse*, favorecesse (cfr. Ovidio, *Metamorfoses*, I, 2-3: *coeptis ... adspirate meis*).

Est. LXXXVII, v. 1 — *Nos*, v. c. I, 41, 6. V. 2 — *Praias do mar*, expressão hoje pleonástica.

Est. LXXXVIII, v. 2 — *Uns, outros*, silepse de número. V. 3 — *Outros*, idem. *Por*, para.

Est. XC, v. 1 — *Qual*, com valor distributivo, v. Diez, *Gram. das Línguas Românicas*, III, 74; João Ribeiro, *Gram. Port.*, pg. 169; Said Ali, *Lexeologia do português histórico*, pg. 89. V. 4 *Amaro*, latinismo.

Est. XCI, v. 1 — *Qual*, v. est. anterior. V. 2 — *Sem quem*, hoje se diria *sem o qual* (João Ribeiro, *Gram. Port.*, pg. 168, Sousa da Silveira, *Lições de português*, pg. 163. V. 3 — *Is*, forma contracta de *ides*. V. 6 — *Afeição tão doce nossa*,

construcção cabível em poesia. V. 7 — Prolepse; *amor e contentamento* são o objecto directo de *leve*.

Est. XCII, v. 6 — *Quase*, v. c. III, 20, 1.

Est. XCIII, v. 1 — *Nós outros*, v. c. II, 104, 8 — *Nós outros... determinei* (anacoluto). *Alevantamos*, v. c. I, 3, 8. V. 3 — *Por*, para. V. 5 — *Determinei de*, regência antiga. *Nos*, v. c. I, 41, 6. V. 6 — *Despedimento*, despedida. V. 7 — *E'*, indicativo e não subjuntivo. *Usança*, arcaísmo.

Est. XCIV, v. 1 — *Aspeito*, v. c. II, 86, V. 5 — *Alevantando*, v. c. I, 3, 8. V. 8 — *Experto*, experimentado.

Est. XCV, v. 2 — *Quem*, não se referindo a pessoa. V. 8 — *Exp'rimentas*, síncope hoje popular.

Est. XCVI, v. 4 — *Fazendas*, v. c. II, 80, 4. V. 5 — *Subida*, excelsa. V. 8 — *Quem*, não aplicado a pessoa. *Se*, colocação hoje desusada.

Est. XCVII, v. 1-2 — *Determinas de*, regência antiga.

Est. XCVIII, v. 2 — *E* (cuja). Aqui aliás ná uma hendiadis, *pecado de desobediência*, v. Epifânio Dias. *Sintaxe Histórica*, pgs. 13-4. V. 5 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XCIX, v. 3 — *Feridade*, latinismo. V. 4 — *Puseste nome*, chamaste. V. 6-7 — *Devia de*, regência antiga neste emprêgo.

Est. C, v. 3 — *Arábio*, árabe.

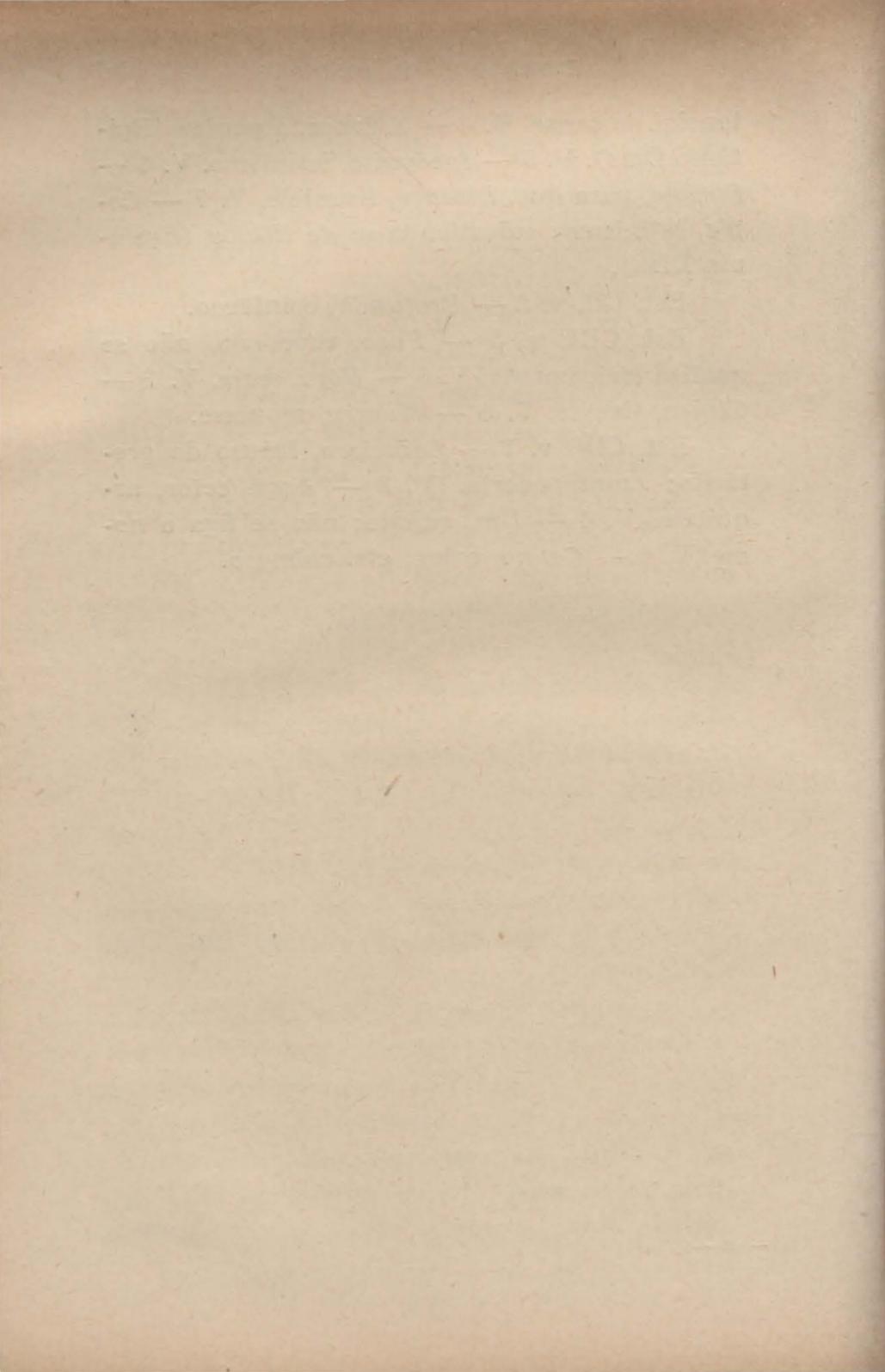
Est. CI, v. 2 — *Por*, para. *Ires*, infinito pessoal com o mesmo sujeito, para evitar ambigüidade. V. 3 — *Por quem*, adjunto circuns-

tancial de causa. V. 4 — *A longe*, a perder (Epifânio Dias). V. 5 — *Incógnito*, latinismo. V. 6 — *Porque*, para que. *Lisonge*, lisonjeie. V. 7 — *Copia*, latinismo; subentenda-se *de titulos* (Epifânio Dias).

Est. CII, v. 3 — *Profundo*, o inferno.

Est. CIII, v. 3 — *Fogo*, repetição, não se analisa logicamente. V. 5 — *Fôra*, seria. V. 7 — *Tivera*, tivesse. V. 8 — *Movera*, movesse.

Est. CIV, v. 1 — *Cometera*, futuro do pretérito; empreenderia. V. 3 — *Arquitector*, arquiteto. V. 4 — *Um*, sujeito; não se liga a nome. V. 6 — *Calma*, calor; cfr. *calmoso*.



## CANTO V

Est. I, v. 1 — *Estas sentenças tais*, v. c. III, 102, 8, v. 4 — *Nos*, v. c. I, 41, 6.

Est. II, v. 2 — *Nemeo*, trissílabo, v. Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg. 34. V. 3 — *Consume*, sem metafonía. V. 6 — *Quatorze vezes cento*, cfr. o francês *quatorze cents* e o inglês *fourteen hundred*. *Cento* e não *cem*.

Est. IV, v. 2 — *Não*, hoje desnecessário. V. 5 — *Mauritânia*, v. c. I, 2, 4.

Est. V, v. 7 — *Sendo*, desdobra-se numa subordinada condicional.

Est. VI, v. 4 — Anacoluto; equivale a: *e a que as hervas do campo bem abastam*. V. 7 — *Inópia*, latinismo.

Est. VII, v. 4 — *Climene*, paroxítono, em desacordo com a acentuação latina, v. Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 426.

Est. VIII, v. 1 — *Passadas*, v. c. I, 29, 1. V. 8 — *Por*, para. *Tomarmos*, infinito pessoal sendo o mesmo o sujeito de *tomámos*.

Est. IX, v. 4 — *Estrago*, mortandade (latinismo). V. 8 — *Refrêsko*, refrigério, aguada.

Est. X, v. 2 — *Africa*, v. c. I, 2, 4. V. 7 —

*Gamboa*, Gâmbia; exigência métrica (Mendes dos Remédios, edição escolar, pg. 142).

Est. XII, v. 1 — *Austro*, latinismo. V. 2 — *Gólfão*; não é aumentativo de *golfo*, senão forma em que a terminação *o* passou a *ao* (Epifânio Dias). V. 4 — *Quem*, não aplicado a pessoa. V. 6 — *Notas*, conhecidas (latinismo).

Est. XIII, v. 7 — *Término*, latinismo.

Est. XIV, v. 3 — *D'*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XV, v. 6 — *Eolo*, v. II, 105, 3. V. 7 — *Apesar de*, contra a vontade de.

Est. XVII, v. 1 — *Rudos*, v. c. I, 5, 2.

Est. XVIII, v. 8 — *Sorver*, infinito impessoal relacionado com o verbo *ver*.

Est. XIX, v. 1 — *O*, objecto directo de *vi*, antecipado pleonasticamente às reduzidas *levantar-se no ar um vaporzinho e subtil fumo e rodear-se*. V. 4 — *Do*, v. c. I, 4, 4. *Rodear-se*, arredondar-se (Epifânio Dias), girar em roda. V. 5 — Construa-se: *se via um cano levado daqui ao polo sumo, tão delgado que...*

Est. XX, v. 8 — *Cargo*, carga.

Est. XXI, v. 1 — *Roxa*, v. c. L, 28, 4.

Est. XXII, v. 4 — *Porque*, para que. *Jacente*, latinismo. V. 5 — *Torna*, restitui. V. 8 — *Natura*, latinismo.

Est. XXIII, v. 1 — *Andaram*, transitivo. V. 2 — *Por*, para. V. 3\* — *Passaram*, passassem. V. 5 — *Escrituras*, escritos. *Deixaram*, deixariam. *Que*, expletivo. V. 6 — *Influição*, influência. *Si-*

nos, signos do zodiaco; pronúncia hoje popular, cfr. *sino-salomão*.

Est. XXV, v. 2 — *Apressada*, Epifânio Dias entende que aí existe silepse de gênero; a concordância se faz com a palavra *lua*, que é o planeta a que se refere o poeta. A. Coelho supõe ter havido um êrro tipográfico no primeiro verso: *o* em vez de *a*. Said Ali, *Lexeologia do português histórico*, se inclina para a segunda opinião. V. 3 — *Agora, agora*, conjunção disjuntiva. V. 4 — *O mar*, objecto directo; *a armada*, sujeito.

Est. XXV, v. 1 — *Se*, colocação hoje desusada. V. 4 — *Amainamos*, arriamos (transitivo).

Est. XXVI, v. 6 — *Por*, para. V. 7 — Objecto directo *a altura do sol*. V. 8 — *Compassar a universal pintura*, medir a compasso na carta celeste os graus indicados no astrolábio, afim de conhecer a latitude do ponto em que estão.

Est. XXVII, v. 2 — *Semicapro*, latinismo. V. 7 — *Apanha*, em vez de *apanhava* como exigiria a *consecutio temporum*.

Est. XXVIII, v. 4 — *Selvagem mais*, advérbio depois do adjectivo. V. 5 — *Lhe*, colocação hoje desusada.

Est. XXIX, v. 2 — *Cristalino*, cristal. V. 3 — *Cascavéis*, guizo; aparece hoje no nome de uma espécie de cobra.

Est. XXX, v. 5 — *Domésticos*, domesticados. V. 8 — *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. XXXII, v. 2 — *Pelo tomar*, para tomá-

-lo, recebê-lo. V. 4 — *Porque*, final. V. 6 — *Lhe*, colocação hoje desusada; *lhe* por *o*.

Est. XXXIII, v. 1 — *Setas e pedradas* é o sujeito de *chovem*, no sentido de cair. V. 2 — *Nós outros*, v. II, 104, 8. *Resposta*, revide. V. 7-8 — Construa-se: *que se suspeita que levam desta feita a côr vermelha em mais que nos barreles*.

Est. XXXIV, v. 1 — *Sendo*, estando, v. 3 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2. V. 7 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XXXV, v. 2 — *Se*, colocação hoje desusada. V. 6 — *Vir*, infinito impessoal combinado com o verbo *ver*.

Est. XXXVI, 1 — *Tanto que*, logo que. V. 3 — *Mais* posposto a *avante*. V. 4 — *Torna*, volta. V. 5 — *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 6. *Porque*, final. V. 8 — *Por*, para.

Est. XXXVII, v. 1 — *Porém*, em comêço de oração. V. 2 — *Nos*, v. c. I, 41, 6. V. 3 — *D'*, v. c. I, 4, 4. *Em vão*, antônimo de *em cheio* e não *debalde*.

Est. XXXVIII, v. 4 — *Nalgum*, contracção hoje pouco empregada. V. 5 — *Potestade*, latinismo. V. 7 — *Apresenta*, no singular com um sujeito composto. V. 8 — *Mór*, v. c. II, 45, 7.

Est. XXXIX, v. 4-8 — Em todos êstes versos há elipse da preposição *com* (v. João Ribeiro, *Gram. Port.*, 208). V. 6 — *Terrena*, de terra, adjectivo hoje obsoleto.

Est. XL, v. 4 — *Milagres*, maravilhas.

Est. XLI, v. 1 — *Mais* posposto a *ousada*. V. 3 — *Tu... ouve os danos de mi* (na estança seguinte); o pronome claro e anteposto ao impera-

tivo. *Cruas*, cruéis. V. 5 — *Términos*, latinismo. V. 7 — *Há já tanto tempo* é um adjunto circumstancial de tempo; *que* é expletivo. V. 8 — *D'*, v. c. I, 4, 4.

Est. XLII, v. 5 — *De mim* depende de *ouve*. *Apercebidos*, preparados. V. 6 — *Sobejo*, excessivo; hoje usa-se como substantivo e no plural. V. 8 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. — *Dura*, cruel.

Est. XLIII, v. 3 — *Inimiga*, predicativo. V. 8 — *Mor*, v. c. II, 45, 7.

Est. XLIV, v. 4 — *Pertinace*, latinismo. V. 8 — *Que*, correlativo; *de toda sorte* = de tal sorte.

Est. XLV, v. *Incógnitos*, latinismo. V. 5 — *Dura*, cruel. V. 8 — *Quiloa*, v. c. I, 54, 4.

Est. XLVI, v. 4 — *Grão*, no feminino, v. I, 73, 1. V. 6 — *Neste*, preposição *em* com adjunto circumstancial de lugar para onde. V. Sousa da Silveira, *Trechos Selectos*, pg. 35. V. 7 — *Cru*, cruel.

Est. XLVII, v. 1 — *Morrer*, infinito impessoal combinado com o verbo *ver*. Cfr. est. XLVIII, 3. V. 4 — *Tirar*, idem. V. 5 — *Perclaros*, muito claros; ha latinismo no emprêgo do prefixo. Em latim aparece *perclarui*, perfeito de um *perclareo* ou *perclaresco*; *perclarus*, porém, não existe. V. 6 — *Calma*, v. c. IV, 104, 6. V. 7 — *Pisada*, v. c. I, 29, 1.

Est. XLVIII, v. 4 — *Implacábil*, latinismo.

Est. XLIX, v. 4 — *Certo*, advérbio. Interpretado *tem* no sentido de *traz*, *maravilhado* será predicativo; do contrário, formará o perfeito

composto do indicativo. V. 7 — *Amara*, latinismo. V. 8 — *Quem* se desdobra em *pessoa a que*; *da pergunta* é objecto directo preposicionado; *lhe*, objecto indirecto pleonástico; *pesara*, equivalente a *pesasse*, está impessoalmente empregado. V. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 3, n. 16; Mário Barreto, *Novísimos Estudos*, pgs. 135 e 235, *Factos da Língua Portuguesa*, pg. 247, Rui Barbosa, *Réplica*, pg. 66.

Est. L, v. 2 — *Quem*, não aplicado a pessoa. *Vós outros*, v. c. II, 104, 8. V. 4 *Fui*, concordância atractiva. V. 8 — *Quem*, v. verso 2.

Est. LI, v. 2 — *Centimano*, paroxitono, em desacôrdo com a quantidade latina (cfr. a prosódia corrente de *quadrumano*). V. 3 — *Fui*, estive. V. 5 — *Não* (digo) *que*, v. Antenor Nascentes, *O Idioma Nacional*, vol. III, pg. 13.

Est. LII, v. 4 — *Por*, final ou causal. V. 8 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LIII, v. 1 — *Impossibil*, latinismo. V. 2 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 3 — *Determinei de*, regência antiga.

Est. LIV, v. 1 — *Por*, para. V. 4 — *Torna*, devolve. V. 5 — *Eu... encheram-me*, anacoluto. *Cair em* significa *perceber* e não ser enganado, como hoje significaria. V. 7 — *Abondanças*, abundância.

Est. LV, v. 3 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4.

Est. LVI, v. 1 — *Nojo*, aborrecimento. *Que*, expletivo.

Est. LVII, v. 5 — *Me*, v. c. I, 41, 6.

Est. LVIII, v. 3 — *Por*, para. V. 7 — *Imigo*, v. II, 59, 4.

Est. LXI, v. 1 — *Tirando*, puxando (cfr. o fancês *tirer* e a expressão *animal de tiro*). V. 4 — *Grão*, v. L, 73, 1. V. 5-6 — *Começando de*, regência antiquada.

Est. LXII, v. 2 — *Etiopes*, paroxítono, em desacordo com a quantidade latina, v. G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 151. *Eram*, indicativo com a concessiva e silepse de número (cfr. *gente* no primeiro verso). V. 7 — Deve subentender-se um verbo como *tendo*, *trazendo*.

Est. LXIII, v. 6 — *Cantam*, continua a silepse da estança anterior.

Est. LXIV, v. 6 — *Lhe*, plural, v. 8 — *Levamos*, levantamos.

Est. LXV, v. 1 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 2 — *Africa*, v. c. I, 2, 4. V. 4 — *Ficava* (atrás). V. 5 — *Onde*, adjunto adverbial de lugar para onde. V. 6 — *Primeira*, anterior. V. *Revista de Filologia Portuguesa*, n. XII, pg. 216.

Est. LXVI, v. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *São*, concordância com o predicativo.

Est. LXVII, v. 1 — *A fôrça... do mar*. V. 4 — *Por*, em favor de (latim *pro*). V. 5 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Assopros*, sopros. V. 8 — *Grão* (feminino), v. c. I, 73, 1.

Est. LXVIII, v. 3 — *Nado*, arcaísmo ainda de algum uso na expressão *sol nado*.

Est. LXIX, v. 1 — *Refrêsko*, refrigerio, provisões. *Algum*, pospositos e não negativo. V. 2 — *Mas contudo*, duas adversativas juntas (V. Said

Ali, *Lexeologia do português histórico*, 218. V. 4 — *Nós outros*, v. c. II, 104, 8. V. 5 — *Quama-nha*, correlativo raro de *tamanho*. *Andámos*, transitivo. V. 6 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2.

Est. LXX, v. 1 — *Coitados*, dignos de lástima. V. 3 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Do*, idem.

Est. LXXI, v. 1 — *Danado*, danificado. V. 6 — *Fôra*, fôsse. V. 7 — *Que*, v. c. I, 55, 7. *Durara*, duraria.

Est. LXXII, v. 1 — *Foram*, estariam. V. 2 — *Os*, *resistir* aí está como transitivo directo.

Est. LXXIII, v. 5 — *Porque*, final.

Est. LXXIV, v. 8 — *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXXV, v. 3-4 — *Num rio... batéis à vela entravam e saíam*, v. c. I, 57, 5-6. A locução *batéis à vela* seria acoimada de galicismo pelos puristas de hoje; aparece, entretanto, já no século XVI. V. 7-8 — *Esperamos de*, regência anviam. V. 3 — *Alguma*, v. est. 69, 1. *Arábia*, árabe.

Est. LXXVI, v. 2 — *Comunicavam*, conviavam. V. 3 — *Alguma*, v. est. 69, 1.

Est. LXXVII, v. 3-4 — *Por naus... se corta*, v. c. I, 52, 4.

Est. LXXVIII, v. 5 — *Alevantamos*, v. c. I, 3, 8.

Est. LXXIX, v. 1 — *Ostrinhos*, ostra pequena (masculino). V. 2 — *Nojosa*, nojenta, aborrecida. V. IV, 43, 7. V. 3 — *Alimpámos*, forma protética popular hoje. V. 7 — *Houvemos*, recebemos. *Usado*, costumeiro. V. 8 — *Todo o*, v. c. III, 64, 7.

Est. LXXX, v. 1 — *Da esperança grande e imensa... a alegria*. V. 2 — *Houvemos, tivemos*.

Est. LXXXI, v. 1 — *Foi, aconteceu. Crua, cruel*. V. 2 — *A mais (feia). Nunca, jámais*.

Est. LXXXII, v. 1 — *Bruto, italianismo*, v. c. III, 113, 6. V. 3 — *Astuto, hábil*. V. 5 — *Ins-truto, latinismo*. V. 7 — *Fôra, fôsse*.

Est. LXXXIII, v. 1 — *Incógnita, latinismo*. V. 8 — *Todo o*, v. c. III, 64, 7.

Est. LXXXIV, v. 1 — *Assim que, conclusiva*. *Nos*, v. c. I, 41, 6. V. 2 — *Mor*, v. c. II, 45, 7. V. 5 — *Dura, cruel*.

Est. LXXXV, v. 3 — *Dará, a consecutio temporum exigiria daria*.

Est. LXXXVI, v. 2 — *Comettessem, acomessem, varassem*. V. 3 — *Tanto*, adjunto circumstancial de quantidade, muito longe do verbo. *Facundo*, latinismo. V. 5 — *Ousou a*, regência antiquada. V. 8 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LXXXVII, v. 2 — *Quem*, refere-se a *êeste*. V. 4 — *Argo*, Argos. V. 5 — *Esclarece*, torna ilustre. V. 6 — *Altissona*, latinismo. V. 7 — *Se*, hoje desnecessário.

Est. LXXXVIII, v. 4 — *Sirenas*, latinismo. V. 7 — *Em*, v. c. I, 8, 2. *Gostando*, provando. *Loto*, hoje usa-se alatinadamente *lôtus*.

Est. LXXXIX, v. 8 — *Escritura*, escrito.

Est. XC, 1 — *Facundo*, latinismo. V. 4 — *Subidos*, notáveis. V. 7 — *Fortaleza*, fôrça, poder.

Est. XCI, v. 2 — *Prolepse: o caso que cada*

*qual notou*. V. 7 — *Por*, para. *Tétios*, da deusa *Tétis*.

Est. XCII, v. 7 — *Valerosas*, v. c. I, 2, 5. V. 8 — *O*, objecto directo pleonástico. V. Rui Barbosa, *Réplica*, pg. 66.

Est. XCIII, v. 2 — *Alexandro*, v. c. I, 3, 3. V. 3 — *Numerosos*, v. c. I, 9, 8.

Est. XCIV, 1 — *Por* para. V. 5 — *Si*, v. est. 35, 5.

Est. XCV, v. 2 — *Alexandros*, v. c. I, 3, 3. V. 6 — *Venustos*, latinismo. V. 8 — *Glafira*, paroxítono, em desacordo com a quantidade latina. V. Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg. 97.

Est. XCVI, v. 1 — *França*, v. c. I, 2, 4. V. 7 — *Alexandro*, v. c. I, 3, 3. V. 8 — Prolepse: *sempré à cabeceira*.

Est. XCVII, v. 3 — *Lácia*, latina. V. 7 — *E* (a) *rima*. V. 8 — *Na*, ainda hoje corrente em Portugal esta forma do pronome oblíquo depois da negação; desusada no Brasil.

Est. XCVIII, v. 1 — *Natura*, latinismo. V. 4 — *Feros*, v. c. I 12, 1. V. 7 — *Rudos*, v. c. I, 5, 2. *Remisso*, latinismo. V. 8 — *Lhes*, pleonástico.

Est. XCIX, v. 4 — *Bélica*, latinismo.

Est. C, v. 3 — *Seu*, devido (v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, pg. 69). V. 4 — *Seu*, *delas*. V. 5 — *Disposto*, predicativo.

## CANTO VI

Est. I, V. 7 — *No*, v. c. V, 97, 8. V. 8 — *Donde*, do lugar em que.

Est. II, v. 2 — *A segundo*, segundo. *Policia*, civilização.

Est. III, 3 — *Convinda que*, a prolação do *a* final supre a falta da preposição como em muitos outros passos do poema. *Asinha*, depressa (arcaísmo). V. 6 — *Argento*, v. c. I, 18, 5.

Est. IV, 2 — *Com*; Maximino Maciel, *Gram. Descritiva*, pg. 368, vê aí um complemento de causa eficiente. Sinto mais uma elipse de *por êle*. V. 4 — *Barões*, v. c. I, 1, 1. V. 5 — *Esp'rito*, síncope hoje popular.

Est. V, v. 1 — *Tais*, v. c. III, 102, 8. V. 6 — V. c. I, 41, 6.

Est. VI, 1 — *Navegavam*, transitivo. V. 4 — *Acabavam*, chegavam ao cabo, realizavam-se; não no sentido de terminar. V. 7 — *Dina*, v. c. I, 22, 1.

Est. VII, v. 1-2 — *Determinado de*, regência antiga. V. 3 — *No*, v. c. V, 97, 8. V. 4 — *D'*, v. c. I, 4, 4.

Est. VIII, v. 2 — *Altas, profundas* (latinismo).

Est. X, v. 4 — *Pasce, farta*. V. 7 — *Trasladados*, transportados para a escultura, copiados.

Est. XI, v. 6 — *Invisibil*, latinismo. *Asinha*, depressa (arcaísmo).

Est. XII, v. 1 — *Em*; Maximino Maciel, *Gram. Descritiva*, pg. 368, vê aí um complemento de cousa eficiente. Parece-me que não há necessidade de supor a construção: *a terra revestida em montes de verdeservas*; a que está é perfeitamente aceitável, com uma vírgula antes de *em*. V. 6 — *Desparzidas*, espalhadas. V. 8 — *Humor*, umidade (latinismo).

Est. XIII, v. 7 — *Houveram*, receberam.

Est. XIV, v. 7 — *Cometendo*, acometendo, empreendendo.

Est. XV, v. 15 — *Receberes*, infinito pessoal, apesar do sujeito comum de *espantes*. V. Said Ali, *Dificuldades da Língua Portuguesa*, pg. 97, *Sintaxe do Português Histórico*, pg. 147.

Est. XVI, v. 3 — Prolepse: *que Tritão chame...* Pode também interpretar-se como um latinismo: *mandar Tritão que* (para que) *chame...*

Est. XVII, v. 2 — *Nos*, com lugar para onde, v. Júlio Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, II, pg. 98, Sousa da Silveira, *Trechos Selectos*, pg. 36. *Parecem que nunca brando conhecera*, quiasma das construções *parece que nunca...* e *parecem nunca ter conhecido brando*

*penite*. V. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, pg. 226, Rui Barbosa, *Réplica*, pg. 217, Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 208. V. 5 — *Falecem*, faltam. V. 6 — *Misilhões*, mexilhões. V. 7 — *Gorra*, hoje usa-se mais o masculino.

Est. XVIII, 2 — *Por*, para. V. 3 — *Mas porém*, v. c. III, 99, 5. V. 4 — *Cento*, hoje se diria *cem*. V. 5 — *Cangrejos*, forma arcaica mais próxima do étimo latino *cancriculu*.

Est. XIX, v. 5 — *Apercebida*, prevenida. V. 8 — *Da*, v. c. I, 4, 4. *Grécia*, grega.

Est. XX, v. 1 — *Padre*, v. c. I, 22, 1. V. 6 — *Pascer*, pastar. *Amara*, latinismo. V. 8 — *Padre*, v. c. I, 22, 1.

Est. XXI, v. 3 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4.

Est. XXII, v. 2 — *Falecesse*, faltar. Quando o sujeito da integrante objectiva directa é comum ao da oração principal, usa-se o infinito, formando uma locução verbal. A construção deste verso, onde o sujeito de *quis* é o mesmo de *falecesse*, é propria do romeno. (R. Lovera, *Gram. romena*, pg. 101). V. 6 — *Qualquer*, (Tétis, a filha de Celo e Vesta, enunciada na estança anterior, e Anfitrite) sujeito de *vencesse*. V. 8 — *Um*, um único (V. Júlio Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, II, 41).

Est. XXIII, v. 7 — *Area*, sem *i*.

Est. XXIV, v. 3-4 — *...e dêste dano lhe resultou*, anacoluto (Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, pg. 281). V. 5 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XXV, v. 5 — *Do*, v. c. I, 4, 4. *Padre*, v. c. I, 22, 1. V. 8 — *Arábia*, v. c. I, 2, 4.

Est. XXVI, v. 2 — *Recebimento*, recepção. V. 7 — *Por*, para.

Est. XXVII, v. 1 — *De juro*, de direito. V. 4 — *Que*, final. V. 5 — *Padre*, v. c. I, 22, 1. V. 6 — *Cercado*, predicativo.

Est. XXVIII, v. 3 — *Que*, sem que.

Est. XXIX, v. 2 — *Cometer*, acometer.

Est. XXX, v. 6 — *Alta*, altiva.

Est. XXXI, v. 4 — *Aquilo*, Aquilão.

Est. XXXII, v. 4 — *Mi*, forma antiga do pronome *mim*. V. 5 — *Que*, objectivo directo de *ganhei*, servindo de conectivo á oração de *sabeis* (latinismo). V. Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 166. V. 8 — *D'*, v. c. I, 4, 4.

Est. XXXIII, v. 1 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 3 — *Mores*, v. c. II, 45, 7. V. 3-4 — *Determinam de*, regência antiga. V. 4 — *Barões*. V. c. I, 11. V. 6 — *A segundo*, segundo.

Est. XXXIV, v. 3 — *Por*, para. V. 6 — *A pares*, aos pares.

Est. XXXV, v. 2 — *Ponto*, momento, instante curto (cfr. *ponteiro*, agulha que marca os pontos no relógio). v. 5 — *Eolo*, paroxítono, em desacordo com a acentuação latina. V. 6 — *Conto*, medida. V. 7 — *Repugnantes*, resistentes, fortes (latinismo). V. 8 — *Que*, final.

Est. XXXVI, v. 4 — *Barões*, v. c. LII. *Audaces*, latinismo. V. 5 — *Obumbrava*, latinismo.

Est. XXXVIII, v. 2 — *Lassa*, v. c. I, 29, 7.

V. 5 — *Quando*, vale por *em que*. V. 6 — *Eoo*, latinismo.

Est. XXXIX, v. 4 — *Agudos*, qualificativo de *ares* em vez de advérbio modificador de *assopravam* (agudamente).

Est. XL, v. 4 — *Carregado* (por nós), que nós carregamos. Meyer-Lübke, *Gram. das Linguas Románicas*, III, 17, vê neste participio um depoente.

Est. XLI, v. 4 — *Sofre*, permite.

Est. XLII, v. 5 — *Porque*, final.

Est. XLIII, v. 1 — *Que*, em que. V. 5 — *Da*, v. c. I, 1, 1. V. 7 — *Fera*, v. c. I, 12, 1.

Est. XLV, v. 3 — *Que*, v. c. I, 55, 7. V. 4 — *Crua*, cruel.

Est. XLVII, v. 5 — *Exp'rimentara*, síncope hoje popular.

Est. XLVIII, v. *Socorrer* aparece aqui com objecto indirecto. V. 2 — *Por*, para. V. 3 — v. 4 — *Iberinas*, ibéricas. V. 6 — *Partes*, predica-dos. V. 7 — *Sós*, hoje se usaria o advérbio.

Est. XLIX, v. 2 — *Por*, em lugar de ou em favor de.

Est. L, v. 1 — *Experto*, experimentado (latinismo); a forma popular *esperto* significa astuto. Cfr. est. 53, 4. V. 3 — *Porque*, final. V. 6 — *Qual*, desdobra-se em *aquele que*. *Qual* (o segundo), equivale a *cada uma* e coloca-se depois de *caído*. *Tem caído*, o composto pelo simples.

Est. LI, v. 2 — *Toda a côrte*, objecto directo de *alvoroça*: V. 3 — *Quisera*, quereria. V. 4 — *Sofre*, permite. V. 5 — *Qualquer*, cada um.

Est. LII, v. 5 — *Apercebem*, munem-se. V. 7 — *Letras*, divisas, emblemas. *Primores*, delicadeza, expressões amáveis. V. 8 — *Concertos*, preparos, arneses.

Est. LIII, v. 1 — *Tomado teem*, o composto pelo simples. V. 4 — *Exp'rimentado*, sincope hoje popular.

Est. LIV, v. 1-2 — *Desejo de*, regência antiga. V. 3 — *Por*, para. V. 5 — *Aparelho*, oportunidade. V. 8 — *Serei*, estarei.

Est. LV, v. 3 — *Fôr*, estiver. O futuro está em vez do presente por atracção. V. Epifânio, *Sintaxe Histórica*, § 480. V. 6 — *Esp'rito*, sincope hoje popular. V. 8 — *Seja*, esteja.

Est. LVI, v. 2 — *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 6 — *Pirineu*, hoje se usa no plural. *Espanha e Gália*, v. c. I, 2, 4. *Parte*, reparte, separa. V. 8 — *Flandes*, forma com dissimilação. *Frاندres*, que seria o natural tem duas sílabas seguidas começadas por grupo com vibrantes; daí o suprimir-se uma delas. O actual *Flandres* é refeito.

Est. LVII, v. 3 — *Companha*, companhia. V. 4 — *Cortam*, concordância com o complemento do colectivo. V. 5 — *De Inglaterra* pertence a *costa estranha* e não a *chegados*. Omissão do artigo, v. c. I, 2, 4. V. 7 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Das*, idem.

Est. LVIII, v. 1 — *Assinalado*, no singular por causa da sinonímia de *dia* com *prazo*. V. 6 — *Mavorte*, v. c. I, 41, 3.

Est. LIX, v. 5 — *Apregoam*, indicativo com a concessiva. V. 6-7 — *Assim... que*, de modo que.

Est. LX, v. 3 — *Três e três*, três a três; *quatro e quatro*, quatro a quatro. V. 5 — *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXI, v. 2 — *Sembrantes*, forma normal portuguesa, em vez da erudita *semblante*.

Est. LXII, v. 1 — *Aonde*, para o lugar em que. V. 4 — *Bélico*, latinismo. V. 6 — *Grão*, v. c. I, 73, 1.

Est. LXIII, v. 1 — *Como*, temporal ou causal. V. 2 — *Vinha a*, hoje neste sentido se dispensa o *a*.

Est. LXIV, v. 1 — Prolepse: *Parece que o estrépito dos cavalos faz...* V. Mário Barreto, *Factos da Linguagem*, pg. 168. V. 2 — *Treme*, indicativo e não subjuntivo apesar da dúvida contida em *parece*. V. 3-4 — Violento hipérbaton: *o coração, que estremece no peito de quem os olha, se alvoroça e teme*. V. 5 — *Qual*, v. c. IV, 90, 1. *Que*, segundo Epifânio Dias é conjunção causal que justifica o emprêgo de *voa*. Lindolfo Gomes, *Revista de Língua Portuguesa*, III, 120, discorda e dá a essa conjunção o valor de copulativa. Aliás, conforme salienta Leite de Vasconcelos, *Filologia*, I, 453, o próprio Epifânio já tinha reconhecido a significação aparente de *e no que* causal seguido *não* (*Sintaxe Histórica*, pg. 288). V. 5 — *Qual*, v. c. IV, 90, 1. V. 6 — *Qual*, idem. V. 7 — *Qual*, idem. V. 8 — *Qual*, idem.

Est. LXV, v. 1 — *Algum*, alguém. V. 8 — *Mais*, subentenda-se antes *alguma coisa*, isto é, a bravura portuguesa (Faria e Sousa).

Est. LXVI, v. 2 — *Feros*, v. c. I, 12, 1. *Cruas*, cruéis.

Est. LXVIII, v. 1 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 4 — *Flandres*, v. est. 56, 8.

Est. LXIX, v. 1 — *Em*, com lugar para onde (v. Júlio Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, II, 98). *Alemanha*, v. c. I, 2, 4. V. 2 — *Fero*, v. c. I, 12, 1. V. 3 — *Germano*, alemão (cfr. o inglês *German*). V. 5 — *Companha*, companhia.

Est. LXX, v. 2 — *Eis*, de repente.

Est. LXXI, v. 2 — *Dá*, cai (v. *Revista de Filologia Portuguesa*, XII, 212). V. 3 — *Amaina*, arria. V. 6 — *Dando*, v. o verso primeiro. V. 8 — *Que* correlativo apesar da falta de *tal* na oração anterior.

Est. LXXII, v. 4 — *Grão*, v. c. I, 13, 1. V. 8 — *Imos*, forma arcaica.

Est. LXXIII, v. 2 — *Tanto que*, logo que. V. 5 — *Duros*, traquejados. *Forçosos*, forçudos. V. 6 — *Manear*, manejar.

Est. LXXIV, v. 1 — *Puderam*, poderiam. V. 3 — *Vieram*, viessem. V. 6 — *Grandura*, grandeza.

Est. LXXV, v. 3 — *Alagada*, no sentido de *destruir*, segundo G. Viana, *Palestras Filológicas*, pg. 9. V. 7 — *Teve*, indicativo com a concessiva. V. 8 — *Desse*, v. est. LXXI, v. 1.

Est. LXXVI, v. 1 — *Agora*, conjunção dis-

juntiva. *Subiam*, transitivo. V. 3 — *Agora*, v. o primeiro verso. V. 4 — *Profundo*, as profundas dos infernos. V. 5 — *Aquilo*, Aquilão. V. 8 — *Polo*, céu (a parte pelo todo).

Est. LXXVII, v. 5 — Entretanto, nesse interim. V. 7 — *Duros*, fortes.

Est. LXXVIII, v. 2 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 3 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. *Obrou*, forjou. V. 5 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. *Tonante*, latinismo. V. 7 — *Sós*, pelo advérbio. *Viveram*, sobreviveram.

Est. LXXIX, v. 1 — *Que*, expletivo ou, segundo Epifânio Dias, construção com elipse de *haver* (*Sintaxe Histórica*, 319, 349).

Est. LXXX, v. 8 — *Impossibil*, latinismo.

Est. LXXXI, v. 3 — *Tu . . . tu . . . no fim de tantos casos trabalhosos porque somos de ti desamparados?* Anacoluto.

Est. LXXXIV, v. 6 — *Feros*, v. c. I, 12, 1.

Est. LXXXV, v. 6 — *Ensífero*, latinismo. *Oriente*, O'rion. O latim não justifica a terminação. V. 7 — *Tanto que*, logo que. V. 8 — *De, de*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXXXVI, v. 2 — *Será*, acontecerá. V. 8 — *Pôr*, impessoal apesar de ser diferente o sujeito de *mandar*. *Grinaldas* está muito longe do seu adjunto atributivo *de rosas*.

Est. LXXXVII, v. 2 — *A' porfia*, refere-se ao verbo *pôr* e não ao adjectivo *louros*. V. 3 — *Roxas*, v. c. L, 28, 4. V. 6 — *Nojosa*, aborrecida, odiada. V. c. IV, 43, 7.

Est. LXXXVIII, v. 1 — *Tanto que*, logo que. *Falecem*, faltam. V. 4 — *Lhe*, plural. V. 5 — *Lhe*, plural.

Est. LXXXIX, v. 1 — *Te creio*, transitivo directo. V. 3 — *Arreio*, enfeite.

Est. XC, v. 2 — *Fero*, v. c. 1. V. 3 — *Que*, em que. *Recrea*, sem *i*. V. 4 — *Acabe*, consiga. V. 5 — *Tanto bem*, prolepse. *O*, objecto directo pleonástico.

Est. XCII, v. 1 — *Dava*, v. est. 71, 2. V. 3 — *Celsa*, latinismo.

Est. XCIII, v. 4 — *Fenece*, finda (incoativo de arcaico *fñir*, cujo particípio passado *findo* ainda se usa). V. 5 — *Sofrer*, conter-se. V. 7 — Eclipse de *com* ou de *pondo*. *Giolhos*, v. c. II, 12, 3.

Est. XCIV, v. 4 — *Quem*, não aplicado a pessoa. *Exp'rimmentava*, síncope hoje popular. V. 5 — *Asinha*, depressa (arcaísmo). V. 7. — *Duro*, cruel.

Est. XCV, 1 — *Hórridos*, latinismo.

Est. XCVI, v. 1 — *Exquisitos*, no sentido de *excelente* e não no de *causador de estranheza*. V. 4 — *Afeminam*, efeminam. V. 5 — *Apetitos*, forma chegado à latina *appetitu* (cfr. o esp. *apetito* e o it. *appetito*). V. 7 — *Sofre*, permite.

Est. XCVII, v. 4 — *Cruas*, cruéis.

Est. XCVIII, v. 2 — *Parecer*, rosto. V. 7 — *Das honras e dinheiro*, repetição que não se analisa logicamente. V. 8 — *Dura*, severa.

Est. XCIX, 3 — O *que*, objecto directo de *fazem* é sujeito de *fica vendo*.

---



## CANTO VII

Est. I, v. 2 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Terreno*, terrestre. V. 6 — *Quereis*, concordância com a pessoa subentendida e não com *gente*. V. 7 — *Sois chegados*, v. c. I, 76, 1. O composto está empregado pelo simples.

Est. II, v. 3 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 4 — *Rotundo*, latinismo. V. 5 — *Algum*, com valor negativo embora venha antes do substantivo e não depois. V. 8 — *Madre*, a Santa Madre Igreja.

Est. III, v. 1 — Elipse de *tão* antes de *poucos*. V. 5 — *Do*, v. c. I, 4, 4. *Assim... que*, de tal modo.

Est. IV, v. 1 — *Vêde*, indicativo com valor de imperativo (v. Júlio Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, II, 13; Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional*, pgs. 394-6. Nunes, *Gram. Histórica Portuguesa*, pg. 356; Otoniel Mota, *O Meu Idioma*, pg. 193). *Los*, forma arcaica do artigo *os*, v. Nunes, *op. cit.*, pg. 254. V. 5 — *Vêde-lo*, v. o verso primeiro. V. 6 — *Inda*, v. c. 8, 8. *Error*, do latim *errore*; igual à forma espanhola e correspondente à italiana *errore* e

à francesa *erreur*. Hoje se usa *êrro*. V. 7 — *Superbissimo*, latinismo. V. 8 — *Por*, para.

Est. V, 1 — *Vêde-lo*, v. est. IV, 1. V. 8 — *Por*, para.

Est. VI, v. 2 — *Hierosólima*, v. c. III, 27, 2. V. 2 — *Terreste*, em vez de *terrestre* por analogia com *celeste*, que aparece no quarto verso (Nunes, *Gram. Hist. Port.*, 150). V. 5 — *Galo*, gaulês (latinismo).

Est. VII, v. 6 — *Canto*, v. c. I, 91, 1.

Est. VIII, v. 3 — *Divícias*, latinismo. V. 5 — *Inimicícias*, latinismo.

Est. IX, v. 1 — *Pela ventura*, por ventura. V. 2 — *De*, v. c. I, 4, 4. *Desparzidos*, espalhados. V. 3 — *Se*, objecto indirecto. V. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *De*, idem.

Est. X, v. 5 — *Fera*, v. c. I, 12, 1.

Est. XI, V. 3 — *Pactolo e Hermo rios*, colocação forçada, só possível em poesia. Cfr. *Garumnâ flumen* (César). V. 5 — *Lidia, Assiria*, v. c. I, 2, 4. V. 6 — *Africa*, idem.

Est. XII, v. 1 — *Feras*, v. c. I, 12, 1. V. 3 — *Devem de*, regência usada hoje n o caso de dúvida. V. 4 — *Turquia*, v. c. I, 2, 4. V. 5 — *Torne*, volte. V. 7 — *Multiplica*, intransitivo, no sentido de aumentar de número. V. 8 — *Polícia*, civilização.

Est. XIII, v. 3 — *Lhe*, plural. V. 7 — *Não queirais*, imperativo no verbo *querer*.

Est. XIV, v. *Emtanto que*, emquanto. V. 5 — *Africa*, v. c. I, 2, 4. V. 8 — *Houvera*, houvesse. *Chegara*, chegaria.

Est. XV, v. 1 — *Emtanto*, nêsse ínterim. V. 4 — *Repugnantes*, v. c. VI, 35, 7.

Est. XVI, 1 — *Tanto que*, logo que. *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. XVII, v. 1 — *Gange*, Ganges. (cfr. IV, 74, 1; v. 92, 2; VII, 1, 4; X, 120, 8 e 121, 1). V. 6 — *Vicioso*, pagão (cfr. c. I, 2). V. 7 — *Mafo-ma*, Maomé.

Est. XVIII, v. 2 — *Asia*, com omissão do artigo (v. c. I, 2, 4) ou prolação do *a* de *tôda*. V. 6 — *Grão*, v. c. I, 73, 1 (feminino). V. 7 — *Pêso*, parece a Afrânio Peixoto um italianismo (*pezzo*, pedaço), v. *Revista de Filologia Portuguesa*, XII, 215.

Est. XIX, v. 2 — *ũa*, por *uma*, como ainda se usa antes de palavra começada por *m*. V. 4 — *Insula*, latinismo. V. est. XI, 3. V. 5 — *Donde*, do lugar em que. V. 7 — *Vizinhos*, no português antigo aparece com o sentido de *habitante*.

Est. XX, v. 1 — *Usança*, arcaísmo hoje. V. 3 — *Possança*, arcaico hoje (cfr. o francês *puissance* e o italiano *possanza*). V. 7 — *Gange*, v. est. 17, 1. V. 8 — *Lhe*, tomando *igualar* transitivo indirecto.

Est. XXI, v. 5 — *Undoso*, latinismo.

Est. XXII, 1 — *Gate*, hoje *Gates*. V. 3 — *ũa*, v. est. 19, 2.

Est. XXIII, v. 7 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4.

Est. XXIV, v. 2 — *Maometa*, maometano. V. 7 — *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. XXV, v. 1 — *Em*, v. c. I, 8, 2. V. 7 — *Grão* (feminino), v. c. I, 73, 1.

Est. XXVI, v. 1 — *Grão* (feminino), v. c. I, 73, 1.

Est. XXVII, v. 1 — *Em tanto que*, até que, enquanto não. V. 2 — *Queria*, quisesse. V. 5 — *Se*, colocação hoje desusada. *Recriasse*, refizesse. V. 6 — *Tornaria*, voltaria. V. 7 — *Ser*, haver. V. 8 — *Que*, como (v. *Revista de Filologia Portuguesa*, V, 115).

Est. XXVIII, v. 3 — *Fôra*, fôsse. V. 5 — *Se*, v. c. I, 41, 6. *Tornam*, voltam. V. 7 — *Capitaina*, capitânea.

Est. XXIX, v. 1 — *Em cabo*, finalmente, segundo Carolina Michaëlis, ou extremamente, segundo Faria e Sousa e Epifânio Dias. V. 6 — *Por*, para. *Donzela*, v. c. III, est. 127, 2.

Est. XXX, v. 1 — *Natura*, latinismo. V. 4 — *Cometerdes*, acometer, empreender. V. 6 — *Ignoto*, latinismo.

Est. XXXI, v. 4 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4.

Est. XXXII, v. 2 — *Tomado tendes*, composto pelo simples.

Est. XXXIII, v. 1 — *Porém*, no início do período. *Como*, temporal. *Viessem*, vieram. V. 2 — *Seio*, golfo. V. 3 — *Trouxessem*, atracção modal (Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 480). V. 8 — *Pressupôs de*, regência antiquada.

Est. XXXV, v. 2 — *Qual*, v. c. IV, 90, 1. V. 3. *Qual*, idem.

Est. XXXVI, v. 3 — *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 4 — *Onde*, um lugar em que.

Est. XXXVII, v. 4 — *Natura*, latinismo. V. 6 — *Chamados sãc*, silepse de gênero e de nú-

mero (atracção do predicativo). O sujeito é *gente* (feminino singular). *Dina*, v. c. I, 22, 1.

Est. XXXVIII, v. 4 — *Até* (a) *morte*. V 6 — *Dêstes*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Alimpa*, forma protética popular hoje. *Apura*, purifica.

Est. XXXIX, v. 2 — *Samária*, em desacordo com a acentuação latina que é no *i*. V. 3 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. *Das*, comparação com *de* em vez de *que* (italianismo). V. 4 — *Usança*, usos. V. 5 — *Sós*, adjectivo pelo advérbio. V. 6 — *Sós*, idem.

Est. XL, v. 8 — *Regimento*, regimen.

Est. XLI, v. 4 — *São*, *ofendidos*, silepse de gênero e de número (o sujeito *que* se refere a *gente*). *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. XLIII, v. 6 — *ũa*, v. est. 19, 2. armada. *Fera*, v. c. I, 12, 1. *Quisera*, quereria. 4 — *Esquadra*, não no sentido de porção de uma

Est. XLV, v. 2 — *Onde*, o lugar em que. V.

Est. XLVI, v. 2 — *Lhe*, plural. Colocação hoje desusada. V. 4 — *Entendia*, ouvia (cfr. o francês *entendre*). V. 6 — *Fábrica*, construção.

Est. XLVII, v. 2 — *Vários*, diferentes. *Gestos*. V. c. I, 5, 4. V. 4 — *A segundo*, v. VI, 33, 6. V. 7 — *Usados*, acostumados.

Est. XLVIII, v. 2 — *Libia*, v. c. I, 2, 4. V. 3 — *Num*, num só, v. c. VI, 22, 8.

Est. XLIX, v. 1 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Onde*, o lugar em que.

Est. L, v. 5 — *Se*, objecto indirecto.

Est. LI, v. 2 — *Dedálea*, digna de um *Dédalo*. V. 5 — *Afiguradas*, figuradas.

Est. LII, v. 7 — *Próprio*, parecido. *Semele*, em desacordo com a acentuação latina.

Est. LIII, v. 7 — *Quem*, não aplicado a pessoa. *Competência*, competição.

Est. LIV, v. 2 — *Grécia*, v. c. I, 2, 4. V. 4 — *Undosas*, latinismo. V. 5 — *Dum*, v. c. I, 4, 4, 52, 4. V. 6 — *Valerosas*, v. c. I, 2, 5. V. 7 — *Filipo* v. c. I, 75, 2. V. 8 — *De (ser) progênie*.

Est. LX, v. 1 — *Os portugueses vendo*, construção hoje considerada galicismo por vir o sujeito antes do verbo. V. 3 — *Que*, em que. V. 4-5 — *Se escreverão... por gentes estrangeiras*, v. c. I, 52, 4.

Est. LVI, v. 4 — *Val*, vale. V. 5 — *Bélica*, latinismo.

Est. LVII, v. 3 — *Camilha*, com sufixo diminutivo mais espanhol que português (*caminha*). V. 3-4 — *Se iguala de outra alguma*, v. c. I, 4, 4, 52, 4. V. 5 — *Recostado*, descansado, sereno. *Gesto*, v. c. I, 5; 4.

Est. LVIII, v. 2 — *Giolhos*, v. c. II, 12, 3. 8 — *Que*, final.

Est. LIX, v. 4 — *Dêle*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *Aquista*, adquire (cfr. *conquista*).

Est. LX, v. 2 — *Volúbil*, latinismo; girante. V. *Noda*, nódoa. V. 5 — *Responde*, transitivo, faz repercutir.

Est. LXI, v. 2 — *Por*, para. *Tudo aquilo... de riquezas*. V. 5 — *Zelanda*, Zelândia (cfr. *Irlanda*, *Hollanda*). V. 6 — *Donde*, o lugar em que (*donde* por *onde* como em espanhol). V. 8 —

*Tudo*, objecto directo pleonástico. *Cópia*, latinismo.

Est. LXII, v. 1 — *Lianças*, alianças. V. 3 — *Abondanças*, abundâncias, coisas que abundam. V. 4 — *Fazendas*, v. c. II, 80, 4. V. 5 — *Porque*, final. V. 6 — *Quem*, não aplicado a pessoa. V. 8 — *Ingente*, latinismo.

Est. LXIII, v. 5-6 — *De qualidade que*, de sorte que.

Est. LXIV, v. 4 — *Grão* (feminino), v. c. I, 73, 1.

Est. LXV, v. 1 — *Emtanto*, nesse interim. V. 3 — *Talho*, decisão. V. 6 — *Porque*, final.

Est. LXVI, v. 2 — *E* (os) *portugueses*. V. 5. — *Cargo*, encargo. V. 6 — *Regimento*, ordem. V. 7 — *Donde*, o lugar de que.

Est. LXVII, v. 1 — *Tanto que*, logo que.

Est. LXVIII, v. 2 — *Larga*, longa, como em espanhol e ainda na expressão *Largos dias teem cem anos*. V. 3 — *Porque*, final.

Est. LXIX, v. 2-3 — *Na carne da mãe*. V. 3 — *Tal*, pode ser considerado modificador de profeta, sendo *que* pronome relativo; Epifânio interpreta *tal que* como equivalente a *de sorte que*. 3 *Por baixo do Deus*, predicativo. V. 4 — *Regimento*, govêrno. V. 5 — *Vulgado*, divulgado. V. 6 — *Dêles*, a respeito dêêles. V. 8 — *Parece*, mostra.

Est. LXX, v. 2 — *Deitaram*, expulsaram. *Abundosos*, férteis, abundantes em colheitas. V. 5 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 6 — *Procelosos*, latinismo.

Est. LXXI, v. 3 — *Beligeras*, latinismo. V. 5 — *Assim que*, de modo que. V. 7 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. *Asselo*, selo, confirmo. V. 8 — *Anibais*, paroxítono, como e mc. X, 153, 2, v. Diez, *Gram. das Línguas Românicas*, I, 470, G. Viana, *Ortografia Nacional*, 154.

Est. LXXII, v. 1-2 — *Inteira tanto*, cfr. o emprêgo de *autant* no comparativo francês de igualdade. V. 7 — *Veres*, infinito pessoal com o mesmo sujeito de *folgarás*, v. Silva Túlio, *Estudinhos da língua pátria*, Said Ali, *Dificuldades da língua portuguesa*, pg. 110, *Sintaxe do português histórico*, pg. 145, Sousa da Silveira, *Lições de português*, pg. 237. *Polícia*, civilização. V. 8 — *Milícia*, guerra (cfr. a expressão latina *domi militiaeque*).

Est. LXXIII, v. 1 — *Idolatra*, paroxítono, v. G. Viana. *Ortografia Nacional*, pg. 153. V. 3 — *Esquipar*, equipar (cfr. o espanhol *equipar* e o francês antigo *esquiper*). V. 7 — *Capitaina*, capitânea. V. 8 — *Onde... a bordo dela*, em cujo bordo.

Est. LXXIV, v. 6 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 7 *Tanto que*, logo que.

Est. LXXV, v. 2 — *Assente*, a *consecutio temporum* exigiria *assentasse*. V. 4 — *Experimente*, experimentasse. V. 6 — *Licor*, v. c. I, 1, 8; aqui é o vinho. V. 7 — *Comer*, por *beber*? Epifânio Dias, depois de julgar ter havido aqui um descuido do poeta, alegou que os naires não podiam comer no mar, segundo o Dr. J. M. Ro-

drigues, apoiado em Castanheda. V. 8 — *Defende*, proíbe (cfr. o francês *défendre*).

Est. LXXVII, v. 1 — *Alça-se em pé*, pleonasmismo muito comum na época. V. 3 — *Bélico*, latinismo. V. 4 — *Aspeito*, v. c. II, 86, 1. V. 7 — *Usança*, moda. V. 8 — *Subentendam-se tem* (cfr. o primeiro verso da estança seguinte) no comêço, e *mão* antes de *direita*.

Est. LXXVIII, v. 2 — *Cometo*, enveredo. V. 7 — *Hei*, no sentido etimológico de *ter*. V. 8 — *Alague*, v. c. VI, 75, 3.

Est. LXXIX, v. 5 — *Agora, agora*, conjunção disjuntiva. *Exp'ri mentando*, sincope popular hoje. V. 6 — *Mavórcios*, latinismo.

Est. LXXX, v. 1 — *Agora*, conjunção disjuntiva. V. 2 — *Hospícios*, hospedagens. V. 3 — *Agora*, v. o primeiro verso. V. 4 — *De novo*, recentemente. V. 5 — *Agora*, v. o terceiro verso. *Costas* (do mar onde o poeta naufragou). *Escapando*, transitivo directo, com sentido de *salvar*. V. 7 — *Menos milagre*, ou se toma *menos* por *menor* ou *milagroso* por *milagre*. V. 8 — *Acrescentar-se*, subentenda-se *anos de vida*, sendo o *se* objecto indirecto.

Est. LXXXI, v. 3 — *Senão*, português antigo aparece com valor adversativo em orações afirmativas precedidas de outras negativas, como ainda no espanhol actual. Epifânio Dias chama atenção para o emprêgo neste passo (v. *Sintaxe Histórica*, pg. 286). Considera uma braquilogia que se desenvolve: *se não (acrescesse) que*. V.

4 — *Tornassem*, retribuíssem. V. 6 — *Capelas*, grinaldas (cfr. a expressão de *palmito e capela*).

Est. LXXXII, v. 2 — *Valerosos*, v. c. I, 2, 5.

Est. LXXXIII, v. 1 — *Pois logo*, emprêgo pleonástico de duas conclusivas, v. 2 — *Que*, oração optativa. *Faleça*, falte. V. 3 — *Sou chegado*, v. c. I, 76, 1. V. 4 — *Onde*, a um ponto em que. V. 6 — *No*, v. c. V, 97, 8. V. 9 — *Subido*, poderoso.

Est. LXXXIV, v. 4 — *Imigo*, v. c. II, 59, 4. *E (da) humana lei*. V. 7 — *Por*, para.

Est. LXXXV, v. 1 — Subentendendo-se no futuro o predicado *cantar*, já expresso no v. 6 da estança anterior e repetido no v. 5 desta. V. 3 — *Por*, para. V. 4 — *Proteio*, Proteu (cfr. c. III, 2, 4). V. 7 — *Por*, para.

Est. LXXXVI, v. 5 — *Experto*, experimentado (latinismo). V. 7 — *Rapace*, latinismô.

Est. LXXXVII, v. 1 — *Sós*, hoje se empregaria o advérbio. V. 3 — *Onde*, com o que (v. Sousa da Silveira, *Lições de português*, 203; Otoniel Mota, *O Meu Idioma*, pg. 201. V. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Por*, para.

## CANTO VIII

Est. I, 2 — *Que*, refere-se a figura. V. 4 — Subentenda-se *e tinha*. V. 6 — *Tomada*, segura, predicativo.

Est. II, 2 — *Bravos*, silepse de gênero (cfr. *figuras* no verso anterior). *Feros*, idem. V. c. I, 12, 1. *Aspeitos*, v. c. II, 86, 1. V. 3 — *Bravos*, *feros*, v. o verso anterior. V. 5 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 7 — *Donde*, do qual (v. Epifânio Dias, § 236, b).

Est. III, v. 4 — *Contino*, continuamente. V. 5 — *E* (do) *Guadiana*.

Est. IV, v. 3 — *Amostra*, v. c. I, 67, 2.

Est. V, v. 2 — *Facunda*, latinismo. V. 3 — *Asia*, asiática (latinismo). V. 4 — *Ingente*, latinismo. V. 7 — *Tem desbaratados*, v. c. I, 29, 1. V. 8 — *Tem pintadas*, idem.

Est. VI, v. 5 — *Injuriada tem*, v. c. I, 29, 1. V. 6 — *Invencibil*, latinismo.

Est. VII, v. 3 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 6 — *Alevanta*, v. c. I, 3, 8. V. 7 — *Alevantasse*, idem.

Est. VIII, v. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. IX, v. 2 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 3 —

*Nado*, v. c. V, 68, 3. *Lotaringia*, Lorena (latinismo). V. 8 — *Porque*, final.

Est. X, v. 4 — *Tem roto e destroçado*, o composto pelo simples. V. 8 — *Derribadas*, v. c. I, 29, 1.

Est. XI, v. 3-4 — *Jura de*, regência antiga. V. 6 — *Imigo*, v. c. I.

Est. XII, v. 1 — *Alexandre rei*, v. c. VII, 11, 3. V. 3 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4. V. 5 — *Estenderam*, estendessem.

Est. XIII, v. 1 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 2 — *Rompido*, arrojado. *Aluno*, latinismo. V. 4 — *Torne*, volte. V. 5 — *Torna*, volta. *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *Torna*, transforma.

Est. XIV, v. 1 — *Vê*, indicativo com valor de imperativo, v. Júlio Moreira, *Estudos da língua portuguesa*, II, 13. *Vai a*, hoje se dispensaria a preposição. V. 2 — *Subentenda-se com*. V. 6 — *Soberano*, dominante. V. 7 — *E (a) mulher*.

Est. XV, v. 7 — *Naturais*, isto é, que a natureza lhe deu, não adoptados de outrem. Hoje o qualificativo tem outro sentido. V. 8 — *Que*, v. c. II, 43, 2.

Est. XVI, v. 1 — *Vês*, v. est. XIV, v. 1. V. 2 — *Dá*, cai. V. 3 — *Tem preso*, composto pelo simples. *Descercada*, idem. Vocábulo bem formado ma sdesusado. V. 5 — *Vê*, v. est. XIV, v. 1. V. 7 — *Lhe*, plural.

Est. XVII, v. 4 — *Maura*, moura (latinismo). V. 7 — *Felice*, latinismo.

Est. XVIII, v. 6 — Subentenda-se *olha*. V. 8 — *Germanos*, v. c. III, 88.

Est. XIX, v. 3 — *De antes*, dantes. V. 4 — *Mafamede*, Maomé. *Enresta*, enrista. V. 5 — *Teotônio prior*, v. c. VII, 11, 3. V. 7 — *Primeira*, o adjectivo pelo advérbio (latinismo).

Est. XX, v. 1 — *Vê*, v. est. XIV, v. 1 V. 3 — *Vandália*, Andaluzia. *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 3 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4. *Alferes*, no primitivo sentido de *porta-bandeira*. V. 4 — *Hispálico*, de *His-pale* (Sevilha).

Est. XXI, v. 3 — *Onde*, com o que, v. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 236, b).

Est. XXII, v. 2 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Abrantes vila*, v. c. VII, 11, 3. V. 6 — *Duros*, cruéis.

Est. XXIII, v. 4 — *Torna*, transforma. *Bago*, báculo (forma popular); não é o masculino de *baga*. V. 5 — *Inteiro*, decidido, confiante. V. 7 — *Que*, refere-se a *sinal*. *No céu*, prolepse.

Est. XXIV, v. 2 — *Rotos*, derrotados. *De espaço*, devagar (cfr. o espanhol *despacio*). V. 4 — *De Deus*, v. c. I, 4, 4. *De humano braço*, idem. V. 5 — *Alcácere*, hoje se usa a forma apocopada.

Est. XXV, v. 1 — *Um mestre*; prolepse. *Ponha-se depois de como*. V. 6 — *A' escala vista*, com escada à mostra, a descoberto (v. Rui Barbosa, *Réplica*, § 177).

à mostra, a descoberto (v. Rui Barbosa, *Réplica*, § 177).

Est. XXVI, v. — *Bélica*, latinismo. V. 2 —

*Ingente*, latinismo. V. 3 — *Paio*, nome que aparece ainda no sobrenome *Sampaio* (São Paio). V. 7 — *Torneos*, sem *i*.

Est. XXVII, v. 2 — *Preço*, prémio (cfr. o francês *prix*). *Sós*, pelo advérbio. *Levaram*, ganhar (cfr. *levar a palma*). V. 7 — *Nomea*, sem *i*.

Est. XXVIII, v. 5 — *No*, v. c. II, 43, 4. V. 8 — *Natural*, patricio.

Est. XXIX, v. 2 — *De Deus, de santa estrêla*, v. c. I, 4, 4. V. 3 — *Impossibil*, latinismo. V. 4 — *Ingente*, latinismo. V. 6 — *Estrago*, no sentido etimológico de *destruição*. V. 7 — *Assim*, tão (cfr. o francês *aussi*). V. 8 — *E (o) Guadiana*.

Est. XXX, v. 4 — *Trina*, tríplice (latinismo v. 5 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Porque*, final.

Est. XXXI, v. 2 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 5 — *Possança*, v. c. VII, 20. V. 6 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4. V. 7 — *Lhe*, colocação hoje desusada. V. 8 — *Pois*, na verdade. Adversativa (Epifânio).

Est. XXXII, v. 4 — *Arreia*, orna, gloria. V. 6 — Subentenda-se *chamemos*. *Rodeia*, rodear. V. 8 — *Aluno*, latinismo.

Est. XXXIII, v. 1 — *Na mesma guerra*, prolepse; coloque-se depois de *ganha*. V. 6 — *Por*, para.

Est. XXXIV, v. 1 — *Como*, modo por que. V. 3 — *Estraga*, arruina.

Est. XXXV, v. 4 — *Pelos tomar*, para tomá-los.

Est. XXXVI, v. 1 — *Antigamente*, prolepse; coloque-se depois de *que*. V. 3 — *Tempo* (em)

que. V. 5 — *Vencimentos*, vitórias. V. 8 — *Amostramos*, forma protetica hoje popular sómente.

Est. XXXVII, v. 2 — *Progênie*, latinismo. *Joane*, latinismo. V. 4 — *Germânia*, Alemanha (cfr. o inglês *Germany* e o italiano *Germania*). V. c. I, 2, 4. V. 7 — *Ceita*, v. c. IV, 34, 4. *Maura*, moura (latinismo). V. 8 — *Entrando*, transitivo directo.

Est. XXXVIII, v. 6 — *Alcácere*, forma hoje apocopada. *Ingente*, latinismo.

Est. XXXIX, v. 5 — *Subentenda-se E' por*. V. 8 — *Gostos*, prazeres.

Est. XL, v. 4 — *Descende*, subentenda-se *dêles*. V. 6 — *Dêles*, adjunto atributivo pleonástico, que aparece porque *dos trabalhos* ficou muito afastado. V. 7 — *Menores*, descendentes, autônimo de *maiores*, antepassados (latinismo).

Est. XLI, v. 3 — *Subentenda-se é por*. V. 5 — *Estes*, *prolepse*; coloque-se depois de *ver*. V. 6 — *Vãs*, falsas (Epifânio). Afrânio Peixoto interpreta: achando que a representação da arte ou da ficção lhes (aos parentes) não seja conveniente (*Revista de Filologia Portuguesa*, XII, 212). V. 7 — *Contrário*, inimigo.

Est. XLII, v. 3 — *Altos*, dignos. V. 6 — *Clarifica*, torna ilustre.

Est. XLIII, v. 2 — *Vária*, de várias côres.

Est. CLIV, v. 2 — *Alâmpada*, lâmpada. V. 6 — *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 8 — *Lassos*, v. c. I, 29, 7.

Est. XLV, v. 1 — *Entretanto*, nêsse interim. V. 5 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Ignota*, latinismo.

Est. XLVI, v. 2 — *De como*, do modo por que.

Est. XLVII, 2 — *Mafamede*, Maomé. V. 3 — *Remoto*, removido (latinismo). V. 5 — *Noto*, latinismo. V. 8 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. XLVIII, v. 2 — *Se aparelha pelo imigo*, v. c. I, 52, 4. *Imigo*, v. c. II, 59, 4. V. 4 — *Esteis*, forma arcaica de *estejais* (cfr. o esp. *estéis*). V. 5 — *Asinha*, depressa. V. 7 — *Usado*, costumado.

Est. XLIX, v. 1 — *Torna*, retruca. V. 2 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 4 — *Fôreis*, sérieis. V. 5 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2. V. 6 — *Saberás*, com valor de imperativo. V. 6-7 — *Chegados são*, v. c. I, 76, 1.

Est. L, v. 3 — *Sai*, dissilabo por diérese.

Est. LI, v. 1 — *Ele e o sono se despede*, concordância verbal hoje inaceitável. V. 4 — *Labrando*, actuando. V. 5 — *Tanto que*, logo que. V. 6 — *Mostrara*, mais que perfeito pelo perfeito.

Est. LIII, v. 7 — *Piráticas*, latinismo.

Est. LIV, v. 1-2 — *Deve de*, regência admissível hoje em caso de dúvida. V. 5 — *Estê*, forma arcaica de *esteja* (cfr. o espanhol *estés*). *Superna*, latinismo. V. 8 — *Do que* (a que), haplologia sintáctica (v. Mário Barreto, *De Gramática e de Linguagem*, II, 81).

Est. LV, v. 8 — *Em só Deus pronta*, só adjectivo; hoje se diria *só pronta em Deus*, com o advérbio modificando o objectivo *pronta*.

Est. LVI, v. 3 — *Das*, v. c. I, 4, 4. V. 5-7 — *Prende a*, regência hoje desusada.

Est. LVIII, v. 2 — *Porque*, final. *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 3 — *Da*, v. c. I, 4, 4. *Malina*, v. c. I, 22, 1. V. 5 — *Indina*, v. c. I, 22, 1.

Est. LIX, v. 1 — *Baixo*, vil. V. 8 — *Comete*, propõe.

Est. LXI, v. 2 — *Que*, pleonástico. V. 5 — *Ultima*, longínqua (latinismo). *Alongada*, afastada (arcaísmo). V. 7 — *Cometer*, empreender.

Est. LXII, v. 3 — *Valerosos*, v. c. I, 2, 5. V. 4 — *Incógnita*, latinismo. *Altos*, de alto preço. V. 6 — *Altos*, ilustres. V. 7 — *E'*, no singular, apesar de o sujeito ser *palavras* (atracção do predicativo).

Est. LXIII, v. 2 — *Alta sorte*, condição elevada. V. 5 — *Usados*, acostumados. V. 7 — *Por*, para.

Est. LXIV, v. 2 — *Insídias*, latinismo. V. 7 — *Influia*, inspirava.

Est. LXV, v. 3 — *Nequícia*, latinismo. V. 5 — *Viera*, viesse. *Inimicicia*, latinismo. V. 8 — *Conceberas*, conceberias.

Est. LXVII, v. 2 — *Undivago*, latinismo. V. 3 — *Me*, partícula de espontaneidade. V. 4 — *Incógnito*, latinismo. V. 6 — *Exp'rimentado*, forma sincopada.

Est. LXVIII, v. 3 — *Construa-se: não vim achar mais que...* V. 4 — *Natura*, latinismo. V. 6 — *Torne*, volte. *E* (meu) *reino*. V. 8 — *Que*, final. — *Tornada*, volta.

Est. LXIX, v. 2 — *Ultima*, afastada (latinismo). V. 4 — *Possibil*, latinismo. V. 5 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 8 — *Fortaleza*, força.

Est. LXX, v. 2-3 — *Propuseram de*, regência desusada. V. 6-7 — *Pretenderam de*, regência desusada.

Est. LXXI, v. 1 — *Claro*, illustre (latinismo). V. 3 — *Por*, para. *Deitar*, expulsar.

Est. LXXII, v. 4 — *Proseguiram*, transitivo directo. V. 5 — *A'frica*, v. c. I, 2, 4. V. 5 — *Flamas*, latinismo. V. 7 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Os trópicos*, sujeito.

Est. LXXIII, v. 5 — *Estanho*, agua (estagnada), mares (latinismo, cfr. Virgílio, *Eneida*, I, 126). V. 6 — *Horrífica*, latinismo.

Est. LXXIV, v. 6 — *Fero*, v. c. I, 12, 1. V. 7 — *Madre*, título de respeito, análogo ao de *pádre*, aplicado a deuses. *Inico*, iniquo.

Est. LXXV, v. 1 — *Assim que*, de modo que *Grão* (feminino), v. c. I, 73, 1. V. 2 — *Qual*, aquilo que. *Dobrada*, cheia de dobras, de falsidades, falsa. V. 4 — *Impidas*, forma arcaica de *impeças*. *Tornada*, volta. V. 5 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LXXVI, v. 3 — *Certa*, v. c. I, 24, 6. V. 6 — *Grão*, (feminino), v. c. I, 73, 1. V. 7 — *Começa de*, regência que hoje não é da língua viva.

Est. LXXVII, v. 4 — *Co' o capitão, co' o mau-ro engano*, objecto indirecto. *Mauro*, mouro, (latinismo). V. 6 — *Algum*, qualquer. V. 7 — *Fazenda*, v. c. II, 80, 4.

Est. LXXVIII, v. 1 — *Fazenda*, v. c. II, 80, 4. V. 2 — *Faleça*, falte. V. 4 — *Donde*, onde (como em espanhol). V. 6 — *Se*, v. c. I, 41, 6. *Onde*, o lugar em que.

Est. LXXIX, v. 5 — *Porque*, para que. V. 6 — Subentenda-se *tão* antes de *longe*. V. 7 — *Onde*, para um lugar em que.

Est. LXXX, v. 3 — *Crástina*, latinismo. V. 6 — *Consentisse*, concordasse. V. 7 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 8 — *Até'li*, até ali.

Est. LXXXI, v. 2 — *Corruptos*, latinismo. V. 3 — *Por quem se governavam*, v. c. I, 52, 4. V. 8 — *Delira*, latinismo no sentido etimológico de *desviar-se*.

Est. LXXXII, v. 1 — *Requere*, forma hoje apocopada no Brasil. V. 2 — *Val*, vale. V. 6 — *Fazenda*, v. c. II, 80, 4. V. 7 — *Tem mandado*, hoje se empregaria o tempo simples.

Est. LXXXIII, v. 8 — *Porque*, final. *Tornasse*, voltasse.

Est. LXXXIV, v. 1 — *Torne*, volte. V. 3 — *Porque*, final. V. 4 — *Eoa*, oriental (latinismo). V. 5 — *Defende*, proíbe (cfr. o francês *défendre*).

Est. LXXXV, v. 2 — *Idolatra*, v. c. VII, 73, 1. V. 3 — *Chegar*, infinito impessoal apesar do sujeito *as naus*; pode-se também considerar *mandasse chegar* uma locução verbal, sendo *as naus* objecto directo. V. 4 — *Porque*, final. *Tornasse*, voltasse. V. 6 — *Alargasse*, se pusesse ao largo. A *consecutio temporum* talvez o presente. V. 7 — *Fido*, latinismo.

Est. LXXXVI, v. 3 — *Porque*, final. V. 7 — *Desse*, calhasse.

Est. LXXVII, v. 1 — *Reflexo*, latinismo. V.

3 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Da*, idem. V. 8 — *Dessossegado*, hoje *desassossegado*.

Est. LXXXVIII, v. 3 — *Coelho*, prolepse; coloque-se depois de *se*. V. 6 — *Se*, v. c. I, 41, 6. *Tornasse*, voltasse. V. 7 — *Subentenda-se caso* no começo. *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 8 — *Feros*, v. c. I, 12, 1.

Est. LXXXIX, v. 6 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4.

Est. XC, v. 3 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Nada*, com valor adverbial (*absolutamente*).

Est. XCI, v. 2-3 — *Ordena de*, regência antiquada. V. 3 — *Se*, v. c. I, 41, 6. *Tornar*, voltar. V. 4 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Comete*, propõe. V. 7 — *Asinha*, depressa (arcaísmo).

Est. XCII, v. 1 — *Fazenda*, mercadoria, v. c. II, 80, 4. V. 2 — *Vendibil*, latinismo. *Para terra*, metalepse; coloque-se depois de *vir*. V. 6 — *Que*, refere-se a *propósitos*. V. 8 — *Fazenda*, v. verso primeiro.

Est. XCIII, v. 4 — (Em) *que*. V. 4 — *Onde*, em lugar em que. *Imigo*, v. c. II, 59, 4. V. 7 — *Mandasse*, a *consecutio temporum* exigiria o presente. V. 8 — *Fazenda*, mercadoria (V. c. II, 80, 4). *Resgatasse*, v. o verso anterior.

Est. XCIV, v. 1 — *Fazenda*, mercadoria, v. c. II, 80, 4. *Aonde*, onde. V. 4 — *Que*, relativo com valor final (latinismo). *Pudessem*, a *consecutio temporum* exigiria o presente. *Val*, forma antiquada. V. 8 — *Fazenda*, v. o primeiro verso.

Est. XCV, v. 3 — Haplologia sintáctica: *Do que* (o que) *lhe vinha*. V. 4 — *Ele vendo*, colocação hoje acoimada de galicismo por *vir* o sujei-

to antes do gerúndio. V. 6 — *Tornar*, voltar. *Porque*, final. V. 7 — *Sendo chegado*, v. c. I, 76, 1. V. 8 — *Se*, v. c. III, 30, 3.

Est. XCVI, v. 1 — *Se*, v. c. III, 30, 3. V. 7 — *Imiga*, v. c. II, 59, 4. V. 8 — *Do dinheiro*, adjunto de *sêde* e não de *imiga*.

Est. XCVII, v. 1 — *Treicio*, latinismo. V. 2 — *Por*, para. Grão, v. c. I, 73, 1. V. 8 — *Do qual*, refere-se a *ouro*, v. c. I, 4, 4.

Est. XCVIII, v. 1 — *Este*, indefinido distributivo. *Rende*, hoje só usado pronominalmente. V. 3 — *Este*, v. o verso primeiro. *A mais nobres*, v. c. III, 89, 7. V. 5 — *Este*, v. o primeiro verso. *Alguns*, v. 7 — *Este*, v. o primeiro verso.

Est. XCIX, v. 1 — *Este*, v. o primeiro verso da estância anterior. *Mais que*, com valor de locução adverbial. V. 2 — *Este*, v. o primeiro verso. V. 4 — *Até os*, prolepse, coloque-se junto de *corrompe*. V. 8 — *Côr*, aspecto.

---



## CANTO IX

Est. I, 2 — *Fazenda*, mercadoria, v. c. II, 80, 4. *Feitores*, encarregados da venda. V. 6 — *Era*, no singular com o sujeito composto *propósito e vontade*.

Est. II, v. 1 — *Seio*, golfo. V. 2 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Que*, refere-se a nome. V. 5 — *Nomeada*, afamada. V. 6 — *Cidade Meca*, v. c. II, 73, 2.

Est. III, v. 1 — *Aonde*, onde. V. 2 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4. V. 4 — *Soldão*, sultão.

Est. IV, v. 2 — *Que*, relativo com valor final (latinismo). V. 4 — *Flamas*, chamas. V. 8 — *Da famosa Meca*, adjunto atributivo de *naus* e não circunstancial de *chegassem*.

Est. V, v. 1 — *E* (das) *gentes*. V. 5 — *Influiu*, inspirou.

Est. VI, v. 1 — *Se*, colocação hoje desusada. V. 4 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 7-8 — *Se ordena pela malina gente sarracena*, v. c. I, 52, 4. *Malina*, v. c. I, 22, 1.

Est. VII, v. 3 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *De*, idem. V. 8 — *Apercebido*, preparado.

Est. VIII, v. 5 — *Feitores*, v. est. I, 2. V. 6

— *Se*, v. c. I, 41, 6. *Tornem*, voltem. *Porque*, final. V. 7 — *Impida*, forma arcaica de *impeça*.

Est. IX, v. 1 — *Porém*, iniciando o período. V. 2 — *Não*, v. c. II, 19, 7. V. 3 — *Feitores*, v. est. I, 2. V. 4 — *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 5 — *Esta forma penetrando*, construção hoje acoimada de galicismo.

Est. X, v. 4 — *Estão*, a *consecutio temporum* exigiria *estava* ou *estariam*.

Est. XI, v. 4 — *Levava*, levantava. *Se levava*, levantava ferros. V. 7 — *Aqueixam*, forma protética hoje desusada.

Est. XII, v. 1 — *Feitores*, v. est. I, 2. V. 2 — *Fazenda*, mercadoria, v. c. II, 80, 4. V. 3 — *Apesar de*, contra a vontade de. *Imigos*, v. c. II, 59, 4. V. 5 — *Porque*, final. *Torne*, restitua. V. 7 — *Que*, haplologia sintáctica. Complete-se: *o capitão recebe os presos de mente melhor que (aquela com que recebe) as desculpas. Tornando*, restituindo. V. 8 — *Se*, v. c. I, 41, 6.

Est. XIII, v. 1 — *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 4 — *Por*, para. V. 7 — *Torna*, volta. V. 8 — *Certos*, v. c. I, 24, 6.

Est. XIV, v. 3 — *Feitores*, v. est. I, 2. *Tornou*, restituiu. V. 6 — *Clara*, ilustre (latinismo).

Est. XV, v. 1 — *Houvera*, obtivera. V. 3 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *No livro de Cristo*, prolepse; coloque-se depois de *escreva*.

Est. XVI, v. 3 — *Tinha posta*, composto por simples. V. c. I, 29, 1. V. 4 — *Austrina*, latinismo. V. 7 — *Cometendo*, afrontando. *Medos*, perigos.

Est. XVII, v. 5 — *Lograr*, gozar.

Est. XVIII, v. 1 — *Porém*, iniciando o período. V. 1-2 — *Ordenada era*, passivo hoje inaceitável. V. 3 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Lhe*, plural.

Est. XIX, v. 3-4 — *Pelo deus se causaram*, v. c. I, 52, 4. V. 4 — *Nas Tebas*, plural em nome de cidade (cfr. *Atenas, Veios*). V. 7 — *Lhe*, plural.

Est. XX, v. 2 — *Lassa*, v. c. I, 29, 7. V. 6 — *Potestade*, latinismo. V. 7 — *Descer*, impessoal. V. 8 — *Subir*, idem.

Est. XXI, v. 1 — *Isto revolvido*, construção acoimada hoje de galicismo, aparecendo aliás em expressões consagradas, como *isto pôsto*. V. 1-2 — *Determina de*, regência antiquada. V. 2 — *Lhe*, plural. V. 3 — *Insula*, latinismo. V. 4 — *Arreio*, enfeite. v. 6 — *Terreno*, terrestre. V. 7 — *Afora*, fora.

Est. XXII, v. 2 — *Barões*, v. c. I, 1, 1. V. 5 — *Coreias*, bailados; hoje é o nome de uma moléstia. V. 6 — *Influirá*, inspirará. V. 7-8 — *Trabalharem de*, regência desusada,

Est. XXIII, v. 6 — *Fero*, v. c. I, 12, 1.

Est. XXIV, v. 3 — *Já*, antigamente (cfr. o italiano *già*).

Est. XXV, v. 2 — *Frecheiro*, o que usava de frechas na caça. V. 5 — *Porque*, final.

Est. XXVI, v. 3 — *Por*, para. *Fero*, v. c. I, 12, 1. V. 7 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 8 — *Dêsses cães*, v. c. I, 4, 4.

Est. XXIX, v. 5 — *Ministros*, serviçais (latinismo). *Porque*, final.

Est. XXX, v. 4 — *Delgaçando*, hoje se usa a forma protética *adelgaçando*. V. 8 — *Soada*, hoje se diria *toada*.

Est. XXXI, v. 4 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 7 — *Flama*, latinismo. V. 8 — *Consume*, sem metafofia.

Est. XXXII, v. 2 — *Ruda*, v. I, 5, 2. V. 3 — *Crebros*, latinismo. V. 4 — *Da*, v. c. I, 4, 4; prende-se a *feridos*. V. 6 — *Mal*, advérbio de intensidade (*muito*) e não de modo, v. Rui Barbosa, *Réplica*, pg. 144. V. 8 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XXXIII, v. 8 — *Acertam de*, regênêcia antiga.

Est. XXXIV, v. 2 — *Tirando*, atirando. V. 8 — *Assíria*, *Judea*, v. c. I, 2, 4.

Est. XXXV, v. 3 — *Rudos*, v. c. I, 5, 2. V. 7 — *Indino*, v. c. I, 22, 1.

Est. XXXVI, v. 5 — *Frecheiro*, v. est. 25, 2.

Est. XXXVII, v. 1 — *Porque*, final. V. 6 — *Tu... a socorrer-me à tua potestade me traz especial necessidade*, anacoluto. V. 7 — *Potestade*, latinismo.

Est. XXXVIII, v. 2 — *Que*, referindo-se à idea de *lusitanos*, contida no adjectivo *lusitánicas*, do primeiro verso, v. Sousa da Silveira, *Trechos Selectos*, pg. 325. *Favoreço*, transitivo directo, cfr. I, 44, 4.

Est. XXXIX, v. 1 — *Das*, v. c. I, 4, 4. *Insídias*, latinismo. V. 3 — *Das*, v. c. I, 4, 4. *Sós*, hoje se empregaria o advérbio. *Undoso*, latinis-

mo. V. 5 — *No mesmo mar*, prolepse; coloque-se depois de *repousados*. V. 7 — *Tornando*, retribuinto, concedendo. V. 8 — *Clara*, illustre (latinismo).

Est. XL, v. 2 — *Ponto*, mar, cfr. a locução *Ponto Euxino*, o nome *Helesponto*, as *Pónticas*. V. 4 — *Vem de descobrir*, voltam de descobrir; neste emprêgo não é galicismo a locução *vir de*. V. 7 — *Aparelhada*, v. c. I, 29, 1.

Est. XLI, v. 7 — *Lhe*, plural.

Est. XLII, v. 2 — *Progênie*, latinismo. V. 3 — *Malino*, v. c. I, 22, 1. V. 5 — *Porque*, final. *Adamantino*, de aço, cfr. c. I, 37, 1. V. 6 — *Val*, vale.

Est. XLIII, v. 1 — *Inico*, iníquo. V. 2 — *Aperabe*, prepara. V. 5 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. *Juntar e impudico a ledô*. V. 6 — *Dentro no*, v. c. II, 14, 8.

Est. XLIV, v. 2 — *Terceira*, intermediária. V. 3 — *E'*, indicativo com a concessiva. V. 5 — *Gigantea*, gigantesca. V. 6 — *Jactante*, latinismo.

Est. XLV, v. 2 — *Que*, final. V. 8 — *Junte-se Credulidade a deusa*.

Est. XLVI, v. 2-3 — *Indignados foram por Baco*; o verbo *indignar* é habitualmente reflexo. V. 8 — *Fortaleza*, fôrça, valentia.

Est. XLVII, v. 1 — *Fero*, v. c. I, 12, 1. V. 2 — *Tiros*, hoje é de arma de fogo (cfr. est. 34, 1). V. 7 — *Caï*, dissilabo por diérese, v. Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg. 35. *Qualquer*, cada um.

Est. XLVIII, v. 1 — *Lũa*, forma ainda hoje dialectal, rimando *nenhũa* (e não *nenhuma*) e com *algũa* (e não *alguma*). V. Diez, *Gram. das linguas românicas*, I, 202. V. 6 — *Equóreos*, latinismo. V. 7 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. XLIX, v. 1 — *Cerúleos*, latinismo. V. 5 — *Reciproco*, curioso emprêgo dêste adjectivo. V. 6 — *Flama*, latinismo. V. 8 — *Lhe*, colocação hoje desusada. V. 7 — *Forçado*, forçoso.

Est. L, v. 3 — *Coreias*, v. est. 22, 5. *Usança*, uso. V. 5 — *Lhe*, plural. V. 7 — *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. LI, v. 2 — *Ingente*, latinismo. V. 6 — *Houveram*, tiveram (sentido etimológico). V. 4 — *Onde*, o lugar em que. V. 5 — *Porque*, final. V. 7 — *Onde*, o lugar em que.

Est. LIII, v. 1 — *Imóbil*, latinismo. V. 2 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 3 — *Tanto que*, logo que. V. 4 — *Usada*, habituada. V. 7 — *Area*, sem i.

Est. LV, *Como que*, como se. V. 6 — *Afeitar*, enfeitar, v. *Revista de Filologia Portuguesa*, XII, 214.

Est. LVII, v. 2 — *Fronidente*, coma, latinismos. V. 4 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Cipariso*, cipreste (latinismo). V. 8 — *Onde*, o lugar em que.

Est. LVIII, v. 1 — *Natura*, latinismo. V. 2 — *Produze*, forma antiga não apocopada. V. 7 — *Pátria*, adjectivo modificador de *Pérsia*. V. 8 — *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. LIX, v. 4 — *Roxos*, v. c. I, 28, 4. V. 8 — *Inicos*, iníquos.

Est. LX, v. 3 — *Dina*, v. c. I, 22, 1. V. 6 —

*Sóbolo*, sôbre o, combinação arcaica *sober lo*, com troca do *e* em *o* por influência da labial e assimilação do *r* ao *l* (Nunes, *Gram. Hist.*, 361, Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, 61, nota). V. 7 — *Ciniras*, paroxítono em desacôrdo com a acentuação latina, v. Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, 97). V. 8 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LXI, v. 6 — *Violas*, violetas (latinismo). V. 7 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4. V. 8 — *Reluze*, forma antiga, não apocopada.

Est. LXII, v. 1 — *Das*, v. c. I, 4, 4. V. 2 — *Rociada*, orvalhada; o verbo e o substantivo estão fora de uso no Brasil. V. 4 — *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXIII, v. 2 — *Filomela*, o rouxinol. V. 4 — *Acteon*, o veado. V. 5 — *Fugace*, latinismo.

Est. LXIV, v. 1 — *Tal*, v. c. III, 102, 8. V. 3 — *Onde*, num lugar em que. V. 6 — *Frautas*, v. c. I, 5, 2. V. 7 — *Se*, v. III, 30, 3.

Est. LXV, v. 1 — *Experta*, experimentada (latinismo). No *lho* se contém um *o* que é objecto directo pleonásticamente antecipado. V. 3 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. *Incerta*, predicativo. *Barões*, v. c. I, 1, 1. V. 7 — *Posta*, deposta, v. Sousa da Silveira, *Fábulas de Fedro*, pg. 19.

Est. LXVI, v. 4 — *Desejosos*, concordando com *êêles* e não com *nenhum*. *Acharem*, idem. V. 7 — *Benina*, v. c. I, 22, 1. V. 8 — *Ferida*, v. c. I, 29, 1.

Est. LXVII, v. 1 — *Nas*, podia dispensar o artigo, em confronto com *em*.

Est. LXVIII, v. 1 — *Começam de*, regência antiquada. V. 3 — *Côres*, repetição que não se analisa logicamente. *Quem*, não se referindo a pessoa. V. 5 — *E (da) seda*.

Est. LXIX, v. 3 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 4 — *Sagrada*, consagrada. V. 5 — *Esprito*, forma sincopada hoje popular.

Est. LXX, v. 3 — *Isto dito*, construção hoje considerada galicismo (sujeito antes do particípio nas orações reduzidas). *Veloces*, latinismos. *Veloces mais*, colocação do advérbio, possível em poesia. V. 8 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. *Alcançando*, Maximino Maciel, *Gram. Descritiva*, pg. 367, considera um particípio presente latente-mente passivo.

Est. LXXI, v. 1 — *Empecendo*, tropeçando, achando empecilho. V. 4 — *Como que... esperavam*, como se... esperassem.

Est. LXXIII, v. 4 — *Por*, para. V. 5 — *Tal*, João Ribeiro, *Gram. Port.*, pg. 172, considera distributivo apesar de não vir repetido. V. 6 — *Mora*, latinismo usado na linguagem jurídica (*juros da mora*). V. 7 — *Há*, no sentido etimológico de *ter*. *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LXXIV, v. 1 — *Ardido*, ousado (cfr. o francês *hardi*). V. 2 — *Usado*, acostumado. V. 8 *Remete*, se arremete.

Est. LXXV, v. 3 — *Um só*, só um (v. *Revista de Filologia Portuguesa*, n. XII, pg. ...). V. 4 — *Dêle*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Não (digo) que*, cfr. ... V. 51, 5. V. 8 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LXXVI, v. 1 — *Corria*, corresse. V. 2 — *Efire*, paroxítono em desacordo com a prosódia latina, v. Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg. 97. V. 4 — *Eu*, predicativo. *O*, sujeito. *Sigo* em vez de *seguia* e concordando com *eu* e não com a terceira pessoa, como se admitia na syntaxe antiga. V. 5 — *Tem dito*, disse. V. 7 — *Na*, v. c. II, 43, 4. V. 8 — *Me*, objecto indirecto.

Est. LXXVIII, v. 2 — *Porque*, final. V. 3 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LXXXI, v. 1-2 — *Nesta esperança... que*, na esperança de que. V. 2 — *Ou*, sem valor de correctivo internacional. V. 3 — *Ou*, idem. *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 8 — *Esperas, espere*, o verbo *esperar* nos seus dois sentidos (cfr. o fr. *attendre* e *espérer*, o italiano *aspettare* e *sperare*).

Est. LXXXII, v. 2 — *Por*, para. V. 3 — *Por*, para.

Est. LXXXIII, v. 7 — *Exp'riméntá(r)*, forma sincopada hoje popular. V. 8 — Idem.

Est. LXXXIV, v. 3 — *Capelas*, grinaldas. V. 6 — *Estipulantes*, latinismo. V. 7 — *Se*, objecto indirecto.

Est. LXXXV, v. 4 — *Gesto*, v. c. I, 5, 4. *Pa-rece*, mostra.

Est. LXXXVI, v. 4 — *Influência*, influência, inspiração. *Imóbil*, latinismo. V. 8 — *Só*, refere-se a *nação* e não a *o que*.

Est. LXXXVII, v. 3 — *ũa*, por exigência da métrica. *Fábrica*, construcção. V. 6 — *Contino*, continuo. V. 7 — *Logra*, goza. V. 8 — *Subentenda-se logram os seus*.

Est. LXXXVIII, v. 1 — *Companhia*, no singular embora se refira distintamente aos dois adjectivos e venha depois deles, a construção seria *a formosa companhia e a forte*. V. 3 — *Alma*, adjectivo: que faz viver (latinismo). *Incógnita*, latinismo. V. 7 — *Merecido*, refere-se a *prêmio*. V. 8 — *Subido*, notável.

Est. LXXXIX, v. 1-3 — *As ninfas, Tétis e a ilha não é outra coisa*, concordância com o sujeito mais próximo, subentendendo-se com os mais (v. João Ribeiro, *Gramática Portuguesa*, pg. 203, Mário Barreto, *Novos Estudos*, pg. 201). *Que*, comparativa. V. 8 — *Estes*, predicativo resumindo as palavras constantes do sexto verso e do sétimo.

Est. XC, v. 1 — *Que*, comparativo, preso a *outra coisa*, no verso terceiro da estança anterior. *Imortalidades*, plural de substantivo abstracto. V. 3 — *Estelante*, latinismo. *Quem*, não aplicado a pessoa. V. 4 — *Sobre as*, sem sinizese. V. 5 — *Valerosas*, v. c. I, 2, 5.

Est. XCI, v. 3 — *Barões*, v. c. I, 1, 1. V. 4 — *Sendo*, ainda que fôsem.

Est. XCII, v. 4 — *Magnos*, v. c. IV, 32, 8. V. 6 — *Tamanhos*, adjectivo: *tão grandes*, (quanto êles). V. 7 — *Ignavo*, latinismo.

Est. XCIII, v. 4 — *Urgente*, que oprime (latinismo).

Est. XCIV, v. 4 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4. V. 6 — Subentenda-se *terá* depois de *nenhum*.

Est. XCV, v. 1 — *Claro*, ilustre (latinismo).  
V. 2 — *Agora*, disjuntiva. V. 3 — *Idem*. V. 5 —  
*Impossibilidades*, plural de substantivo abstra-  
cto. V. 6 — *Numerados*, contados. V. 7 — *Escla-  
recidos*, ilustres. V. 8 — *De*, v. c. I, 4, 4.

---



## CANTO X

Est. I, V. 1 — *Claro*, ilustre (latinismo). V. 3 — *Rodea*, sem *i*. V. 4 — *Fim*, confins (latinismo). V. 5 — *Enfrea*, sem *i*. V. 8 — *Calma*, v. c. IV, 104, 6.

Est. II, v. 4 — *Ornados*, refere-se a *paços*. V. 5 — *Da*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *Altos*, raros. V. 7 — *Aparelhadas*, v. c. I, 29, 1.

Est. III, v. 2 — *Dois e dois*, dois a dois. V. 3 — *Noutras* (cadeiras) *de ouro finas*, V. c. I, 67, 6. V. 4 — *Claro*, ilustre (latinismo). V. 6 — *Quem*, não aplicado a pessoa.

Est. IV, v. 3 — *Ambrósia*, com a acentuação latina (cfr. *Ambrósio*). V. 4 — *Sempiterno*, latinismo.

Est. V, v. 2 — *Argutos*, latinismo. V. 3 — *Alevantavam*, v. c. I, 3, 8. V. 4 — *Apetitos*, v. c. VI, 96. V. 6 — *Espiritos*, forma sincopada hoje popular. V. 8 — *Sirena*, sereia (latinismo).

Est. VI, v. 6 — *Ir*, infinito impessoal apesar de o sujeito ser diferente do de *faz*. V. 8 — *Adormecer*, idem.

Est. VII, v. 1 — *Subindo*, transitivo (*levan-*

tando). V. 2 — *Barões*, v. c. I, 1, 1. V. 4 — *Vão*, oco. *Rotundo*, latinismo.

Est. VIII, v. 3 — *Demodoco*, paroxítono, em desacôrdo com a prosódia latina (v. G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 149, Franco de Sá, *A Língua Portuguesa*, pg. 97). V. 6 — *Porque*, final. V. 7 — *Tornes*, restituas.

Est. IX, v. 6 — *E (do) eterno sono*. V. 7 — *Tu... dá*, sujeito claro e anteposto, com o verbo no imperativo. *Grão* (feminino), v. c. I, 73, 1.

Est. X, v. 6 — *Cerviz*, latinismo.

Est. XI, v. 3 — *Por*, para. V. 4 — *Barões*, v. c. I, 1, 1. V. 7 — *Destruir*, passivo. *Do*, v. c. I, 4, 4.

Est. XII, v. 4 — *Grão*, v. c. I, 73, 1.

Est. XIII, v. 1 — *Fins confins* (latinismo).

Est. XIV, v. 4 — *Todo o*, qualquer. V. 7 — *Imigas*, v. c. II, 59, 4.

Est. XV, v. 2 — *Grão*, v. c. I, 13, 1. V. 5 — *Cometerá*, acometerá. V. 8 — *Imotos*, latinismo.

Est. XVI, v. 1 — *Passos*, caminhos, passagens estreitas. V. 3 — *Lassos*, v. c. I, 29, 7. V. 6 — *Cometam*, acometam. V. 7 — *Passos*, v. o primeiro verso. V. 8 — *Noutro*, preposição *em* com adjunto circunstancial de lugar para onde, v. Rui Barbosa, *Réplica*, 217.

Est. XVII, v. 1 — *Porque*, final.

Est. XVIII, v. 1-2 — *Tornará... pelear*, pode admitir-se regência antiquada ou então prolação do *a* de *cantava*. V. 2 — *Invicto*, latinismo. V. 4 — *Mas contudo*, v. c. V, 69, 2. V. 8 — *Até li*, até ali. *Cometer*, acometer.

Est. XIX, v. 4 — *Braveza*, bravura. V. 5 — *Claro*, ilustre (latinismo). *Barão*, v. c. I, 1, 1. *Márcio*, guerreiro (latinismo).

Est. XX, v. 8 — *Coração*, v. c. IV, 36, 1.

Est. XXI, v. 2 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. *Dário*, cfr. c. III, 41, 5, v. G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 151. *Estruí*, destrói. V. 4 — *Passo*, desfiladeiro. *De*, das. V. 6 — *Tusco*, etrusco (latinismo). V. 7 — *Defensa*, defesa (latinismo). *Ou*, correlato a *nem* do quinto verso.

Est. XXII, v. 1 — *Passo*, momento. V. 2 — *Ronco*, rouco, cfr. o espanhol *ronco*.

Est. XXIII, v. 1-2 — *Assim... como*, tanto... como.

Est. XXIV, v. 3 — *De*, v. c. I, 4, d. *Ajace*, hoje *Ajax*.

Est. XXV, v. 1 — *Pagado*, recompensado; note-se a forma regular do particípio. V. 2 — *Inico*, iniquo. V. 3 — Pode subentender-se um particípio *inclinado*, *disposto* depois de *és*. V. 4 — O mesmo depois de *êle*. V. 6 — *Fico*, garanto. V. 7 — *Claro*, ilustre (latinismo).

Est. XXVII, v. 1 — *Arreia*, orna. V. 3 — *Seu*, concordando somente com *fogo*.

Est. XXVIII, v. 3 — *Sai*, dissílabo. V. 4 — *Fará pedaços*, despedaçará. V. 6 — *Capitaina*, capitânea. *Imiga*, v. c. II, 59, 4. *Dentro nela*, v. c. II, 14, 8.

Est. XXIX, v. 8 — *Egipto*, v. c. I, 2, 4 e cfr. est. 98, 4.

Est. XXX, v. 7 — *Espedaçado*, despedaçado.

Est. XXXI, v. 1 — *ũa*, v. . . . . V. *Inda*,

v. c. I, 8, 8. V. 4 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 6 — *Liara*, ligara (cfr. *aliar*, o francês *lier*). V. 8 — *Onde*, v. c. VII, 87.

Est. XXXII, v. 1 — *Da guerra turbulenta*, prende-se a *vai*. V. 5 — *O corpo... quem o ge-rou vingança já lhe ordena*, anacoluto. V. 5 — *Grão* (feminino), v. c. I, 73, 1. V. 7 — *Esperas*, antiga peça de artilharia, cfr. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, LVIII.

Est. XXXIII, v. 2 — *Antolhos*, desejos. V. 6 — *Giolhos*, v. c. II, 12, 3. V. 8 — *Podê-lo há... ver*, hoje se diria *poderá vê-lo*. *Gange*, v. c. III, 17, 1.

Est. XXXIV, v. 2 — *Crua*, cruel. *Tenta*, experimenta. V. 3 — *Ou* (duma) *alta faia*. V. 4 — *Exprimenta*, forma sincopada popular hoje. V. 5 — *Seio*, golfo. V. 8 — *Túmida*, latinismo.

Est. XXXV, v. 1 — *Fero*, v. c. I, 12, 1.

Est. XXXVI, v. 3 — *Ir*, infinito impessoal com o sujeito *braços e pernas*. V. 8 — *Flamas*, latinismo.

Est. XXXVII, v. 7 — *Esprito*, forma sincopada hoje popular. V. 8 — *Egipto*, v. est. 29, 8.

Est. XXXVIII, v. 2 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4. V. 3 — *Rudos*, v. c. I, 5, 2. V. 6 — *Nos*, v. c. II, 43, 4.

Est. XXXIX, v. 1 — *Que*, expletivo. V. 2 — *Alevantava*, v. c. I, 3, 8. V. 8 — *Afamam*, hoje só usado no participio passado.

Est. XL, v. 4 — *Refusam*, v. c. IV, 15. V. 6 — *Reciprocarse*, arcaísmo; infinito não fle-

xionado, com *setas* no plural. V. 7 — *Tirou*, atirou.

Est. XLI, v. 6 — *Cerviz*, latinismo. V. 7 — *Inico*, iníquo. V. 8 — *Perlas*, v. c. I, 23, 2.

Est. XLIII, v. 7 — *Luz*, dia (latinismo). *Dina*, v. c. I, 22, 1. V. 8 — *Juntar da egípcia santa Catarina a luz*.

Est. XLIV, v. 1 — *Poderás menos*, deixarás de, locução ainda existente no espanhol actual. V. 3 — *Grêmio*, seio (latinismo). V. 4 — *Nomeada*, afamada, cfr. o francês *renomée*. V. 6 — *Crises*, punhais malaios.

Est. XLV, v. 1 — *Cantara*, cantaria. *Sirena*, latinismo. V. 3 — *Alembrou*, forma protética só popular hoje. V. 6 — *Merque*, adquira; no Brasil o verbo está arcaizado (cfr. *mercado*). V. 8 *Inteiro*, íntegro, justo.

Est. XLVI, v. 1 — *Tempo (em) que*. V. 2 — *Frechas*, v. c. I, 5, 2. V. 3 — *Sazão*, estação (cfr. o francês *saison*). *Cruezas*, crueldades. V. 5 — *Selváticas*, selvagens (latinismo). *Brutezas*, brutalidades. V. 8 — *Desculpa*, no singular com sujeito composto.

Est. XLVII, v. 6 — *Cruenza*, crueldade. *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 8 — *Noda*, nódoa. *Alva* refere-se a fama.

Est. XLVIII, v. 3 — *Experimentado*, forma sincopada hoje só popular. V. 4 — *Urgente*, opressor. V. 6 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 7 — *Que*, refere-se a *Pantea*. V. 7 — *Prometia*, a harmonia com *sentiu* exigiria o perfeito.

Est. XLIX, v. 2 — *De*, v. c. I, 4, 4. *Defensa*,

defesa. V. 3 — *O*, *perdoar* está empregado como transitivo directo. V. 4 — *Dêle*, v. c. I, 4, 4. V. 5 — *Judita*, *Judite*. De *Judita* prende-se a *mari- do*. V. 6 — *Dispensa*, consente, permite, con- cede. V. 8 — *Flandes*, v. c. VI, 56, 8.

Est. L, v. 4 — *Roxas*, v. c. I, 28, 4. V. 5 — *Abominábil*, latinismo. V. 7-8 — *Se teme do*, re- flexividade e regência hoje desusadas (*teme o*).

Est. LI, v. 1 — *Taprobana*, v. c. I, 1, 4. V. 4 — *Cortiça*, casca (latinismo). V. 7 — *Erguera*, futuro do indicativo porque se refere a uma coisa certa. V. 8 — *Columbo*, *Colombo*. *Dos*, v. c. I, 4, 4.

Est. LII, v. 3 — *Arreas*, orgulhas; sem *i*. V. 4 — *Seres*, infinito flexionado apesar de o sujeito ser o mesmo de *arreas*. V. 5 — *Cheas*, sem *i*. V. 6 — *Pôrto Arquico*, v. c. II, 73, 2.

Est. LIII, v. 6 — *Serás tomado*, voltarás, v. c. I, 76, 1. *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. LIV, v. 1 — *Aquela*, indicando coisa sa- bida de todos, v. Sousa da Silveira, *Fábulas de Fedro*, pg. 46. V. 2 — *Quem*, não aplicado a pessoa. *Ninguém dos humnaos*, nenhum dos hu- manos. V. 4 — *E (dos) seus enganos*.

Est. LV, v. 3 — *Cometendo*, *acometendo*. V. 4 — *Comete*, *acomete*. V. 6 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4.

Est. LVI, v. 4 — *Tenhas*, *terás*.

Est. LVII, v. 2 — *Feitos*, v. c. I, 29, 1. V. 6 — *Passos*, passagens. V. 7 — *Tranqueiras*, trincheiras. V. 6-8 — *Abrolhos... tudo*, prole- pse; estas palavras prendem-se a *rompas e sub-*

*metas*. V. 8 — *Fico*, garanto. *Rompas*, romperás. *Submetas*, submeterás.

Est. LVIII — v. 3-4 — *Te farão vitupério nenhum*, modernamente se exigiria a negação *não* (cfr. a construção *inglesa*).

Est. LIX, v. 1 — *Mas contudo*, v. c. V, 69, 2. V. 3 — *Fero*, v. c. I, 12, 1, v. 4 — *Que* (mar). V. 7 — *Dêle*, v. c. I, 4, 4.

Est. LX, v. 1 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 3 — *Rota*, derrotada.

Est. LXI, v. 8 — *Tranqueira*, trincheira.

Est. LXII, v. 1 — *Trás*, atrás de. V. 2 — *Feros*, v. c. I, 12, 1. V. 3 — *Bélico*, latinismo. V. 5 — *Usado*, acostumado, usual. V. 6 — *Exprimenta*, exercita; forma sincopada só popular hoje. V. 8 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4.

Est. LXIII, 3 — Primeira referência à nossa terra; aparece outra mais adiante (est. 140). V. 4 — *Usado*, acostumado. V. 7 — *Primeiro*, adjectivo que serve de predicativo, v. c. IV, 83, 7. *Entra*, transitivo. V. 8 — *Frechas*, v. c. I, 5, 2. *Coberta*, v. c. I, 29, 1.

Est. LXIV, v. 1 — *Soberbissimo*, o superlativo regular e não o alatinado *superbissimo*. V. 2 — *Diu*, v. c. II, 50, 1. V. 3 — *Porque*, final. *Mogor*, por *Mogol*, hoje *mongol* com a contaminação da nasal inicial. V. 5-6 — *Irá a*, regência antiquada em português mas ainda actual no espanhol. V. 6 — *Não*, v. c. II, 19, 7.

Est. LXV, v. 1 — *Cidade Repelim*, v. c. II, 73, 2. V. 7 — *E* (do) *fogo*. V. 8 — *Márcio*, guerreiro (latinismo).

Est. LXVI, v. 1 — *Imigos*, v. c. II, 59, 4.  
 V. 2 — *Virá a*, regência que hoje tem outro significado. V. 7 — *E (de) corpos*. V. 8 — *E (de) trovões, de*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXVII, v. 8 — *Diu*, v. c. II, 50, 1.

Est. LXVIII, v. 1 — *Feroces*, latinismo. V. 3 — *Gestos*, v. c. I, 5, 4. V. 4 — *Feras*, v. c. I, 12, 1. V. 7-8 — *Juram de*, regência antiquada.

Est. LXIX, v. 2 — *Feros*, v. c. I, 12, 1. V. 3 — *Barões*, v. c. I, 1, 1.

Est. LXX, v. 4 — *Será subido*, passivo. V. 6 — *Impedido*, predicativo.

Est. LXXI, v. 4 — *Felice*, latinismo. V. 6 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. — *Esquadra*, esquadrão e não armada.

Est. LXXII, v. 3 — *Amedrenta*, forma arcaica igual à espanhola de hoje. V. 4 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. *Quadrupedante*, latinismo (cfr. *Virgílio; Eneida*, VIII, 596). V. 5 — *Sustenta*, defende. V. 6 — *Do braço triunfante*, objecto indirecto.

Est. LXXIII, v. 1 — *Barões*, v. c. I, 1, 1. *Partes*, predicados. V. 4 — *Lograr*, gozar. *Gostos*, prazeres.

Est. LXXIV, v. 6 — *Cónsona*, latinismo.

Est. LXXV, v. 7 — *Claro*, ilustre (latinismo). V. 8 — *Felice*, latinismo.

Est. LXXXVI, v. 1 — *Barão*, v. c. I, 1, 1. V. 4 — *Errados*, depoente (*que erram*).

Est. LXXVII, v. 1 — *Que*, temporal, v. Mário Barreto, *Estudos da língua portuguesa*, pg. 94. V. 5-6 — *Que... por éle*, pelo qual (anacoluto).

Est. LXXVIII, v. 3 — *Orbes*, latinismo. *Vêrga*, vara (do latim *virga*); *a divina vêrga* significa *o poder divino*. V. 5 — *Tem pôsto*, composto por simples. V. 5 — *Ora... agora*, disjuntivas, v. c. II, 108, 2; não deixa de ter um matiz de concessiva, como prova o emprêgo do subjuntivo. V. 8 — *Onde*, o lugar pelo qual.

Est. LXXIX, v. 2 — *Arquetipo*, paroxitono em desacôrdo com a prosódia latina. V. 2 — *Elemental*, como em espanhol; hoje dizemos *elementar*. V. 3 — *Do*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *E*, hoje se diria *nem*. V. 5 — *Rotundo*, latinismo.

Est. LXXXI, v. 1 — *Orbe*, latinismo. V. 3 — *Radiando*, brilhando; hoje se usa o derivado *irradiar*. V. 5 — *Logrando*, gozando, regência dupla, cfr. est. 73, 4. V. 7 — *Que*, correlativa. V. 8 — *Quem*, não aplicado a pessoa.

Est. LXXXII, v. 2 — *Divos*, deuses (latinismo). V. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4.

Est. LXXX, v. 5 — *Ensina-o*; para explicar a forma *insinalo* da edição *princeps*, tem-se visto aqui uma haplologia de *ensina-no-lo* (v. *A Língua Portuguesa*, I, pg. 23). V. 8 — *Empecem*, causam empecilhos, estorvam.

Est. LXXXIV, v. 2 — *Agora... ora*, v. c. II, 108, 2. V. 4 — *Fabulando*, contando fábulas.

Est. LXXXV, v. 1 — *Emfim*, afinal de contas. *Que*, expletivo, como aparece em *finalmente que*, *certamente que*, *quase que*. V. 5 — *Mundas*, limpas (latinismo); o antônimo *imundo* pertence à língua viva. V. 6 — *Que*, refere-se a *circulo*. V. 8 — *Móbile*, latinismo.

Est. LXXXVI, v. 1 — *Rapto*, arrebatado, rápido; é adjectivo (A. Coelho, edição de 1880). V. 2 — *Dentro no*, v. c. II, 14, 8.

Est. LXXXVII, v. 4 — *Axes*, eixos (latinismo). V. 6 — *Estelantes*, latinismo. V. 7 — *Afigurados*, figurados.

Est. LXXXVIII, v. 4 — *Drago*, dragão. V. 3 — *Atenta*, cfr. a regência de III, 125, 5. V. 6 — *Oriente*, v. c. VI, 85, 6. *Gesto*, v. c. I, 5, 4. V. 7 — *Morrendo*, prolepse; coloque-se depois de *suspira*.

Est. LXXXIX, v. 4 — *Bélico*, latinismo.

Est. XC, v. 1 — *Orbes*, latinismo. V. 4 — *Caminho breve*, adjunto circunstancial de distância. V. 6 — *E (a) neve*. V. 7 — *A dentro*, para dentro.

Est. XCI, v. 3 — *Sofrerem*, infinito flexionado apesar de ser o sujeito o mesmo (*que*, referindo-se a *humanos*). V. 4 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. *Instábil*, latinismo. *Exprimentam*, forma sinco-pada, só popular hoje. V. 6 — *Aposentam*, teem pouso. V. 7 — *Que*, objecto directo. *Mandam*, governam.

Est. XCII, v. 1 — *Europa*, v. c. I, 2, 4. *Alta*, adiantada. *Clara*, ilustre (latinismo). V. 2 — *Policia*, civilização. *Fortaleza*, poder, fôrça. V. 3 — *A'frica*, v. c. I, 2, 4. V. 4 — *Bruteza*, brutalidade. V. 5 — *Atéqui*, até aqui. V. 6 — *Para*, em direcção a. V. 7-8 — *Se habita dessa gente*, v. c. I, 52, 4, e I, 4, 4. *Infinita*, prende-se a *gente*.

Est. XCIII, v. 2 — *Selvática*, latinismo. V. 5 — *Incógnito*, latinismo.

Est. XCIV, v. 1 — *As casas dos negros*, prolepse; coloque-se depois de *como*. V. 3 — *Real*, refere-se a *justiça* e a *defensão*. *Defensão*, defesa.

Est. XCV, v. 1 — *Alagoas*, v. c. II, 27, 1. V. 2 — *Que*, refere-se a *alagoas*. *Souberam*, conheceram. V. 8 — *Dos naturais se chama*, v. c. I, 52, 4, c. I, 4, 4.

Est. XCVI, v. 2 — *Claro*, ilustre (latinismo). V. 4 — *Reparo*, defesa. V. 6 — *Hospício*, hospitalidade. *Gasalhoso*, agasalhar. V. 7 — *Rapto*, v. est. 86, 1 *Romance*, lingua vulgar dos melindenses, assim chamada pelo poeta embora ela não se derive da dos romanos, como a portuguesa.

Est. XCVII, v. 2 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4. V. 6 — *A'sia e A'frica*, v. c. I, 2, 4. V. 7 — *A'frica*, adjectivo (*africana*).

Est. XCVIII, v. 4 — *Potestade*, latinismo. V. 6 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 7 — *A'sia*, v. c. I, 2, 4.

Est. XCIX, v. 3 — *Que lhe*, a que; anacoluto, a menos que se considere causal o *que*. *Falece*, falta. V. 5. — *Fenece*, finda. V. 7 — *Viva*, sem vegetação (cfr. João de Barros, *Décadas*, II, 7, 8).

Est. C, v. 2 — *Vaga*, nômade. V. 4 — *Ferozes*, latinismo. V. 6 — *Pérsia*, v. c. I, 2, 4. *Traça*, traço, linha da costa; sujeito de *faz*. V. 8 — *Cidade Tartaque*, v. c. II, 73, 2. *Sabida*, conhecida.

Est. CI, v. 5 — *Reino Ormuz*, v. c. II, 73, 2. *Se*, v. c. I, 41, 6. V. 6 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. *Claras*,

ilustres (latinismo). V. 7 — *Fera*, v. c. I, 12, 1. V. 8 — *Castel-Branco*, apócope de *Castelo* por próclise (cfr. *a bel prazer*).

Est. CII, v. 2 — *Dos*, v. c. I, 4, 4. V. 4 — *De*, v. c. I, 4, 4. *Arábia*, v. c. I, 2, 4. *Pérsias*, persas. v. 5 — *Ilha Barém*, v. c. II, 73, 2. *Ornado*, predicativo. V. 6 — *Das*, v. c. I, 4, 4. *Perlas*, v. est. c. I, 23, 2. *Imitantes*, semelhantes (latinismo).

Est. CIII, v. 5 — *Ilha Gerum*, v. c. II, 73, 2. Prolepse; coloque-se depois de *como*. V. 7 — *Cidade Armuza*, v. c. II, 73, 2.

Est. CIV, v. 2 — *Clara*, ilustre (latinismo). V. 7 — *Deixada*, v. c. I, 29, 1.

Est. CV, v. 4 — *Da, dos*, v. c. I, 4, 4. *Natura*, latinismo. *Usados*, usuais. V. 8 — *Gange*, v. c. VII, 17, 1. V. 8 — *Hão*, concordância siléptica com *homens, guerreiros* (v. Leite de Vasconcelos, *Filologia*, II, 1159).

Est. CVI, v. 4 — *Apressurada*, apressada, como espanhol actual *apressurada*, V. 6 — *Seio*, golfo. V. 8 — *Vós outros*, v. c. V, 50, 2.

Est. CVII, v. 3 — *Taprobana*, v. c. I, 1, 4.

Est. CVIII, v. 1 — *O*, hoje se suprimiria. V. 3 — *Maometa*, maometano. V. 4 — *Tem escritas*, o composto pelo simples. V. c. I, 29, 1. V. 7 — *Barão*, v. c. I, 1, 1. V. 8 — *Jesu*, v. c. III, 117, 8.

Est. CIX, v. 4 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. *Inica*, *iníqua*. V. 3 — *Vagando*, refere-se a *lenho* (participio presente).

Est. CX, v. 7 — *Girar*, puxar, ararstar (cfr.

a expressão *animal de tiro*). V. 8 — *Engenhos, máquinas*.

Est. CXI, v. 2 — *Abasta, basta*; o particípio passado ainda vive como adjetivo. V. 3 — *Núncio*, mensageiro (latinismo); a palavra tem hoje o sentido de *embaixador do papa*. V. 5 — *Por derradeiro*, por fim. V. 7 — *Onde*, lugar em que. V. 8 — *Por*, para.

Est. CXII, v. 3 — *Que*, v. c. I, 55, 7. V. 5 — *Disto*, v. c. I, 4, 4; também pode considerar-se *disto = com isto*. V. 8 — *Hão*, no sentido etimológico de *ter*.

Est. CXIII, v. 1 — *Estes*, sujeito. V. 6 — *Que*, relativo com valor final (latinismo). V. 7 — *Fera*, v. c. I, 12, 1.

Est. CXIV, v. 7 — *Diante do rei e dos senhores*, prolepse; coloque-se depois de *maiores*.

Est. CXV, v. 2 — *Que*, final. *Seja perguntado*, construção antiga, equivalente a *seja interrogado a respeito de*. V. 4 — *O seu* (testemunho), sujeito. V. 5 — *Erguido*, predicativo de *viram*; *vivo*, predicativo de *erguido*. V. 6 — *Jesu*, v. c. III, 117, 8.

Est. CXVI, v. 7 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2. V. 8 — *Em fim de tudo*, no fim de tudo.

Est. CXVII, v. 1 — *Um dia* (em) *que*, com elipse da preposição junto ao relativo, embora ela esteja oculta com o antecedente. V. 2 — *Arruído*, ruído. V. 4 — *Fôsse subido*, mais que perfeito, pelo imperfeito; cfr. c. I, 76, 1. V. 7 — *Por*, para. V. 8 — *Crua*, cruel.

Est. CXVIII, v. 1 — *Gange*, v. c. VII, 17, 1. V. 3 — *Choram*, a *consecutio temporum* exigiria o pretérito como no primeiro verso e no segundo. V. 8 — *Favoreças*, transitivo directo, ao contrário de I, 44, 4.

Est. CXIX, v. 1 — *Vós outros*, v. c. V, 50, 2; sujeito claro e anteposto, com o imperativo. V. 4 — *Indes*, infinito flexionado apesar de o sujeito ser o mesmo de *estais*. V. 5 — *Que ... com que se salgarão ... tantas heresias*, anacoluto. *Danais*, prejudiciais.

Est. CXXI, v. 3 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 4 — *Os lava e dá pureza*, subentenda-se *lhes* antes de *dá* para não se admitir que o poeta tenha feito transitivos directos ambos os verbos. V. 7-8 — Construa-se: *a costa virada daqui está posta para o austro*. *Virada daqui*, que aqui vira (depoente). *Para*, em direcção a.

Est. CXXII, v. 1 — *Reino Arracão*, v. c. II, 73, 2. V. 3 — *Monstros*, repetição que não se analisa logicamente. V. 6 — *Costumam*, ou se admite elipse de *pôr*, ou que o verbo está empregado transitivamente. V. 8 — *Error*, v. c.

Est. CXXIII, v. 1 — *Tavai cidade*, v. c. II, 73, 2 e c. VII, 11, 3. V. 7 — *Onde*, aonde.

Est. CXXIV, v. 3 — *Samatra*; esta é que é a verdadeira grafia portuguesa do nome desta ilha. A forma corrente *Sumatra* é um anglicismo gráfico. V. c. II, 73, 2, a proposito da falta do *de* depois de *ilha*. V. 5-6 — *Das prestantes veias d'ouro*, adjunto circunstancial de causa. *Prestantes*, latinismo. V. 7 — *A'urea*, isto é, a

*palavra áurea*, objecto directo. *Epíteto*, paroxítono, em desacôrdo com a acentuação latina.

Est. CXXV, v. 3 — *Tornando*, virando. V. 5 — *Longura*, comprimento, extensão.

Est. CXXVI, v. 1 — *Grão*, v. c. I, 73, 1. V. 8 — *Usança*, costume. *Crua*, cruel.

Est. CXXVII, v. 1 — *Mécom rio*, quanto à acentuação v. G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 255; quanto à construção, v. c. VII, 11, 3. V. 6 — *Como*, na sua qualidade de.

Est. CXXVIII, v. 3 — *Do*, tanto pode prender-se a *vem* como a *molhado*. V. 6 — *Será*, indicativo porque se trata de facto certo.

Est. CXXIX, v. 4 — *A'inão*, paroxítono (G. Viana, *Ortografia Nacional*, pg. 225). *Incógnita*, latinismo. V. 5 — *Afama*, v. I, 26, 4.

Est. CXXX, v. 1 — *E (o) edificio*. V. 2 — *O*, hoje se dispensaria. V. 5 — *Estes*, prolepse; coloque-se depois de *que*. *Fica* (o poder real); elipse forte.

Est. CXXXI, v. 1 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 4 — *Afamar*, v. c. I, 26, 4. V. 5 — *Esta*, subentenda-se *ilha*. *Meia*, no feminino por atracção. *Responde*, corresponde, fica fronteira. V. 6 — *Vem buscar-se*, o sujeito é *esta*. V. 7 — *Japão*, v. c. I, 2, 4.

Est. CXXXII, v. 4 — *Flamas*, latinismo. V. 6 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. CXXXIII, v. 2 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4. V. 6 — *Licor*, v. c. I, 8, 8. V. 8 — *Que* (licor).

Est. CXXXIV, v. 1-2 — *Que manda o lenho salutífero e cheiroso*, (chamado) *sândalo*. *Salu-*

*tifero*, latinismo. V. 5 — *Que anda as terras do sertão*. *Anda*, transitivo, no sentido de *percorrer*. V. 6 — *Um rio*, prolepse; coloque-se depois de *tem*. O sujeito de *tem* é *sertão*, citado no adjunto limitativo de *terras*. V. 7 — *Por onde*, no lugar pelo qual.

Est. CXXXV, v. 2 — *Flamas*, latinismo. *Vapora*, evapora. V. 4 — *Licor*, v. c. I, 8, 8. V. 5 — *Cheiroso mais*, posição do advérbio, possível em poesia. V. 6 — *Ciniras*, v. c. IX, 60. *Estila*, distila.

Est. CXXXVI, v. 1 — *Olha*, repara. *Alevanta*, v. c. I, 3, 8. V. 7 — *Urgente*, que oprime.

Est. CXXXVII, v. 1 — *Roxo*, v. c. I, 28, 4. V. 2 — *Amaro*, latinismo. V. 4 — *A'frica*, v. c. I, 2, 4. V. 8 — *Madagáscar*, paroxítono, de acôrdo com a prosódia do malaio, língua em que, em regra, não há oxítonos.

Est. CXXXVIII, v. 2 — *Vós outros*, v. c. V, 50, 2. V. 5 — *Ponente*, latinismo. V. 6 — *Inda*, v. c. I, 8, 8.

Est. CXXX, v. 1 — *Contina*, contínua. V. 5 — *Dina*, v. c. I, 22, 1. V. 6 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2.

Est. CXL, v. 1-4 — Segunda referência à nossa pátria. V. 2 — *Nota*, latinismo. V. 4 — *Primeira*, seguinte à de Vasco da Gama.

Est. CXLI, v. 1 — *Desque*, desde que. *Mea*, sem *i*. V. 2 — *Linha*, *scilicet* equinocial, o equador. V. 3 — *Gigantea*, gigantesca. V. 5 — *Arrea*, sem *i*; significa *ornar*. V. 7 — *E* (outra) *terra*. V. 7 — *Onde*, em lugar em que.

Est. CXLII, v. 1 — *Atéqui*, até aqui. V. 2 —

*Saberdes*, hoje se usaria o infinito impessoal. V. 3 — *Sabido*, conhecido. V. 4 — *Barões*, v. c. I, 1, 1. V. 5 — *Tendes aprendido*, o composto pelo simples. V. 8 — *Gloriosas* modifica *coroas*.

Est. CXLIII, v. 1 — *Vos*, v. c. I, 41, 6. V. 2 — *Para a pátria amada*, metalepse; coloque-se depois de *embarcar*. V. 3 — *Movimento* partida. V. 5 — *Refrêsko*, aguada.

Est. CXLIV, v. 3 — *Houveram*, no sentido etimológico de *ter*. V. 6 — *E* (ao seu) *rei*. V. 7 — *E* (a) *glória*.

Est. CXLV, v. 2 — *Destemperada*, desafinada (cfr. o actual sistema temperado, em que o tom se divide em dois semitons iguais). V. 6 — *No*, v. II, 43, 4.

Est. CXLVI, v. 3 — *Contino*, continuo. V. 6 — *Sólio*, latinismo.

Est. CXLVII, v. 1 — *Que*, advérbio de intensidade ou de modo. V. 2 — *Rompentes*, que investem. O termo se conservou em heráldica. V. 3 — *Vigias*, vigílias. V. 6 — *Idolstras*, v. c. VII, 73, 1. V. 7 — *Incógnito*, latinismo. V. 8 — *Profundo*, as profundas dos infernos.

Est. CXLVIII, v. 1 — *Por*, para. V. 5 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 6 — *Cometerão*, acometerão.

Est. CXLIX, v. 1 — *Os*; *favorecer* transitivo directo aqui, ao contrário de I, 44, 4. V. 3 — *Desaliviai*, o prefixo indica refôrço (Silva Ramos, *apud* João Ribeiro, *Gramática Portuguesa*, pg. 124). V. 5 — *Exprimentados*, forma sincopada, só popular hoje. V. 8 — *Como*, o modo. *Quando*, momento. *Onde*, lugar.

Est. CL, v. 1 — *Favorecei*, transitivo directo, ao contrário de I, 44, 4. V. 4 — *Rogarem*, infinito flexionado apesar de o sujeito ser o mesmo de *tenham*. *Regimento*, govêrno.

Est. CLI, v. 4 — *Inda*, v. c. I, 8, 8. V. 8 — Falta o segundo distributivo, *outros*.

Est. CLII, v. 2 — *Galos*, latinismo. *Italos*, idem. V. 5 — *Experimentados*, forma sincopada hoje só popular. V. 7 — *Scientes*, cientistas (latinismo). V. 8 — *Experto*, experimentado, práctico (latinismo).

Est. CLIII, v. 2 — *Anibal*, v. c. VII, 71, 8. V. *Revista de Filologia Portuguesa*, XII, 221. V. 3 — *Bélicas*, latinismo. V. 4 — *Lia*, professava, 5 — *Prestante*, excelente (latinismo). V. 8 — *Senão*, adversativa, que no português antigo, como *sino* ainda no espanhol actual, vinha depois de oração negativa.

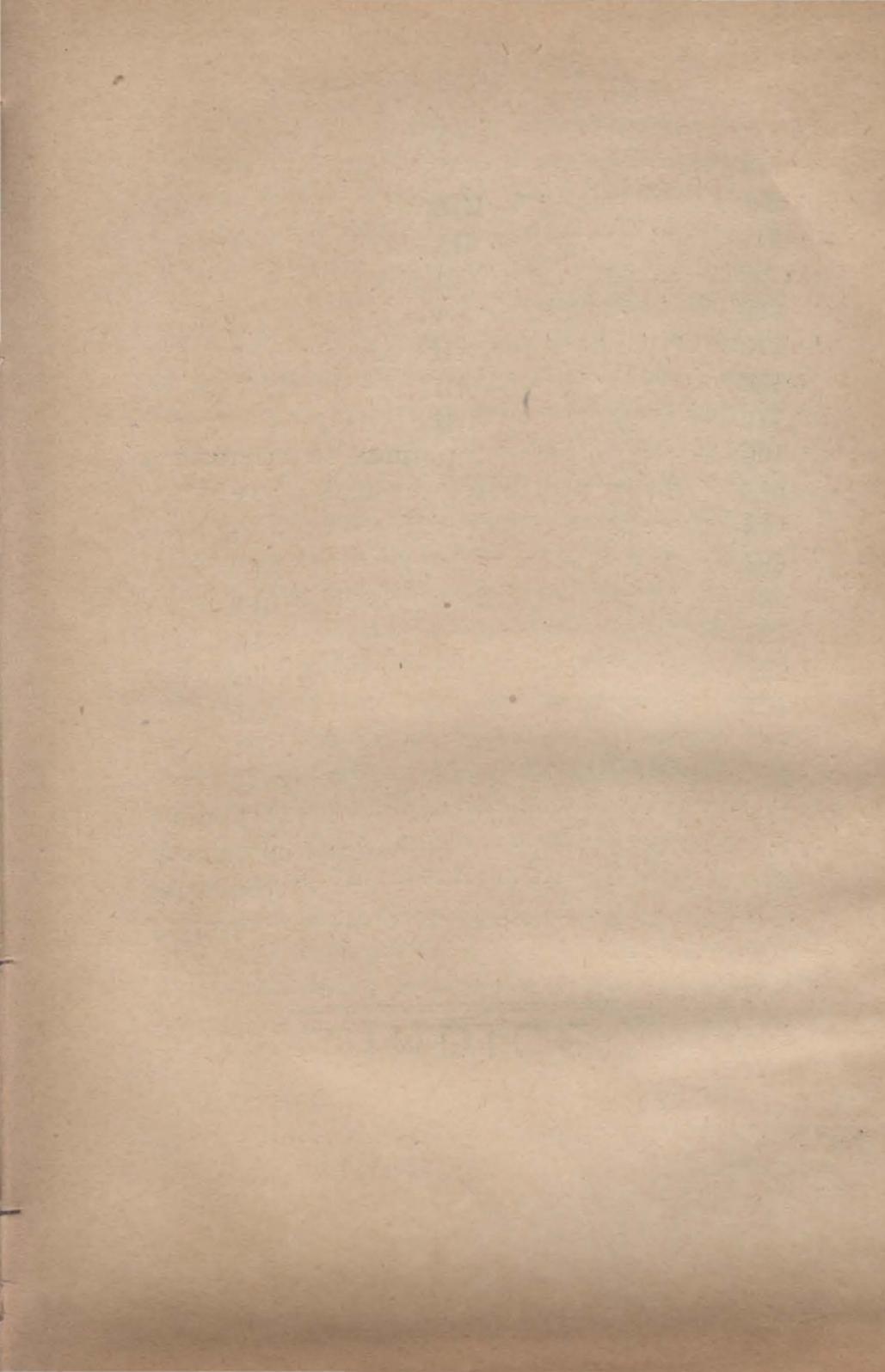
Est. CLIV, v. 1 — *Rudo*, v. c. I, 5, 2. V. 2 — *De*, v. c. I, 4, 4. V. 3 — *Da boca dos pequenos*, prolepse; coloque-se depois de *acabado*. V. 8 — *Cousas*, oposto de *estudo* (5.º verso) e de *engenho* (7.º verso).

Est. CLV, v. 1 — Subentenda-se *tenho* antes de *braço*. V. 2 — *Idem*, antes de *mente*. V. 3 *Fãlece*, falta. A *vós*, latinismo. V. 5 — *Me*, colocação hoje desusada.

Est. CLVI, v. 2 — *Atlante*, Atlas. V. 4 — *E* (de) *Trudante*. V. 5 — *A minha já estimada e leda* musa, prolepse; coloque-se depois depois de *que* no sexto verso. V. 6 — *Fico*, garanto. V. 7 — *Alexandro*, v. c. I, 3, 3.

# INDICE

Prefácio . . . . .	3
Introdução . . . . .	9
Resumo do poema . . . . .	11
Canto I . . . . .	11
"    II . . . . .	41
"    III . . . . .	71
"    IV . . . . .	107
"    V . . . . .	135
"    VI . . . . .	161
"    VII . . . . .	187
"    VIII . . . . .	209
"    IX . . . . .	235
"    X . . . . .	259
Comentário do canto I . . . . .	301
"    "    "    II . . . . .	315
"    "    "    III . . . . .	327
"    "    "    IV . . . . .	343
"    "    "    V . . . . .	355
"    "    "    VI . . . . .	365
"    "    "    VII . . . . .	377
"    "    "    VIII . . . . .	387
"    "    "    IX . . . . .	399
"    "    "    X . . . . .	411



---

---

Acabou de se imprimir no dia 9 de Setembro de 1930, na  
Typ. d'«A Encadernadora» S. A. — Rua S. José, 25 - Rio

---

---



Typ. d'A ENCADERNADORA-S. A.

RUA SÃO JOSE, 35

*Rio de Janeiro*